Memorias

Diario ao correr da penna.

Sd.

Memorias

1944 — 1948

Diario ao correr da pena.

Vol. ...

UNIVERSIDADE ✿ BIBLIOTECA

BIBLIOTECA DE CATALUNYA

28.

Dipòsit de Cremats de Catalunya

MONTSERRAT

1944 == 1948

— 1944 —

« Eu escrevo o que vi e ouvi & muitas cousas vêmos pelo mundo... »

Coimbra

Fr. Pantaleão de Aveiro: Itinerário da Terra Santa, pag. 219 (Ed.ão de 1927).

— 1944 —

Coimbra:

Janeiro: 1

Mais um... E o que é que sairá daqui?...

Coimbra:

Janeiro: 4.

Ficou hoje combinado com o dr. Guerreiro Costa Lobo eu fazer uma conferencia no Instituto, por ocasião do centenario da acção de Monrijo, lá para o proximo mês de Maio.

Isto, porem, tem uma historia.

Em começos de Fevereiro do ano passado os jornais publicaram, em forma de nota oficiosa, uma noticia que dizia O Instituto ir começar com reuniões aos domingos de propaganda cientifica, lite-

raria e artística. E a notícia dava logo uma série de nomes, na maior parte de professores universitários, de pessoas q. iriam fazer conferencias e palestras nessas ditas reuniões. O ultimo nome da lista era o meu — e sem meu conhecim.to.

Confesso que não gostei.

Quando na direcção de O Instituto organizaram a lista, naturalmente congratularam-se de que dando o meu nome a seguir a tão boa companhia, eu ficaria lisonjeado e agradecido. Deu-se, porem o contrario e declarei que não aceitava qualquer incumbencia.

Dias depois, no teatro, encontrei o dr. Gumersindo Costa Lobo que se confessou o culpado da noticia sair sem que eu fosse ouvido. Desfez-se em desculpas, pediu-me p.a não levar a mal e para eu não deixar de os auxiliar na campanha d'O Instituto, etc. etc. — campanha de que aliás se não viu começo.

O tempo passou. E em Novembro ultimo deu-se o caso que atraz ficou registado de a Revista Militar recusar o meu artigo commemorativo de Montijo em Maio proximo. Pensava eu onde publicaria o trabalho ou como o tornaria publico, quando o encontro nos ultimos dias do

ano com o dr. Gumersindo lembrou de novo o projecto das tais conferencias e palestras no Instituto.

Este anuipo, com a delicadeza que lhe é natural, esboçou nova solicitação para eu aceitar uma das conferencias. Lembrei-me então da commemoração da batalha — e propuz-lha. Ele aceitou logo, pareceu-me até que com reservas e com certa satisfação — pois creio que da lista de pessoas q. os jornais apresentaram, ainda nenhuma se mexeu...

Está, pois, o caso resolvido. A commemoração duma batalha, recusada na Revista Militar, vai fazer-se n'O Instituto.

Coisas da vida.

Coimbra

Fevereiro: 12

Quando se celebrou o centenario da primeira Gazeta, entre as varias resoluções tomadas para perpetuar a commemoração, veiu a de collocar á porta d'O Instituto de Coimbra, ~~[illegible]~~ em homenagem á sua revista como a mais antiga do paiz no campo scientifico-literario, uma placa de marmore com a inscrição condizente.

A Revista Militar, sempre cheia de mesuras e amabilidades, resolveu fazer-

-me representar no acto solene da inauguração da lapide ou placa comemorativa e convidou-me, como aliás era natural, para essa representação.

Eu aceitei, agradeci e comuniquei o facto ao dr. Franc.º Miranda da Costa Lobo, q. é ainda o presidente d'O Instituto — juramentando a este que diria algumas palavras no acto inaugural.

O tempo passou e não ouvia falar no caso quando há dias, ao passar junto da porta d'O Instituto, actualmente no edifício de S. Bento, notei que ao lado esquerdo, em cima, havia uma inscrição. Parei, olhei, li e ... o que vejo? A lapide comemorativa colocada á recapa, sem se dar por isso, como qualquer entulho arqueológico sem interesse.

Porque se faz isso? O dr. Costa Lobo, pai, teve ás vezes certas ratices e está de me ser uma delas. Por isso hoje mandei p.ª á Revista Militar o seguinte ofício dirigido ao director-gerente:

«.... Ainda em referencia ao ofício que me dignou dirigir-me em 2 de dezembro de 1941 (n.º 170-D)[1] venho informar

---

[1] Este e outros ofícios relativos ao ca-

V... para conhecimento do Exmo Presidente da Direcção de que a lapide a que aquele ofício se refére foi ha alguns tempos posta na parede do edificio de S. Bento junto á porta que dá acésso á séde de O Instituto de Coimbra sem qualquer espécie de cerimonia e muito menos a minha comparencia, como fomos ficou combinado com o Exmo Presidente da douta corporação.

«Ignoro os motivos da resolução, assim como as razões que levaram a deixar consignada na acta de 14 de Outubro de 1942 «a valiosa colaboração da Revista Militar» (Vide O Instituto, vol. 101 a pag. 10) — o que me parece não corresponder á verdade.

«Agradecendo novamente a honra que a Exma Direcção me quiz dar, apresento a V.... a afirmação da m.ª maior consideração etc.»

Aquele dr. Costa Lobo tem raticas muistoriosas. Porque é que mandou pôr a placa sem solemidade? Ele lá sabe, mas no caso deve andar muistério. E' certo que ele está inutilisado, agarrado a uma poltrona, quasi inactivo se bem que ainda projec-

---

so ficáram guardados na colecção.

tando trabalhos de vulto como o relativo ás ideias economicas do marquês de Pombal, conforme ha pouco me disse.

Mas enfim: a lapide está no seu lugar e o caso está arrumado.

Coimbra
Março: 6

O Luis da Camara Reis continua a insistir, de vêr em quando, pela minha colaboração na Seara Nova. Eu fiquei, confesso, um tanto ou quanto «desapontado» com a recusa recebida ha tempo quando lhe fui pedir p.ª editar o meu Camões. Mas, enfim, vá lá!

Colaborar na Seára dá-me certa satisfação e por isso mandei hoje quatro artigos subordinados ao titulo de Paginas guardadas.

Um deles é uma vaga alusão ao meu exame p.ª o generalato; outro é o começo dum trabalho começado em Chaves a respeito de Ant.º Augusto Gonçalves; outro trata do problema do pretenso neto de Gil Vicente em ~~[illegible]~~ Miranda do Corvo. E lá vão hoje com carta amavel p.ª o Camara Reis.

E como diz o Povo: Deus lhe ponha a virtude...

Lisboa

Abril: 2.

Foi hoje carta para o Madail.

Pediu-me ele artigo para o seu Arquivo do Distrito de Aveiro e insistia pela conferencia sobre o castelo de Coimbra. Ao prim.º pedido disse-lhe que sim, que logo que regresse a Coimbra o farei, naturalmente acerca dum desembarque em Aveiro, em 1809, de tropas inglesas. Ao segundo... disse-lhe tambem que já não tinha cara p.ª recusar e no regresso veria o que poderia fazer.

Quanto ao artigo, as coisas arranjam-se bem; mas quanto á conferencia quero crer que faço asneira.

Vamos a ver.

Coimbra

Maio: 21.

Escrevi hoje ao escritor e jornalista Domingos João de Castro que usualmente se assina só D. João de Castro, a seguinte carta que contem a sua explicação sem ser necessario prologo:

«.... Li hoje no Primeiro de Janeiro o artigo de V... acerca de Matias de Albuquerque a-proposito de, em breve, pas-

sar o 3º. centenario da batalha de Montijo. Apreciei-o devidamente.

«A certa altura pergunta V... : quem lembra hoje o homem e a vitória? Como a liberd.e de informar de que o signatário desta se lembrou do ilustre general ha muito e comemorou já com uma conferencia no Instituto de Coimbra o 3º. centenario da vitória como V... verá pelo cartão incluso.(1)

«E não me contentei com a conferencia porque em breve no 3º. volume da revista Brasilia, da Faculd.e de Letras de Coimbra, sairá um artigo meu lembrando os esforços de Albuquerque nas lutas contra Holandeses, no Brasil, de 1630-1636; e tambem em breve, no vol.e XVI do Boletim da Biblioteca da Universid.e sairá a publicação do Memorial de Matias de Albuquerque extraído dum codice ms. da mesma Biblioteca, especie q. reputo inédita e que acompanho com prefacio e largas anotações.

«A conferencia do dia 2 sairá no proximo volume (o nº.103) da revista O Instituto. Terei ocasião, a seu tempo, de enviar a V... as separatas dos artigos.

«Desculpe V... esta carta, mas exac-

---

(1) Era o cartão de convite.

tamente porque sempre considerei Ma-
rias de Albuquerque um dos nossos chefes
militares mais notaveis, não quiz deixar
passar o anno de 1944 sem ficar de bem com
a consciencia; e não quiz tambem deixar
de fazer saber a V... de que houve alguem
que procurou quebrar o silencio — que
aliás se não quebrou...

«Queira V... dar as suas ordens, etc.»

Coimbra.

Maio: 24.

Um rapaz barreirense, de nome Ar-
mando da S.ª Dias, escreve num jornal
O Barreiro uns artigos sobre a historia
local no que foi muito auxiliado por meu
tio José Augusto Pimenta.

Não o conheço pessoalmente, mas
parece-me, pelo seu modo de dizer, creatura de
boa vontade e trabalhador.

Escreveu-me ha pouco porque quer
tratar da biografia de meu tio Rafael Pimen-
ta e ao mesmo tempo pergunta-me por
uma noticia que dei a meu tio José' relati-
va ao foral do Barreiro — noticia que se
perdeu entre papeis que este meu tio the
dera. E' claro que isto mereceu resposta e
ela lá foi em carta que deixo copiada no vo.
lume respectivo a pag. 314 com o nº. 192.

Coimbra.

Maio: 27.

Cá estou com o Pires Monteiro a contas e ainda com o centenario da batalha de Montijo... Ontem não me continue e escrevi aquele amigo a seguinte carta - desabafo que é possivel ele não receba m.to bem.

«.... E' quasi meia-noite, hora propria dos mudos... Pela cidade ainda ainda o éco da barulheira da festa dos rapazes que eu oiço com simpatia por ser festa de mocidade — possivelmente cheia de illusões como já nos aconteceu e ha-de seempre acontecer por omnia saeculum.

«Mas hoje então, mettido em casa todo o dia, deixei-me levar por pensamentos de varia especie que variavam desde a festança dos estudantes até á batalha de Montijo que precisamente ha tres seculos se decidiu.

«A esta hora, ha 300 annos, Matias de Albuquerque meditaria de certo acerca do que é a guerra, da sua variabilidade e possivelmente das causas que lhe deram a victoria, misturando esses commentarios intimos com lembranças das suas lutas no Brasil contra Hollandezes onde

de certo formaria, vagamente, o seu sistema.

« Ora eu, com tudo isto que durante o dia me surgia no pensamento, também senti alguma tristeza resultante de certas circunstâncias que não apreendo m.to bem e que me fazem pensar em qualquer Fatum que pesa sobre mim por imposição dos Deuses ou de quem quer que seja que regule esta pessima maquina do mundo.

« Ha mais de 15 anos, creio eu, pensava em celebrar o centenario de Montijo, apresentando interpretação nova do combate e certa analise ao valor de Matias de Albuquerque como chefe; a ideia evolucionou com cautela, fui colhendo elementos, estudando, confrontando, duvidando, até que cheguei a conclusão q. pensava expôr, como era natural, ao publico e por intermedio da nossa Revista. Acalentei essa esperança porq. me parecia que o melhor intermediario seria a Revista Militar, por assim dizer o orgão oficial da classe e a mais antiga publicação no genero.

« Assim, fiz o trabalho dentro das proporções dos fasciculos, com elevação de linguagem condizente com a categoria da revista e com a seriedade que uso

em vais casos. De modo que recebi um grande abalo quando me foi (amavelm.te embora) recusada.

«Pode crer (e só lho dijo hoje, por descargo de consciencia) que a recusa, apesar de envolvida em termos de grimôr, me causou um periodo de inacção de cerca de quinze dias em que andei apatico, sem tocar os meus trabalhos habituais, por não compreender as razões da recusa e por concluir pela inutilid.e de qualquer esforço e, até, pela inutilid.e da m.a presença na propria Revista onde, afinal, sou inutil.

«Creia que foram meus dias, esses, em que pensei seriamente em arrumar os meus papeis, rasga-los com aquela ordem que Antero do Quental dizia ser necessaria na propria desordem, depois vender os meus 6:000 volumes que são uma das razões da m.a vida — e por fim reduzir os anos que me faltam á simples vida vegetativa ou quando muito a reunir certos vadios para jogo de cartas, ou ainda ao encontro á porta de estabelecimentos com gente ociosa que comenta escandalos e, no caso presente, resolve os planos estrategicos que os generais não são capazes de resolver... Mas, enfim, a pouco e pouco fui reagindo; os meus 6:000 amigos fieis

chamáram-me á realidade e voltei quasi á mesma vida — e digo quasi porq. perdi muito da mª antiga vontade de trabalhar.

« Desde então (Novembro ultimo, creio eu) vou entretendo, vou procurando distrair (e viva o velho!).

« Ora aqui tem o que, por noite alta, já la vai a meia-noite, este seu amigo traz á balha, como simples desabafo. Amanhã, relida a epistola, é natural que a não deixe seguir — não vá parecer censura ou remoque. E agora, vou-me deitar e pensarei em Matias de Albuquerque, sempre cheio de intenções boas e sempre a vê-las destruídas como se fossem más.

« Ora pois: muito boas noites! Muita saude! E creia-me, etc. »

« P. S. = Em 27. =

« Reli. Sempre mando a carta. Creio não ter nada de heterodoxo. »

Coimbra.

Maio: 31.

O Pires Monteiro reagiu logo á carta que aí ficou atraz. E parece que se magoou alguma coisa. Quem sabe se foi ele o causadôr da recusa?

Escreveu-me uma carta amavel a que eu hoje respondi com este postal:

«... Muito e muito obrigado pela atenciosa e cativante carta. A minha epistola era ponto final e simples desabafo. Aquilo não tem continuação; foi como conversa com amigo intimo. E desculpe se o incomodei, com a franqueza, mas no estado de espirito em q. estou, tinha q. dizer alguma coisa. Daqui a 100 anos outros renovarão a iniciativa. Não pense mais no caso e creia-me, etc.»

A carta dele ficou guardada na colecção como muitas outras dele. Fiquei com pena se o magoei.

Coimbra:

Junho 2.

O Domingos João de Castro ou (como é conhecido) o D. João de Castro respondeu á m.ª ultima carta de 21 de Maio.

E respondeu amavelmente, em termos cortezes, de pessoa educada. Promete referir-se á m.ª conferencia num dos seus proximos artigos. Etc.

Respondi hoje, agradecendo.

Coimbra:

Julho: 4.

Ontem, inesperadamente, morreu o Virgilio Correia. Parece que uma congestão fulminante. Foi uma má surpresa que correu logo, como em regra correm todas as más noticias.

E morreu novo. Tinha ainda adeante de si muito tempo p.ª trabalhar e para produzir.

Conheci-o em 1911, em um qualquer comicio eleitoral para as eleições para as Constituintes. Ele fôra com outros estudantes republicanos fazer numero e dar apoio entusiastico. Desde então fiquei sempre com as melhores relações com esse rapaz vivo, alegre, um pouco desenconstrado mas sempre simpatico e atraente.

Chamávamos-lhe, então, o Virgilio dos cães, devido á sua constante preocupação pela arqueologia, revelada muito cêdo. Conhecia os arredores de Coimbra muito bem que ele calcurreava em busca de elementos arqueologicos e etnograficos, ou só, ou acompanhado por rapazes amigos que arrastava ~~[illegible]~~ com promessas de varia especie: promessas de bons jantares como em Portugal

ou de curiosidades e beleras naturais como em Condeixa.

Depois, distanciou-se. Foi para Lisboa p.ª o museu do Leite de Vasconcelos com quem veiu a ter questões; a seguir p.ª o Museu de Arte-Antiga onde questionou com o José de Figueiredo. Temperamento irrequieto e pouco subordinado, ~~[illegible]~~ dificilmente se adaptava a qualquer ambiente onde ele não mandasse.

Por fim veiu para Coimbra p.ª professor da Faculd.e de Letras na vaga deixada, salvo erro, pelo dr. Teix.ª de Carvalho; entrou, por isso, como vogal nato, para o Cons.º de Arte e Arqueologia; e mais tarde pela vaga deixada por Antonio Augusto Gonçalves na direcção do Museu Machado de Castro, assumiu esse cargo

O Gonçalves não o queria para sucessôr; tratava-o muito bem mas não gostava dele, chamava-lhe velhaco, falso e dizia aos seus intimos que se lhe sucedesse no cargo de director do Museu lhe iria dar cabo da sua obra. Pareceu-me isto sempre, confesso, exagero do velho Gonçalves, cioso, como era natural, da sua obra de artista. E como presidente do Cons.º de Arte, nessa altura da vaga, não tive duvida, no que aliás fui

apoiado por todos, em professor o Vergílio para director do Museu.

Afinal, o velho Gonçalves tinha toda a razão. Mal o Vergílio assumiu as suas funções, começou subtilmente a transformar o Museu, a virar-lhe a feição que o organizador lhe dera; isto ia chegando aos ouvidos do Gonçalves já inutilizado e quase sempre recluído em casa e a um ou outro ia-se queixando, lastimando que não esperasse pela sua morte para fazer tudo o que quisesse...

Enfim, morto o Gonçalves, o Vergílio chegou a virar do Museu tudo quanto era dele e ele oferecera; houve quem notasse o caso e desse relato nos jornais e o Vergílio mandou pôr tudo, outra vez, no seu lugar.

Porque é que ela fazia isto?

Na m.ª presença, vi muitas vezes a maneira subserviente como ele se dirigia ao Ant.º Augusto Gonçalves, como lhe pedia a opinião, como o ouvia. Porque é que, desde que se viu senhor do Museu, desmentiu tanta afirmação e tanta atitude pública? Teria razão o velho Gonçalves, cheio de experiência, em lhe chamar velhaco? Teria razão o pintor Luciano Freire em dizer um dia ao Lourenço Chaves de Almei-

da, censurando a nomeação p.ª a direcção do Museu, que o Vergilio «foi educa-
"do em Campolide e ficára com as manhas
"e ronhas dos jesuitas?»

Isto tudo me custava um bocado porque na verd.ᵉ eu gostava do Vergilio e a minha boa-fé, ao começo, tomava como exageros, ou más vontades, o que se dizia dele. Havia, contudo, certo fundo de verdade, infelizmente.

Morreu ontem. Não é tempo para falar em seu desabôno. Mas nos ultimos tempos levava vida muito irregular e causava reparos certas atitudes que tomára. Dava ás veres a impressão de cabeça no ar, de rapaz desorientado — mas sempre com o mesmo feitio optimista, alegre, com ditos espirituosos sempre prontos, como se a vida lhe corresse sobre diamantes.

Faz, porem, falta. Era um trabalhador; um erudito em assuntos de arte e arqueologia; e se bem que em muitos pontos as suas opiniões seriam discutiveis, não se pode negar que, de maneira geral, era uma autoridade.

Apesar de tudo, isto é, apesar dos juizos tão contraditorios que se pódem fazer a seu respeito e de eu reconhe-

cer a justiça de certas acusações, o desaparecimento do Vergilio Correia incomodou-me e impressionou-me.

Posso dizer que tenho sincera magua. E é a verdade.

Coimbra.

Julho: 11.

Depois dum ano de resistencia, tive de ceder aos pedidos e á teimosia do advogado Fernandes Martins e do Rocha Madail, para uma conferencia sobre o castelo de Coimbra.

Foi em virtude desta m.ª cadencia q. os jornais da terra começaram a publicar uma especie de nota oficiosa de que fica uma amostra adeante, a do periodico O Despertar que é, entre os da imprensa local o unico que se diz amigo:

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

A convite desta velha e prestigiosa Colectividade, — agora em completo ressurgimento—fará uma lição no próximo dia 23, junto das ruinas do antigo castelo desta cidade, o ilustre coronel de Infantaria sr. Belisário Pimenta, que versará o tema: *O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral.*

A julgar pela categoria intelectual do distinto conferente, sobejamente conhecido e admirado nos meios cultos de Portugal, temos de antemão a certeza de que tal lição vai resultar brilhantissima.

E' claro que esta nota e outras que apareceram, sairam porque os promoto-

res da serie de conferencias saberem bem como essas coisas se fazem.

Segue outra amostra, a da Gazeta de Coimbra que está no numero dos jornais amigos: saiu no dia 8 do corrente:

CONFERÊNCIA

Prosseguindo a sua acção cultural, a Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra, promove no dia 23 do corrente mais uma conferência, que será feita pelo ilustre publicista sr. coronel dr. Belisário Pimenta, que versará o tema «O castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral».

A conferência será feita no local onde se ergueu o castelo a hora ainda não designada.

A sagrada missão da Imprensa!

Coimbra:

Julho: 23: manhã:

Ontem, o jornal O Despertar, creio que só este, deu a notícia que deixo colada adeante, obra, certamente do advogado Fernandes Martins, canhecador do que é a Imprensa e do seu republicanismo interior.

Hoje, o Diario de Coimbra, a meu cargo da primeira pagina, volta a referir-se á conferencia em termos identicos embora mais resumidos.

Tem sido de mê o mesmo dêdo, pois se esse dêdo se não mexesse a Imprensa local calar-se-ia com o caso e deixaria passar silenciosamente o sucesso. Suas

do muito, o Despertar, onde tenho um «admirador» no Antonio de Sousa que é o administrador e o chefe da oficina, é q. daria a noticia. Os outros... manteriam o natural silencio de quem não não é amigo ou, pelo menos, é indiferente.

Uma santa gentinha!

Logo, lá irei submeter-me á prova desagradavel da conferencia publica e ao ar livre! O local não deixa de ter razão: no jardim do hospital dos Lazaros, em frente ao ultimo pano de mu-

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

A convite desta prestigiosa colectividade, realiza amanhã, pelas 17 horas, junto das ruinas do velho castelo

Coronel Belisário Pimenta

desta cidade, uma lição, o Sr. Coronel Belisário Pimenta.

Subordinada ao tema: *O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral*, essa lição vai resultar brilhantissima, e outra coisa não é de esperar do talento scintilante do ilustre militar.

ralha do castelo que ainda ha pouco esteve p.ª ser demolido.

Será o que fôr. Oxalá o calor que hoje aperta afaste os ouvintes e deixe apenas meia duzia de carólas para a modesta guarda de honra... Seria assim uma palestra em familia mais agradavel p.ª mim e menos incomodativa para aqueles que sofrem com as temperaturas elevadas.

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

Como jà dissemos, é hoje que, pelas 17 horas, realiza a sua conferência, a convite da Sociedade de Defesa e Propaganda, o sr. coronel Belisário Pimenta.

Será proferida junto das ruinas do antigo castelo da cidade — no Hospital dos Lázaros — sob o tema sugestivo: «O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral».

A conferência, de isso estamos certos, irá resultar brilhantissima, e a entr da é pública.

Enfim, isto tudo é uma espiga e consequencia do meu feitio contrario a dizer logo e redondamente q. não. Agora é só aguentar e cára alegre. Ninguem me mandou ser tolo.

Este segundo recorte que aí fica é o do Diario de Coimbra de hoje.

Paz : Mafra :
Agosto : 3.

Mão anonima, mas neste caso naturalmente amiga, mandou-me pelo

correio o nº do jornal A Cruzada de Argazil de 25 de Julho último com a notícia que aqui fica colada para memória e para a história das minhas pobres conferencias.

De Miranda do Corvo

JULHO, 19.

CONFERENCIA.—Constituiu uma brilhante lição a palestra sôbre Miranda do Corvo nos tempos antigos, proferida no passado domingo, na sede do Grupo Recreativo Mirandense, pelo sr. coronel Belisário Pimenta. Só um persistente investigador pode apresentar um trabalho tão completo. S. ex.ª tem desde há 30 anos recorrido a todos os meios para obter informes sôbre tudo o que por qualquer forma diga respeito a Miranda do Corvo, tendo já publicado vários livros.

O conferente foi apresentado pelo sr. dr. Carlos Batalhão, que presidiu à assembleia, secretariado pelos srs. drs. Fausto Lobo e António Monteiro Guerreiro.

O orador foi no final muitíssimo aplaudido e cumprimentado pelas mais altas individualidades da terra.

A sala estava repleta, vendo-se presentes as pessoas de maior posição social dêste meio.

Fica, ao que nos o recorte já que ultima mente o meu estado de espirito e varias ocupações e preocupações não me deixam ir lançando no papel umas notas pacatas acerca do que se passa em mim e do que se passa ao meu redor.

Assim passou esta minha ida a Miranda do Corvo onde fui falar da primitiva Miranda, e assim ficou sem comentário a palestra sobre o castelo de Coimbra que não correu tão mal como eu receiava. Adeante.

O dr. Amorim Girão que presidiu á palestra comentou-a favoravelmente e desceu do alto do seu cafelo e bateu para dizer que apreciou muito...

Se o homem falou sinceram.te, fráca ciencia teem os senhores professores universitarios!

E ponto final.

Paz: Mafra.
Agosto: 6.

Hoje o dia foi dedicado ao Pires Monteiro. E lá foi uma carta de certa extensão com certos pormenores da m.a vida.

Deixo-a copiada no volume respectivo com o n.º 193, a pag. 316.

Paz: Mafra:
Agosto: 23

Ha um tempo para cá um conimbricense q. eu não conheço chamado Adolfo de Freitas, residente no Porto com qualquer cargo que desconheço, escreve artigos no jornal O Despertar e entre os ultimos alvitra uma homenagem a Antonio Augusto Gonçalves.

Não sei nada do articulista e muito menos da sua sinceridade neste caso. Lia o jornal, guardava os artigos por curiosidade e pronto.

Ora ante-ontem chegou-me aqui uma carta do dito Adolfo de Freitas convidando-me para eu me pôr á frente

da falada homenagem a Mestre Gonçalves. Perguntei-lhe amavelmente como está outra coisa:

«Exmo. Snr.: Agradeço muito a sua carta de 19 do corrente e bem assim o desejo manifestado de me pôr á frente da homenagem que pensa fazer á memoria do meu velho amigo e mestre Ant.e Augusto Gonçalves. Agradeço muito sinceramente.

«Venho, porem, dizer a V... com a maior franqueza que acho o momento pouco proprio para a desejada homenagem. Não ha, por agora, me parece, oportunid.e para isso. Mercê de varias circunstancias, Coimbra (creia-o) não se associaria como era seu dever. Entre os amigos de Mestre Gonçalves já se tem ventilado o assunto e chega-se a essa triste conclusão.

«E mercê, tambem, de outras circunstancias, eu seria o nome menos indicado para tomar o comando — e confesso que, desaparecido o dr. Virgilio Correia não sei quem poderia tomar a direcção da homenagem: mem todos os que se interessam por Coimbra tem veneração pela memória do Mestre. O meu parecer é, pois, que independentemente de se ir tam-

brando o nome desse grande conimbricense como V... tem feito na imprensa com brilho e desassombro, se terá de esperar melhor oportunidade. E creia que o digo sinceramente.

«Renovo os meus agradecimentos e creia-me, etc.»

Uma explicação: o nome do Vergilio Correia que aí ficou era o menos indicado p.ª dirigir uma homenagem ao velho Gonçalves. Citei-o para dar certa fórma ás minhas desculpas.

E na verd.ᵉ quem apoiaria uma homenagem ao notavel Mestre, modelo de hombridade e de coerente inconformismo? Os tempos não se ajustam a tais consagrações.

Paz: Mafra:

Agosto: 26.

Chegaram-me hoje, já atrazados, jornais de Coimbra.

La vejo mais consequencias da m.ª conferencia sobre o castelo de Coimbra. O Pires Monteiro continua a ser a mesma creança e a confirmar o que lhe dizia na ultima carta que lhe escrevi. E se não veja-se:

A Revista Militar não teve uma palavra fª a conferencia sobre Monfijo; e agora desvanece-se a proposito da aldrabice que fiz para satisfazer os haveres da Societ.ª de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Emfim, que lhe haveremos de fazer?... Aqui fica o documento: é Pires Monteiro puro.

Coronel Belisário Pimenta

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, que no seu admirável empenho de intensificar a vulgarização da cultura, prosseguindo no ciclo de conferências, que vem promovendo, convidou o sr. coronel Belisário Pimenta, a vir a esta cidade há tempos efectuar a notável lição já do conhecimento dos nossos leitores, acaba de receber o honroso ofício da «Revista Militar» que a seguir transcrevemos:

«Lisboa, 31 de Julho de 1944 — Ex.mo Sr. Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda — Coimbra.

Em nome da «Revista Militar», como Presidente da respectiva Direcção tenho a honra e a maior satisfação em saudar essa tão prestimosa colectividade pela iniciativa do ciclo de conferências entre as quais «O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral» pelo Ex.mo Sr. Coronel Belisário Pimenta.

Congratulamo-nos sinceramente pela escolha do têma e porque o distinto autor é um dos mais categorizados oficiais do nosso Exército, brilhante colaborador, abalizado historiógrafo e ilustre Sócio Efectivo da «Revista Militar».

Com as expressões da mais respeitosa consideração os votos de prosperidades na realização dos patrióticos objectivos da Sociedade.

O Presidente, *J. J. Teixeira Botelho*, General».

Registamos com a maior satisfação esta prova do incontestável aplauso merecido pela Direcção da S. D. P. C., tanto mais que ela parte duma publicação quási centenária que tem sabido dignificar o Exército Português.

Reputamos êste gesto como um insofismável testemunho do grande aprêço em que é tida, não só em Coimbra mas pelo País fora, a acção admirável da actual Direcção da S. D. P. C.

Isto veio no nº 4730 de 19 do corrente, da Gazeta de Coimbra. E se foi publicado isso se deve, com certeza, ao dr. Fernandes Martins. A Gazeta, por si, nem uma linha daria. A vida é assim. Deixá-la ser.

Paz : Mafra :

Setembro : 3.

O tal Adolfo de Freitas continua a escrever e a misturar alhos com bugalhos. Não sei se ali andará alguem velhacam.te por detraz dele. O Lourenço Chaves Alves da ouda furioso e escreveu-me a dizer que vai responder nos jornais.

Ora isto daria uma trapalhada e se o Freitas está a ser manobrado, conscientemente ou inconscientemente, o caso daria uma porcaria razoavel.

Escrevi, pois, ao Lourenço com conselhos de calma. Aqui fica a carta para documentar se fôr necessario :

« .... Não respondi logo á sua carta porque quiz pensar, com vagar, no assunto. O caso presta-se a irritações e eu confesso que quando recebi a carta do homem [1] (creio que lho disse) Vive, no primeiro momento, vontade de responder forte...

« Mas este possego entre paleios serve para meditar pausadamente. E foi o que fiz nestes dias todos, para deixar que abrandassem os impetos e deixar que a

---

[1] Adolfo de Freitas.

tranquilidade de espírito traga a boa resposta ou, pelo menos, melhor resposta. Que, verdade, verdade, ainda o preferível será não responder.

«O homem talvez tenha boa intenção e não saiba bem o que está a fazer e talvez que me equiparou ao Octaviano de Sá e ao Raul Miranda (!!)... Eu já lhe disse o que tinha a dizer, mansamente, em carta de que conservo rascunho q. lhe mostrarei. Não será melhor, pois, esperar e ver se o homem diz alguma coisa mais? Antes disso, qualquer artigo, embora justo, mas escrito com vivacidade, poderia levantar polémica por parte dessa malandragem daí — e lá teríamos que nos bater com eles o que era desagradável e... deselegante.

«Note que o meu artigo na Seára [1] parece ter caído como carapuça bem talhada; ninguem lhe fez qualquer observação segundo creio.

«A m.ª opinião, pois, meu caro Almeida, é a de não ligar importancia ao caso enquanto não entrarem por insultos e memorando á memoria do nosso

---

(1) António Augusto Gonçalves; no n.º 877 da Seara Nova, em 3-Junho-1944.

velho Gonçalves. Eu vive que escrever ao articulista porque ele me escreveu e já queria coisas e loisas e expunha projectos do arco da velha; mas confesso que me custou a escrever e fiz rascunho que risquei, emendei, reduzi e torturei cuidadosamente.

«Esperemos, pois. Não será melhor assim? Lembre-se de que os nossos amigos esfregariam as mãos de contentes se nos visseem a braços com polemica desagradavel. Pense no caso e não lhes façâmos a vontade.

«E todo o tempo é tempo!

«Um abraço, etc.»

Paz: Mafra.

Fevereiro: 13.

Ontem os jornais traziam a noticia da manifestação que o Estado-maior fez ao Santos Costa que de Sub-secretario da Guerra agora ascendeu a ministro com todas as honras.

E como a simples noticia era coisa banal, os jornais de Lisboa transcreviam na integra o discurso do major-general, o ilustre Carlos Mª Pereira dos Santos que em nome dos seus pares quis gritar o bayéla! aos seus superiores.

Bem cócegas de colar aqui o discurso inteiro p.ª memória. Mas desisti. Para que sujar mais estes cadernos de memórias?

Basta dizer que é um acervo de baixezas, de subserviencia, de adulações a um homem que todos sabem detestado e abhorrecido. Não julgava, apesar de tudo o que sei, o Pereira dos Santos capaz de tal inferioridade de caracter.

Adeante.

Contudo, a m.ª nota não fica completa se não chamar a atenção para o grupo de generais que assistiu á cerimonia e que os fotografos dos jornais fixáram p.ª a posteridade. A atitude servil destes cavalheiros é manifesta e especialmente a do Fernando Borges que deveria ter sido o maestro-dador da mascarada, que aparece com ar mistico gosando ao mesmo tempo a espertêza.

Que velhaco, este Borges! Lembro-me sempre, em casos semelhantes, daquela frase ironica do dr. Bernardino Machado:

— Custa muito a ganhar a vida honradamente!...

E ponto final. Para que gastar cêra com tais defuntos?

Paz : Mafra :

Outubro : 24.

O Camara Reis escreveu - me das Pedras Salgadas. Pusiste pela m.ª colaboração na Seara Nova. Respondi - lhe que sim, q. mandaria mais colaboração.

E se ele me deixasse em sossêgo ?

Paz : Mafra.

Outubro : 5.

Para se avaliar o que habitualmente se chama o sinal dos tempos, deve ler-se o segundo editorial do Diario de Noticias de hoje, da responsabilidade evidente do muito e muito ilustre Augusto de Castro.

Vale a pena considera-lo com atenção, pois eu atravessei estes 34 anos vendo e observando e sentindo intimamente toda a incongruencia dos sucessos.

Algumas feridas me ficáram deixadas por estes terriveis 34 anos ; não olho para as cicatrizes porque me fariam alguma impressão, mas penso que a vida poderia ter sido outra. E até bem diferente da que foi.

E digo a vida : quer a minha quer a do regime proclamado em 5 de Outubro de 1910. Não aconteceu assim, pronto ; que lhe haveremos de fazer ?

Ora o artigo reconhece que o «advento do regimem republicano marca o início de uma nova era de progresso»; que «correspondeu a um generoso anseio da alma popular»; que a Republica «fez uma transformação necessaria e indestrutivel (sic) da vida portuguesa»; e que as agitações havidas nestes 34 anos «são o tributo com que se pagam as conquistas progressivas, as caminhadas dos povos na senda da civilização.» Etc. etc.

E termina por cumprimentar o «sr. general Carmona...»

Ora o que querem dizer tantas amabilidades por parte do ilustre Augusto de Castro?

Coimbra:
Novembro: 26.

Depois de mais de mês e meio de silencio, cá estou ás voltas com o bom amigo Pires Monteiro. Mais uma carta, das grandes, que me não atrevo a deixar aqui na integra, porque contem m.tas banalidades; vão apenas extractos:

«... Quanto ao seu oficio de ha dias (n.º 240-D, de 21) e ao assunto principal que é o centenario de Eça de Queiroz,

devo informa-lo de que, no verão passado, em reunião de O Instituto de Coimbra ficou assente que esta colectividade faria parte no centenario com conferencias e estudos; e eu fiquei encarregado duma dessas conferencias que depois seria publicada na revista da casa com a ampliação que eu entendesse. A minha intervenção, pois, na festança, será por intermedio do Instituto para o que terei de entrar com a despesa duma casaca...

«E' claro que tudo isto: conferencia, artigo e casaca fica dependente do placet do ilustre Ferro a cujas exigencias eu não estou disposto. Se o ilustre ditador quizer intervir no sentido de qualquer fiscalização ou censura, por muito carinhosas que sejam eu atiro com os aparelhos ao ar e meto o meu trabalho na gaveta.

«A participação da nossa Revista acho que seria «de proveito e exemplo» como os contos de Trancoso; poderá belliscar muita gente por o Eça ser paisano; mas, que diabo! uma vez não são vezes! O Eça de Queiroz é um grande nome e a Revista Militar só se honra lembrando a sua altissima figura. Eu cuido passar o Natal em Lisboa; e então conversaremos e

combinarêmos, de modo definitivo, a participação que me deva caber.

«Muito obrigado, também, pelas felicitações a propósito da m.ª entrada para a direcção da Biblioteca d'O Instituto; o caso não merece foguetes — mais ao lume faz mais vista do que ao pé... A biblioteca é muito boa, principalmente em revistas estrangeiras; mas anda há muitos anos abandonada e está, actualmente, em grande barafunda. Uma espiga.

«Os meus artigos no Século continuarão; dependem do possível para copiar e reler as muitas páginas que tenho guardadas. Os meus agradecimentos por tudo.

«Para o Natal lá estarei, etc.»

«P. S.

«O nosso Costa Veiga fez ante-ontem uma conferencia sobre Avelar Brotero, integrada na comemoração do seu 2º. centenario. O trabalho estava bem apresentado e falou muito, realmente, de Brotero. Mas falou igualmente muito de si proprio... Oh vanitas vanitatum!...»

Realmente o Costa Veiga, como se sentiu entre cabelos e barbas, quiz fazer valer-se e deu-se ao disparate. A rapaziada academica, em grande numero na as-

sistência, aplaudiu-o com certo barulho que ele tomou como manifestação de simpatia. A sessão deu-se no anfiteatro de Física e a rapaziada enchia as bancadas superiores; o Costa Veiga que tomou a sério os aplausos dos estudantes, estendeu os braços, alegremente, como os toureiros no redondel a agradecer ao respeitável público. Os rapazes redobraram a barulheira e o Costa Veiga, de baixo, continuava a acenar de braços abertos se o reitor, que presidia, não fizesse sinal para acabar com o pagode.

O Veiga das curvas não conhece o ambiente coimbrão e tomou a mesma por Juno. Ela-de ser sempre o mesmo Veiguinha das curvas.

Coimbra
Novembro: 27.

Hoje tive que oficiar para a Revista Militar, a agradecer as felicitações que a direcção me mandou por ser nomeado director da Biblioteca d'O Instituto.

Em tudo isto anda, com certeza, o dedo do am.º Pires Monteiro que gosta imenso destas pequenas coisas — que para mim afinal não passam de futilidades.

Coimbra:

Dezembro: 12.

Mais uma vez o Pires Monteiro. Desta feita é p.ª lhe agradecer um exemplar do livro que ele e o oficial de marinha Alberto C.ª Afra compuseram com o título de Libertação de Europa. Deixo-o aqui porque contem certas afirmações críticas que vão além do «muito obrigado.»

«.... Já li a sua Libertação de Europa. Cheio ver-lhe dito que ao abrir a obra, por pura curiosid.e antes de a ler, tive a impressão de que seria trabalho de muito interesse p.ª se avaliar o que foi o antigrente anterior a esta época final da invasão. Depois da leitura, confirmei a impressão rapida.

«E' trabalho feito a sério, por competentes e com plano bem estudado; está escrito de modo a ser entendido por todos e na verd.e conduz o leitor, com interesse crescente, ao desfecho final. Não é, pois, obra paralela a essas que por aí pululam sem responsabilidade de Deus e dos homens.

«Devo, porem, com a franqueza de amigo, notar os senões leves que encontrei. Um foi a natural pressa com que foi feito; o livro ressente-se disso

na coordenação e boa harmonia das suas partes. Outro foi o de certos destinos de linguagem, o uso de termos escusados, neologismos ainda mt.to meleutosos, galicismos reprovaveis, etc. etc. consequencia do apressado do original e dos maus habitos que a imprensa (a Alta Missão da Imprensa!) nos inspira diariamente, a toda a hora.

« Mas isto serão talvez caturrices de Gramatiqueiro de 4ª ordem, pois o livro lê-se com agrado e crescente interesse; só o diria a amigo que comprehende a intenção com que o dijo.

« Aqui ficam as minhas impressões que desejo transmitir desde já e que confirmarei em breve, pelas alturas do Natal, pessoalmente.

« É até breve, etc. »

P

~ 1945 ~

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais um...

Lisboa:

Janeiro: 26.

Simples extracto duma carta para o Lourenço Chaves Almeida: o resto não vale a pena arquivar.

«... Tudo isto [1] Tem adiado o meu regresso a Coimbra. Estou aqui m.to bem mas, ao mesmo tempo, a pensar que o tempo corre e os meus trabalhos ficam em atraso.

«Bem sei que há nisto alguma coisa de ridículo, como se a Humanidade per-desse qualquer parcela com o atraso dos meus estudos. Mas a verdade é que não desejaria morrer sem deixar, pelo menos, prontos para a impressão umas Cantatinas

---

(1) Frio, neve, vento desalerido — coisas que em Lisboa são quasi inéditas.

que julgo não serão, depois de concluídas, simples bagatelas. Enfim, veremos a ver, como dizia o cégo.

«. . . . . .»

Não sei se deva comentar: presunção e agua benta, cada um toma a que quer...

Lisboa.

Janeiro: 27.

Escreri hoje uma carta ao general Aníbal Passos e Sousa que foi nomeado major-general do exercito. Carta congratulatoria, segundo o estilo antigo. E vai porque a merece; quando foi meu instrutor em Caxias cumulou-me de atenções e deferencias. Não é demais que com ele tenha tambem qualquer delicadeza.

Lisboa.

Fevereiro: 4.

Hoje, outra carta congratulatoria... Esta é p.ª o meu patricio Agapito Pedroso Rodrigues que foi promovido a ministro plenipotenciario e colocado na legação da Argentina p.ª onde parte brevemente. Esta carta é mais uma cerimonia do que atenção de velho amigo.

Noutros tempos, realmente, dei-me muito com ele. Depois, com a carreira diplomática afastou-se, tomou ares, passou a classe superior.

Enfim. Adeante. Lá vai a carta por simples cerimonia.

Lisboa:

Fevereiro: 20.

O António Gonçalves, o dono da Livraria Gonçalves, de Coimbra aceitou-me editar o meu trabalho acerca de Eça de Queiroz, aproveitando agora a quadra do centenario. Recebi uma carta dele solicitando a remessa do original, pois é já tempo de começar a tratar da composição. Porem, o original ficou em Coimbra e necessita de revisão cuidada e passagem a limpo.

Alem disso, como o assunto tem alguma coisa de escabroso e que poderá melindrar a actual situação politica, que si fuz de lado a ideia da publicação e limitar-me-ia á conferencia no Instituto na qual só diria o que fosse corrente.

Respondi ao Gonçalves com agradecimentos e dizendo que muito breve iria lá casa e lá conversariamos com vagar acerca do assunto.

Coimbra

Março : 12

No Porto vai publicar-se uma revista chamada O Tripeiro de que será director o dr. Arthur de Magalhães Basto.

Recebi uma carta do proprietario e edi. tor da publicação, um sr. António Sardinha, que em nome do director e evocando o nome do malogrado dr. Pedro Vitorino, me solicita não só colaboração mas licença para o meu nome figurar na lista dos futuros colaboradores.

Que diabo de ideia teriam essas creaturas p.ª me escolherem p.ª uma revista que vem por divisa Do Porto — Pelo Porto ? As palavras são amaveis e a insistencia veem de tal modo que me pareceu mal dizer que não. Fraquezas...

Respondi ao homem que sim, que autorisava a inclusão do meu nome e que mandaria original quando pudesse.

Coimbra.

Março : 22.

O professor liceal Alfredo de Carvalho q. eu conheci em Leiria e actualmente está num liceu em Lisboa, disse a m.ª filha q. sabia da existencia dum manuscrito relativo ao marechal duque de Saldanha, na pos-

se de qualquer pessoa de Leiria. Escrevi-lhe hoje, amavelmente, pedindo que me informasse acerca da pessoa possuidora do meu manuscrito — pois nem na ocasião própria.

Este Alfredo de Carv.º é creatura com certos meritos, mas é muduro suficientemente para não responder.

Coimbra:

Abril: 12.

O D. João de Castro ou seja o plebeu do mesmo João de Castro, escreveu-me e mandou-me um volumesinho recentemente publicado de Novelas Historicas. Desculpa-se com doença grave a respeito do seu silencio. Obrigou-me, pois, a responder:

«.... Antes de mais nada, lastimo muito a doença de V... e sinceram.te desejo as melhoras rapidas e completas. E desejo tambem q. os meus trabalhos (1) quando tiver a benevolencia de os ler, lhe possam dar qualquer impressão favoravel não tanto pelo seu valor real mas pela maneira de tratar ~~do~~ o assunto e de pôr os problemas historicos ainda incompletamente estudados.

---

(1) Opusculos que lhe ofereci.

«Agradeço m.to a gentileza da oferta das Novelas Históricas que, francamente, não conhecia; desde Os Maldidos e da Redenção conheço mais ou menos a obra literaria de V..., mas esta colectanea era me desconhecida — e vou lê-la, com agrado, logo que termine a passagem a limpo dum atrasado estudo sobre os aspectos militares na obra de Eça de Queiroz que o editor reclama com urgencia.

«Muito e muito obrigado pelas atenções de V...; creio, porem, que não valerá a pena reparar com pormenor a injustiça a que alude, pois nem houve injustiça nem o meu proposito visava publicidade.

«Renovo os votos pelas melhoras, etc.»

Coimbra.
Abril: 18.

O dr. Manuel Monteiro mandou-me o ultimo trabalho de arqueologia artistica que publicou. Agradeci-lhe com a seguinte carta autoral:

«.... Foi com muita satisfação que recebi o opusculo de V... sobre o Tumulo de D. Gonçalo Pereira. Em V... honrar-me com a oferta de mais uma valiosa contribuição

para a historia da Arte portuguesa em que é segura autoridade.

« Lembro-me muito bem das conversas de V... com meu tio, já falecido, Albino Caetano da Silva, conversas em que eu, ouvindo, não só ia aprendendo como ia confirmando no meu espirito a impressão de segura cultura em assuntos de arte de que V..., embora novo, já andava rodeado. Já lá devem ir uns bons quarenta anos!

« Estas décadas passadas no meio de tanta alteração, não me deixáram, contudo, esquecer a figura de V...; creia, pois, que muito me honrou com a gentileza da oferta, valorizada com dedicatória que muito excede o meu merito.

« De nada valho aqui; desejarei, porem, que V... acreditasse que me subscrevo, com a maior consideração, etc. »

Coimbra

Abril: 24.

Hoje foi uma grande carta, com visos de bom humôr p.ª o Augusto Bivar de Azevedo Salgado. Depois de varias facécias e ditotes com forma mais ou menos literaria, cheguei a certo ponto em que mudei de tom e escrevi:

« Ora pois, amº Salgado: pelo estilo e ordenação da epistola, tu terás dito já q. eu nádo em alegria e boa disposição, espanejando-me neste ambiente saudosista de salgueirais e arrufados; que a vida me corre serena e afavel; que, enfim, sou o verdadeiro padrão do homem feliz...

« Vais atraz do criterio de que o estilo é o homem, se assim pensas.

« Desde que cheguei... Mas para que entristecer mais os outros quando ha já tanto motivo pª tristesas! Aqui estou, com problemas ao redór, para os quais não tenho resolução; quero ler e trabalhar alguma coisa para recreio de espirito e não consigo; as preocupações nascem a todo o momento; e nem ao menos o espectaculo do mundo em guerra deixa antever melhoría para futuro.

« . . . . . .

Ultimamente tenho passado os dias a pôr a limpo um trabalho sobre o Eça de Queiroz que um editor mais que benemerito me quer publicar; não gosto muito da obra porque foi revista um pouco á lufa-lufa para aproveitar a maré da venda do centenario que dizem ser agora boa. E' no que tenho entretido agora o espirito e cançado o corpo: a copiar, a copiar...

1436

« Bem, adeus. Os meus cumprim.tos p.a tua Esposa, etc.

Coimbra.
Maio: 1

Carta para o Pires Monteiro. E carta a sério como se vai ver:

« . . . Ha muito não dou notícias minhas. Ando a braços com a copia para a imprensa do meu trabalho sobre o Eça de Queiroz que a censura, possivelmente, não deixará sair; e a braços, tambem, com um estado nervoso intenso que me não deixa a cabeça livre p.a produzir. Contrariedades de toda a especie na vida corrente; perspectivas tristes quer no ambito em que vou andando aos tropeções, quer por esse mundo fóra. E aqui tem o que me preocupa e que me não deixa tranquilid.e de espirito para qualquer coisa agradavel; até a propria leitura me cança facilmente!

« Mas, adeante. O meu pres.do Amigo não tem obrigação de aturar os trênos dum aborrecido da vida.

« Não sei ainda a sua opinião acerca da m.a conferencia comemorativa da batalha de Montijo. Estimaria que visse nela um trabalho a serio. Poderá estar mal arquitectado

real deduzido e real concluído; eu não ve-
nho pretensão á infalibilidade nem mesmo
a certo grau de probabilidade; o que intento
é levantar o problema e chamar a atenção
para a possibilidade de se encontrar a genealo-
gia das ideias — processo cuja invenção (?)
os integralistas atribuem ao António Sardi-
nha, mas que eu já conhecia e intimam.te
professava antes deste escritor ser gente.

« Ora exactamente por essa conferen-
cia representar, entre nós, alguma coisa
de novo e por talvez fr.a nova orientação
nos estudos histórico-militares, é que eu de-
sejava lê-la na nossa Revista, mesmo que
fosse em frente de meia dusia de ouvintes
e publica-la no fasciculo de Maio, mês
em que se passava o centenario do sucesso.
Lastimo ainda hoje não se ter realizado o
meu desejo; e embora a lêsse no Instituto
em ambiente categorizado e culto, a ver-
dade é que na Revista teria mais audiên-
cia e talvez mais repercussão.

« Não pôde ser, paciencia. A separa-
ta vai para a venda nas livrarias, á es-
pera de quatro ou cinco compradores... ei-
ris; na nossa classe ninguem dará por
ela, quer individualmente quer oficialm.te
E creio que a unica referencia em publico
será feita pelo velho escritor D. João de Cas-

tro, em proxima cronica no Primeiro de Ja-
neiro. A vida é assim mesmo. É tramen
da vida...

«Ontem acompanhei ao cemitério o
velho dr. Costa Lobo, depois de horas passa-
das em casa a acompanhar o filho. Com
todas as irregularidades da sua obra, com
todos os ~~erros~~ defeitos que podesse ter, aqui
vem um homem que viveu acalentando
sonhos, sem desfalecer, absorvido no tra-
balho, muitas vêzes alheio ao que se passa
va á volta. Aos 81 anos, queria completar
certos estudos que, para gente nova e forte,
levariam anos. Creio que, dentro de cer-
tos limites foi feliz; e estas considerações
que eu ia fazendo na caminhada para o ce-
mitério, impressionaram-me — pois eu
tambem tenho andado sempre acalenta-
do sonhos, mas, ai de mim!, ao contrá-
rio dele, sempre esbarrei com a realidade
bem dura e até hostil.

«Pensei em deixar o meu nome nas
listas de inscrição, como representante da
Revista; mas tive receio de não ser esse o
desejo da direcção.

«Bem, basta de lamentações. Deseja-
lhe a melhor saude e a melhor disposição
p.ª alguma dóse de optimismo, etc.»

Coimbra:

Maio: 13

Ainda o bom Pires Monteiro que respondeu com desculpas e explicações e, infelizmente, com más notícias a respeito do excelente Ferreira Lima. Aí vai nossa carta:

«... As suas palavras vagas a respeito de doença do nosso Ferreira Lima, levaram-me a telefonar, na tarde do dia em que recebi a sua carta, para casa dele. O que a Filha me disse, impressionou-me muito e levou-me a escrever ao sub-Director do Arquivo e à minha Filha para me darem notícias mais completas.

«Estas, trouxeram-me a certeza do mal e, conjuntamente com o falecimento, quasi ao mesmo tempo, de dois velhos amigos [1] deixaram-me em estado de abatimento e impressionabilidade de que aos poucos me vou curando.

«Ao chegar a esta idade começa-se a sentir faltarem os naturais apoios e a diminuir a paciencia com que se atura a

---

[1] Calisto Mendes dos Santos, Inspector de Finanças, falecido no Porto em 30 de Abril; e o Juiz do Supremo Mario Soares Duque, em Lisboa, a 3 de Maio.

vida... E então chega-me a vontade de escrever, de lançar sobre o papel, como velho lançado, toda a amargura destas horas.

«Desculpe, pois, que, para lhe agradecer a sua carta eu venha de misturar os agradecimentos com as tristezas e não sei, francamente, se com bílis. Todo este drama da Ferreira Lima me comove e me revolta; de certo calcula como me contrariou e impressionou o conhecimento do facto; mas confesso-lhe que me invadiu, ao mesmo tempo, certo sentimento de repulsa para com esta coisa vaga a que se chama a maquina do Mundo tão mal organizada e a funcionar tão mal.

«Não sinto (descrente como sou de toda a ideia religiosa) a beleza apregoada da Harmonia Universal e a noção consoladora de que a Divindade escreve direito por linhas tortas. O que sinto é a dureza da vida, como ela se me apresenta e a certeza da impossibilidade de a adoçar alguma coisa.

«Pobre Ferreira Lima, na verdade, tão bom, tão honrado, tão trabalhador, quem sabe se ferido p.º sempre!

«Mas, voltando á sua carta. Eu não quiz, creia, provocar qualquer especie de desculpas; a minha ultima epistola era

certamente um desabafo ou comentário ao correr da pena (não me lembro bem) e nunca sombra de censura ou mesmo sombra de reparo. Teria eu escrito alguma linha ou frase que assim se pode interpretar? As minhas preocupações não são tão grandes que tornem possível que a escrita traduza erradamente o pensamento.

«Tenho paciencia. A epoca é propria p.ª Todas as coisas: nada já nos pode surpreender. Que virá mais ainda?

«Tenho m.ta saude, etc.»

Coimbra.

Junho: 3.

Hoje, promovida pelo P.e António Nogueira Gonçalves, realizou-se uma modestissima homenagem ao dr. Vergilio Correia, junto da sua campa no cemitério da Conchada, a propósito da passagem do 1º anniversario da sua morte.

Fóra do pessoal do Museu Machado de Castro estiveram: o Antero de Veiga, o arquitecto Alvaro da Fonseca e eu.

O P.e Nog.ra Gonçalves leu uma pequena alocução, muito mal traçada; o pessoal menor do Museu encheu de flores o espaço da campa; guardáram-se os mi-

untos de silencio — e eis tudo. Foi simples e simpatica a homenagem.

É o que mais me feriu a atenção foi a ideia partir do Padre emitora o Virgilio Correia fosse livre pensador e ter sido enterrado civilmente, por determinação expressa.

Fiquei gostando mais do Padre.

Coimbra.

Junho: 8

Da direcção d'O Trabalho, do Porto, voltam a pedir-me colaboração. Os homens não se esquecem e eu ia deixando passar o tempo. Respondi hoje, o mais amavelmente possivel, afirmando a m.ª vontade de colaborar mas neste momento é-me impossivel, etc. etc. As férias do costume.

Tenham paciencia.

Coimbra.

Junho: 9.

Tive que escrever hoje ao velho amigo dr. José M.ª Cardoso, inspector do Notariado. Dessa carta destaco estes periodos auto-biograficos que podem ficar:

«. . . Não quero atrazar mais a remessa dos dois opusculos, genero bagatela mas feitos a serio e com a intenção de

1441

dar novo rumo ou geito á nossa historiografia militar tão agarrada, ainda, aos nossos temas e processos.

«Conseguirei eu isso?

«Sinto que envelheço e me falta a paciencia e tenacidade com que noutros tempos reuni elementos para grandes obras que projectava. Isso já lá vai; agora, **nolo** tendencia mais p.ª a contemplação do que para o trabalho e lastimo não ter feito, na devida altura, certos estudos que já não sou capaz de completar. Paciencia.

«Neste momento tenho ainda atraz do meu ensaio acerca das ideias militares do marechal Saldanha, personalidade obscurecida pela politica e principalmente pela sua politica; tenho lá muita vontade de lhe pôr a claro, a nova luz, as suas qualidades de chefe militar e os, para mim, meus gaveis dotes de tactico e de estrategista.

«Mas que quer? Cada capitulo que escrevo é um trabalho de Hercules; fico que si esfalfado, em termos de tomar comprimidos de Fosforo Ferreno...»

Etc. etc. E assim a carta seguia, com lamurias e queixas. Que lhe hei-de eu fazer senão largar queixas e lamurias?

Coimbra.

Junho: 13

Caro e antigo e velho condiscípulo Alípio de Sousa Namorado, hoje brigadeiro de Cavalaria, costuma trocar cartas reais ou quase jocosas. O seu espírito alegre e bem humorado, em geral, provoca o motejo e a galhofa de parte a parte.

Ora hoje deu-me para lhe mandar esta grande epístola em forma de cópia duma papina ou papinas de memórias. E verdadeiramente o que se chama madureza... Mas, que diabo! para que queremos a velhice que nos bate à porta senão para sermos alegremente maduros?

Segue a cópia ou seja a carta:

« Cópia. = 25 de Maio. Tive hoje um grazar, mas como acontece com a maior parte dos grazeres, acompanhado de sobressalto que me ia dando abalo cardíaco. Senti tocar a campainha do telefone, quando estava precisamente alheado no trabalho de investigar, à luz de documentos de difícil interpretação, como é que Nun'Alvares no dia de Aljubarrota, coberto de ferro e debaixo de calor bestial (1) se aguentava sem

---

(1) Bestial vem de besta, ae, segundo bi-

verter aguas... Contrariado, porque via fugir o fio ao discurso, peguei no auscultador. — "Atenção a Lisboa..." — Fiquei sobresaltado: — "Oh minha Senhora, faz favôr... por favôr... heim?... oiça... posso saber de onde vem a chamada?..." Do outro lado dos arames, uma voz argentina, alegre, fresquissima, com vibrações de entontecer, diz-me simplesmente: "E' do nº tal (um numero qualquer que não fixei) e quem chama é general ou coisa parecida..." — Senti um baque no coração. Aquela voz tão fina... e depois um general... general!... E o que será a coisa parecida com um general?... E como a imaginação é curral de concelho segundo o autorizado D. Francisco Manuel, comecei a arquitectar coisas altas: o Salazar e o Santos Costa não se aguentáram com o pêso das manifestações, nem com o peso da amisade e simpatia do País; como todos os mortais, quando o pêso é demasiado, arreáram. E aqui estou eu arriscado a ir parar a ministro, a presidente do ministerio, a... O vôo foi cortado por nova campaí-

---

cero. O Fernão Lopes não usou o termo porque, francamente, era ignorante em latim e pouco mais tinha que instrução primaria. Mas se o não usou, uso-o eu.

nhada: "Está lá?... quem é?..." O sobresalto transformou-se em alegria, mas não ganhei para o susto. Era o Abílio de Sousa Namorado, velho amigo, a quem o meu silencio incomodava. — "Estás bem? ainda vives?..." E a voz tinha caricias de veludo. O seu cuidado enterneceu-me: "Ainda vivo, ainda, e não sei bem para quê..." — Como era dia de S.ta Maria Madalena não quiz deixar de saber de mim e de ter a certeza de que neste dia em que de mais a mais se celebra a canonização da Rainha Santa, padroeira da m.a terra e por consequencia minha madrinha espiritual, a minha voz era a minha voz, isto é, pelos seus proprios ouvidos certificar-se de que era eu quem falava e não qualquer disco q. o Antonio Ferro, malevolam.te, mandasse gravar. Ainda bem! Bom Abílio de Sousa! Querido Abílio de Sousa![1] Como ele soube advinhar que a interrução que provocou, na aridez da investigação a que me dedicava, foi como uma brisa fresca na secura dum deserto! A conversa foi curta; as meninas telefonistas natural-

---

(1) Suprimo o apelido Namorado, não vá a Posteridade, ao ler estas memorias e não compreendendo bem a letra, julgar que me refiro, disfarçadam.te a alguma mulher.

mente julgaram que eram rapazes novos que falavam e interrompiam para ver se recebiam uma ou outra vibração; mas a palestra e o agrado que ela me deixou transportáram-me p.ª cincoenta anos atraz (meio seculo, conta redonda!...) e fizeram-me reviver tempos passados, quando no Mondego havia sinceirais e pelos ares havia ainda o murmurio de versos que o Eça de Queiroz ouvia encantado muitos anos antes. — Foi nessa quadra distante que eu conheci o Abilio de Sousa, rapazinho modesto e aprumado, atencioso e estudioso, com vago atheamento de certas realidades como acontece aos que trazem, desde o ventre materno, qualquer centelha que os eleva acima da vulgaridade. Nascera na Fronteira, não naquela linha convencional que separa homens (e mulheres) como inimigos, mas na importante vila alentejana, debruçada sobre a Ribeira Grande, sob a protecção da S.ª da Atalaia. Cêdo começou a mostrar tendencia para a investigação cientifica, indo á ribeira caçar patos entre os juncaes; mas com o curso dos Liceus que completou em Coimbra é q. a sua vocação se manifestou. Foi então que o conheci, nas aulas do Liceu, sempre atento ás lições dos mestres, em especial

ás de Fisica; escolheu, por misteriosa antecipação dos seus estudos de hidro-dinâmica, a Travessa do Rego de Agua para local da residencia em casa de certo Feio, que aliás tinha duas filhas bonitas. Aí o via sempre absorvido por estudos de Fisica, alheio até (com admiração minha) á graça e á bondade das irmãs Feio. Eu admirava-o e seguia-o com a esperança de poder dizer mais tarde que fôra amigo e condiscipulo dum sabio in herbis — até que certo dia ele me confessou modestam.te que chegára a conclusões ineditas na observação do contacto de solidos e liquidos. Eu abri a boca... O Abilio fizera uma descuberta cientifica! O Borelli e o Vossius q. se quizeram meter em tais alturas, foram uns pobres diabos que pouco adeantaram no assunto; a verdade é que o Sousa chegára a conclusões definitivas; e estabeleceu as leis do fenomeno a que, em homenagem aos lindos e abundantes cabelos da mais nova das Feios, chamou capilariedade. Modestamente, porem, não quiz ligar o seu nome a tal descuberta e deixou que o Jurin, o Gauss e outros que tais se enfeitem com as honras. — Afinal, esse rapaz que tão prometedôr se mostrava nas ciencias fisicas, influencia

do, Valver, pelo velho do Restelo que lhe fa-
laria da «gloria de navegar» do «fran-
dulento gosto» e outras coisas mais, dei-
xou o laboratorio do Rego de Agua e foi pa-
ra o Exercito. Nunca percebi esse evolução
em cerebro tão poderoso e tão bem equili-
brado; • certo é que seguiu para a Escola
do Exercito e ingressou no arma de Cava-
laria. Isto daria azo a conjecturações filo-
soficas se eu tivesse queda para tal; con-
tudo Valver ainda o espirito regrado de
Sousa o levasse para uma profissão em
que as leis do equilibrio são de alta im-
portancia, não já o equilibrio banal da
corda bamba que se observa nos circos de
cavalinhos, mas o equilibrio que é neces-
sario estabelecer entre os calções e botas
altas e o lombo ou dorso dos solipedes. Em
fim, o Abilio fez boa figura e o instrutor
Tharco disse-me um dia que ele fôra,
entre todos os seus instruendos, aquele
que melhor soube guardar as regras da
ciencia de bem cavalgar em oposição á
constante e contundente acção das leis
da gravidade; e isto só consegue aquele q.
tem a inteligencia afeita ao ripar e á ma-
gestade da Ciencia. — Depois, o Abilio de
Sousa montou muito cavalo e muita égua;
andou por varias terras onde o ultimo

apelido lhe causou um ou outro mal entendido — porq. ha gente tão ignára que imagina que os apelidos teem conexão intima com a pessoa. Ouvi contar que em Aveiro... Mas para que deixo eu aqui a historia dos mexilhões? Tambem a Historia não ganhará em saber que na Argentina ia havendo tensão diplomatica com o nosso governo quando ele foi á remonta de cavalos p.ª o exercito; o apelido que os jornais ingénuam.te publicaram com a noticia de que esse coronel Ennamorrado (sic) ia á remonta nos Pampas, deu a extravagante impressão ao mulheredo que se julgava com direito a ser requestado, de que um Principe Encantado, de olhar faiscante e azas transparentes ia cair na republica do Prata como uma sopa cái no mel. Ouvi dizer a um diplomata do ministerio dos estrangeiros que á chegada do paquete em q. ia a comissão, o cáis de Buenos-Aires estava apinhado com cerca de 50 a 55 mil mulheres que queriam ver e receber o Inefavel. Pobre Abilio de Sousa!... A policia interveiu, mobilizou-se quasi uma divisão; os animos acalmáram-se — mas no bondoso Abilio ficou a mágua de não poder fazer a vontade a tanta

gente. Ele, sempre condescendente, além cioso, amigo de fazer favores! Mas, a História, realmente, não ganhará com tais medíocres. — Bom Abílio de Sousa! O Telefonema veio fazer deslizar na minha memória todo este filme de recordações; agora, ele é um brigadeiro na reserva, deve ter cabelos brancos se os não pinta para parecer mais novo e honrar o ultimo apelido; mas o que ele não deixa de ser é o mesmo aprumado rapaz de há cinquenta anos, o mesmo bom amigo, a quem os trabalhos e descobertas de Física e os triunfos diplomáticos no continente americano não deformaram para a vida e para as afirmações de carácter. — Bem haja ele! ~~—~~ Gostei imenso de o ouvir e pena foi que pelos fios não lhe pudesse dar um abraço apertado de reconhecimento. Fica para outra vêr, como diz a Senhora Minha Neta ... » — Está conforme. Coimbra, 13 de Junho de 1945. — (a) B. Rivaventa. »

E' ou não é madureza? Digam lá que não! Mas enfim, quis deixar uma amostra de que também sou maduro.

Nem sempre a seriedade!

Coimbra:

Junho: 28.

O Fidelino de Figueiredo volta para o Brasil e mandou-me um cartão de despedida. Respondi-lhe com esta pequena carta, sobria mas creio que decente:

«... Recebi ha dias um bilhete de V... com cumprimentos de despedidas que não agradeci logo porque um incomodo de saude me obrigou a isso. Vai V... novam.te para fóra do País em mais uma benefica peregrinação e, de certo, em condições honrosas p.a V... e para todos nós. Desejo feliz viagem e a melhor saude; e tambem desejaria que V... se lembrasse, para dar as suas indicações, do que se assina, com a maior consideração, etc.»

Ainda desta vez o não fiquei conhecendo pessoalmente. Ficará p.a a volta, se voltar e eu for vivo.

Coimbra:

Julho: 2

Ontem, o Aarão de Lacerda, actualm.te professor da Faculd.e de Letras de Coimbra, da cadeira deixada pelo Vergilio Correia, fez uma conferencia no salão da Camara Mu-

nicipal e a pedido da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. A conferencia foi de homenagem ao Virgilio, seu autor, sôr na catedra.

Ora este novo doutor é um conjunto de vaidades muito curioso. Já aqui falei dele, em tempos, quando no Grémio de Arte e Arqueologia se tratou duma homenagem ao dr. Joaq.m Martins Teixeira de Carvalho, aí por 1928 ou 29. Agora, quasi a receber o capelo e a borla...

Uff! Adeante.

A conferencia foi interessante, estava bem arquitectada. Ele, porem, não tem grandes qualid.es de orador nem mesmo de conferente. A voz é irregular, ás vezes pouco compreensivel por qualquer defeito fisico — de modo que, para exigentes, o ilustre Sarão deixa alguma coisa a desejar.

Mas o que me feriu a atenção foi o quadro que ele traçou da sua mocidade e do ambiente em que viveu em Coimbra quando estudou na Universid.e Lisongeou, é claro, a Universid.e a «alma mater», a «gloriosa», a «eterna» etc. etc. e ao falar das figuras mais notaveis da academia de então, só se lembrou e em primeiro lugar do Alfredo Pinto; depois do Veiga

1449

Simões que veiu á batha porque era companheiro de casa do Vergilio, e ainda do Alberto Monsaraz... Por favôr, lembrou o Afonso Duarte, dando mais no cravo do que na ferradura; e assim arrastou a conferencia que, aliás, se ouviu com agrado.

Conclusão: um gajo...

Um outro passo que não quero esquecer e me pareceu fóra de proposito: ao referir a persistencia desinteressada do Vergilio nos seus estudos de arqueologia, com o seu ar sempre alegre e atheio a muitas realidades, comparou-o ao Sylvestre Bonnard, de Anatole France. Ora eu não sei se a persistencia do Vergilio seria absolutamente desinteressada, isto é, se os seus estudos obedeciam ao conceito da Arte pela Arte; mas o que me parece é que a comparação foi infeliz com o bondoso e ingénuo Bonnard... Segundo o meu juizo este ilustre arqueologo se bem que cheio de bondade e boas intenções, não deixa de ser o motivo ou têma que Anatole France arranjou p.ª ridicularizar os sabios arqueologos do Instituto de França. E a verd.ª é que Vergilio nada tinha de ridiculo quer na sua propria pessoa quer nos seus estudos — a que se entregava com decisão e com honestidade.

É possivel, pois, que o Aarão quizesse mostrar ao respeitavel publico que ele, conferente, lêra, pelo menos, um livro de Anatóle...

Paz: Mafra:
Julho: 22.

Segue uma carta para o Lourenço Chaves Almeida. A' falta de melhor ficam as epistolas.

«... Já aqui estou ha uns dias e, como é proprio deste deserto, sempre com dificuld.e de resistir á ociosidade que me invade quasi de manhã á noite. Lembro-me de que o moralista do Sá de Miranda dizia que a ociosid.e é coisa que sôa a rachado [1]; o ilustre patricio tinha razão mas eu é que não sei como resistir á tentação de nada fazer, acrescida de repetidas crises de sonolencia em cadeiras de repouso, sentindo o ron-ron dum moinho de vento e o sussurro dum pinhal que nos pertence.

«Ora isto sabe deliciosamente, para compensar o pouco gosto que tenho pela paisagem em frente da janela a que me estendo; fechando os olhos com o pêso da modorra,

---

[1] Carta a Pero de Carvalho.

evoco paisagens melhores, desde o Minho ao Algarve, e vejo então alguns recantos minhotos que mais me feriram a retina, vejo a soberba baía de Lagos, vejo os Cantaros da Estrela, tudo cenario para varias vibrações de artista. E aos poucos, até adormecer, tudo se esfuma e confunde, em vagas recordações que me trazem uma ou outra saudade diluída pelos anos.

«E aqui tem como o seu João de Ruão que eu tencionava ler, com vagar, logo á chegada, foi preterido, nem mais nem menos, pela Dame aux camélias que eu meti na mala por desfastio. A razão da prioridade imposta pela pobre traviata não na sei explicar; nunca me interessei pelos estudos do eu, do subconsciente e de outras coisas congeneres agora em moda, de maneira a explicar tal preterição. Satisfeitas, porem, as cócegas romanticas e enternecido pela bondade da pobre dama das camelias, li com atenção a sua separata que na apresentação agrada e dispõe-nos bem.

«Eu já ouvira ler o estudo, já o li em provas, mas a verd.e é que esse conhecim.to fôra, não direi incompleto mas um pouco ligeiro devido ás interrupções que os comentarios sugeriam e ás sugestões que pode-

riam rir de qualquer passo cujo sentido causasse diversa interpretação.

«Agora, porem, o trabalho está feito e o que está, está. Lê-se, pois, com outros olhos (como já me aconteceu com os Rumos) e de modo que a obra ganha muito. Fiquei satisfeito com a leitura e mais uma vêz me regozijei por ser um dos q. o animáram a escrever as impressões pessoais acerca de assuntos de Arte ainda em gestação; e mais uma vez verifiquei que a Historia da Arte não se faz só com Doutores embora de espirito arguto e de larga erudição. Para a resolução dos problemas é necessario um conjunto de elementos que se não substituem por simples vista apurada; e a sua intervenção nele, meu caro Alm.da, embora pése a muito boa gente, veio preencher uma lacuna que havia naquele tal conjunto.

«Não lhe dôam, pois, as mãos! Pratique com uma boa acção, paindo com a sua mercadoria; como dizia Alexandre Herculano, alguem lhe achará o preço. E como o Poeta seu amigo [1] também dipo: venham essas memorias de um ferreiro que m.to terão que contar.

---

[1] Afonso Lopes Vieira.

«E quem não quizer ler... que não leia.

«Pois m.to obrigado pela oferta do exemplar e se a exposição de ferros se realizar aqui[1] cá o espero para assistir ao triunfo. E sabe que tem de destinar uma tarde para este deserto: não o dispenso dum jantar pacato, como não pode deixar de ser neste lugar da Paz.

«Cumprimentos, etc.»

Paz: Mafra.

Julho: 23.

Só hoje reparei numa notícia q. vem no Primeiro de Janeiro de 11 do corrente e que me parece não vem nos jornais de Lisboa. Tão interessante me pareceu que a deixo aqui para me lembrar um dia em

Acampamento de alunos da Escola do Exército

Nas margens do Guadiana entre Serpa e Baleizão, está acampado um destacamento de alunos de todas as armas da Escola do Exército, dirigido por oficiais professores de táctica e estratégia.

O comando superior é formado por 35 oficiais sob as ordens do major sr. Supico.

Préviamente convidado, o sr. Bispo de Beja, esteve no acampamento e jantou ontem com os oficiais, e á tarde chegou ali o general sr. Freitas Soares, comandante da Escola do Exército, acompanhado de 20 oficiais que serão hospedes do Seminário de Beja.

As tropas bivacadas seguem hoje para Lisboa.

que me resolva a estudar, com bom humor as relações entre a Cruz e a Espada

---

[1] Referia-me a Lisboa.

que, como se vê, andam na melhor harmonia. O Seminario é já hospedaria para tropas.

E viva a Folia! como costumava dizer o velho António Augusto Gonçalves.

Paz: Mafra:
Julho: 24.

Nos jornais de Coimbra que hoje me chegáram aqui com atrazo, vem, de chapa, a nota oficiosa dada pela direcção de O Instituto a respeito da reunião da mesma na qual se tratou do novo presidente e do plano de trabalhos do prox.º ano escolar.

Nessa nota oficiosa diz-se que a colaboração da revista tem aumentado muito e a serie de conferencias culturais recomecará no prox.º ano «podendo já assegurar-se as conferencias do comand.te Alvaro Morna e do coronel Belis.º Pimenta.» E termina por anunciar a vinda de «individualidades estrang.as ilustres nas ciencias e nas letas» etc. etc.

Esta m.a anunciada conferencia será a comemorativa do centenario de Eça de Queiroz.

Mas tudo isto tem muita pilhéria! Se eu fosse a contar o que se passa nos bastidores!...

Este Instituto de Coimbra vale muito ao ribeiro... A História da instituição, nestes últimos anos seria coisa muito curiosa de contar. Eu é que não tenho paciencia para isso, mas a História não perderia com a narrativa.

Paz: Mafra:

Julho: 25

Há dias, inaugurou-se, no Porto, o Congresso Nacional do Apostolado da Oração que deve ser coisa de certa transcendencia. Nesse dia, que foi o de 11 de Julho, o cardeal Cerejeira deu entrada solene na cidade e foi recebido na Câmara Municipal com todas as honras. O Presidente, que é o professor Luís de Pina, católico muito graduado, deixou falar como era natural; era dessa fala recorto este passo:

> O sr. prof. dr. Luís de Pina, ao usar da palavra, e depois de, em nome da cidade do Pôrto, saudar o sr. Cardeal Patriarca e os Arcebispos e Bispos ali presentes, afirmou: — «Jubilosamente o burgo vos acolhe nestes Paços, casa que á Igreja pertence e que á Igreja voltará um dia, em digna e justa reversão, trinta anos esperada».

Ante-ontem notei aqui a boa harmonia reinante entre a Cruz e a Espada. Hoje noto a que reina entre o velho Burgo do Porto (quem Val diria!...) e a Igreja.

E com que confiança falam!

— x —

Um outro caso que notei em Mafra nas poucas conversas havidas e ouvidas: a reverberância que ficou da vinda a esta terra da ex-rainha D. Amélia.

Ainda ainda se vive muito das tradições monárquicas, e ainda há por cá alguns sebastianistas. De modo que a visita régia foi um enorme gaudio para a maior parte da gente.

O próprio presidente da Câmara, o capitão João Lopes que ao tempo da Monarquia era 1º. cabo na Escola Prática, parece ter ficado com todos os reis na barriga...

Enfim, foi um bródio aos olhos a q. Sua Majestade correspondia graciosam.te com um «até cerêve!...» significativo.

Paz: Mafra.

Julho: 27.

Os jornais anunciam clamorosam.te a vitória dos Trabalhistas em Inglaterra.

Foi, na verd.e, enorme vitória. Que resultado dará para a Europa e em especial para nós, essa reviravolta na política inglesa? Chegar-nos-há qualquer efeito?

Ela m.ta gente esperançada. No entretanto a vitória dos Trabalhistas sempre

representa uma vitoria do Colectivismo sobre o Individualismo — e isso trazer-nos-ha qualquer beneficio?

Não sei. Vamos a ver.

S. Julião da Barra: Feitoria do Colegio Militar.
Julho: 31.

Colhi aqui a curiosa versão das razões da vitoria eleitoral trabalhista em Inglaterra: foi o ditador russo Estaline que corrompeu o eleitorado inglês, que inundou de oiro os ~~[illegible]~~ classes trabalhadoras e daqui veiu o triunfo!

É claro que este ambiente da Feitoria é perfeitamente conservador, ultra-conservador, até. O proprio director do Colegio D. Luis da Costa de Sousa de Macedo diz mesmo que a guerra vai recomeçar agora...

Não admira, pois, que se dêem ao ditador russo as honras de cacique eleitoral na Inglaterra.

E são as senhoras quem mais animadamente espalha e fastima o estranho sucesso. Dá-me a impressão que obedecem a qualquer ordem ou indicação para insistirem no assunto.

Paz : Mafra :

Agosto : 6.

Continuam os jornais da Ordem e do Estabelecido a gritar que não ha novidade, que os trabalhistas ingleses são boas pessoas e que tudo continuará na mesma boa paz e rotina.

Porem, lá por fóra, não se diz o mesmo. Para amostra fica aqui uma copia de uma palestra do comentador da radio de Nova York a respeito da conferencia de Potsdam : « Finalmente, o melhor principio "enunciado no comunicado está no seu "completo apoio á liberd.e de imprensa, de "opinião, religião e das actividades dos sin- "dicatos operarios. Estes direitos são a pe- "dra angular da pratica democratica e o "melhor de todos os preságios p.a o Mundo "no periodo do após guerra. »

Isto deve soar mal aos ouvidos dos nossos homens da Ordem e do Estabeleci-do : liberd.e de imprensa, liberd.e de opi-nião, liberd.e de ~~opinião~~ religião e dos sin-dicatos operarios ! Que enormidades q. a censura deixou passar !

Estará a censura já demoralizada ? Estarão os nossos homens um pouco atarantados ?

Paz: Mafra:
Agosto: 11.

Nos jornais vem o discurso do presidente Truman, feito ao chegar á America. Diz certas coisas que me admira a censura não cortar. Até o retrato de Estaline já vem publicado!

Paz: Mafra.
Agosto 14.

O Santana Dionisio mandou-me o 3º vol.º do Guia de Portugal em que vêem os meus artigos acerca de Miranda do Corvo, da Pampilhosa da Serra e de Boiaho.

Porem, quanto a pagamento da colaboração, nada! Estranhei o silencio e o mais amavelmente possivel escrevi-lhe acerca do caso. Esquecimento? Terminava a carta com as desculpas do costume e a pregunta: «Estarei eu a ser in-"conveniente e a mostrar-me estupida-"mente interesseiro?»

Vamos a ver.

Paz: Mafra.
Agosto: 15.

No Primeiro de Janeiro de 8 deste mês vem um artigo do D. João de Castro com o titulo Um português de outrora no Brasil

no qual o autor se dignou fazer ligeirissima referencia ao meu trabalho sobre Matias de Albuquerque.

Esperava outra referencia, valha a verdade. Não se quiz retractar, como bom jornalista que é e deixou a simples referencia que fica no recorte ao lado.

E depois, serviu-lhe de pretexto João Fernandes Vieira a proposito do 3º centenario da acção de 3 de Agosto. Mas, enfim, poderia ser piór. E como não quiz mostrar qualquer despeito, escrevi-lhe uma pequena carta de vago agradecimento.

E pronto.

Quem era? Poucos ignorarão o seu nome: João Fernandes Vieira, o «Castrioto lusitano», conforme lhe chamaram. Nascido no Funchal 32 anos antes, êsse novo David levara para o Brasil, no alvor da adolescência, a fé e o espírito de aventura que na sua ilha natal tinham sabido conservar como herança de honra, desde o século XV, os descendentes dos primitivos donatários. Já residia em Pernambuco em 1630, quando os holandeses, expulsos 5 anos antes da Baía, tinham tentado e conseguido invadir, com grandes fôrças de terra e mar, a florescente província. Mocinho, com 17 anos apenas, apresentou-se então a Matias de Albuquerque, alistando-se, por sua ordem, na «bandeira da Nobreza»; e foi êle verosimilmente, um dos que constituiram aquelas «escassas dezenas de companheiros» que (como refere o ilustre escritor militar, sr. coronel Belisário Pimenta, em um dos seus preciosos trabalhos sôbre o vencedor d Montijo) o grande general português encontrou junto de si na hora extrêma do perigo.

×

Hoje chegou-me um convite d'O Instituto de Coimbra, assinado pelo dr. Anselmo Ferraz de Carvº para eu falar em uma sessão de homenagem que a instituição quer fazer á memoria de Antonio Augusto Gonçalves, em Novembro proxº

Porque é que O Instituto vai promover tal homenagem? O dr. Ferraz de Carvalho será sincero; mas os outros directores o que pensarão?

Paz: Mafra.
Agosto: 16.

Mandei hoje ofício para O Instituto de Coimbra com os meus agradecimentos pela cortesia e com a afirmação de que aceitava o encargo. E pedia certas informações a respeito do tempo concedido para falar e a respeito dos aspectos pelos quais seria encarado o homenageado e a sua acção em Coimbra.

Paz: Mafra
Agosto: 30.

Há vai uma grande carta para o Lourenço Chaves Almeida. E como relata muitas coisas da vida, aí fica na íntegra para compensar estes largos intervalos em que nada escrevo.

«... Muito obrigado pelos seus cuidados. Felizmente ou infelizmente «cá eu "vivo e pão pau» como diria o velho e bom Fernão Lopes. Voltei da Feitoria satisfeito com aquele sossêgo de praia recatada, en-

colhida á sombra da soturna fortaleza de S. Julião da Barra, de bem tristes tradições, e retemperado com o bom ar do mar que ali aparece sem violencias.

«Enquanto por lá andei [1], acompanhado da neta, não pensei no que se passava pelo mundo, ainda cheio da fumarada e da sangueira da guerra; ficava-me a olhar para a torre do Bugio, muito senhora de si, como porteira de palacio provinciano — e lembrava que homens de letras, por crimes de pensamento ali penáram, assim como nas visinhas casamatas da fortaleza. Coisas que acontecem a quem pensa pela sua cabeça...

«Ora antes de ir adeante em divagações, vou dar-lhe uma bela noticia que por ora será conveniente, talvez, não divulgar muito: na vespera de ir para a Feitoria recebi um oficio d'O Instituto de Coimbra convidando-me para usar da palavra numa sessão que vai promover em Novembro prox.º, de homenagem ao nosso Ant.º Augusto Gonçalves. Fiquei um pouco admirado mas respondi logo aceitando. E' possivel que calcule as razões da sessão; lá conversarêmos a esse res-

---

[1] De 29-Julho a 1-Agosto

peitô — mas oxalá o dr. Anselmo Ferraz de Carv.º, agora Presidente, não apanhe alguma rasteira que o obrigue a adiar sine die a homenagem.

«Vamos a ver.

«Falarão tambem o Costa Rodrigues, o Aarão de Lacerda e possivelmente o Costa Mota sobrinho.

«Recebi o original que me mandou descrevendo o sonho que teve, acordado, em Cantanhede; ainda é, meu caro Amigo, uma das melhores consolações da vida: sonhar acordado! E mal de quem não sonha! E é interessante que o seu foi dominado pelos tumulos alcobacenses — justa obcecação de artista. Tambem eu sei o que isso é; cada qual faz (como creio ter lido em Anatole France) o sonho da sua vida conforme o seu temperam.to e as suas tendencias.(1) E achei realmente curioso que fosse a essa vila da Bairrada ver a origem das grandes obras de arte de Alcobaça. E realmente assim seria; ali se procurou legalizar a união dos dois amantes — e dessa legalização veiu o direito aos moimentos reais. Muito obrigado pela copia que apreciei e guardarei.

---

(1) Le crime de Sylvestre Bonnard, pag. 37

«Sabe bem escrever ao sabor da fan-
tasia. Eu, muitas vêzes sinto tentações
de me pôr a rabiscar coisas, a deixar lar-
gos vôos de imaginação no papel, a con-
tar pânicos que me passaram pelo cere-
bro... Mas, ao mesmo tempo, se levo a
mão à cabeça, sinto que estou quasi calvo,
lembro-me de que vou a cair para a me-
diocridade e de que, quem sabe? poder-se-ia
no futuro tomar tudo isso como sintoma
de senilidade. Quero crer, porem, que se
tiverem estupidam.te eu viver, e quando
completar estes estudos que agora me pre-
ocupam, me lançarei, também, a orga-
nizar <u>memorias</u> — não porque a minha
personalid.e valha esse trabalho mas porq.
passei por muita coisa que outros não pu-
deram e porque não será mau conhecerem-
se algumas ideias que me teem guiado.

«Enfim, haja saude! como diz o po-
vo. Aqui estarei ainda mais algum tem-
po, talvez o mês de Setembro, se a terrí-
vel falta de agua nos não obrigar a sair
mais cêdo. Irei ainda uns dias a Lis-
boa e depois regressarei a casa onde te-
nho que resolver problemas e preparar
definitivamente a conferencia pelo centená-
rio do Eça de Queiroz e a outra de home-
nagem ao nosso Gonçalves.

1461

« Esta ultima, então, dá-me enorme contentamento e, francam.te, pena vaidade, certo orgulho. Oxalá eu consiga pôr-me bem. Lá irei mostrar-lhe o plano e ouvir-lhe qualquer sugestão.

« Tenho visto os seus artigos no Despertar. Achei muito bem que encorajasse o João Machado; o rapaz é serio, não tem embrófias e procura aperfeiçoar-se. É justo que se lhe dê um encontrão animador. Eu mandei-lhe um bilhete, com parabens pelo altar de Cantanhede q. não cheguei a ver completo.

« A visita do actual general á sua oficina, como me anuncia, não honrará nem da a oficina nem o artista. Sua Ex.ª é uma besta chapada, salvo o devido respeito pelas estrelas...[1] Mas nada de má lingua e de infracção de regulamentos...

« Até lá, a essa Torim-Tebáida. Com mt.os cumprimentos, até. »

Paz: Mafra.

Agosto: 30.

Os jornais trazem hoje a noticia da escolha de reais coronéis para brigadeiros. Oh Supremo Arquitecto!... Como eu estou

---

[1] Era o Nogueira Soares.

vingado! e bem vingado! Haverá, realmente carencia de homens ou só se escolhem p.ª o generalato creaturas servis, canastrões que fazem o que lhe mandam e para pouco mais servem?

Creio que estou bem vingado... Que nulidades! que nulidades!

Para que gastar mais tinta?

Paz: Mafra:

Setembro: 7.

O Mario Mendóça Frazão que eu tive como alferes em Inf.ª 7 escreveu-me uma carta curiosa com a historia da sua exclusão do curso do Estado-maior. A carta merecia uma resposta, pois o rapaz, desde Leiria, ficou-me dedicado e conta-me sempre a sua vida.

Eis a resposta que é bem merecida e reflecte bastante a m.ª maneira de ver a respeito do Estado-maior entre nós:

«... Creia que apreciei muito a sua carta não só pela prova de amizade como tambem pelo desabafo que quiz ter com um velho comandante.

«O que me conta, se bem que estranho, não me admirou. Como tenho visto muita coisa, já não corro a foguetes, co-

mo diz o Povo. Mas o seu caso interessou-me sinceram.te pois me habituei a conside-ra-lo, tal como o conheci no 1º, oficial com qualidades apreciaveis ainda não desenvolvidas, evidentemente, porque era no-vo e chegava das Escolas, mas já reveladoras de capacidade futura.

«Os <u>nuestros</u> entenderam que não era tanto assim e na sua alta sabedoria Veriam entendido bem e eu, sobre disto medido ao canto, ter-me-ia espantado co-mo, aliás, tanta vez me tem acontecido.

«Afinal, tudo isso que lhe aconteceu e que me conta com tanta singeleza, veem eu grande parte do conceito q. entre nós existe do que deve ser o Estado-maior. Como estou aqui, longe das m.as notas, não cito certas afirmações que terei arquivadas, de certo, em Coimbra; mas o conhecimento que tenho do caso, embora superficial, diz-me que o conceito que se tem do Est. Maior é o de um grupo de escol, um conjunto de super-homens, omniscientes, para quem a simples conclusão do curso dá direitos de superiorid.e completa e indiscutivel so-bre todo o resto da oficialid.e portuguesa. As palmas ou cordões são como em Coim-bra o capelo e a borla doutorais: <u>noli me tangere</u>, a Sabedoria sou eu!

«O programa do curso assim o quér dizer. E o que é que se vê lá por fóra? Creio que coisa bem diferente... O Estado Maior não é omnisciente: é um serviço do exercito como outro qualquer, por sinal que obscuro, quasi anonimo, sem pregões de fama eterna; trabalha no seu trabalho e não se sobrepõe ao trabalho dos outros. E se atentarmos bem no que se vê lá por fóra, não se exige ao Est. Maior a faisca do Génio, o quid divinum que ainda as nossas escolas superiores militares parecem exigir aos seus alunos. Ainda perdura a teoria das reflexas, tal como na canção popular minhota

«Tenho catarro nas unhas
E reflexas nas orelhas...»

«Eu ouvi por lá muito disso e de mim para mim ria-me com vontade.

«Ora isto levar-me-ia m.to longe embora me podesse tornar suspeito por ser, até certo ponto, vitima do Est.º Maior que me consideram incompetente para brigadeiro. Mas a verd.e é que domina ainda muito a opinião pessoal e o criterio de escolha está, infelizmente, muito longe de ser elevado, de ser isento de preconceitos e de certos vicios mentais que nos dominam até agora, de se sentir livre da

obscuridade nas ideias e da vacuidade das construções a que se poderão dar o nome de romanticas, á falta de outro termo qualquer.

«Aqui vem, meu caro Frazão, algumas rapidas considerações q. segunda leitura da sua carta me suscitou; neste passeio da aldeia e em dia de calor soturno como hoje, era capaz, sobre este têma, de encher folhas e folhas de papel... E Valver que as enchesse com mais alguma coisa q. não fosse só verbalismo sem consistencia. O meu Am.º tem a consciencia tranquila e deve ter, tambem, direito de modestia e lucidez, a consciencia do que vale. Já não é garotinho de 16 anos que sonha com grandezas astrais e a experiencia de alguns anos, embora ainda pequena, deve dar-lhe um pouco da medida necessaria para se avaliar.

«O seu aparente acanhamento não me parecia ser falta de resolução mas talvez tendencia para reflexão e ponderação que julgo serem qualidades necessarias para um oficial do Est.º Maior; e esse caso do comboio que os mestres arvoraram em test é bem caracteristico da mentalidade dirigente no nosso exercito. Talvez eu esteja em erro. Aqui, neste isolamen

1465

lá, pode ser que o mundo seja visto por prisma errado.

«Não vá abaixo com isso, meu caro Frazão; mantenha o seu optimismo habitual e, pela vida fóra, procure mostrar q. vale tanto ou mais que os mestres que o quizeram desclassificar duma carreira que verdadeiram.te não goza entre nós e com alguma razão de classificação muito alta.

«Os nossos cumprimentos, etc.

Paz. Mafra

Outubro: 9

Um mês inteiro, aqui, sem qualquer pretexto para notas. Apenas a venda de uns milheiros de achas de pinho e o concerto dum muro de vedação duma fazenda. A materialidade da vida.

Ora hoje escrevi uma carta ao Tomás da Fonseca, pedindo notícias e dando notícias. E li com atenção os jornais de ontem e anteontem, cheios dos triunfos políticos do grande homem que nos governa e nos vai ensinando a viver.

Anteontem foi o caso de Timor que em nota oficiosa se tentou explicar para os parvos; ontem foi o grande discurso em q.o Homem explica a sua atitude política.

São dois reconhecimentos á Monarquia e perfeitos; só a Companhia de Jesus faria duas obras assim. Por curiosidade, não resisto á tentação de deixar aqui uns trocadinhos de oiro.

A propósito dos princípios fundamentais da organização constitucional e social têm este arrojo:

«Nisto mostramos disposição de animo mais resoluta e liberal q. a maior parte dos nossos democratas, acerca dos quais podemos com afoiteza assegurar ficarem m.to aquem de nós em confiança nas urnas acerca da definição de um problema politico fundamental.»

Mais adeante, a respeito da oposição que reuté no País, aconselha com magnanimidade já que a falta de liberd.e de expressão do pensamento não deixa fazer juizos:

«Aos que não poderam ainda fazer-nos justiça, nem ás intenções nem aos actos, eu aconselharia se regozijem ao menos com os resultados e deixem á Historia o julgamento definitivo.»

Depois, entrando no problema das próximas eleições, acha bem que apareçam opositores e afirma com finura jesuítica:

«É porque somos de opinião de que se não pode governar contra a vontade persistente de um povo, este dirá se deve mudar-se de sistema.»

Que velhaco! É por isso que vai haver liberd.e de apresentação de candidaturas como se vai ver:

«... e se as pessoas apresentadas ao sufragio, pelo facto de representarem altos valores morais e morais ou constituirem mesmo verdadeiras autoridades sociais que vão lamentavelmente vão desaparecendo no nosso tempo e na nossa terra, forem superiores aos candidatos da União Nacional será até vantajoso que a Nação os prefira. Fará apenas uma restrição — é que se disfarcem do seu facciosismo, se o têm; do seu espirito de partido, se o conservam; das suas ideias feitas, porque nada disso interessa ao País, ao melhor, ao País interessa decisivamente que nada disso ressuscite.»

É claro ou mais claro que a agua. Lembra-me aquele dito dum Zé Manuel duma cêna comica de m.ª infancia que dizia para o pái que se opunha ao casamento:

— Eu caso com quem Vocemecê quizer contanto que seja com a Margarida.

Estamos aqui na mesma. E como se podesse julgar, por algum momento, que iria renunciar ao poder, declara com desvanecimento perante a inveja dos países estrangeiros:

«E tudo nos conduz á mesma conclusão — esgotar, se é possivel, toda a potencialidade duma situação mais fiel da e racional que os povos, retalhados na sua carne e divididos no seu espirito, nos invejam e nós — vão cegos ou vão desventurados! — não sabemos, por vezes, apreciar.»

E quasi no fim, como afirmação dos principios:

«É um dos principios do regime que fielmente adopto e sigo, não haver nunca razão contra o Chefe do Estado, o que significa virem os problemas politicos só um arbitro supremo a cuja decisão esclareci-

da, todas as forças ~~[illegible]~~ obedeceu.»

Mas... para que estou eu aqui a gastar tinta e tempo? O discurso é, no entanto, um monumento de valor para se julgar o homem e o regime. Mas vem nos jornais e é escusado mais retalhos. Estás bastante fiel triste recordação.

Paz. Mafra.

Outubro: 14.

Recebi, ontem, um telegrama que dizia assim: «Grupo amigos roga V. fazer chamada telefónica hoje para o 2232 Coimbra até às 20 horas (a) Ferreira da Costa.»

Muito deliberadamente, não fui à vila fazer a chamada. Hoje, às 10 h. e 30 m. recebi outro telegrama: «Confirmo telegrama de ontem (a) Ferreira da Costa.»

Pausadamente escrevi uma carta ao dr. Ferreira da Costa, médico, em que me desculpava com a distância a que estou e com incómodos de saúde. E acrescentava que, calculando os motivos dos telegramas, entendia que o momento político é para os novos e não para velhos «cansados e céticos aos quais se poderá dar o nome de jarrões...» e concluía: «não

quarenta anos de experiencia que me fazem falar assim.» E com agradecimentos fechava amavelmente a epistola.

Trata-se, com certeza de eleições. Não estou disposto a mais desilusões. Alem disso não acredito na seriedade do governo. A afreposada liberd.e das urnas deve ser a maneira de descubrir onde estão os inimigos nos, ao mesmo tempo, com meios de os atacar ou inutilizar o seu valor. Com a Companhia de Jesus não ha que fiar e a luta, nas actuais circunstancias, é, nem pode deixar de ser, m.to desigual.

Toda esta afreposada liberd.e deve ser mascara — e das finas.

Vamos a ver.

Paz: Mafra.

Outubro: 15

Afinal, aqui, neste deserto, ignorava o que vai por esses arraiais politicos. Ontem, fui á vila e lá me informaram da quasi reviravolta que se deu com o caso das eleições proximas.

Ha, na verd.e, por todo o país um entusiasmo curioso com que os divadores não contariam. Mas de que serve esse entusiasmo? Estarão convencidos de que o Salazar deixe cair das mãos o mando supre-

rio? Será para o pôr entre a espada e a parede e deixá-lo mal colocado perante o extranjeiro se não ceder, ele que está dando toda a força á fingida mascarada liberal?

Não creio que ele ceda e esta agitação vai por mais um desastre. Bem se importa o extranjeiro com o que por cá vai se for de comer à vontade e sem incomodos? Dizem-me que a emissora de Moscou ás vezes larga a sua ameaça aos ditadores portugueses; mas eu não ouvi e nem sempre acredito nesse genero de informações.

Emfim, o que fôr poderá. Mas não poderá coisa boa.

Paz: Mafra:
Outubro: 16.

Deu-se o que eu não esperava nem desejava. Ontem, em Coimbra, houve reunião publica no Teatro Avenida, perante enorme multidão que, em parte, teve que ficar cá fóra por não caber na sala.

Dessa reunião a que presidiu o dr. Arnaldo Ferraz de Carv.º saiu eleita, por aclamação, uma comissão executiva composta por certo numero de individuos cujos nomes os jornais indicam e á frente dos quais vem o meu. São eles: o advogado Neves Rodrigues, o professor dr. Alberto Mar-

tins de Carvalho, o dr. Dinis Jacinto, creio que professor de ensino livre; o Basto de Campos, dono dum colegio; o contabilista Silvio Sêco e dois individuos que não conheço Gil Roque e Luciano Marques dos Santos provavelmente operarios.

Não gostei da noticia. Parece-me que eu deveria ter autorizado primeiro a inclusão do meu nome. Deveria ser por isto q. o dr. Ferreira da Costa queria falar comigo telefonicamente. Mas que diabo! não se lança assim um nome com consentimento devido.

Enfim. Continúo na disposição de reagir. Não tenho já ilusões. Por carta do Armando Macedo sei que o meu nome tem sido muito lembrado nas conversações realizadas ultimamente. Mas... quarenta anos de existencia não me tentam agora a recomeçar — de mais a mais quasi nelho.

Paz: Mafra.
Outubro: 17

Escrevi ao Armando Macedo, em resposta a uma carta dele na qual me falava nas eleições proximas e no caso do meu nome ser falado p.ª comissões de propaganda, de organização e mais não sei quê.

Deixo aqui apenas extracto, o relativo ao assunto q. agora preocupa.

« O que haverá? o que não haverá? pensava eu, longe como estou, quando na vila me caiu nas mãos o relato do que se passou no Centro Almirante Reis em 8 de Outubro. Compreendi então: nesse dia, já tarde, recebi um telegrama [....] e escrevi uma carta lembrando que neste momento o que se quer é energia, decisão, sangue quente — e que os cansados e cépticos como eu não apenas jarrões com algumas tendencias p.e conselheiro Acacio...

« Esta é a verdade, meu caro Macedo: os contemplativos só servem p.a olhar para os astros e não servem para ver o que se passa na terra; e quando se dá a circunstancia de olharem p.a a terra, não agradam muito aos outros.

« A carta foi no Domingo; não tive mais noticias. Outrem, nos jornais, vejo o meu nome á frente duma comissão executiva sem que eu tivesse autorizado ou, pelo menos, recebido simples consulta. Confesso-lhe francamente e aqui para nós, q. não gostei.

« A maior lição, foram, creio do facto de se utilizarem jarrões — e esses mesmos, segundo me parece, um pouco ad hoc, sem grande coesão com os elementos novos aliás valiosos.

« Depois, chegou a tua carta : o meu no
me era indispensavel para conseguir que
tudo corra com ordem e disciplina, etc. Ve-
jo por isto que tambem fui caiste em achar
bem o emprego dos « conselheiros Acacios... »
Hoje, foram, os jornais da a noticia que eu
sempre esperei, da recusa do ex.mo Gover-
no ao pedido dos comissionados do Teatro
Almiranté Reis. Era de esperar. E agora,
meu caro, não será ocasião de pensar se
tudo isto não será manobra da Companhia
de Jesus para experimentar o inimigo, uma
tactica que se usa m.to na guerra quando se
não conhece bem a força do adversario ?

« E' certo que a simples amostra daria
algum auxilio — mas a subtil habilidade
da Companhia saberá triunfar. O meu
cançasso e o ceticismo dos 66 anos é o
que, infelizmente, me negadam á boa paz.
~~Talvez~~ Pode ser que este isolamento me não
deixe bem ver o que se passa. E antes as
ilusões reja. »

Paz : Mafra.
Outubro : 18

Parece-me que continúo com razão.
Os jornais de hoje trazem nota oficiosa
do Ministr.º da Guerra, acerca dos oficiais
que apareceram nas reuniões eleitorais

oposicionistas; e trazem a notícia de que o presidente Carmona recebeu os comissionados do Centro Almirante Reis, que os tratou m.to bem mas disse-lhes que se não queria meter no assunto...

A representação foi lida pelo Lima Alves; está bem feita e tem que se lhe diga. Realmente o Governo está apertado entre a condescendencia que o pode perder e a violencia para terminar com a agitação — e será, com certeza, por este caminho que ele vai seguir. Bem podia deixar de ser.

Mete-se na cabeça de alguem que o Sá Cazar larga isto? O Botelho Moniz, disse em Fafe, anteontem, que já estava a perder a paciencia... Deve estar.

Lá veremos em breve as consequencias dessa paciencia perdida.

A nota oficiosa a q. acima me refiro é, como não podia deixar de ser, ameaçadora e insolente. E' ler os jornais e não se fiar no meu criterio de inconformista.

Paz: Mafra.
Outubro: 21.

Hoje, na vila, um grupo de oposicionistas que vai celebrar na próx.ª 4ª-feira, 24, uma reunião de propaganda, convidou-me, com certa solemidade, para eu presi-

dir á mesma. Fiquei aborrecido com o gesto, feito de surpresa, talvez mais que o grupo era formado por gente estimável e boa. Recusei-me conforme pude, mas vi nas expressões um ar de dúvida que me incomodou. Ficaram a pensar em que eu teria medo ou estaria a caminho de conversão.

Ao mesmo tempo vim de mal comigo mesmo: porque não disse que sim?

Mas... eu não quero aparecer, não quero que se lembrem de mim! Eu queria desaparecer de ser e apenas observar de casa os sucessos sem que alguem suspeitasse da minha existencia.

De onde virá este meu desejo de esquecimento? Será das desilusões, do cansaço, do ceticismo? Talvez tudo junto e ainda da impressão de que os homens, em grande percentagem, não são bons e de que é excusado o meu esforço no meio deles.

Ha quarenta anos que me movimento por entre casos destes: parece, parem, que só recentemente reconheço que não sou feito para essa movimentação.

Chegou tarde o reconhecimento, mas conforme a sabedoria popular, mais vale tarde do que nunca.

Paz : Mafra :

Outubro : 24

Ainda as eleições ! E naturalmente continuarão a dar que falar.

Escrevi hoje ao advogado Neves Rodrigues, em resposta a carta dele, muito amavel e correcta. Entre outras coisas dizia-lhe:

«... a indicação do meu nome, embora com a melhor das intenções, deve ter vindo de alguem que me não conhece bem, especialmente no estado actual de cançasso e ceptisismo. E' que eu estou já fóra de toda a actividade politica e poderei dizer que até fóra de moda ... E este estado de espirito deve ser pouco favoravel para campanha que necessita actividade e optimismo. Mas, enfim, lá exporei as minhas razões, etc. etc. »

Quando voltar fr. Coimbra descantarei-ei o mais honradamente possivel.

Escrevi tambem ao dr. Ferreira da Costa, agradecendo uma carta que ele me mandou ; dizia-lhe, como ao Neves Rodrigues, que no meu regresso exporia as minhas razões e que o meu nome fôra mto mal escolhido, etc. etc.

Paz : Mafra :

Outubro : 27.

Os jornais de hoje trazem extractos do discurso de Bevin, ministro inglês, na Camara das Comunas. Falou claro e com inteligencia. Entre outras coisas disse o que aí deixo, em recorte que parece caracteriza para nós portugueses:

Depois disse: «Desejo que existam na Europa Parlamentos semelhantes a este, onde se possa discutir livremente qualquer problema, principalmente nos países da Europa (aplausos). Há duas espécies de fome na Europa de hoje: a fome fisica e a fome espiritual. Eu, ás vezes, penso que uma certa ocultação de luzes sôbre a Europa está criando uma grande fome espiritual, mais devastadora ainda do que a fome fisica. Se os outros países tivessem Parlamentos livres e o povo pudesse manifestar-se livremente, teriamos muito maiores facilidades em construir no futuro um Mundo melhor.

Está tudo muito bem; mas ao mesmo tempo que disse isto não protejeu o amigo Salazar. Pelo menos, assim parece. Bevin, mais adeante disse:

«Os países que estiveram sujeitos a ditaduras durante vinte anos, perderam o pendido das responsabilidades e a faculd.e de tomarem decisões.»

Realmente assim deve ser, mas em Portugal o caso é diferente. Deixassem o País manifestar a opinião, fizer aparecer gente capaz de tomar responsabilidades.

Mas, enfim, a comedia continua e continuará.

Lisboa.

Novembro: 3

Fui hoje apresentado no Chiado, á esquina da Livraria Sá da Costa, pelo Pintor Guilherme Filipe, ao muito ilustre Rocha Martins e ao coronel Lelo Portela. Apresentações de acaso, é claro.

Verifiquei pela conversa que se seguiu que as hostes liberais andam entusiasmadas e convencidas de vitoria sobre o Governo. Oxalá assim seja.

Mas eu não creio. Continúo céptico e acreditando em que o Governo ou, antes, o Salazar, continua empedernido, sem ver o que vai pelo mundo e convencido de que poderá manter-se assim, em ditadura, numa Europa cabida pelo renascimento da Democracia.

Os dois jornalistas não me convenceram; eu continúo a frequentar o que é que o Salazar pensará? Que intenções secretas e tenebrosas haverá por detraz do seu silencio, enquanto os satélites se esbofam em proclamar a grandeza da sua obra? E o que sairá de tudo isto?

Eu continuo na minha: ando a Companhia de Jesus trabalha, dificilmente se reage e se combate.

Em todo o caso... vamos a ver!

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Lisboa:

Novembro: 8

Ontem, gente que se julga bem informada, dizia que o Supremo Tribunal Administrativo daria razão ao recurso apresentado sobre eleições e que estas seriam suspensas; acrescentava-se que esta solução era a unica que, por agora, resolveria o bêco sem saída em que o Governo se metêu; que seria excelente pretexto para apregoar no estrangeiro a soberania da Lei e a submissão do Governo á mesma Lei; q. o tempo ajudaria a resolver o problema com todos os maleficios que a Companhia de Jesus usa para dissolver...

E' possivel. E mais uma vez a Democracia ha-de ser comida e subjugada sob os auspicios da grande democracia inglesa que proteje a mentira portuguesa.

Hoje, os jornais trazem uma carta do cardeal Cerejeira acerca dos deveres dos catolicos perante as eleições. Que linguagem! Já não é a meliflua linguagem usada em documentos congeneres; deu-me a impressão dum toque guerreiro, dum toque a reunir para os catolicos se oporem em massa, em nome dos sagrados interesses da Igreja, ao avanço da Democracia. Assim mesmo, claro e alto.

É bom lipar este documento com o que se está passando no País. Sempre receiosos — os cavalheiros.

Lisboa

Novembro: 9.

Hoje ouvi a opinião de certo sector católico a respeito da carta do Cerejeiro a respeito de eleições.

Há indignação. Não gostaram. Dizem que o cardeal se não deveria meter no assunto, etc. etc. Eu estranhei a reacção pois sempre julguei que os católicos fossem mais reverentes e disciplinados.

Lisboa.

Novembro: 18.

Entre as cartas atrasadas que hoje me chegaram de Coimbra, havia uma com um convite do inspector escolar Armando Silva, de Vila-Nova de Miranda do C.º, para eu presidir à sessão de propaganda oposicionista na vila.

Depois de Mafra, Miranda do Corvo... Não há dúvida de que venho a minha reputação feita...

É ainda bem que o convite chegou agora; evitei uma recusa que me custaria muito como em Mafra.

Coimbra:

Novembro: 28.

De volta a Coimbra, apressei-me a resolver a m.ª situação perante a comissão de propaganda oposicionista. E assim, ontem, assisti, em casa do advogado Neves Rodrigues, á Cumeada, á sessão da comissão distrital do Movimento de Unidade Democratica abreviadamente chamado M.U.D.

Vim de lá um tanto ou quanto assarapantado... Eu já tinha pensado que essa unidade não seria perfeita; mas não calculei que, aqui, ela fosse tão falsa. Pobres Portugueses! Parece que só se unem para o mal; parece que só para o absolutismo são capazes de manterem certa união.

Depois dos cumprimentos e de apresentar as m.as desculpas e agradecimentos, a sessão continuou com a exposição que o licenciado Diniz Jacinto fez da sua missão a Lisboa p.ª assistir a uma grande reunião de delegados do M.U.D. de todo o País.

E aqui começou um dize-tu, direi-eu entre o dr. Jacinto e o advogado Neves Rodrigues. Este queixava-se de menos atenção daquele para com a comissão que, aliás, se não queixou; declarou-se melindrado (o Português é melindroso como uma açucena!) por não sei que atitude

do outro. O Diniz Jacinto explicou, com a aparencia de melhor Boa fé a sua atitude e a missão; e confesso que gostei da maneira como ele expoz o assunto. Mas os ares turvaram-se ... e eu pensei em intervir. A certa altura, o dr. Alberto Martins de Carvalho pretendeu lançar agua na fervura e apaziguar os animos; mas os resultados foram poucos. A atmosfera estava carregada com fumo de cigarros e com a má vontade dos outros membros da comissão para com a casmurrice do Neves Rodrigues. Esta má vontade era visivel. O comerciante Silvio Seco manifestou-se com ar aborrecido; o operario Gil Roque teve varios encolhares de ombros; e o dr. Martins de Carv.º estava em brasas, não só pelo seu temperam.to calmo e tolerante mas tambem, possivelmente, por calcular o efeito que tal espectaculo exerceria sobre mim, chegado de novo e cheio de duvidas.

E de feito, o espectaculo que aliás me não admirou, arrefeceu uns restos de boa vontade q.e eu tinha. Que desgraça a nossa que nos leve sempre a encontrar pretextos de questões e questiuncolas, nos momentos mais solenes e perigosos! Que se pode fazer com tal gente que não ante-

põe aos interesses das Ideias ou dos Princi-
pios pequeninos melindres pessoais, fi-
lhos da vaidade, da inveja, do Diabo que os
carregue a todos?

Saímos de lá, já passava da meia noi-
te, sem nada resolvido. Cá fóra, o ar fres-
co e com certa humidade, refrescou os
pulmões. O dr. Martins de Carvalho seguiu
para o lado dos Olivais e eu segui para
casa acompanhado pelo dr. Diniz Jacinto,
Silvio Sêco, Baeta de Campos e Gil Roque.
Durante uns passos, viémos calados como
se cada um tivesse a consciencia da falta
de exito do movimento oposicionista; eu
é que rompi o silencio com esta observa-
ção que poderia ser roubada ao Conselhei-
ro Acacio mas que vinha a calhar:

— O Português não está bem sem dis-
cutir e questionar...

E fazendo ligeira paragem apesar do
frio, concluí:

— Ha mais de 40 anos que ando me-
tido em andanças semelhantes... Pois
meus Senhores: nunca vi outra coisa
senão isto...

Ficáram todos a olhar para o chão. Eu
recomecei a andar; e até á rua de Ale-
xandre Herculano não se falou mais no
assunto.

Coimbra.

Dezembro: 7

O editor d'O Tripeiro voltou á carga... Amavelmente insiste pela colaboração pro metida. Não é só ter o nome na lista dos colaboradores...

Eu bem sei que não é. Lá escrevi novamente com desculpas e promessas.

E serei capaz de cumprir?

Coimbra.

Dezembro: 8.

O Carlos Lemos ofereceu-me o seu ultimo volume de nome Torturadas. Ele é sempre tão amavel comigo que tive de lhe dizer qualquer coisa que não fosse só o vulgar "muito obrigado".

Escrevi-lhe, pois, e amavelmente o crítico disse-lhe, depois dos agradecimentos e das desculpas pela demora do mesmo:

«... Eu não sou crítico; apenas sei dar a impressão q. me causa qualquer leitura. Só assim me atrevo a dizer que a novela é na sua aparente simplesa, obra de curiosa observação, escrita com tenêza de prosa q. se torna atraente sem as complicações que muitas vezes abafam o assunto. O entrecho, mais do que simples mas a que

INSTITUTO DE COIMBRA
Academia Científica e Literária
FUNDADA EM 1852

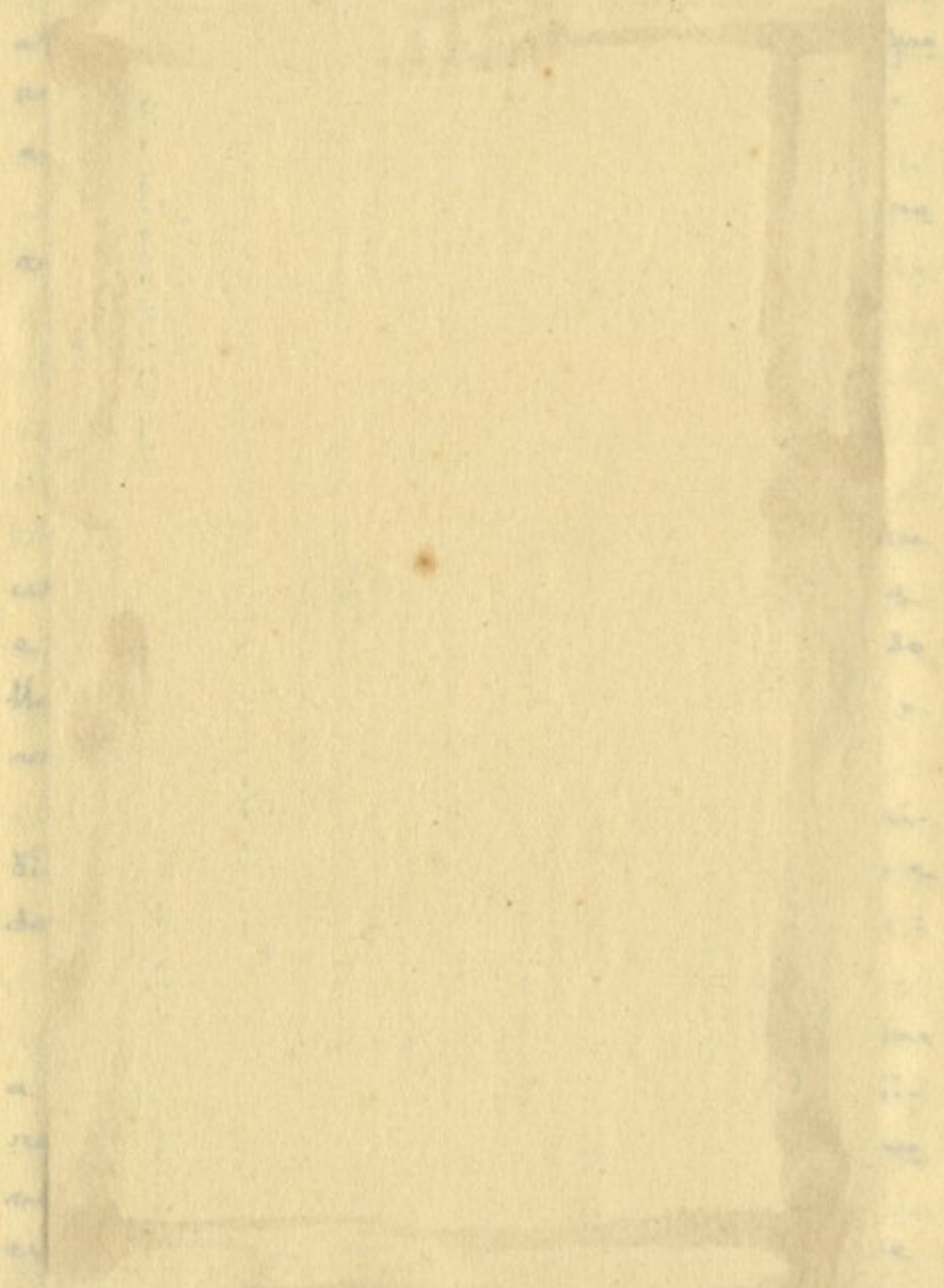
Ex.mo Senhor

Tenho a honra de convidar V. Ex.a e sua Ex.ma família para assistir à conferência, que o Ex.mo senhor Coronel Belisário Pimenta, realizará a convite do Instituto de Coimbra, para comemorar o 1.º Centenário do nascimento de Fça de Queiroz, no dia 14 dêste mês, às 21,30 horas, na sala Carlos Ribeiro do Museu Geológico, e subordinada ao tema:

"Eça de Queiroz (alguns aspectos militares na sua obra)"

Coimbra, 12 de Dezembro de 1945

O Presidente
Anselmo Ferraz de Carvalho



V... deu tonalidades vivas, cambiou um problema afinal bem complexo. Do meu ponto de vista, pois: consegui assim com forma lapidar, focar num aspecto bem preciso da vida. » Etc. etc.

Coimbra

Dezembro: 15.

Fiz ontem, finalmente, no Instituto a 1ª conferencia sobre o Eça de Queiroz. A assistencia era variada mas havia falta de capelos e de tropas. Compareceram os amigos e certo numero de comerciantes, estudantes e operarios levados, de certo, por simples curiosidade.

As autoridades civis, eclesiasticas e militares que, em regra, comparecem ás conferencias d'O Instituto não apareceram. Apenas o general se fez representar pelo ajudante Sacadura, creio que capitão de artelharia.

Os jornais que hoje noticiam o acto dão o relato já feito de ante-mão, como julgo que sempre acontece aqueles com quem a imprensa não simpatiza. Os ilustres jornalistas limitam-se á resta oficiosa mandada pela direcção da casa (que neste caso é a pedido do dr. Gumersindo Costa Lobo foi feita por mim) e pouco mais.

A eterna comedia!...

E o que irá dizer p.ª o Quartel General o ajudante Sacadura que é dos intransigentes apostolicos — embora, no final, me dissésse muitas coisas amaveis?

Esperêmos.

Coimbra:

Dezembro: 16

Não tive m.to que esperar. Hoje de manhã recebi do Quartel-general uma nota assinada pelo Ant.º Henriques da Silva, chefe do E. M., com o pedido de um exemplar da conferencia.

O que quererá isto dizer?

Amabilid.e não é, evidentemente. E curiosid.e literaria do general tambem não porque sua ex.ª é uma bestinha regular. Alem disso, é natural que se saiba q. não é dum dia para o outro que se imprime uma conferencia e a nota péde um exemplar, segundo parece, impresso.

Logo... Não sei se pense que o ajudante pintaria o meu trabalho como diatribe contra o exercito; e possivelmente como carapuça contra a situação politica actual. E com a amabilid.e da solicitação de um exemplar, o general e o chefe do E. M. ficariam sabendo o que eu disse...

Quero crer, até, que o exemplar solicitado seja manuscrito. Mas eu faço-me desentendido.

Amanhã responderei.

E p.ª lembrança, deixo aqui a tal nota oficiosa para a imprensa.

Centenário do nascimento de Eça de Queirós

O Instituto de Coimbra, integrado nas comemorações do primeiro centenário do nascimento de Eça de Queirós, promoveu na sala Carlos Ribeiro, do Museu Geológico, uma sessão, na qual foi conferente o nosso respeitável amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

A conferência, que foi pública, realizou-se ontem, pelas 21,30 horas, sendo subordinada ao tema «Eça de Queirós — Alguns aspectos militares da sua obra».

O conferente dissertou dêste modo:

«Eça de Queirós pertenceu a uma geração de espírito renovador que não podia simpatisar com as guôrras nem com exércitos organizados para a agressão; daí a constante nota depreciativa que se encontra na obra quanto a guerras, quanto à manutenção da fôrça, quanto a defesas militares, etc.

«Vem igualmente dar a maneira caricatural com que apreciou as campanhas da época, os exércitos, especialmente o português a respeito do qual deixou impressões desfavoráveis que aliás não iam além do que se dizia na Imprensa e no Parlamento»

Em todos êstes assuntos tocou ligeiramente sem tentar aprofundar; aplicando contudo (devido ao seu temperamento), muita graça e subtileza em que envolvia a possível justiça e o possível bom senso.

O conferente no espaço aproximado de uma hora abordou tanto quanto possível, esta série de pontos que se notam fàcilmente na leitura ligeira da obra queiroziana.

Assistiram muitas pessoas, que ao ilustre conferente prestaram uma grande manifestação, pela maneira brilhante como desenvolveu o seu importante e valioso trabalho.

Presidiu o sr. Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, que foi secretariado pelas autoridades civis e militares, entre as quais se viam os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara.

Agradecemos o convite.

Este recorte vem de O Despertar, de 15 do corrente, n.º 2911.

Coimbra:

Dezembro 17.

Ora eu resolvi responder para o Quartel-general á nota que me pedia um exemplar da m.ª conferencia sobre o Eça de Queiroz do seguinte modo:

«.... Acusando a recepção da nota nº. 1403 de V... datada de 15 do corrente, e agradecendo o interesse manifestado por S. Exª. o General a-propósito da mª conferencia, venho informar fª conhecimento do mesmo Exmo Snr. de que a leitura do trabalho foi feita em simples notas manuscritas q. por estes dias serão postas a limpo. A conferencia será publicada no proxº volume de O Instituto que sairá mtº em breve; e logo q. esteja impressa tomarei o cuidado de remeter para esse Quartel-General o exemplar solicitado..»

Não é isto, com certeza, o que eles querem. Mas tenham paciencia. O mo. não vai fª as mentes deles. E alem disso, a conferencia não foi um acto de serviço. Se insistirem talvez que lhes faça ver isso.

Que responsabilidª terá nisto tudo o Henriques da Silva que se diz «meu velho amigo»?

P

— 1946 —

Lisboa:
Janeiro: 1.

Mais outro ano, ou outro diabo que me cái em cima...

Coimbra:
Janeiro: 8.

Voltei ontem de Lisboa. Encontrei os animos desarmados quanto a politica interna e externa. E com razão.

Pela legalidade estão a ver que isto não muda. O exercito e a igreja não deixam. A cruz e a espada não largam o alcaçe.

Lá vem as suas razões.

Coimbra.
Janeiro: 10

O Instituto de Coimbra, em sessão de Direcção congratulou-se com o exito da mi conferencia sobre o Eça de Queiroz e em 29 de Dez.º passado oficiou-me nesse sentido, amavelmente.

E' claro que tive de responder, tambem amavelmente, em ofício de agradecimento. E passa-se, assim, o tempo nestes salarualeques.

Coimbra:

Fevereiro: 21.

O Santos Costa, ministro da Guerra, discursou ontem no Porto quando, em companhia do colega do Interior, foram á posse do novo governador civil Joviano Lopes.

O Primeiro de Janeiro traz largo relato da cerimonia e o discurso do ilustre Santos Costa vale ser lido. O cavalheiro falou com exaltação: « Somos a força, temos a força deste exercito que tão bem sabe julgar com serenidade (....) Temos por nosso lado a razão (....) Somos a força invencivel, intransigente e certa. Porque hesitamos? Porque nos escondêmos?... » Etc. etc.

Que quer tudo isto dizer?

Coimbra

Fevereiro: 24.

Mandei hoje uma grande carta para o gerente da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira com uma nota de nomes que eu entendo que deveriam ser incluidos. Lá vai, embora conte que não será aceite a

maioria

maioria das propostas. Têem, na direcção, um criterio que ás vezes não entendo.

Mas, para satisfazer o pedido, lá vai a relação. E que façam o q. quizerem.

Lisboa:

Março: 16

Encontrei hoje, num electrico, o Possidonio Laranjo Coelho, sub-director da Torre do Tombo, socio da Academia das Ciencias de Lisboa e creio que um dos vice-presidentes da Academia Portuguesa de Historia.

Devo dizer que este Laranjo Coelho tem sempre para mim palavras de apreço e simpatia quer nos encontros em Lisboa quer nas raras cartas que trocâmos. Não sei se é por francesismo se é com sinceridade; o que sei é que á vista ou na ausencia me faz sempre as melhores referencias. E quando me encontra, mostra interesse pelos meus trabalhos que procura saber em que estado vão, etc. etc.

Ora hoje, num electrico, sentei-me ao lado dele por acaso. Muita festa para a festa, muitas amabilidades em que ele se coloca em situação de pessoa inferior, etc. etc. Preguntou-me pelos meus trabalhos e a certa altura disse-me com ar até certo ponto confidencial que ha muito me desaja

explicar o seguinte que me expôz em voz baixa: a nomeação dos primeiros socios ou socios fundadores da Academia Portuguesa de Historia foi da exclusiva responsabilid.e do então ministro Carneiro Pacheco; ele, Laranjo Coelho e alguns dos meus amigos e admiradores (sic) não tinham metido para aí mem jrépo mem estrofe; as coisas correram sem a menor responsabilidade para eles...

Perante a m.a admiração por estas palavras ditas assim, em voz baixa e afavel, o Laranjo Coelho então deu mais explicações:

— É que nós tinhamos muito prazer em que V... fosse nosso companheiro nos trabalhos da Academia, que nos ajudasse com os seus conselhos e a sua experiencia. E na primitiva relação que apresentámos ao ministro, o nome de V... lá ia justamente inscrito.

E com um vago encolher de ombros, concluiu:

— Ele não quiz... O decreto que fundou a Academia e nomeou os fundadores não incluiu o seu nome.

Felizmente, a paragem em que o Laranjo Coelho deveria sair aproximou-se; e assim se resolveu o problema da minha

resposta — pois eu fiquei surpreendido com a confissão e, ao mesmo tempo, com a simplicidade da explicação a respeito da m.ª ausencia no quadro da Academia.

Se, realmente, o ministro nomeou os primeiros academicos, não competirá a estes a escolha dos outros? Não conheço os estatutos mem isso me interessa muito; mas, francam.te, fiquei na duvida acerca da sinceri.de ou insinceridade da confissão.

Que diabo!... Porque me dá tanta importancia este sobre academico? Em que lhe poderei eu valer para ser assim, ás veres, um tanto ou quanto servil?

Não sei. No entretanto, a confissão cá fica registada — para o que dér e vier.

Lisboa

Março: 19

Fui a Coimbra, ante-ontem, para tomar parte na homenagem ao velho António Augusto Gonçalves. Tinha o maior interesse em ir lá se bem que uma constipação com laivos de grippe me deixou indeciso no sabado.

Mas lá fui e lá grepuei a m.ª palinodia com voz mais ou menos rouca mas também mais ou menos clara que se deveria ouvir por toda a sala da Associação dos Artistas.

Pareceu-me que a sessão foi mal organizada: Teve m.tos oradores e alguns que nunca deveriam falar em tal homenagem. O dr. Anselmo Ferraz de Carv.º não conhecia, de certo, os bastidores de certas campanhas contra o velho Gonçalves, pois se os conhecesse não convidaria o Octaviano de Sá que, ainda por cima, se apresentou de fatiota clara no meio das casacas de todos os outros figurantes. Talvez não convidasse, também, o Fausto Gonçalves que creio manteve em vida do Mestre a tesoura bem afiada. E ainda possivelmente o Fernandes Martins, não por ele, propriam.te mas pela Socied.e de Defesa e Propaganda de que é presidente e em cuja tradição havia certa má vontade para com aquele a quem se prestava a homenagem.

Mas, enfim, estes senões foram compensados pelas alocuções de alguns amigos sinceros e admiradores sem reservas. O Costa Mota, Sobrinho, por ex.º, brilhou ao ler a sua pequena alocução; comoveu-se pelas recordações do Mestre e pelo pouco hábito de falar em público — e isso quasi bastou para compensar a nota, para mim, discordante, da presença do safado, do safadíssimo Octaviano de Sá. q. apareceu por ser o presidente interino da

Escola Livre das Artes do Desenho, fechada ha anos e condemnada a desaparecer.

Mas, enfim...

As m.as impressões vou deixa-las em uma carta que escrevi ao Lourenço Chaves Almeida que lá estava na sessão, recatadamente, a ouvir com atenção e, segundo me pareceu, certa comoção intima muito natural.

Os jornais, ontem, lá deram noticia mais ou menos de chapa. No final da sessão os reporters, afadigados, tomaram notas. Aqui ficam, para recordação, duas dessas noticias:

A HOMENAGEM de Coimbra

á memória do mestre António Augusto Gonçalves

COIMBRA, 17.—A sessão de homenagem á memoria de mestre Antonio Augusto Gonçalves, promovida pelo Instituto de Coimbra e realizada na Associação dos Artistas, revestiu-se de grande solenidade, pois a ela se associou toda a cidade, representada pelas principais colectividades.

Na sala, decorada com os estandartes dos organismos locais, viam-se tambem muitos artistas e antigos alunos do homenageado.

Presidiu o sr. prof. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, que falou do significado da sessão, após o que os srs. coronel Belisário Pimenta e dr. Costa Rodrigues fizeram conferências, em que focaram a figura e a obra de mestre Gonçalves.

O sr. dr. Octaviano de Sá, como presidente da Escola Livre das Artes do Desenho, associou-se á homenagem, afirmando o proposito de manter aquela escola, que tanto dignificou a arte coimbrã.

O escultor Costa Mota e o pintor Fausto Gonçalves, antigos alunos do homenageado, evocaram a sua memoria com palavras de saudade.

O sr. dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga, de Lisboa, falou tambem como antigo aluno e evocou o vernaculo em que justificava mestre Gonçalves, que classificou como o mais famoso que tinha conhecido. Ocupou-se depois da reforma dos museus e advogou a necessidade urgente de, na remodelação do Museu de Machado de Castro, ser criado um instituto de cultura artistica.

Falou a seguir o sr. dr. Aarão de Lacerda, director das Belas Artes do Porto, que pôs em evidência a época em que Antonio Augusto Gonçalves desenvolveu a sua actividade, a fim de demonstrar a luta que teve de manter para fazer triunfar os seus pontos de vista.

Por ultimo, o sr. dr. Fernandes Martins, presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, associou-se a homenagem e chamou a atenção para o irmã do homenageado, sr.ª D. Libania Gonçalves, a quem a assistencia dispensou uma demorada saudação.

De tarde, os socios do Instituto e convidados visitaram o Museu Machado de Castro, onde foram recebidos pelo arqueologo rev. Nogueira Gonçalves, que os acompanhou na visita.

D' O Seculo.

FOI PRESTADA HOMENAGEM

por iniciativa do Instituto de Coimbra

A MESTRE ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES

COIMBRA, 17. — Na Associação dos Artistas realizou-se esta noite uma sessão de homenagem á memória de mestre António Augusto Gonçalves, promovida pelo Instituto de Coimbra. Presidiu o sr. dr. Anselmo Ferrás de Carvalho.

Fizeram-se representar a Universidade, pelo vice-reitor sr. dr. Carlos Moreira, e vários organismos.

Depois os srs. coronel Belizário Pimenta e dr. Costa Rodrigues leram estudos sobre a actividade artística de mestre Gonçalves, ocupando-se principalmente do seu labor e saber de arqueologo. Usaram depois da palavra os srs. dr. Octaviano Sá, como presidente da Escola Livre das Artes de Desenho, fundada pelo homenageado; o escultor Costa Mota e o pintor Fausto Gonçalves, como discipulos de mestre Gonçalves.

Depois do sr. prof. dr. Gumercindo Costa Lobo ter lido o estudo do sr. dr. Manuel Monteiro, falaram os srs. dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga, e dr. Aarão de Lacerda, que focou a personalidade de mestre Gonçalves sob os multiplos aspectos da sua acção artistica: arqueólogo, pintor e desenhador, e, ainda, a de organizador, ao qual o Museu Machado de Castro fica a dever notaveis funções. Por fim, o sr. dr. Fernandes Martins associou-se á homenagem como presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, que elogiou a acção do Instituto na recordação e homenagem dos vultos eminentes de Coimbra.

(Do Diario de Noticias).

E agora segue a carta para o Chaves Almeida em que vão resumidas as minhas impressões:

«.... Quiz escrever-lhe, logo que cheguei, p.ª lhe dar as m.as impressões acerca da sessão de homenagem ao nosso velho Amigo; mas a viagem e a humid.e da noite de Domingo fizeram-me mal e logo que cheguei vim de me meter na cama encatarroadissimo. Só hoje me levantei e aqui estou a dizer de m.ª justiça, á laia de desabafo...

«Gostei da sessão, dipa-se a verdade; foi um lembrête a toda essa gente que finge esquecer o velho Mestre; mas, ao mesmo tempo, vim de lá com algum desgosto... Se é certo que se ouviram palavras de amigos certos e dedicados, daqueles que são incapazes

de esquecer, a verd.e talvez é que aparecerão no tablado creaturas que, em país de mais vergonha e mais policiamento moral, nunca transporiam a porta da sala nem mesmo como simples espectadores.

«A petulancia com que o illustre Octaviano surgiu para falar, sem recato de immemoria quando todos nós estavamos deliciosamente encarcados e com exuberancia de gestos nada apropriados, é um caso typico de falta de vergonha moral, de impudor de safardanas que conseguem, afinal, sobrepôr-se á gente honrada.

«Não sei se notou o descosido e incoherencia da pequena allocução que ele teve a audácia de proferir; é possivel que de casa trouxesse as laudas mais ou menos concertadas, mas creio que as m.as palavras certeiras acerca da Escola Livre o feriram porque, enquanto o Costa Rodrigues leu a sua allocução, vi-o escrever nervosam.te em umas folhas em quarto, a riscar e a emendar, lendo, com gestos de impaciencia. Por isso elle levantou a m.a affirmação da inutilid.e da Escola procurando relevar a suspeita da indifferença da mesma pela memoria do Fundador.

«Não reparou? Pobre Escola Livre em que mãos foi cair! A estafada evo-

cação do azorrague de Cristo no Templo, seria bem aplicada a este caso tão típico.

«Mas, enfim, a nodoa da arremetida octavianesca não tirou o merito das alocuções dos amigos. Não sei bem até que ponto foi sincero o Fausto Gonçalves e não cheguei a atingir o empenho do Fernandes Martins em falar no fim de todos... É certo que foram correctos e cairam bem, no conjunto, as palavras bréves que proferiram. Mas... mas...

«Conversarêmos acerca destas minhas duvidas logo que regresse e suba á sua Tebáida em tarde alegre de Primavera, com verdes por todos os lados e horisontes doces a esfumárem-se ao longe. Por agora aqui ficam apenas impressões de momento que me acompanháram na viagem de 2ª feira envolvidas na sonolencia que alguma fébre me provocaria e que nestes dias de recolhimento me têem acudido ao espirito.

«E assim chego á conclusão muito simples de que deverêmos ter muito cuidado com a organização do centenario q. projectâmos, pois se viu agora como os apedrejadores do velho Mestre têem artes e malasartes para se meterem como piolho por costura. O caso exige, da nossa parte, a maior diplomacia mas, ao mesmo

tempo, a maior firmeza. Nada de deixar entrar o bicho roedor... Querendo nós glorificar a memoria do Mestre Gonçalves, não deverêmos consentir que sejam os que ainda conservam nas algibeiras restos da poeira dos apedrejamentos (como o Almeida um dia escreveu com justiça) entrem no numero dos que vão queimar com piedade o incenso votivo.

«A escolha dos iniciadores terá de ser feita com cuidado e escrupulo. Lá se verá isso, nessa tela Torim, em vez de conversa amena e amiga. E teremos que lançar mãos á obra, não queira o illustre Demonio, esperto e fino como é, que essas entidades patrioteiras que possuem fechada na mão a Sublime Verdade, se lembrem de se abeirar com olhos postos «na nossa querida Coimbra» etc. etc. Quero crer que não; mas é bom não confiar demasiado.

«Logo que possa sair vou procurar o Costa Mota Sobrinho e o nosso dr. João de Sª Coutó; fiquei de os procurar para lhes expor o plano do centenario e ouvir deles alguma coisa de util.

«E esta vai grande já. Fecho a torrente de comentarios com cumprimentos pª as Senhoras, etc.»

Nesta carta q. aí fica, fala-se no proximo centenario de António Augusto Gonçalves. Realmente ha muito acarício a ideia de se celebrar esse centenario e no assunto já falei ao Laurenço Chaves Almeida. Ainda, porem, a ideia em germinação, e essa germinação terá que ser cautelosa, ponderada e... com certa manha. O tempo não é favoravel para tais commemorações e para se conseguir algum exito é necessario muita sônha...

Vamos a ver.

Lisboa.

Março: 25.

Procurei hoje o Costa Mota, Sobrinho, na sua oficina da rua de Damasceno Monteiro. Estava a trabalhar no grupo da Senhora da Piedade para as capellas do Bussaco; tinha lá um modelo, um joven varredôr da Câmara, magricela, que lhe servia para o Christo estendido nos joelhos da Mãe. A ironia das coisas!...

Conversámos. Contei-lhe o projecto do centenario de Ant.º Aug.º Gonçalves. Elle approvou, achou que o meu projecto não tinha de exagerado e prometeu adesão e auxilio. Queixou-se da saude, está a

chegar aos 70 anos, alegou que trabalha de mais, mas entende que deve continuar assim. Parar é que não, o seu entendimento não o consente.

Achei-o, realmente, um tanto ou quanto caído fisicamente; as mãos um pouco trémulas ao fazer os cigarros. Como artista, porem, pareceu-me que se mantem vivo. Os barros para as capelas do Buçaco não mostram decadencia, pelo contrario, são obras boas.

Vamos a ver que parte ele poderá tomar na comemoração.

Coimbra.

Maio: 9.

Ha mês e meio sem deixar uma nota nestes cadernos! E ha tanto assunto...

Ora hoje, p.ª quebrar o silencio, vai a nota de 9.ª oficial para a Revista Militar pedindo escusa de comparencia na proxima assembleia festiva e informando de que concordo e aprovo o projecto de comemoração do 1.º centenario do nascimento de Sebastião Teles que foi socio honorario e «um dos maiores valores militares das ultimas gerações.»

E na verd.ª Sebastião Teles foi um dos raros valores e, ao pé destes cavalheiros

de hoje que se entitulam generais, é valor para o qual não ha escala. E' assim mesmo, não estou a exagerar nem falo como despeitado.

Coimbra:
Maio: 27

Ontem, em Braga, no banquete comemorativo do 20º aniversario da «gloriosa revolução nacional» o Santos Costa deitou discurso m.to curioso e exaltado.

Leia-se os jornais. Vale a pena. Este Santos Costa saiu-me um orador de mão cheia. Quem o havia de dizer quando foi meu alferes, ha vinte e tantos anos, sempre trombudo, mal humorado, mal creado e pouco disciplinado!

Era o Genio a borbulhar...

Coimbra.
Junho: 6.

Lá vai carta para o Pires Monteiro, carta cheia de impressões do momento q. á falta de outra coisa me apetece guardar nestes livrécos.

«.... Ando dia a dia para lhe escrever; mas o meu espirito tão sobrecarregado de preocupações não tem encon-

trado momentos favoraveis. E como se não bastassem preocupações de caracter particular, vêem as outras, as que os jornais lançam todos os dias e os aparelhos de radio buzinam a toda a hora sem dó nem piedade.

«E que soberbos têmas p.ª inquietações! Desde as objurgatórias do arcebispo de Braga, no dia 26 de Maio, nas barbas dos poderes do Estado, até ao duelo oratório de superior interesse entre Bevin e o velho Churchill — para só falar dos ultimos dias — que tremendas coisas a que a nossa geração está assistindo! E ainda, quem sabe se a procissão só vai na ponte, conforme dito dos meus patricios.

«E que fazer, pobre de mim, q. vibro com tudo isto, quasi recusando compreender tal barafunda!

«Ha dias almoçava tranquilamente, quando a Emissora me transmitia a homilia do arcebispo bracarense, na missa campal: tive a impressão de que me transportava aos bons tempos do sr. Dom Miguel, quando o iracundo Fr. Fortunato de S. Boaventura trovejava do alto da cadeira sagrada. Fiquei aturdido. Estaria eu a ouvir bem? Defeito da minha compreensão já um pouco caduca? As mãos

com que ele gesticularia, segundo os bons preceitos oratórios, estariam fechadas em murro ameaçadôr? Era domingo e segundo o meu costume fiquei-me por casa; mas não consegui coordenar ideias para continuar com o meu Saldanha; todo o santo dia andei abstracto, como quem levou uma forte pancada na cabeça. O meu rico Saldanha, que se bateu pela Liberdade, ficou á espera... Os gestos que imaginava e as palavras que ouvi ao primaz das Espanhas embruteceram-me...

«No dia seguinte corri aos jornais p.ª ler com atenção a homilia. Não encontrei senão resumos: parece q. o Espirito Santo iluminou a Imprensa e quiz poupar aos leitores obra tão substanciosa...

«Onde chegarêmos nós, meu caro Amigo, por este caminho? O que fará de nós a onda negra que cresce, cresce e... cresce? E o que se vê lá fóra, debaixo duma aparencia de Democracia? Não será Roma, vestida á 1789, sorrindo como meretriz para os incautos? Nesta renascida Republica italiana, não acha que ha catolicos-democratas a mais? E na propria França?... Eu sou um velho desconfiado e hoje ceptico; talvez haja em tudo o q.

1483
nº

digo alguma coisa de velhos conceitos e antigas folias; mas, mesmo assim, fica largo campo para mangas.

«E o pior é que o meu Saldanha vai ficando para trás e eu aflito porque o trabalho vai-se tornando extenso e a vida vai correndo sem se importar com estas minhas arias.

«E a propósito do Saldanha quero lembrar que em Dezembro deste ano passa o 1º centenário do combate de Torres Vedras ganho pelo marechal contra o Bomfim, por 5 a 0 como hoje se diz em linguagem desportiva. Gostaria na Revista um artigo, no nº de Dezembro, comemorativo do facto? De certo não acharão oportuno, embora a vitória de Saldanha fosse a vitória das direitas contra o maçonismo. O lembrar não ofende como diz o Povo e a ideia aí fica para o que dér e vier.

«Já falei ao dr. Joaquim de Carvalho, regressado há pouco de França sem os jornais badalarem como fazem com qualquer mediocridade. Como o primeiro encontro foi reservado aos cumprimentos e felicitações, não tratei do seu caso o que farei talvez amanhã.

«Vou fechar o desalinho, desculpe, etc.»

Coimbra

Junho: 16

Consegui hoje reunir a comissão que ha-de levar a cabo o centenario de António Augusto Gonçalves.

Ha-de levar a cabo...

Assim será.

Depois de varias deligencias e consul-tas arranjei a comissão que adeante vai nomeada. E como me arvorei em secretá-rio, tomei as notas para a acta que virá a ser pouco mais ou menos o q.e se segue:

«Aos 16 dias do mês de Junho, pelas 15 h. reuniu nas salas da direcção do Museu de Machado de Castro, autorisados pelo seu director interino, reuniram-se os seguin-tes individuos relacionados pela ordem al-fabetica: Alvaro Viana de Lemos, dr. Antó-nio Luis da Costa Rodrigues, rev.º P.e António Nogueira Gonçalves, B. Pim.ta, dr. Guiner-mindo Sarmento da Costa Lobo, João Macha-do Junior e Lourenço Chaves Almeida. Por B.P. em seu nome e no de Lourenço Cha-ves Almeida promotores da reunião, foi exposto o motivo que os levou ao convite: o qual é festejar celebrar em 1948 o 1º cen-tenario do nascimento do grande artista, professor, critico e cidadão que foi António

Augusto Gonçalves ainda na memoria e na veneração de todos os seus amigos. Para isso leu uma nota que fizera para orientar [redacted] os promotores, especie de programa que expõe á consideração dos presentes: o centenario seria realizado entre os dias 5 de Novembro e 19 de Dezembro ou seja entre os dias da sua morte, em 1932 e do seu nascimento em 1948. A celebração poderá constar do seguinte:

«A) Parte oficial, isto é, a que necessita da colaboração oficial: 1) Lapide no predio em que morreu; — 2) Nome a uma rua da cidade; — 3) Construir a Escola Livre em Casa de Ant.º Aug.to Gonçalves.

«B) Edições de obras suas: 1) Folhetos de defesa de monumentos e critica de arte; — 2) Dispersos: critica de arte, polemica, varios outros assuntos.

«C) Conferencias: I: 1) Vida de Ant.º Aug.to Gonçalves; — 2) O Professor: a Escola Livre e a Escola Brotero; — 3) O pintor e o cenografo; — 4) O escultor; — 5) O ceramista; — 6) O arqueologo e o critico de arte; — 7) O escritor e jornalista; — 8) O polemista; — 9) Os museus: a) museu municipal; b) d'O Instituto; c) o de Arte Sacra; d) o Machado de Castro; — 10) O cidadão: acção politica na Camara Municipal e na propaganda

republicana; o chefe de familia e o amigo; o seu caracter e integridade moral. = II: Os discipulos: 1) A pedra: João Machado, José Barata; — 2) O ferro: Manuel Pedro e Lourenço Ch. de Almeida; — 3) A madeira: Benjamim Ventura; — 4) A pintura; — 5) A ceramica.

«D) Exposições: I) Bibliografia e Iconografia; — II) Desenhos, pinturas, esculturas; — III) Ceramica. Salas p.ª as exposições: Escola Livre, Camara Municipal, O Instituto, Associação dos Artistas, Gremio Operario, Monte-Pio Marques de Carvalho e Primeiro de Janeiro.

«E) Colaboração que terá de se solicitar: Imprensa em geral, e em especial a de Coimbra; Camara Municipal; Universidade; O Instituto; Associação dos Artistas; Junta da Beira Litoral, etc.

«F) Colaboradores que serão solicitados: Costa Mota Sobrinho; dr. João Couto; dr. Vasco Valente e Alberto Meira, do Porto; dr. Manuel Monteiro, de Braga; dr. João Gaspar Simões; dr. Reinaldo dos Santos; Dona Vera de Lima, Roche Madaíl, dr. Joaquim Madureira, dr. Aarão de Lacerda, Candido Nazaré, etc. etc.

«Esta especie de programa foi, na generalid.ª aprovada e a ideia do comemo-

ração foi louvada com palavras de carinho e entusiasmo por todos e em especial pelo sr.º dr. Costa Lobo, P.e Nogueira Gonçalves e Costa Rodrigues e concordou-se em que durante o verão cada um dos presentes percorresse no programa com atenção, visse as alterações ou aditamentos que se poderiam introduzir no mesmo programa e estudasse o modo de fazer colaborar as autoridades locais na obra que se empreende. Trocando-se em seguida impressões, Viana de Lemos lembrou que também haveria vantagem em reunir o que se tem escrito sobre Gonçalves em especial por personalidades de valor. O dr. Costa Rodrigues disse que seria interessante que em Lisboa se fizessem algumas conferencias, p.º dar assim maior amplitude á comemoração p.º o que se poderia pedir a colaboração da Casa de Coimbra; esta ideia foi ampliada por B. P. com conferencias no Porto pela mesma ocasião. O dr. Costa Rodrigues comunicou que o escultor Costa Mota Sobrinho lhe dissera que desejava fazer uma estátua, em pé, de Mestre Gonçalves; e Viana de Lemos lembrou que se poderia fazer um postal e um selo comemorativo, tempos antes, com caracter oficial, apenas para chamar a atenção. O sr. P.e Nogueira

Gonçalves propôz que o sr. prof.or Viana de Lemos se poderia encarregar das exposições; e B. P. que o sr. dr. Costa Rodrigues se poderia encarregar da conferencia que tratasse de Gonçalves como cidadão (alinea 1o do § 2o art.or). Combinou-se por fim que se deveria dar parte desta reunião a alguns amigos como: dr. João de Sá Couto, Costa Mota Sobrinho, dr. Manuel Monteiro e poucos mais, convidando-os já para colaborarem embora a colaboração que cada qual poderia dar fique condicionada a combinações posteriores. Resolveu-se finalmente que a proxima reunião seria no mês de Outubro na qual se assentaria definitivam.te no programa e se iniciariam, a valer, os trabalhos. E não havendo mais nada p.a tratar, eté. eté.»

E aqui está como eu consegui lançar um empreendimento que me andava ha muito no espirito. Conseguirei alguma coisa? Vamos a ver.

Coimbra

Junho: 22.

Nova carta e grande ao bom amigo Pires Monteiro. Poderá parecer afectação a transcrição destas cartas; mas deixo-

as aqui porque substituem bem quaisquer outras notas que ~~aqui~~ podesse deixar nestes cadernos. Traduzem impressões do momento, ás veres desconexas, mas que não deixam de ser impressões.

«... Tenho em frente as suas duas ~~cartas~~ excelentes cartas e desde já lhe devo afirmar que nunca me podem molestar quaisquer observações suas. O meu silencio faria levantar tal suspeita; e na verdade os meus silencios são ás veres incorrectos. Mas que quér?

« Muitas e desvairadas coisas me prendem a atenção e agora, até, como qualquer rico proprietario, andei em bolandas e embrulhado em papeis por causa do imposto complementar alem duma ida a Miranda do Corvo de onde venho sempre emborrachado da paisagem sentimental e das recordações não menos sentimentais. O declinar da vida parece que faz aumentar consideravelmente o sentimentalismo; cada vêr me sensibiliso mais com pequenas coisas que para muitos passam despercebidas; e se essas coisas tocam com tempos idos de descuidosa mocid.e teremos, então, razões para hiper-sensibilidade. Mas adeante. O tempo vai mais para prosa dura e

e ~~ro~~cos heroicos á maneira do muito alto senhor Jöel Louis...

«Pois meu presado Am.º: a sua carta de ha uns 15 dias vem cheia de acertados comentarios, bem como esta de ha menos tempo. Realm.te eu não deveria ouvir ou ler certas afirmações. Mas o meu radio é de marca antiga e é aparelho muito velho e, como todos os velhos, tem caturrices desagradaveis como seja a de, normalmente, só querer ouvir a Emissora Nacional; alem disso é Telefunken e como tal nutre simpatias pelo Estado Novo; e assim me condena ás vezes, á hora do almoço, ou do jantar, a ouvir o que ele quer e não o q. eu desejo. Por outro lado, os jornais... são o que se sabe. De modo que poderêmos preguntar, parafraseando o bom Camões, onde se poderá meter um bicho da terra vil?

«Ora aqui tem. Quer queirâmos quer não, temos os olhos e os ouvidos sujeitos a todas as torpezas e nem sempre o sistema nervoso está em estado de resistir. O que vale é que, por estes dias, terei de ir p.ª a Paz: a saude de m.ª Neta que os medicos querem afastada de Lisboa, obriga os Avós a anteciparem a temporada; se por um lado me desliga da m.ª casa e das minhas coisas, por outro tenho a vantagem de o

isolamento por, talvez, calmante: entre palcos e com raras comunicações com o mundo, poucas excitações se levantam — o que para mim compensa a falta do ambiente próprio.

«Recebi o Estudo Sociológico. Não tinha pressa dele; não sei se lhe mandei dizer que poderia ter o livro em seu poder o tempo que quisesse; e se novamente dele necessitar queira dar as suas ordens.

«O dr. Joaquim de Carv.º não conhece o André Lamouche. Este desconhecimento dá-me ideia de que o homem não deve ter grande categoria científica pois quero crer que se a tivesse não seria ignorado de tão ilustre e culto professor. Lembro-me de que poderia tentar consulta, aí, com o dr. Vieira de Almeida, da Faculd.e de Letras; é espírito eminentemente curioso e poderá ser que dê qualquer informações. Eu, a respeito de filósofos, fiquei-me no Marco Aurélio... Confesso que não é grande leitura para impressionáveis e desalentados; mas estou em idade que não necessita de grandes injecções filosóficas e cá vou vivendo conforme o Grande Arquitecto é servido.

«Mas voltando ao assunto. Muito e muito bem quanto ao prefácio para a re-

gunda edição da obra do Sebastião Teles ?? creio que dificilmente se encontra na nossa classe quem seja capaz de o escrever; a Verónica invadiu o cerebro dos nossos camaradas e o espirito fugiu naturalmente aterrado — e creio que já lhe disse que ao falar-me pela primª vez no assunto, eu, mentalmente cheguei á conclusão de que o meu prezado Amº seria um dos raros (ou raríssimos ?) capazes de o fazer e fiquei satisfeito ao saber que aceitara a incumbencia. É gosto acrescentar para seu louvor: a honrosa incumbencia.

« Bem sei que o trabalho é de responsabilidade por muitos motivos; mas, desculpe dizer-lhe, deve ter confiança em si e comprometer-se de que no que escreve ha sempre base de seried.e e ha ainda a solidez de quem estuda com consciencia.

« Diz-me que me quer ouvir, durante momentos, acerca desse trabalho. Com o maior prazer e pelo tempo que quizer; desde já, porem, lhe digo que o meu parecer terá pouco peso. As mas predilecções não têem corrido para esses lados, mas estou ás suas ordens.

---

(1) Trata-se da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

1423

«Esta já vai muito comprida mas ainda lhe direi q. o Nuno de Montemór é o P.e Alvares de Almeida que se converteu lha m.to á literatura frégas para agradar á epoca e dar proveito á bolsa... E o bispo de Beja será sempre, para mim, o P.e José do Patrocinio Dias que eu conheci durante a celebre greve academica de 1907 por attitudes muito pouco simpaticas ou nada evangélicas. E' tudo gente, graças ao diabo!

«E termino, esta já vai longa. Que os seus prognosticos acerca da barafunda mundial sejam certos! Elles terão base cousciente que os meus não teem. Seja assim. E que o Papa possa continuar a dizer: Paz aos homens de boa vontade!...

«Amen!...

«Um abraço, etc. etc.»

Paz: Mafra.

Julho: 5.

Cá estou, de novo, na Paz. Mais uma vez fóra de casa...

Que lhe hei-de eu fazer? Estou condemnado a viver o resto da m.a vida fóra das minhas casas.

Para consolar, os jornais badalaram

PARTIDAS e CHEGADAS

Retirou desta cidade para a Quinta da Paz (Mafra), o nosso respeitabilissimo e ilustre amigo, sr. coronel Balthazário Pimenta.

a minha garbida, como se se tratasse de grosso notavel. E' ver o recorte que aí fica colado. E' o que vale.

Paz: Mafra.

Julho: 10.

Dia de calor torrencial de 30 e tantos á sombra. Mesmo assim tenho que responder ao ilustre Madail que anda, com certeza, a tramar qualquer coisa contra as nossas intenções respeitantes ao centenario de António Augusto Gonçalves.

Mandou-me cartão postal perguntando onde jára certo quadro a carvão feito pelo Gonçalves e pertencente a meu tio Albino da Silva. Trata-se duma das fantasias por influencia do italiano então em voga Piranesi, artista do sec.º XVIII.

Respondi-lhe que não sabia. Não estou para o aturar. O que ele quererá é o quadro. E na verd.e a m.ª graça é que não saiba o paradeiro. Ainda arriscaria uns dinheiros para a consolação de o possuir.

Paz: Mafra.

Julho: 17.

O Henrique Braz, de Angra do Heroismo, mandou-me dois opusculos da sua autoria. Esta oferta sensibilizou-me pois

me fez recordar os tempos da questão academica de 1907 na qual este Braz foi das figuras mais correctas.

E' claro que lhe escrevi uma longa carta sentimental... Ele era, na verd.e, um rapaz aprumado fisica e moralmente; o seu trato era distinto; o seu vestuario sempre muito cuidado; a inteligencia viva; o espirito tolerante e franco.

Bons tempos. E como já passaram quasi quarenta anos!

Paz: Mafra.
Julho: 19.

Extractos duma carta para o meu velho amigo Luis Ribeiro, de Angra do Heroismo que pontualmente me envia o Boletim do seu Instituto Historico e ultimam.te umas separatas dos seus trabalhos:

«... Vejo que não esmorece no trabalho e ainda bem. Os seus estudos etnograficos são muito bons e já em quantidade apreciavel; e pela forma e pelas bases sobre que os trata, nota-se que deve ter m.to mais material p.a outros. Venham eles! Olhe que o tempo vôa e cada dia que passa não volta mais. Eu ando agora com essa preocupação do tempo; vejo-o fugir a unhas de ca-

valo e repáro nas toneladas de material que acumulei ao longo da vida como se esta fosse eterna e o cerebro fosse maquina que trabalhasse sempre sobre diamantes. Sinto que terei de deixar grande copia de elementos improdutivos e lastimo assim as horas que perdi em os colher p.ª não tirar, afinal, o resultado.

«... Tenho apreciado o Boletim do seu Instituto Historico. Bem haja. E' obra meritoria e que, com o tempo, virá a ser valiosa. O impulso está dado e quero crer que perdurará o seu esforço. Pensei, varias vezes, e de ha muito, em instituição semelhante p.ª o distrito de Coimbra ou, pelo menos, para a região mais proxima; mas numa terra de Doutores só com capelo e borla ha direito para fazer asneiras... A gloriosa «Alma Mater», a velha creação de D. Diniz, a excelsa parideira de tanto milhar de celebridades, não faz nem deixa fazer.»

Ficam só estes dois extractos. O resto era o costumado chá das recordações dos tempos academicos e as banais objurgatorias contra as coisas modernas.

Desabafos, afinal, inofensivos que só provam o declinar p.ª a velhice.

Paz: Mafra.
Julho: 27.

Carta ao meu condiscípulo Helder Armando dos S.tos Ribeiro. Fica aqui, como muitas outras porque traduz impressões da ocasião.

«.... A sua boa carta de Janeiro passado ainda para resposta há muito como é de dever e do meu desejo. Várias causas, porem, de urgencia, á-parte contrariedades que sempre complicam o possêgo e boa disposição necessarios teem obrigado a demora que só agui, nesta quintarola de meu simbolico, deve terminar hoje.

«E a verd.e é que, por entre lembranças que surgem na vida quotidiana, a proposito disto e daquilo, podes crer que a nossa velha amizade «mais sentida que vi-"vida» como dizes, me surge m.ta vêr, como reacção, quem sabe, contra os tempos que correm, materialistas, de feroz realismo que dão que pensar aos [redacted] velhos. E lembro-me de que li, talvez em Baudelaire se a memoria me não falha, que os amigos para serem bons devem conservar-se, como o vinho, bem rolhados e lacrados para no fim de tempos serem apreciados como devem.

«Assim estaremos nós, agora que os cabelos brancos nos obrigam a olhar para traz, não direi já com saudade como os sentimentalistas, mas com justa compreensão. O mundo tem dado tantas voltas, a vida tem levado tanto encontrão que poderemos pensar até se haverá juizo nem no para compreender com justiça.

«Mas, enfim!... Vamos adeante.

«Obrigado pelas tuas palavras a respeito dos meus trabalhos. Na verdade tive a vaidade de planear, já ha muitos annos (ha vinte? ha trinta?) uma revisão da historia das campanhas da Restauração, considerada no ponto de vista do valor dos chefes militares que vão corresponde, com exactidão, segundo creio, ao que vulgarmente se escreve. Mas que queres? A vida não favoreceu o plano; o tempo foi passando; o centenario aproximava-se e o meu desejo de levantar problemas e de chamar a attenção para novo rumo da historia militar, foi ficando estorvado pelas «agruras do caminho» como diria qualquer poeta em transe de gestação.

«De todas as notas tomadas, resta apenas o que pensava de Matias de Albuquerque creatura com que simpatisei, verdade seja, por certos pontos de contacto encontra-

dos. E foi nisso a que se limitou o grandioso plano que formára. E confesso-te que já não chego para m.to mais: sinto-me, francamente, a tender para o nome de baptismo do vencedor do Montijo...

«Procuro acabar uns outros trabalhos em que me meti, tambem projectos de ha muitos anos; e depois... não sei. A vida e a saude dirão a ultima palavra. E demais, meu caro, para o interesse que esses meus trabalhos teem despertado... não vale a pena o menor esforço.

«E a proposito de saude, etc.»

Paz: Agosto.

Agosto: 8.

Para variar, dois casos mais ou menos comicos.

Recebi ha dias uma circular duma empresa editora q. vai publicar uma especie de anuario que se entitulará Quem é alguem em Portugal; a circular informa de que a empresa quer «conseguir a biografia dos militares ilustres da 2ª Região "Militar» p.a constituir um capitulo da publicação. Juntamente vinha um questionario p.a eu preencher.

A minha permanente má disposição fez com que hoje respondesse assim:

«... Acuso a recepção ... etc. e informo-o de que eu tenho já preenchi, como escritor, impresso semelhante ao igual ao que me mandou. Não tenho, pois, que preencher segundo questionario, tanto mais que a circular me classifica de militar ilustre da 2ª. R.M. Deve haver engano na direcção ou talvez troca de nome com outro qualquer camarada. Declaro que não sou militar ilustre e as provas são fáceis de apresentar. Sem outro assunto, etc.»

O destinatario, de certo, riu-se e chamou-me maluco. E teria razão.

E agora, o outro caso — que tem o seu quê de irritante.

Escrevi esta carta ao capitão João Lopes, presidente da Camara de Mafra.

«... Acuso a recepção do cartão-circular datado de 1 do corrente em que me comunica ter o meu nome sido indicado p.ª fazer parte da Comissão de Honra do Congresso Mariano que em breve se realisa nessa vila. Agradeço m.to reconhecido a honrosa escolha do meu nome e a atenção que o facto representa; mas cumpre-me informar, para esclarecimento de situações, de que eu não posso aceitar

o encargo, porque a mi? qualidade de não-católico assim o indica e impõe. Rogo pois a V.ª o subido favor de me considerar fóra da distinta Comissão não sem, como disse acima, me confessar agradecido. E creia-me, com toda a estima, etc.»

O caso foi o seguinte: no correio de hoje recebi um cartão com a seguinte lenga-lenga:

«Tri-centenario da Padroeira / Congresso Mariano da vila de Mafra. / Realisando-se nesta vila, no próx.º dia 11 do corrente sob a presidencia / de Sua Eminencia o Cardeal Patriarca de Lisboa, as cerimonias / comemorativas do Tri-Centenario da Padroeira de Portugal, resolveu a / Camara de participar que foi indicado o nome de V.Ex.ª para constituir / a respectiva Comissão de Honra. / A ilustre Familia de V.Ex.ª terá lugar reservado nas solemidades. / 1-8-46. / O Presidente / da Comissão executiva / (a) João Lopes, cap.»

Junto vinha outro cartão com o programa dos festejos — que são de arromba.

Ora isto teve o condão de me irritar e bastante. Ontem encontrára o Lopes e fa-

lei-lhe na necessid.e de alinhamentos nos caminhos do Lugarejo da Paz p.a evitar construções que no futuro possam prejudicar a expansão do povoado. O homem, naturalmente, julgou-me convertido ao Estado Novo e não esteve com meias-medidas: fez-me entrar na Comissão de Honra dum Congresso Mariano presidido pelo Cerejeira!

Daria vontade de rir se não me irritasse. Obrigou-me a escrever a carta que aí fica, coisa que não tive gosto nenhum em fazer e quem sabe se ainda me irá obrigar a desmentido publico se nos jornais vem a relação dos honrados com a Comissão. Quero dizer: isto pode fazer projectar sobre a m.a pessoa a atenção dos outros quando exactamente o meu desejo é de que se não lembrem de mim e me deixem em paz.

Mais uma causa de irritação e de mal estar que me faz maldizer cada vez mais esta porca da vida — q. acabarei por extinguir um dia, não sei quando, mas quando a irritação subir a ponto suficiente.

Sempre o raio do padre! que junto a muitas e variadas coisas intimas me reduzem a um pobre estafermo quasi sem vontade e que afinal só anda no mundo aos encontrões.

Paz: Mafra.

Agosto: 12.

A festa lá se fez sem a m.ª presença... Não saí daqui, nesse bendito Domingo — mas vi o suficiente na estrada quando as varias procissões do norte do concelho passáram á porta.

Mulherêdo, muito mulherêdo; creança vestida de branco, com uma grande cruz de Christo estampada; e certa quantidade de homens, novos e velhos, com ar que não sei definir mas que me pareceu um tanto ou quanto afatermado. Toda esta gente conduzia andores com imagens pequenas, auripas, e ia cantando mecanicamente o Avé da N.ª de Fatima, cantico agora em moda, simbolo musical do ultramontanismo predominante.

Na volta para as respectivas freguesias, á tarde, notei que, intermeado com os canticos de Fatima, se rezáva o Terço em andamento. Certos matutões, de rosario na mão, passávam uma conta e diziam com voz soturna: «Por aqueles q. andam nas aguas do mar!...» e o côro, mais soturnamente, gritava: «Padre nosso etc.»

Uma farçada pura porque esses matutões enquanto iam largando a oração, lançavam olhares sôrnos para as mulheres e

1431

estas, com vozes esganiçadas, iam por sua vez, contemplando o snr. Prior que, nas freguesias que passaram era, em regra, um rapaz novo, mais ou menos elegante, barbeado, penteado com brilhantina e fixadôr, de ademanes catitas.

Tudo aquilo, quer á ida para a vila quer á volta, meu deu a impressão de autentica farçada, mas tudo com aspecto disciplinado. Disciplina aparente? Não sei, mas via-se que havia ordem.

E em obediencia a quê? Que tremendo poder ha em tudo isto que transformou este povo amigo de folganças e festanças nesta fiada de penitentes que cantam o bendito e o Avé á S.ª de Fatima como automatos, movidos por qualquer maquinismo oculto? Triste final de longa serie de erros cometidos pelo Liberalismo que deixou, com a larga e generosa tolerancia crescer nas suas barbas o mais velhaco, o mais duro, o mais descaroavel e tenaz inimigo! E depois, ainda, a Republica que abandonou esse problema, tem graves culpas que resgatar.

Eu já me sinto velho, não verei todo o descalabro; mas confesso a este «tão certo secretario» que tenho m.ta pena das gerações futuras.

Paz: Mafra.

Agosto: 14.

Mais extractos duma carta para o Pires Monteiro. Só extractos que dizem alguma coisa:

«.... Esse caso do centenario do Sebastião Teles é caracteristico e revela bem o criterio governativo actual. Quem sabe se querem fazer do ilustre autor da Introdução ao estudo dos conhecim.tos militares um precursor do Estado Novo? Por isso eu disse e lhe repito agora francamente: eu faria, do mesmo modo, o trabalho projectado p.a a 2.a edição e se não vingasse o projecto poderia publica-lo noutra qualquer parte como contribuição pessoal. Falarêmos largamente... etc.

«.... Li a nota bibliografica sobre a «Gloria em sangue.» (1) Francam.te lhe digo que gastou cêra demais com defunto tão ruim... Bem sei que ha necessid.e de dizer qualquer coisa quando os livros são oferecidos e, neste caso, não se poderia fugir á obrigação; mas não valia a pena traçar tantos circumloquios para dar a entender

---

(1) Do P.e Alvares de Almeida. Nota no n.º 7, a pag. 372, da Revista Militar, vol. 98.

que se não gostou da obra. Gostei, devo dizer, da crítica; o autor deve ter percebido que na Revista há independencia de julgamento e q. se não amparceirou com tanta lamuria da boa imprensa. O Alvares de Alm.da anda a explorar com o gosto da epoca, ou melhor: com o gosto oficial da epoca — e isso, para mim, é prova de inferiorid.e intelectual e nenhuma probid.e literaria. Deixei, até, na Revista, no meu ex.ar, no final da noticia, depois de a ler, uma nota resumida do que aqui fica, como desabafo dum mal humorado em terra de paloios.»

Paz: Mafra.

Agosto: 15.

Hoje foi carta para o Laurenço Chaves Almeida de q. aqui ficam só uns extractos que podem ter interesse para este amontoado de notas:

«.... Custou-me ler o que escreveu acerca das impressões deixadas em certos homens de letras pelo seu opusculo biografico do Fleiturzinho [1] Era natural a reacção em gente que pensa e sabe ler; assim co-

---

(1) A biografia do Pauto Fleiturzinho do Loureiro... Opusculo, Porto, 1946.

mo achei natural o silencio do Episcopado. Os bispos, meu caro Lourenço, não gostam de tais assuntos; o Pleitorsinho, se fosse vivo, estranharia estas atitudes dos purpurados e seus subalternos; e quem sabe se promoveriam a sua prisão por «uso ilegal das relações com o céu...» Eu sei lá! São capazes de m.to mais.

«Os meus parabens pelas conclusões de arqueologia artistica. Curiosas e inesperadas. São, realmente, uma boa nova, como diz, e que me deixa satisfeito.(1) Na verdade, ha muita coisa ainda para descubrir; houve uma larga epoca em que se estabeleceram certas verdades garantidas, das quais se não poderia discordar sem risco de excomunhão... Ainda bem que começam a aparecer heresiarcas que, felizm.te, ainda vão vivendo sem excomunhão maior.

«Eu, na m.a pobre tarefa de historiador militar sou um tanto ou quanto heresiarca; mas tenho a sorte de o episcopado da m.a classe não ter dado pelas heresias... Ainda bem! Não as perceberam. Continue, pois, meu caro Almeida, com es-

---

(1) Estudo acerca dos tumulos goticos de Braga e Vila do Conde.

seus seus estudos e trabalhos; nesse especialidade tem mais quem o leia e quem o compreenda; e as suas conclusões, sendo problemas como são, terão o devido apreço e, no futuro, o devido valor.

« Com m.to gosto reverei as provas da sua Seminium. Pode dizer ao Alvaro Pinto que vi' as mande para aqui. »

Paz: Mafra.

Setembro: 25

Recebi hoje, pelo correio, sem nota de remetente, dois papeis impressos do Movimento de Unidade Democratica, ou por abreviatura: M.U.D.

Vê-se que o movimento continúa; parece, até, que não querem perder o direito de legalidade (pobre legalidade!) que ha um ano o governo lhes deu pouco pensadamente, valha a verdade.

Farão bem, possivelmente. Continúo pensando que tudo é inutil com esta gente que nos governa á força.

Os papeis tratam: um do caso da não admissão de Portugal na Organização das Nações Unidas (O.N.U.); o outro da representação que mandaram ao presidente Carmona para mantenem o direito de se lhe dirigirem.

É claro que os homens do governo, embora o caso lhes desagrade, riem-se de tudo isto — mas não prendem um e outro a fazendo aquilo que lhes parece.

Que dizer mais?

Paz: Mafra.
Outubro: 3

Simples extracto duma carta para o Pires Monteiro: o resto não vale ficar.

«... Agradeço a carta do Ultra Machado[1] que li com prazer. É um espírito m.to curioso, um tanto irrequieto; não sei se virá bem os problemas, mas a confusão do mundo é tal que não admira que os juízos que se formam sejam um tanto ou quanto nebulosos. Por mim, só digo que sinto uma enorme tristeza. Como liberal-idealista, magoam-me os entraves trazidos dos interesses e todas as violências que andam por detrás deles.

«E como agora vamos passar pelos feriados republicanos, recolhâmos-nos um pouco e percorramos os 36 anos de regime a que também faltou o sentimento

---

(1) Fernando Pais Teles de Ultra Machado, oficial demitido e gravemente doente.

do Ideal e se deixou logo arrastar por tanto interesse desencontrado. Quando eu ouvir, no prox.º sabado, um ou outro foguete discreto que lancem na vila para discreta comemoração — tenho a certeza de que o espirito se ressentirá com tristeza.

«Contudo, sursum corda, tanto quanto possivel! Um abraço, etc.»

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Aniversario do regime.

Que tristeza!

Ao meio-dia senti, na vila, uma série de foguetões ou morteiros festivos. Tive a veleidade de imaginar que seriam lançados por ser dia de gala...

Mas não foi por isso que os morteiros estoiráram: foi para anunciar a festa do Sagrado Coração de Jesus que se realisa amanhã.

Afinal — antes assim.

Paz. Mafra.

Outubro: 13.

Escrevi hoje ao Mario Cardoso, de Guimarães que, pela ult.ª Ordem do Exercito, passou á situação de Reserva. As felicitações que lhe mandei apenas visávam o

facto de «se ver livre da engrenagem que lhe tornava o tempo e o não deixava dedicar com atenção e sossêgo aos seus trabalhos jurídicos.» São felicitações um pouco sui generis, mas lá vão.

Paz. Mafra.
Outubro: 15

Ontem houve festança grande na cidade de Evora, em honra da Padroeira.

Muitos bispos, generais, governadores civis, etc. etc. O cardeal Cerejeira fez um discurso que terminou com as seguintes palavras de evocação á Imaculada:

«Vimos também pedir-lhe que guarde a nossa Patria e que ela continue a ser a terra onde a verdade e a justiça reinam.»

Que dizer a esta suplica? E' ou não é o reinado da mentira? A justiça e a verdade... Coitadas delas!

A Igreja descaradamente senta-se na cadeira da situação. E fala alto.

Paz: Mafra.
Outubro: 19

Escrevi ao Camara Reis a seguinte carta que não sei como será aceite:

«.... Esperava o nº. 999 da Seára p.ª calcular a saída do nº. 1000, pois queria saudar V... na devida altura como o mais antigo representante da primitiva direcção e como o constante, tenaz e muito ilustre director actual. Como até agora não chegou a este retiro onde me encontro desde o verão o desejado numero e como receio haja havido qualquer contratempo dos vulgares contratempos da epoca, tenho-me de escrever estas simples linhas desejando, desde já, como dizem estas gentes do Povo p.ª me rodeia, que a sua saude, ao fazer desta, seja a melhor possivel e V... esteja já integrado na sua vida normal.

«Os 25 anos anos de idade da revista representam um enorme esforço e creio que são raras as publicações que atingem tal duração com o mesmo director á sua frente: razão porque eu quéro saudar V... como incansavel e infatigavel guia de tão valiosa tarefa e, ao mesmo tempo, mandar por intermedio de V... a todos os que o auxiliam mais de perto, a afirmação da minha muita simpatia e apreço.

«A Seára ficará marcando, quer queiram quer não, uma fase curiosa no desenvolvimento da cultura em Portugal; o sulco deixado por tal obra creio ter certa

profundidade; e por isso os homens que meteram ombros á empresa e V... em especial que a tem mantido com aprumo, merecem a gratidão dos que não aliénáram ainda a intelijencia que possuem.

«Queiram pois VV... todos aceitarem os meus cumprimentos e homenagens, etc.»

Isto está tudo m.to bem, mas esta gente de Lisboa como olhará p.a tal manifestação provinciana?

Coimbra.

Novembro: 9.

Fui ás ruinas de S.ta Clara-a-Velha de alem da ponte, com o Chaves Almeida.

E' extraordinario o que ali se vê e ainda o que se não vê, encuberto pelo lôdo e pelas aguas! A impressão que se cólhe em visita como esta é das que não se descrevem. Fica-se um tanto ou quanto amadorrado.

A' saída, a luz do sol, coada pelo oiro velho dos platanos, deu nova sensação estranha — tambem indefinivel pelo contraste. E á noite, ainda debaixo da influencia de tão grandes impressões, o aparelho de radio lançou-me aos ouvidos o discurso do Salazar...

Que diferença, oh Deuses imortais! A miseravel politica, a subtil ronha jesuitica do tenebroso chefe, sujando a alta e clara emoção de Arte.

Que vida está... que para um prazer ha sempre ou um desgosto ou uma impressão de nojo!

Coimbra

Novembro: 10.

Trata-se hoje do centenario de Sebastião Teles. O Pires Monteiro lembrou-se de mim p.ª intermediario entre a Revista Militar e o Casimiro de Sousa Teles, sobrinho daquele; como andam de relações cortadas por causa da politica, receava abordagem desagradavel.

Neste sentido recebi em Setembro um oficio da Revista ou seja do Pires Monteiro. Ora eu pensando no caso, observei em carta mandada hoje que me não parecia bem que morando o Teles em Lisboa e sendo a Revista dirigida por um general se escolhesse um cidadão de Coimbra para estabelecer relações com aquele. Expuz melhor ou piór e conforme fui capaz, o meu modo de ver; o Casimiro que é todo de atenções e melindres poderia não gostar e lá ficava o caldo entornado.

Vamos a ver o que responde o Pires Monteiro que ás vezes tem suas creancices já pouco proprias da idade.

Segue, agora, o final da carta que vale deixar registada:

«... E a proposito do centenario: on tem encontrei o dr. Joaquim de Carvalho que me falou e com certo entusiasmo da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares; não conhecia o livro e agora com o trabalho que tem debaixo de mão fº. a Historia da Filosofia em Portugal, teve de o ler e estudar. Deu-me a impressão de que o considera notavel e eu lembrei-me de se lhe poder um artigo, duas pagi-nas que fossem, para o fasciculo da Re-vista que celebrasse o centenario. Que lhe parece? Em breve ha uma sessão na Academia em que ele vai falar (centena-rio de Leibnitz) e seria ocasião de o nosso general Teixª Botelho lhe dar a facada se entenderem que o artigo é oportuno. Eu creio que sim: o nome do dr. Carvalho vi-nha honrar a Revista (1) e daria certa nota precisa e de elevação á obra de Sebastião

---

(1) Na Revista não capazes de não gostar desta minª afirmação — que julgo justa.

Teles. Pense, tambem, nisso e diga de sua justiça. »

Quero crer que não aceitarão a ideia do artigo do dr. Joaq.m de Carvalho por ser artigo dum paisano.

Vamos a ver.

Coimbra.

Novembro: 16

O Lourenço Chaves Almeida mandou-me um postal com certas referencias á nossa visita ás ruinas de Santa-Clara-a-Velha. Em resposta comecei a escrever a carta pretenciosa que não acabei e não mandei — mas q. aí fica como padrão de tentativa literaria...

Fica apenas nesta caderno. Não foi p.a o destinatario que a poderia guardar e mostrar: o que era o demonio...

«.... Ao receber o seu postal de 10, já eu deixára escritas algumas palavras no meu caderno de memorias, relativas á nossa visita á igreja de S.ta-Clara.

« Vim de lá não direi amadorrado mas, na verd.e, fundamente impressionado. Ha tantos anos que ali passo! Ha tantos anos que só via o recorte gracioso

do campanario a dominar a mole, sem pensar no que ali estava escondido em lôdo e aguas turvas!

« Quando chegámos á estrada, como vinha com os olhos cheios das pedras trabalhadas que seriam materializações de sonhos de muito artista, senti na luz do entardecer coada pelo ouro velho dos platanos, por debaixo dos quais se via, ao longe, a serra ligeiram.te violácea, a contradição que deve haver nos artistas que na oficina lavram a pedra embebidos no esforço de dar vida á materia inerte e nos que se embebedam com o ar livre, com a Natureza e sentem toda a orquestração das côres e todo o efeito das perspectivas.

« A conversa que mantivémos pela estrada, até ao electrico, não me desviou das impressões colhidas e assim, logo que me sentei no carro, quasi fechei os olhos e sem querer percorri um pouco da m.ª vida... O contacto com a bela obra de arte ali metida no lôdo e sujeita á inundação de aguas barrentas, deu-me bem o simbolo de tanto sonho de artista que se afunda nos lodaçais. E ainda a severid.e e a grandeza da obra isabelina me deu a impressão desagradavel da inanidade de certas concepções e certos projectos.

«Ao menos, cá fóra, na estrada, tive quasi o deslumbramento da largueza colorida das insúas e encostas do rio que vai morrer na serra, ao longe, para os sítios queridos da m.ª infancia e de sempre tenho saudades.

«Enfim, meu caro Lourenço, estes e outros devaneios lancei eu no meu caderno de notas sem qualquer intenção literaria; mas eu vinha...»

Interrompi. A carta ia gotica e pretenciosa e descosida de mais. Acabei por escrever uma carta de prosa correntia e ficou melhor assim.

Contudo o que aí fica tem seus fundamentos. O que é, é que aquilo custa a descrever como o demonio.

Coimbra:
Novemb.º 22

Não sei como o Pires Monteiro leu ou compreendeu a m.ª carta de 10 deste mês a respeito da missão de que me encarregaram junto do general Casimiro Teles. Voltou á carga com a mesma solicitação e de tal maneira que não tive outro remedio senão escrever ao homem uma epistola toda amavel e cheia de circunloquios para

1443

que a minha missão tivesse certa razão de ser. Costa Pires Monteiro teve cada uma!

Pronto. Lá foi a carta.

Coimbra.

Novembro: 29.

Carta para o poeta Augusto Casimiro que me manda dizer que vai organizar, com o Leitão de Barros, um filme sobre Nun'Alvares. Mais outro mestre cinematográfico.

«.... Desculpe-me não acudir logo ao seu S.O.S. condescendiano... A sua carta q. me deu mto. prazer foi recebida em 21 deste mês, altura em q. ouvira a sentença dum oftalmologista condenando-me a uma catarata no olho direito e pronuncios de outra no esquerdo. O meu generalizante pessimismo, como compreende, aumentou, para não dizer que se sublimou.

«Bem. Deixêmos a miseria do barro humano e vamos ao Sudestaval. Por este correio segue a conferencia feita na Univers. Livre em Maio de 1932; e não lhe mando uma comunicação que fiz ao Congresso de Hist.ª Medieval, em 1940, porque a imprensa dos meus Bertrand me quiz roubar no preço das separatas. Esta comunicação vem no volume respectivo das publicações

(no volume II, a pag. 299) com o título de O Sistema de Nunálvares.

«Quanto ao estudo, infelizmente incompleto, do Costa Veiga com o título De Lestremoz a Aljubarrota, vou qualquer dia ao Instituto ver se lhe adquiro os números em q. ele vem.

«Desejo-lhe o melhor exito no filme. Com o Leitão de Barros deve ser coisa bem gosta, mesmo com Guarda Republicana a fazer de Ala dos Namorados... Não se esqueça de ver nas Caronicas o capitulo em que Nunálvares ameaçou D. João I de se passar a Castela quando este lhe recusou certos benefícios nada espirituais. Mas enfim: desejo-lhe exito e que eu ainda o possa ver.

«Meu caro Casimiro: creia que vive uns momentos de alegria com a sua carta. Bem haja! Desejo-lhe a melhor saude e a continuação do seu saudavel optimismo — que eu não poderei ter.

«Um abraço, etc.»

Coimbra.
Dezembro: 3

Hoje novamente fº. o Pires Monteiro e ainda a-propósito do centenario de Gebas-tião Teles.

Vai só um extracto p.ª economisar papel e tempo:

«.... Quanto ao dr. Joaquim de Carvalho é melhor não se gastar mais. Foi uma ideia que teve como outra qualquer — e nada mais. Não espere, porem, que ele, no centenario de Leibnitz se refira á obra do Sebastião Telles; creio que nada tem uma coisa com a outra, embora aquele, apesar da sua teoria das ideias inatas e do rompimento com Descartes e das suas monades cheias de actividade espiritual, se mantenha com certa preoccupação positiva.

«Leibnitz era do sec.º XVII e o positivismo no centenario é do seculo XIX, consequencia de complexa evolução filosofica.

«Eu não sei se estou a dizer asneiras; é possivel que assim seja, pois nestes assuntos, estou como o outro: «Tanto se "me dá como se me deu...» O que quero acentuar é que não será no discurso do centenario leibnitziano que o Sebastião Telles possa vir a aparecer.

«De-mais, direi como m.ª Nata quando se lhe nega com bons modos qualquer coisa: «Está bem! não se fala mais nisso!...» E aqui tem: Um alcaçuz, etc.»

O Pires Monteiro tem ás veres umas ideias que não acodem ao Diabo... Queria ele que eu pedisse ao dr. Joaquim de Carvalho para que, no discurso academico do centenario de Leibnitz, ele metesse referencia elogiosa ao Sebastião Teles.

Creancices, alias bem intencionadas.

Coimbra.

Derembro: 7.

O Joaquim Cardoso, conimbricense, e livreiro em Lxª, proprietº da Livraria Renascença, ao Poço dos Negros salvo erro, e ao mesmo tempo presidente da Casa de Coimbra em Lisboa, lembrou-se de mim para iniciar uma campanha nos jornais a favor da creação, aqui, duma aula de ferro forjado.

A ideia deve partir dalguns serralheiros artistas, como o Albertino Marques, que se quererão colocar como professores. Seja como fôr, eu quero que eles tenham muita saude mas que me deixem em paz e sossêgo. Quem é que hoje cuida em aulas de ferro artistico?

Lá escrevi ao homem, com agradecimentos, mas escusando-me amavelmente: «... eu ando afastado de tudo quanto diga respeito aos interesse de Coim-

bra; vivo isolado, e se apenas saio, uma vez por outra, com uma conferencia publica, essa m.ª atitude nada tem que ver com qualquer movimento de opinião da nossa terra — onde não tenho qualquer jornal amigo e onde nunca fui ouvido, não sou nem já agora serei. »

Etc. etc. La me descartei com a melhor forma. Ali deve haver qualquer interesse particular e não o puro interesse pelas artes do ferro.

Hoje, tambem escrevi ao Saturio Pires uma grande carta a respeito da sua obra acerca dos Caçadores Portuguezes no Exercito de D. Miguel. Este caso interessa-me muito mais que o da aula de ferro forjado. Vai pois a carta na integra:

«.... O meu silencio se não é vergonhoso, não sei o que será. Tenho presente a sua carta de Abril; e, se não são passados os sete seculos do solitario Enrico da Carteia, já lá vão, contados por facil aritmetica, uns bons sete mêses. Mas não foi por mal: eu tenho andado absorvido pelo trabalho sobre o Saldanha, trabalho inglorio, prolixo, massudo, que estou a ver fica incapaz de publicação. Está quasi no fim

e quero termina-lo; é caturrice como outra qualquer.

«Mas vamos ao caso ou, aos casos...

«O primeiro é agradecer-lhe as suas boas palavras quanto aos opusculos q. lhe mandei; o seu louvôr é demasiado, e eles apenas são fruto de 40 anos de leituras e de alguma reflexão cuidadosa na velhice sobre o panorama historico sem odio nem afeição (como se diz nos tribunais) e com a boa vontada, ao menos, se não resolvo os problemas, de os apresentar o melhor possivel. E pouco mais valerão os meus mais do que modestos opusculos.

«Outro caso é o de certas duvidas levantadas enquanto ia escrevendo os capitulos do ensaio saldanhista relativos ás lutas liberais perante passos do seu livro Os Caçadores Portuguezes — que eu considero, sem favor, livro fundamental nestes assuntos. Essas duvidas vão em folha aparte p.ª não perturbar o ritmo epistolar e manter a boa ordem requerida ou exigida pelas estilisticas... O Saturio Pires lá verá isso com sossêgo.

«Ainda o outro caso é o dos seus considerandos acerca do sec.º XIX. Eu serei suspeito porque sou velho liberal nado e creado á sombra da «arvore da Liberda-

de » que floresceu com os homens da Terceira, que deu sombra (ai de mim!) ás sáias da pobre Elvira e que alargou as ramadas em 48... Mas penso tambem que o seculo foi, como Vossê diz, um dos maiores da Humanidade e que só por estreita visão politica se poderá apoucar. Gostei, pois, de ver escrita a sua opinião que prova o Saturio não ter a cabeça ~~x~~ só para pôr o chapeu. E ainda, meu caro, é um consôlo saber que ha quem pense por si.

« Ora pois. Finalisêmos. A melhor saude, etc. »

Segue-se a folha apensa com as minhas duvidas. Vão separadas em paragrafos.

« § 1º.) No vol. II, pag. 84-85, na indicação das colunas constitucionais no ataque de 10 de Outubro de 33 contra as linhas realistas, diz que a do centro tinha por objectivo a zona ocupada por Bourmont com a Guarda Real da Policia. Ora eu, pelo que averiguei nos elementos de que dispuz, escrevi o seguinte: «... a do centro tinha por objec-"tivo o lugar das Telheiras e naturalmente a "possibilidade de ir até ao Lumiar.» E como era comand.ª directamente por Saldanha, deveria ser a de mais forte impulsão. Ora

Bourmont estava, se me não enganei, a leste do Campo Grande e na zona destinada ao ataque da coluna de Terceira que deveria ter-se fraccionado em dois ataques: um sensivelmente pelo Arieiro, outro pelo vale de Chelas, ambos com o objectivo Portela-Charneca. Onde se fundamentou Vossê p.ª aquela afirmação? Talvez documento que eu não visse e me viesse esclarecer.

«§2.º) Acção de Loures. Quasi no fim do prélio ha um avanço contra o planalto onde a Infantaria de Saldanha forma quadrado. S.t-Pardoux (cap. IV, pag. 72, ed.ão de 1836) diz q. foram 4 batalhões; Vossê (pag. 100) diz que foram 4 regimentos. Em que se fundou? E era só um quadrado?

«§3.º) Combate de Pernes. A carta do Adriano Beça conta o caso do quadrado de Infant.e n.º 17: um só quadrado. Saldanha, porem, refere-se a «dois quadrados» na participação oficial (Soriano: v. VII, pag. 642); e Velez Barreiros assim o dá a entender embora confusamente (Os Papeis de meu Pai, v. I, pag. 254). Vossê viu algum docum.to seguro? Quer-me parecer que as outras forças, alem das do 17, que se não deixaram dominar pelo terror, formariam outro quadrado. Que lhe parece?

«§4.º) A proposito do misterio a que se refere na pag. 171, relativo á posição do brigadei-

no Retrocho, em Alenoster, não estará esclarecido pelo que conta o autor anonimo da Noticia de alguns succesos publicada pelo nosso Ferreira Lima no vol. XI do seu Boletim, nas pag.ª 25-26? »

Coimbra:

Dezembro: 15.

Hoje segunda reunião do comissão do centenario de António Augusto Gonçalves. Segue a acta da sessão:

«Aos quinze dias do mês de Dezembro de 1946, numa das salas do Museu de Machado de Castro, reuniu-se a comissão que pretende celebrar o proximo centen.º do nascim.to de António Aug.º Gonçalves conforme ficou definido na acta da sessão anterior realizada em Junho p.p. Estiveram presentes todos os vogais. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O sr. dr. Costa Rodrigues comunicou que o dr. Joaquim de Madureira se pronunciou para colaborar no centen.º e foi lembrado que se lhe poderia solicitar uma conferencia acerca do ambiente coimbrão no fim do seculo XIX. A seguir B.P. lembrou as dificuldades que poderiam surgir para a efectivação dos nossos propositos perante as actuais autoridades pois será conveniente

não esquecer que o nome de Ant.º Augusto Gonçalves não era estimado pela actual situação política e é possivel que a sua memória ainda sofra essa influencia. Julga pois que as nossas intenções deverão ter sempre em vista essa circunstancia. Depois, o mesmo expôz um caso que julga de importancia e poderá ter qualquer influencia no plano estabelecido: o sr. António Gomes da Rocha Madail procurou-o para lhe dizer que pensava no prox.º dia 19, aniversario do nascim.to de A. A. Gonçalves fazer reunir na Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra o maior numero de socios a quem lembrasse que daqui a dois anos passava o centenario do nascimento do mesmo ilustre Mestre e que seria interessante fazer uma exposição bibliografica e das obras que se podessem conseguir reunir quer em pintura, desenhos ou escultura quer ceramica de maria especie; e assim solicitaria aos socios presentes indicações sobre a existencia dessas obras já se ir fazendo um inventario que facilitasse essa exposição. Mais disse o sr. Madail que andava a trabalhar num ensaio sobre o Mestre para o que tinha elementos fundamentais colhidos no seu espolio, principalmente desenhos, cartas de quasi todos os individuos que em Portugal

se dedicaram a assuntos de Arte desde Possidonio da Silva, recortes de jornais com artigos, apontamentos, etc. etc. Mas, depois de conversa casual com o sr. Lourenço Chaves Almeida pela qual soubera dos nossos propositos, declarava que desistia dos seus intentos e se limitaria ao ensaio que já tinha bastante adeantado. Perante estas afirmações entendeu B.P. que lhe deveria dizer que, embora como opinião pessoal, lhe parecia que a boa vontade do sr. Madaíl vinha ao encontro dos nossos esforços no sentido duma comemoração digna; mas encontrou naquele sr. uma recusa constante que não compreendeu bem depois da exposição ouvida e das provas de admiração que dera na conversa pelo valor do Mestre. Expunha, pois, aos presentes este assunto p.ª a devida consideração, lembrando-se de que, talvez interessando o presidente da Socied.ᵉ de Defesa e Propaganda de Coimbra, o dr. Alfredo Fernandes Martins, poderia conseguir-se a adesão da instituição, aliás já mencionada no nosso programa, mas especialm.ᵗᵉ do sr. Rocha Madaíl que se poderia encarregar da exposição projectada, dadas as relativas facilidades que já possuia. O assunto foi considerado e discutido e concordou-se com a

deligencia junto do dr. Fernandes Martins mas, como propoz o sr. dr. Antonio da Costa Rodrigues apenas como esclarecimento ou explicação p.ª não afastar a Socied.º de Defesa e Propaganda, sem contudo esta comissão deixar de manter a supremacia da iniciativa e não deixar de ser tambem a comissão dirigente de toda a comemoração centenaria. — B.P. falou ainda na vantagem de conseguir a adesão do director do Arquivo Coimbrão que seria a revista propria para arquivar conferencias e qualquer documentação que se achasse digna de ser conservada; ficou encarregado o sr. dr. Costa Rodrigues de sondar o dr. Pinto Loureiro e ainda B.P. lembrou que seria conveniente obter a adesão da Casa de Coimb.ª em Lisboa e disse que em breve, em Lisboa, teria de falar com o seu actual director e se propunha tratar do assunto. O sr. Alvaro de Lemos lembrou o nome do conimbricense Adolfo de Freitas, empregado no Porto, grande admirador de Antonio A. Gonçalves que poderia ser colaborador eventual naquela cidade. Resolveu-se p.ª evitar quaisquer mal entendidos dar conhecimento á Imprensa do que se deseja fazer e não havendo mais nada que tratar encerrou-se a sessão, marcando-se a

proxima para o dia 19 de Janeiro de 1947. E desta sessão se lavrou a presente acta q. eu, B. P. escrevi, etc. »

Vamos a ver o que se consegue.

O caso Madail, porem, é que poderá dar sensaboria. O cavalheiro detestava o velho Gonçalves porque este lhe não dava a importancia que julgava merecer. Em algumas que surgiram contra o Mestre, percebeu-se o seu dedo venenoso escondido, como aconteceu, por ex.º, com o dr. Antonio de Vasconcelos. O Madail é, com aparencia serena e afectuosa, um poço de vaidade e de veneno; como é pessoa bem educada e consegue dominar a maldade natural, apresenta-se ~~[illegible]~~ com maneiras que inspiram certa simpatia e engânam facilmente até aqueles que têem experiencia da vida e desconfiança do proximo.

Assim tem conseguido manter-se em tudo e tornar-se indispensavel em muita coisa; em Coimbra pertence a quasi todas as sociedades e faz parte de quasi todas as iniciativas — mas sem aparecer verdadeiram.te ás claras, sempre a manobrar na sombra com certa inteligencia.

Ha quem se queixe dele e aponte varias tratantadas ou, até, para ser mais

claro, varias e grossas fajardices que revelam falta de caracter ou mesmo mau caracter. Mas a verdade é que as suas maneiras, a sua acção em certas reuniões, o seu trabalho como investigador, as relações que consegue, devido á sua situação oficial, com personalidades mais conhecidas, e em especial com as que se dedicam a estudos historicos, dão-lhe a aura suficiente para o manter em nivel um tanto ou quanto elevado que obscurece os rumores desagradaveis que correm a seu respeito — os quais, muitas vêres são levados á conta de invejas e malquerenças.

E assim, este cavalheiro consegue ter fama reputação que o tem levado a quasi tudo em Coimbra; mas como é cauteloso, tem o cuidado de se não evidenciar, possivelmente para evitar discussões sobre a sua pessoa que poderiam acarretar qualquer desagradavel.

Ao falar-se do Madaíl é vulgarissimo ouvir um oh!... acompanhado de gesto duvidoso, como de quem diz: «oh que maroto!...» Mas tambem é verd.e que á sua volta se mantem algum receio pelo seu caracter e quasi todos preferem viver bem com ele a terem-no por inimigo. Sai só de duas pessoas que cortaram com ele

de mez: o Tomás da Fonseca ha muito reu-
so e recentemente o P.e Nogueira Gonçalves
— e tudo pela grande vaidade beliscada a
que os dois não ligáram importancia

A conversa que teve comigo que ficou
referida na acta acima, mostrou bem o que
no seu espirito se passou a respeito do cen-
tenario. Eu creio que li ás claras nas suas
palavras; ele com certeza não me julgou
de esperteza ou finura tão capaz de entrar
pelo seu intimo e seu querer abriu-se
imprudentemente um bocado — o suficien-
te para eu entrar com relativa facilidade.

Seria ou não seria assim. Mas eu que
no crer que o Madail soube por qualquer
via dos nossos intentos e não gostou da ex-
clusão do seu nome p.a a comissão, o que
o beliscaria, como naturalmente o belis-
cou no caso da homenagem do Instituto
em Março deste ano que o levou a nomi-
nar habilmente o Fernandes Martins co
seu presid.te da Societ.e de Defesa e Propagan
da e o Octaviano de Sá como detentor das
chaves da Escola Livre das Artes do Desenho.
A sua vaidade não admitiria que se pas-
sasse em cem centenario que decorreria
certo ruido de comemorações sem ele estar
presente; e como se comunicou, afinal, de
que Mestre Gonçalves era na verdade gran-

de personalid.e na história das Artes em Portugal, concebeu um plano que começou a executar indo a casa da irmã, D. Liberia Gonçalves, solicitando autorização para ver o espólio do Mestre com o fim de colher elementos para uma grande homenagem que se lhe ia prestar. Esta Senhora, com 80 e tal anos, empobrecida pelas doenças, com começos de senilidade, mas sempre fiel á memoria do Irmão, autorizou.

O Madail desceu a uns lojões nos baixos do predio em que o Mestre viveu e morreu, lojões a que lá chamam familiarmente o «pocavão» e encontrou-se como um rato dentro duma queijo: e levou tudo o que quis! Todos os desenhos, todos os projectos de varias especies, cartas preciosas ás centenas, recortes de jornais com artigos, mais ou menos dispostos para uma edição de dispersos que meu Tio Albino da Silva projectou em Tempos, documentos de todas as qualidades, inclusive alguns manuscritos que parece lhe deram certa alegria...

Enfim, um espolio precioso onde encontrou de tudo: desde esboços postos de lado em bocados de papel, até a discussões sobre problemas de Arte com os melhores vultos do seu Tempo. Só não apanhou algumas cartas de Ramalho Ortigão porque

o João Gaspar Simões se apropriou delas a seguir á morte do Mestre. E agora, como bem se calcula, jogando com estes elementos que ele ocultá cuidadosamente vem sobre a nossa comissão uma enorme superioridade; e como ele trabalha bem, quero crer que o ensaio que se propõe publicar será obra curiosa e de valor

Quando eu lhe disse que ele poderia ser um auxiliar da comissão, recusou-se com vaidosa veemencia que, contra o seu habito cauteloso, descubriu-se; e ao dizer-lhe que não compreendia que, querendo colaborar a memoria do Ant.º Aug.to Gonçalves por sua iniciativa, se recusasse a colaborar com amigos que anteriormente pensávam no mesmo e, por consequencia com direito de primazia, ele, percebendo a imprudencia da rapida recusa que se não explicava m.to bem, manteve a recusa com modos atrapalhados e algum tanto nervosos mas alegando que o caso estava em boas mãos e fazendo amaveis referencias aos componentes da comissão.

Eu insisti, e ~~comprometi~~ falei-lhe dos companheiros, das boas vontades, da confiança no exito. E aqui descubri que o P.e Nogueira Gonçalves estava de permeio e inocentemente (se não foi melhormente...)

saiu-me a dizer que a comemoração estava em tão boas mãos que até estava sob os auspícios da Igreja...

Tornei a iniciativa de me rir e disse-lhe que a Igreja nada tinha que ver com a memória do Mestre Gonçalves de mais a mais aliás; se ele se recusava tão obstinadamente a colaborar, os motivos seriam outros mas nunca a ingerência na comissão do Padre que era, aliás, figura de fraco predomínio. O Madaíl, seu olhar para mim, esfraiando o olhar pelas lombadas dos livros, deixou escapar várias frases cáusticas relativas à maldade do P.e Nogueira Gonçalves, ao seu espírito rancoroso, ao caracter vingativo, etc. etc. — qualidades reais que advinham de várias causas como sejam:

a) De não ser ele mas sim o Padre o encarregado de coligir, anotar e prefaciar as obras do Vergílio Correia que não ser publicadas em 6 volumes pela Universidade, trabalho a que ele, Madaíl, se propunha.

b) O caso da Direcção do Museu de Machado de Castro a que o Madaíl se propôs por morte do Vergílio e em que encontrou o Padre pela frente. Neste caso há a agravante de o Madaíl favorecer a candidatura do Reis Santos para o cargo porque, co

mo este mau grama (passe o termo) o Padre Nogueira, implicitamente a sua vinda daria como resultado a saída deste o que aleiria o caminho ao Madaíl para realizar parte ou, quem sabe, toda a sua aspiração.

Ela pouco, a conferencia que o Reis Santos fez em Coimbra sobre Gomes Vasco foi promovida pelo Madaíl segundo me confessou, não ha muito, o Fernandes Martins, para uma especie de apresentação ao publico conimbricense do futuro director do Museu. Tudo coisas mais ou menos faceiras que em parte se vão desvendando com mais ou menos facilidade.

Pareceu-me, pois, que da conversa supra referida se concluí muita coisa; e na verd.e, do final dela não me pareceu provada a inferiorid.e do P.e Nogueira Gonçalves que, dipa-se a verd.e pouco conheço mas do qual, aliás, pela primeira vêz, ouvi mal.

Enfim, o caso está mais ou menos claro: o ilustre Madaíl não conseguiu ser o empresario da comemoração centenaria e daí o seu mau humôr e a recusa de colaboração que ele quiz encobrir com as maldades e rancores do P.e Nogueira. E' possivel que esta atitude nos traga um ou outro dissabôr pois o homem não é bom amigo e é muito mau inimigo.

Neste último aspecto creio até que é perigoso.

Ora pois. Vamos a ver se o Fernandes Martins é capaz de o demover e o levar a bom caminho.

Coimbra.
Dezembro: 18.

Falei hoje com o advogado Fernandes Martins. Expus-lhe com lealdade o caso do Madaíl; é claro que a lealdade com que lhe falei não ia ao ponto de confessar a impressão que tenho do homem; pelo contrário, mostrei por ele a melhor simpatia e o desejo de colaboração.

O Fernandes Martins ouviu atentam.te e terminou por dizer com sorriso amavel:

— Deixe-o V.Ex.ª comigo... Eu vou ver isso...

Toda intervenção tem, evidentemente, seus perigos — pois não desejámos nem um nem outro metidos na comissão ou com qualquer espécie de influencia.

Vamos a ver.

Lisboa
Dezembro: 22.

Eu Lisboa, novamente. De cada vêz encontro a capital com aspecto mais des-

moralizado e mais malcreado. As mulheres dão a impressão de que 95% são de vida facil, parece que se oferecem sem relenço. Os homens teem o ar de quem não quer perder tempo, que cada minuto vale dinheiro e de que... primeiro nós. Os rapazes são malcreados e as raparigas novas, essas, nem falar.

Enfim, já nada tenho com tudo isto; só verifico a diferença que, para homem do sec.º XIX, vai sendo cada vez pior.

— 1947 —

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais outro...

Dia frasco com sol ausente. Símbolo das contradições do tempo em que vivêmos.

Lisboa.

Janeiro: 3

Fui ao Arquivo Histórico Militar ver o Ferreira Lima. É' uma das m.as devoções quando estou na capital.

Ao mesmo tempo, consultei os verbetes relativos á Revolta dos Marechais. Pareceu-me que haviá pouca coisa que désse interesse ao meu efémero Saldanha.

Depois, fui á consulta ao dr. Anastácio Gonçalves que confirmou o diagnostico da catarata feito pelo dr. Fernando Pinheiro em Coimbra. Catarata incipiente escreveu ele na papeleta do arquivo do consultorio; incipiente, mas nos dois olhos e maior no esquerdo. Diz que não lhe parece ter caracter

evolutivo... Penso, porem, que se não tem caracter evolutivo, como é que evolucionou até ao estado actual?

Enfim, adeante.

Lisboa

Janeiro: 4.

Procurei hoje o Pires Monteiro na Revista Militar não só para um pouco de conversa como para lhe agradecer a visita que me fez ha dias. Não me lembrei, porem, que hoje é sabado e que, em holocausto á velha aliança luso-britanica, se pratica o tim-de-semana — com evidente esquecimento dos jurados nacionalistas...

Seja tudo para desconto de pecados.

Lisboa

Janeiro: 5

Grande temporal. Chuva e vento. Nas ruas torrentes de agua. Os cedros do jardim «do Salazar» vergam mais do que ele — e não ha temporal capaz de derrubar...

Fiquei em casa lendo Kipling e a Arte de ser avô de Victor Hugo. Passatempo inocente, enquanto os pingos de agua num proximo telhado de zinco não causando enervamento.

Lisboa

Janeiro: 6

Dia dos senhores reis que os meninos gostam de celebrar discretamente debaixo de formulas religiosas para esquecer as saudades do velho regime hereditário.

Lisboa

Janeiro: 9

Fui hoje visitar o Pires Monteiro q. está doente. Contou-me ele que os comandos ou, pelo menos, os principais comandos da guarnição de Lisboa foram ha dias junto do gen.al Fernando Pereira Coutinho, governador militar, solicitar a sua aquiescencia para a nomeação de chefe da casa m.ar do Presidente, dada não só o máu estado de saude do general Carmona como o não menos máu estado físico do Anibal Mota. E juntamente com a solicitação, ia a insinuação de ser, proximam.te, eleito para a presidencia...

O Pereira Coutinho respondeu que como miguelista que era e sempre foi, não podia ser presidente duma Republica... E com isto despediu amavelmente os solicitantes e tudo continuou, na mesma, como antes.

Dizem para aí que o Carmona está m.to doente e que esta solicitação corresponde á sua vontade p.a com o Salazar dos quais o Pereira Coutinho parece não ser m.to adepto ou simpatizante. É assim, a ser verdadeira esta deligencia vê-se que se queria opôr aqueles dois homens hoje cordealmente abarrecidos pelo exercito uma creatura que, segundo dizem, consegue falar-lhes claro.

Será assim?

Neotes contos ha sempre alguma fantasia e nunca se consegue saber com exactidão o que se passa. Eu, porem, ponho as minhas duvidas em toda esta historieta.

Lisboa.

Janeiro: 10.

Fui falar ao Joaquim Cardoso, livreiro-editor da rua dos Poiais de S. Bento, creatura que eu não conhecia e com quem ha pouco tempo tive correspondencia. Pareceu-me homem de vontade firme, desembaraçado, com certa energia; mas não sei bem porquê, não gostei dele. É o presidente da Casa de Coimbra em Lx.a e procura fazer alguma coisa; mas creio que não consegue em parte não tem categoria p.a se impôr no ambiente lisboeta em parte não tem qualidades

de orientação para empresas desta natureza.

Quando lhe falei no centenario de Antonio Aug.to Gonçalves, razão da m.a visita, logo aprovou, disse que a Casa de Coimbra estava ás ordens — mas não mostrou grande entusiasmo nem mesmo interesse correspondente ao que julgava encontrar.

Fiquei, verdadeiramente sem saber o que pensar a respeito dele.

Lisboa.

Janeiro: 14.

Esteve hoje aí o Henrique de Carvalho Dias, major reformado de Artelh.a, que, entre outras coisas de menor interesse, contou o seguinte caso curioso e... instrutivo.

Ha anos, quando ele ainda tinha uma agencia-escritorio de compra e venda de predios, vendeu aos Franciscanos, representado pelo seu provincial (actualmente o bispo de Nampula) um palacio na Luz creio que proprie.do do May de Oliveira se me não engano. O contracto dizia que os 1:300 contos do preço seriam pagos em prestações: tres de 300 contos e uma, final, de 400, com intervalos de 3 meses.

Ora paga a prim.a prestação, o provincial, passado mês e meio, escreveu-lhe

uma carta, a ele Carv.º Dias, na qual dizia que desejava pagar o resto, duma vez só ou pelos os mil contos que faltavam porque, dizia, «o Banco da Divina Providencia facilitara o pagamento imediato...»

O Banco da Divina Providencia!

Eu perguntei ao Carvalho Dias onde era a séde desse Banco. Ele riu-se e disse q. não sabia...

Coimbra

Janeiro: 19.

Novamente em casa... E assim vou andando aos baldões.

Fez-se hoje a 3ª. reunião da comissão do centenario de Ant.º Alex.ro Gonçalves.

O caso do Madaíl muito referido atraz, continua a provocar preocupações. O Homem está remitente e vai confessando q. o escôlho é o P.e Nogueira Gonçalves. Hoje confessou-se ao Alvaro Viana de Lemos.

Que diabo se ha-de fazer ao sujeito? Teremos que passar sem ele e, confesso eu, isso só me dá satisfação. Ele é imperbinente e poderia estragar a nossa boa harmonia e os nossos bons intentos. E creio até que já começaria a perturba-los.

Quer-me parecer que se esboça já certa cisão de opiniões pois o Laurenço Cha-

res Almeida prefére o Madaíl ao Padre Nogueira Gonçalves; este é muito duro para com o Madaíl; o Costa Rodrigues torce o nariz porque não quere ouvir falar na intervenção do Fernandes Martins advogado; o dr. Gumersindo segue o sistema do Pai, isto é: nem para um lado nem para o outro, antes pelo contrario, não toma atitudes. O Alvaro de Lemos e o João Machado são conciliadores e vêem muito mal o problema.

O Diabo!... Isto vai a ver que o caso se torna difícil.

Ora a acta será isto pouco mais ou menos:

«Acta nº. 3. Aos 19 dias do mês de Janeiro do ano de 1947, pelas 15 h. numa das salas da direcção do Museu de Machado de Castro, reuniram-se os vogais da comissão: Alvaro Viana de Lemos, Belisário Pimenta, dr. Gumersindo da Costa Lobo, João Machado Junior e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. B.P. disse que em virtude do que se resolveu na ultima sessão acerca da intervenção do sr. Rocha Madaíl nas comemorações do centenario, procurára o sr. dr. Alfredo Fernandes Martins

antes de se ausentar p.ª Lisboa e exporera com toda a franqueza o assunto; este Snr. prometera toda a sua boa vontade para demover aquele da sua recusa. O Sr. Alvaro Viana de Lemos ~~[illegible]~~ informou de que essa deligencia parece não deu resultado pois já tambem falára no mesmo assunto com o sr. Rocha Madaíl e via-o irredutivel. Este caso foi discutido e resolveu-se esperar a resposta definitiva do dr. Fernandes Martins para se tomar orientação conveniente e ainda para evitar qualquer mal entend.º no publico pedir reunião da Imprensa para lhe dar conhecimento do que esta comissão pretende fazer, ficando encarregado disso o vogal B. B. — Este vogal explicou que em Lisboa procurára o presidente da Casa de Coimbra o Livreiro Joaquim Cardoso a quem expoz o programa do centenario; este Snr. aprovou e prometeu interessar os seus colegas da direcção no nosso empreendimento. — Passando-se á generalid.e concordou-se em que seria muito conveniente começar-se a fazer o programa das conferencias; e lembrou-se que a relativa á obra em pedra em que foi maior figura João Machado, Pai, deveria ser feita por João Machado, Filho que possuí elementos seguros para a fazer; assim como a ~~[illegible]~~ relativa á obra em

ferro poderia m.to bem ser entregue a Lourenço Chaves Almeida. Tambem se achou conveniente procurar assegurar o concurso da Emissora Nacional para o que se poderiam solicitar os bons oficios do seu actual sub-director Pedro de Moura e Sá, conimbricense, e filho dum grande amigo do Mestre Gonçalves. E não havendo mais nada para tratar, encerrou-se a sessão, etc.»

Coimbra.

Janeiro: 23.

A proposito do Madaíl e para ver a sua sinceridade nesta questão do centenário do Gonçalves, lembro-me de que, quando saiu o fasciculo da Grande Enciclopedia Luso-Brasileira que trazia o meu artigo sobre Antonio Aug.º Gonçalves, aí por Maio de 1945, encontrei-o, uma tarde, no Patio da Universid.e a falar com o dr. Gumersindo Costa Lobo. Disse-me ele que lera o artigo e á minha pregunta acerca de como achara o trabalho, ele teve um gesto vago e disse com certa velhacaria:

— Achei bem... É artigo de amigo...

E debicou no valor do Mestre, como organizador de museus, ignorante de museologia como era... Eu senti-me picado e tive de responder-lhe que o maior

valor de Gonçalves estaria em organizar os numerosos anões de haver essa tal ciencia com que agora se enchia a boca e que o seu trabalho, afinal, fôra antecipado e quasi profectico. Etc. etc. Tive que fazer quasi um discurso de defesa que os dois ouviram mudos: o Madail embaraçou; o Costa Lobo não quiz pronunciar-se embora, dias depois, me felicitasse pela justiça das minhas palavras... Mas felicitações em particular, é claro.

Lembro-me, também, que o Madail certo dia, ha tempo, me contou que coleccionára uma larga serie de anedotas parvas e depreciativas atribuídas a Ant.º Aug.to Gonçalves; e confessou-me que as colhera por intermédio do celebre António Viana... Perante a minha expressão de desagrado pela revelação, veiu desculpar-se:

— Ah! mas creia que as não coleccionei com má intenção...

E fiquei com a impressão de que se teria arrependido da franqueza que teve — pois de certo comprehendeu que eu não acreditaria na desculpa. E a verd.e é que a colecção foi reunida, em tempos, como material que lhe poderia ser necessario para um dia se atirar a qualquer polémica ou fornecer a qualquer outro que quizesse sujar o Mestre.

E é o Madaíl que agora vem proclamar o valor de Antº Aug.to Gonçalves como se nim guem até aqui désse por isso! E' ele que agora quer ser o empresario da glorificação!

Uma reviravolta completa.

Coimbra.

Fevereiro: 3

Hoje apareceu-me aí o Pe Nogueira Gonçalves. Ainda o caso do Madaíl!

O Padre parece saber que o ilustre Madaíl, desde logo se recusa a colaborar no centenario do velho Gonçalves e anda a induzir o dr. Fernandes Martins a tomar a iniciativa de celebrar á parte o mesmo centenario, fundado nos elementos de que dispõe e que são muitos.

O Pe Nogueira é insistente e parece q. tem razão. O Madaíl, parece, é peça muito fina e com espirito finamente velhaco.

Agora anda a embirrar o Lourenço Chaves Almeida com o augôdo da homenagem ao seu Mestre e amigo e com lourarminhas aos seus merecimentos, etc. etc. profrias para amolecer resistencias.

Vamos a ver como se verá de navegar em aguas tão pouco limpas.

Terei eu de me arrepender?

Coimbra.
Fevereiro: 6.

Extracto de carta para o Ferreira Lima: mais uma leviandade do Pires Monteiro, feita, aliás, com a melhor das intenções:

«. . . . O primeiro assunto será o centenário do Sebastião Teles, o qual nos fomos convidados a promover uma «exposição.» Assim reza o ofício de 28 de Janeiro que recebi ainda na cama com febre e muita dor. Ora de que «exposição» se trata?

«O ofício da Revista não explica e diz apenas: «exposição de comemorações» e eu fico-me na dúvida se será só bibliográfica ou também iconográfica ou ainda se se estenderá a mss., cartas, etc. O que sabe o nosso Amº a esse respeito? Não sei se será muito viável outra coisa que não seja exposição bibliográfica; e mesmo assim será pequena porque o Sebastião Teles publicou muito pouco.

«Espero a sua opinião. . . etc.»

Coimbra.
Fevereiro: 14.

Encontrei o dr. Alfredo Fernandes Martins que, acerca do caso do Madail me disse que o procurara e o ouvira atentamen-

te nos termos da nossa conversa de 18 de dezembro último. Para encurtar razões, resumia:

— Olhe, sr. Cor.el: o Madail é natural que deixe a intransigencia depois duma conversa com V.. Tudo depende da maneira como a conversa correr...

Foto é um pouco sibilino se não tem qualquer intenção de me lisongear.

A ver vamos.

Coimbra.
Fever.º : 15.

Hoje, em casa do Eduardo da Cunha Oliveira, onde passei parte da tarde, soube do auxilio que muitas vezes o dr. Alberto da Rocha Saraiva deu ao Salazar principalmente em questões de Direito Internacional.

O maior de todos foi o da cedencia dos Açores em 1942. O Salazar pediu a comparencia do Rocha Saraiva, uns dias antes da celebre nota oficiosa mas na altura em que já os Ingleses e Americanos estavam a desembarcar na Terceira sem a devida autorização. O grande homem estava amachucado e aterrorizado: não sabia como resolver o problema perante a pressão dos aliados e o medo e, ná lá! a

simpatia pelos aliados. Queria achar a formula juridica e não achara...

Pobres grandes homens!

O dr. Rocha Saraiva teve a noção do perigo para o País e resolveu aceitar a incumbencia. Meteu-se em casa e durante essa noite e o dia imediato estudou o caso e fez a minuta que o Salazar deu como sua. Estava achada a formula!...

Os aliados já andavam em trabalhos nas Ilhas; mas o grande homem não sabia o que fazer.

Na familia do Rocha Saraiva (que é primo co-irmão do Cunha Oliveira) guarda-se a carta em que o Salazar pede insistentemente a comparencia daquele como um grande serviço para a Nação.

O que ha nos bastidores de toda esta politica que se não sabe e se não ficará sabendo!

Coimbra

Fevereiro: 17.

Estive hoje aí, á conversa, o professor Aplinario José Leal, velho amigo, que me contou que ha pouco, na Baixa, ouvira o tenente F.... de Artilharia a falar com o Soares, da Policia, e a censurar livremente uma circular confidencial que

viéra para os regimentos, mandando no meio, por escolha, é claro, um oficial para informador da fidelidade á situação actual dos outros camaradas.

O dr. Apolinario Leal ficou espantado com a conversa mas eu não fiquei. É assim mesmo.

Coimbra

Março: 1.

Lembrou-me deixar aqui consignado que a carta que em 19 de Outubro do ano passado escrevi ao Luis da Camara Reis não teve resposta.

Perder-se-ia? Não sei. O que é certo é que não teve resposta.

Coimbra.

Março: 15.

O Lourenço Chaves Almeida continua a ser imperio apesar dos 70 anos bem pesados. O P.e Nogueira Gonçalves escreveu-lhe p.a evitar que o Madaíl fosse espiolhar o espolio da Escola Livre das Artes do Desenho que está no Museu Machado de Castro, pois não só esse espolio não é pertença do Museu como iria dar a este ocasião de se introduzir nele e poder exorbitar das concessões solicitadas.

Este P.e Nogueira parece-me que não foge á regra da classe: possue a chamada rai-va canonica e não é creatura para perdoar. Não sei se ele terá razão mas não vejo bem os perigos do Madaíl ir ver o mobiliario e modelos que pertenceram á Escola. Começo a ver no Padre uma insistencia que me parece ir alem do que deveria ir.

Mas, assim como faço estas observações a respeito da atitude do Padre, não deixo de dizer que não gostei do procedimento do Lourenço que foi mostrar a carta ao Madaíl e lhe facultou logo toda a documentação da Escola.

Esta ultima parte, adeante. Mas o conhecimento da carta do Padre...

Ouvem, no Porim, onde passei a tarde é que tive conhecimento do caso — e reprovei-o. O Lourenço encolheu os ombros.

Não gostei.

Neste mundo é tão dificil os homens entenderem-se!

Coimbra.

Março: 23.

Pernoitei a insistencia do António Sardinha, editor e creio que proprietario da revista O Trifeiro, lá mandei original e, desta vez, com abundancia. Mandei a primeira duma serie de Notulas Militares, relati-

va á influencia do Saldanha no cerco do Porto; mandei uma noticia respeitante ao dr. Nunes da Ponte como medico em Miranda do Corvo; mandei tambem um extracto dum velho caderno com varios considerandos feitos na ocasião da morte do Fernando Maia, meu professor na Escola do Exercito; e ainda uma carta inedita de Pinho Leal para o editor Matos Moreira.

E assim, com desculpas e amabilidades, creio que tapo, por algum tempo, a boca aos homens de O Tripeiro.

Hoje, nova reunião da comissão do centenario de Antonio Augusto Gonçalves. E' a quarta sessão. E aqui vai a acta:

« Aos 23 de Março de 1947, pelas dezaseis horas, numa das salas da direcção do Museu Mach.º de Castro reuniram-se os vogais: Alvaro Viana de Lemos, Antonio Nogueira Gonçalves, Belisario Pimenta e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. — B. P. voltou a falar do caso da intervenção do sr. Rocha Madaíl e expoz que o sr. dr. Fernandes Martins lhe dissera que tratando com aquele sr. do assunto, conforme lhe fôra solicitado, o vira menos irredutivel e fi-

cara conhecido de que cederia depois de conversar com ele, Pimenta; ponderado o assunto foi resolvido que o vogal Pimenta tentasse a deligencia e procurasse tirar de entendimento. — Pelo mesmo vogal foi comunicado que a Casa de Coimbra em Lisboa estava disposta a auxiliar a comemoração conforme carta que ha pouco recebeu do seu presidente. — Entrando-se em assuntos de generalidade, foi lembrada a necessidade de se começar a conferir conferencias e resolvido estudar a possibilidade: 1º) do apoio, exteriorisado por qualquer forma, da Academia das Belas Artes, da Societ.ª Nacional das Belas Artes e da Academia de Ciencias de Lisboa; — 2º) dum subsidio do Instituto p.ª a Alta-Cultura; — 3º) de um numero extraordin.º da revista Arte e Archeologia; — 4º) e dum numero especial da Seara Nova. Foram lembrados varios nomes e ainda a possibilid.e da realização dum auditorio volto da Camara Municipal de Coimbra p.ª que se mandasse fazer o busto de Ant.º Augusto Gonçalves e fosse colocado na sala das sessões. — E não havendo mais nada p.ª tratar... até.»

Tudo isso que aí fica é muito bonito. Projectos sedutores. Mas...

Conseguirêmos alguma coisa? Começo a ter grandes duvidas.

Enfim... Vamos a ver.

Coimbra.

Abril: 3.

Escrevi ao Alberto Vieira Braga, de Guimarães. A carta fica copiada porq. deixa desabafos e certos elementos biograficos:

«... Ao regressar de Lisboa nos fins de Janeiro ult.º encontrei na m.ª mesa o ultimo tomo das suas Curiosidades de Guimarães. Sobreveiu uma grippe teimosa; depois surgiram casos particulares desagradaveis e tudo isto me obrigou a ser mal-creado. Eu aprecio m.to os trabalhos de V..., pode crer. Em tempos m.to idos, tive a veleidade de organizar uma monografia do concelho de Miranda do C.º em modelos um tanto sui generis; porem, como da gente da terra não houve compreensão do meu trabalho, abandonei o intento e arrumei a enorme soma de elementos de toda a espécie que fui colhendo — mas sem deixar de me interessar por esse genero de estudos que lia e consultava constantemente.

«Ora os estudos de V... pertencem ao numero dos que me interessam muito e

de que tive proveito; já por meres que têm sugerido certos passos dos meus capítulos mais (esqueci-me de dizer) resolvi recentemente, com os elementos arquivados, ao pôr que esgotei a investigação e organizar a monografia, em manuscrito, é claro, para se não perder tanto trabalho já feito e deixar, no obreiro Universitário, uma base de estudo futuro em honra e louvor de um concelho ingrato e ignorante...

«Fica, porem, á memoria de todos os meus avós que labutaram nas terras férteis do vale do Dueça com enxada e arado ou modelaram com amor e imperícia os tintos utensílios de barro vermelho que a Coimbra Doutora, por ser Doutora, teima em chamar seus.

«Desculpe o desabafo... e a sua oferta e os meus sinceros agradecimentos que meu pai sereno tardios não menos verdadeiros, viéram provocar as minhas mágoas perante a incompreensão dos meus patrícios.

«Muito e m.to obrigado, etc.»

Na verd.e, resolvi empreender a monografia de Miranda do C.o como se tivesse completado a investigação. E cá vou fazendo, capítulo a capítulo, esse monumento

formidavel, aere perennius, que ficará como documento de boa vontade, de bom trabalho e... de mal empregado tempo.

Coimbra

Abril: 6.

Escrevi hoje ao adido militar brasileiro pedindo-lhe uma boa carta da região dos Guararapes. O dr. Rebelo Gonçalves incumbe por uma conferencia na Sala do Instituto dos Estudos Brasileiros e eu escolhi p.º assunto as duas batalhas travadas nos montes Guararapes — Falta mais que eu breve passará o centenario

O homem responderá?

Coimbra

Abril: 13

Ontem recebi da Revista Militar aviso de convocação p.ª uma Assembleia Geral em que, alem da apresentação do relatorio do ano findo, se discutirá a denuncia do acôrdo de 1905 feito pelo então ministro Bernardino Pelles.

Esta denuncia deve ser mais uma tentativa de açambarcamento. A Revista, apesar de tudo, ainda era um reduto onde se escrevia com relativa liberd.e e os mandões (se não é só o mandão Coutos Costa) que-

rem-na reduzir pela fome... E o mais curioso é que nas novas propostas do acôrdo, aparece a clausula de todos os oficiais do Estado-maior serem socios efectivos da Revista e os antigos passarem ou a honorários ou a correspondentes!

Tanta desfaçatez só poderia vir destas creaturas.

O Salvador Pinto da França, outro societario da Revista veiu aqui hoje, exaltado e aborrecido com a proposta ministerial. Esteve a desabafar e por fim resolvemos responder colectivamente com um Não correcto mas categorico.

Ainda bem que encontro um parceiro para o contra-coice...

Coimbra.

Abril: 14.

Ontem, ás 22 h. e 30 m. depois de amavel discussão e comentarios picantes, ficou redigida a resposta que eu e o Pinto da França dâmos á tentativa de assalto á Revista Militar.

E' a seguinte:

« Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Geral da Revista Militar: Não podem, os abaixo assinados, comparecer á prox.ª sessão ordi-

naria convocada para o dia 21 do corrente. Todavia, para satisfazer á solicitação expressa na parte final do convite que tiveram a honra de receber, comunicam a sua opinião acerca da denuncia do acordo de 1905 e da proposta feita pelo Ministerio da Guerra para novo acordo.

«Tendo lido com a maior atenção os documentos elucidativos juntos á convocação e tendo em m.ta conta o § unico do artigo 3º dos Estatutos, os signatarios lamentam não ver como se possa conciliar a proposta exarada no oficio nº 596/E de 10 de Março p.p. do Ministerio da Guerra com a doutrina fundamental expressa no referido parágrafo.

«Quanto á prim.a parte da Ordem do dia sabendo os signatarios do cuidado, probid.e e dedicação que o Gerencia tem p.a com a administração da Revista, desde já aprovam o relatorio que será mais uma prova do que afirmam.

«Apresentando a Vm.e e aos Ilustres e Ex.mos Consocios os seus cumprimentos, subscrevem-se, etc. etc.»

Ainda bem q. encontrei no Pinto da França um excelente companheiro. Debaixo de aparencia fraca, amavel, bondo-

ra, transigente, é um caracter firme e seguro, com ideias assentes e sérias e incapaz de transigir com o que lhe não parece bem.

Coimbra.
Abril: 16.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro, carta aflitiva. Fica guardada. Parece receiar o nosso voto na questão da renuncia de acordo com a Revista Militar.

Coitado, com o desejo de reanimar a Revista, transige e ainda ha-de apanhar um bom ponta-pé.

Fui hoje á tarde, ao Torrim, a casa do Laureano Chaves Almeida. Conversámos. Si que a-proposito do caso Madail, já está arrependido de ter mostrada a este a carta do P.e Nogueira Gonçalves a respeito do arquivo da Escola Livre. Ainda bem. O pior é que o arrependimento nem tarde porque o mal está feito.

A proposito das Memorias que anda a escrever, contou-me coisas do celebre coronel Duarte Nunes, muito edificantes. Irão no local devido. Este Nunes devo volumes e volumes e eu poderia ajudar a enche-los.

Coimbra.

Abril: 17.

Hoje, nova reunião com o Pinto da Fran
ça. Em virtude da carta do Pires Monteiro a
resposta para a Revista Militar foi um pouco
alterada e teve aditamento...

Fica guardada com os documentos que
de lá vieram; foram assim um processo
para a História da quadra q. atravessamos.

Coimbra.

Abril: 19.

Ontem, talvez por causa do calor, talvez
porque subi a ladeira do Castelo com a pas-
ta mto pesada, a seguir ao almoço, cheguei
á Biblioteca da Universidade muito mal dis-
posto, a sentir fortes pulsações. Voltei para
casa bastante incomodado.

Resumo: foi o começo duma paralisa
ção de dispersão que me poderia causar qual-
quer insulto, segundo opinião medica.

Foi como que um aviso... E fiquei avi-
sado.

Hoje o medico mediu-me a tensão arte-
rial: maxima, 10; minima, 5. De começo
julgou o aparelho estragado, tão baixa lhe
pareceu a indicação. Mas teve que se render
á evidencia. Enfim, a curva desce...

1467

Coimbra

Abril: 26.

Ontem deveria fazer a 1ª conferencia na sala Brasil da Faculd.de de Letras sobre «As duas Guararapes» se não houvesse o contratempo de dois casos:

Um foi a falta de energia electrica que desde as 21 h. deixou a cidade completam.te ás escuras; o outro foi a noticia que o Rebelo Gonçalves teve de que iria ser demitido do cargo de professor como agitador perigoso e inimigo da situação politica actual.

O primº caso originou situações muito comicas e deu azo a não aparecer publico aliás justificadamente — se bem que as pessoas interessadas poderiam ir na esperança do fiat lux a tempo e horas.

O segundo caso foi mais sério não só pelo facto em si que demonstra o caminho que os ditadores seguem após o momento de receio que houve ha algum tempo, como tambem pela comoção que produziu no Rebelo Gonçalves a ponto de o abalar, segundo parece, profundamente.

Este aspecto foi o mais grave; mas talvez tudo se componha porque a intervenção do dr. Manuel Lopes Almeida e do proprio ministro Pires de Lima deverá ter algum peso — se bem que quando a poli-

cia política entra em cêna é difícil correr com ela.

A ver vêmos. O que virá não deve demorar muito.

Um aspecto comico desta minha conferencia não realizada foi o de os jornais já impressos á hora marcada darem-na como feita e os correspondentes para os de Lisboa e Porto, como não estivessem para se incomodar, mandarem a notícia para o correio sem verificação. O Despertar, de Coimbra assim fez e fá prova aqui fica o recorte do numero de hoje. No Diario de Noticias, de Lisboa veiu notícia idêntica — o que tudo prova a verdade com que fala a nossa imprensa, a falada alvorada do Progresso, a nobre missão, etc. etc.

Instituto de Estudos Brasileiros

Como anunciámos, realizou-se ontem, pelas 21 horas e meia, no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, uma magestosa conferência subordinada ao título «As duas Guararapes». O sr Coronel Belisário Pimenta, autor deste valioso trabalho, mostrou a importância que as duas célebres batalhas tiveram na história militar do Brasil, em especial na luta contra os Holandeses no século XVII, pois foram elas que determinaram a expulsão dos invasores.

Pela categoria intelectual do conferente e pelo grande interesse do tema, teve esta conferência o melhor êxito.

Já agora permita aqui deixar-me brevemente mencionada, a presença da D. Dionisia Camões, professora do Liceu feminino, que pela primeira vez vejo como assis-

Veuté a qualquer das minhas conferências. Era uma das quatro ou cinco pessoas que se abalançaram á escuridão das ruas para me ouvirem. Fiquei surpreso e... um pouco desconfiado.

Coimbra.
Abril: 29.

A viuva do dr. Claudio Basto, D. Hermínia Basto, escreveu-me com amavel convite para eu colaborar num In memoriam que vai organizar do marido.

Francamente, não esperava tal convite. Não conheço esta senhora e, naturalmente, se se lembrou do meu nome, seria por encontrar cartas minhas entre a papelada do marido. Emfim, respondi hoje, afirmando a m.ª simpatia pela memoria do morto e dizendo que sim.

O pior é que não sei o que hei-de mandar pois os colaboradores serão, de certo, numerosos categorizados, e a m.ª colaboração pode rá não chegar á craveira.

Coimbra.
Maio: 1.

Depois de varias combinações, lá fiz hoje, á tarde, a m.ª anunciada conferencia na Sala Brasil da Faculd.ª de Letras.

Pouca concorrencia, como é costume. Alguns professores universitários, algumas senhoras e bastantes alunas da Faculdade além de certo numero de pessoas que não conheci. Presidiu o Amorim Girão que, no final, tirou conclusões algum tanto bem agarradas. O professor Rebelo Gonçalves fez a apresentação muito favorecida; foi arma vel em excesso.

A palestra lá foi como calhou. Pareceu-me, contudo, ouvida com algum interesse. Não vi ninguem dormir...

Conferências

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIRO

Com numerosa assistência, o sr. coronel dr. Belisário Pimenta pronunciou na quinta-feira no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, a sua anunciada conferencia, que foi brilhante e versou sobre «As duas Guararapes».

No seu valioso trabalho, o sr. coronel dr. Belisário Pimenta mostrou a importância que as suas célebres batalhas tiveram na história militar do Brasil, em especial na luta contra os Holandeses no século XVII, pois foram elas que determinaram a expulsão dos invasores.

O conferente foi ouvido com o maior interesse, tendo a sua apresentação sido feita em termos muito calorosos pelo sr. Prof. dr. Rebelo Gonçalves, director do Instituto dos Estudos Brasileiros. Presidiu o sr. Prof. dr. Amorim Girão, director da Faculdades de Letras.

Os jornais, desta vez, deram a noticia sem erros de maior.

Deixo ao lado o recorte tirado da Gazeta de Coimbra f.ª a qual eu não sou persona grata; a noticia deve ser consequencia de nota remetida pelo dr. Rebelo Gonçalves.

Deixo tambem o recorte tirado de O Despertar f.ª

deu a notícia meio escondida, como envergonhado do engano anterior. E até me chama «ilustre bibliografo!» Coisas interessantes desta vida e deste mundo...

«As duas Guararapes»

Foi o titulo a que se subordinou a brilhantissima conferência proferida, no dia 1 de Maio, no Instituto de Estudos Brasileiros, pelo ilustre bibliografo e nosso respeitavel amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

O conferencista foi ouvido com o maior interêsse, sendo o seu trabalho muito apreciado.

Coimbra

Maio: 5

Procurei o Madaíl em casa, ontem. Recebeu-me m.to bem. Atacámos o assunto. Creio que o demovi da intransigencia. E como tudo se resume em não querer ver o P.e Nogueira Gonçalves, pensei em organizar duas comissões: uma para as exposições em que entre o ilustre Madaíl; outra para as conferencias em que entre o Padre.

O actor Vasco Santana diria aqui o estribilho predilecto: «Está bem ou não está?»

Este sr. Madail é um estafermo de prim.a grandeza. Senti ontem ganas de o mandar bugiar, mas mantive-me com a melhor compustura e prometi-lhe, até, certos auxilios nas investigações.

Esta mª atitude não está bem no meu feitio nem nos meus hábitos. Mas, enfim, não convem complicar mais a situação.

... Pobre António Augusto Gonçalves!

Coimbra.
Maio :6.

Do comité do Instituto de Estudos Brasileiros enviado ao general Nogueira Soares fº assistir á mª conferencia do dia 1, respondeu este com um bilhete de visita, sêco e de 4 palavras, alegando serviço impeditivo.

O dr. Rebelo Gonçalves não gostou e replicou com um ofício de que hoje me mandou cópia. Leí-lo, pois vale a pena ficar registado:

«Ex.mo Sr. General Comand.te da 2ª. Região Militar. — Quartel General. — Coimbra. — Tenho a honra de agradecer o amavel cartão em que V.Ex.ª se dignou comunicar-me que não poderia assistir á conferencia do Ex.mo Sr. Cor.el B. 8. — Como não podia deixar de ser, muito lamentei que V.Ex.ª não pudesse estar presente, mas perfeitamente compreendi essa impossibilidade devida, sem duvida, aos muitos e instantes deveres do seu alto cargo. — Aproveito a oportunidade pª dizer a V.Ex.ª com grande satisfação

que a conferª do srs. Corª do B.P. relativa ás duas batalhas dos montes Guararapes (Brasil, secc.ª XVII) constituiu não apenas uma notabilissima lição de historia militar, mas tambem uma excelente lição de linguagem portuguesa — o que, de resto, não constituiu surpresa para o auditorio pois S. Exª além de figura insigne do Exercito Português é um intelectual na mais pura e mais nobre acepção do termo e um escritor de magnificos recursos. Como director do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdª de Letras muito me honrou verdadeiramente pelo facto de uma tão distinta individualidade se ter prestado a colaborar na actividade cultural deste organismo universitario.

— Queira V. Exª aceitar os meus respeitosos cumprimentos. — A bem da Nação. — Faculdª de Letras de Coimbra, 5 de Maio de 1947. — O Director do I. E. B. — (a) Rebelo Gonçalves. »

O oficio está um tanto ou quanto exagerado e não é infalivel no ponto de vista de pureza da lingua. Mas o general é que de certo não compreendeu a intenção do Rebelo Gonçalves; é suficientemente estupido pª não alcançar o que vai nas entrelinhas.

Recebi do Ex.mo Sr. Tenente Belizario Pimenta

a quantia de **setecentos réis,**

pertencente á sua assinatura do trimestre de 8 de Dezembro

de 1912 a 8 de Março de 1913.

Coimbra, 3 de abril de 1913.

João Henriques.

382
62
6
18
45

Jornal de Coimbra

Proprietarios — JOÃO HENRIQUES e JOAQUIM FERREIRA

Administrador — João Henriques o o o o o Director — Joaquim Ferreira

Redacção, administração e tipografia — RUA DO PATIO DA INQUISIÇÃO, 25 a 31

Nº 247

Réis 700

Recebi do Ex.mo Sr. Tenente Belizario Pimenta

a quantia de 700 reis

Volume E

Completar ~~nota a pg. 29.~~ | ~~Paginas Guardadas~~

" ~~linhas 5-6 de pag. 37.~~

" ~~nota (1) de pag. 78~~

" ~~linha 17 a pag. 138~~

" ~~nota de pag. 149.~~

" ~~" " " 150~~

" ~~" " " 151~~

" ~~pag. 219, nome do livro do Miz. de Carvo~~

" nota de pag. 247.

" ~~pag. 281 Livro de Madail~~

" ~~nota de pag. 275~~

" ~~" " " 278~~

" notas (2) de pag. 319. (1948)

" ~~nota pg. 399~~

1471

Coimbra.

Maio: 13.

Hoje loupa carta ao Ferreira Lima acerca do centenario do Sebastião Teles da qual aqui deixo apenas um extracto:

«.... Quanto ao centenario do Sebastião Teles: 1) Possuo um exemplar de A Organização do Estado Maior, Lisboa, 1878, com dedicatoria do autor ao então capitão de Infant.ª Antonio Luis da Cunha, pai de m.ª Tia Susana Pimenta; como tem dedicatoria será mais interessante figurar na exposição? — 2) Os meus manuais não dão uma referencia ao Sebastião Teles na publicação francesa La Revue d'Infanterie, vol. 88.º a pag. 98-104; não possuo esta revista e não me lembro onde a teria colhido — possivelmente na Escola Pratica de Infantaria ou no regim.to de Infantaria 6, quando estive em Penafiel. Vão lá saber! Seria interessante rever a referencia. — 3) Das Lições de Estrategia do nosso grande Passos de Miranda Cabral, vol. II, pag. 300 e seg.tes ha critica ás Tabelas do Sebastião Teles. — 4) Na Revista Militar são, evidentemente, conhecidas: a homenagem no vol. 80.º (1928) e o artigo do Pires Monteiro no vol. 89.º (193X) e ainda o meu ultimo artigo no n.º 2 desta

ano corrente. — 5) No vol. XII das Publicações do Congresso do Mundo Português, no t. I, pag. 413 dos Discursos e Comunicações apresentadas ao Congresso da História da actividade científica, verá a comunicação do Pires Mont.º em que ha largas referencias á obra capital do Sebastião Teles. Não deverá aparecer tambem? — 6) Tenho um retrato do Seb.am Teles, em gravura em madeira feita por meu Tio Rafael; mas onde? Ha dias que a procuro. É conhecido, de certo. — 7) As caricaturas da epoca, como as da Parodia, ou Pontos nos ii's? Não seria curioso? Não se lembraram disso?

« Aqui vou o que se me oferece dizer a respeito do assunto. Conto, em Julho, estar na Paz (Mafra) e irei a Lisboa auxilia-lo em qualquer coisa. A exposição é na Biblioteca? Seria mais proprio, o pior é que o espaço é pequeno.

« Recebi hoje o seu cartão relativo á 2ª edição do livro do general Martins de Carvalho. Muito obrigado. Já falei com o neto que ficou de estudar o assunto com o dr. Joaquim de Carv.º e a casa editora Altamira, L.da. Direi, a seu tempo, o que houver.

« Quanto ás cartas de Garrett, vou mandar os meus verbetes (preciosos, como o meu Am.º lhes chama) e direi depois.

«O Saldanha... Estava no ultimo capitulo; mas o seu desenvolvimento foi tão grande que tive de fazer dois. Trata-se da campanha de 1846-1847, curiosissima por sinal. E assim continua a faltar o ultimo capitulo a que me vou lançar com unhas e dentes. Perdão... só com unhas porque dentes quasi os não tenho já.

«Um abraço, etc.»

Ha dias, O Despertar, de Coimbra, deu a seguinte noticia: na qual suspeito e creio que com toda a razão o dedo magico do Madail. Ele é capaz de tudo e de mais alguma coisa. A pouco e pouco vai insinuando no respeitavel publico a ideia de que só ele pensa e venera a memoria do velho Gonçalves.

Os trabalhos de António Augusto Gonçalves vão ser expostos

Talvez durante o próximo ano será feita nesta cidade uma exposição de todos os trabalhos executados pelo mestre saudoso António Augusto Gonçalves.

Boa ideia, a que damos todo o nosso aplauso.

—Também estão a ser coligidos todos os artigos escritos pelo Mestre e publicados em diversos jornais do País. Sabemos que o *O Despertar* é dos jornais que mais produções fornece — o que não admira dada a permanente colaboração de Mestre Gonçalves no nosso jornal.

Lutar com patifes é trabalho muito inglorio.

Coimbra

Maio: 14

Como não consegui, por duas vezes, encontrar o dr. Rebelo Gonçalves para lhe agradecer o convite p.ª a conferencia, as palavras amaveis com que me apresentou e ainda as referencias feitas no oficio que mandou p.ª o general e que atraz ficou copiado, resolvi escrever-lhe uma carta que hoje mandei.

E a respeito do oficio p.ª o general dizia-lhe: «o oficio em q. V... me deu honras q. julgo não merecer, não seria compreendido pelo destinatario; os generais, pelo que vejo actualmente, habent sua fata (não sei se o latim vai em termos) e o deste será não atingir a ironia, embora cortante de q. V... se serviu.»

Ontem esqueci-me de explicar que o livro do general Martins de Carv.º a que me referi na carta p.ª o Ferreira Lima são Subsidios para a historia dos regimentos de Inf.ª e Caçadores, que um neto, actualmente empregado na Biblioteca da Universid.e deseja publicar, em 2.ª edição, ampliada, e para a qual me solicitou um prefacio. Em principio, aceitei; mas lembrei-lhe que para actualizar a obra a melhor pessoa se-

ria o coronel Ferreira Lima que parece não ir fóra disso. Vamos a ver o que sái de Vaulo bom desejo.

Coimbra.

Maio: 16.

Hoje, mais outra carta para o Pires Monteiro. Entre outras coisas dizia-lhe a respeito da denuncia do acordo de 1905 da Revista Militar com o Ministº da Guerra:

«... No proxº dia 20 lá teremos festa.(1) Calculo que seja festa triste. No ambiente deve pesar a bota ferrada do Sam. Los Costa... Oxalá o caso do novo acordo (!) seja por bons termos; mas lembre-se de que, meu caro Pires Montº, o desejo de salvar a Revista poderá levar a transigencias que nem salvam a Revista nem nos deixam em boa situação moral. Eu não quero influir no seu criterio; isto que digo talvez seja calumnia de quem se começa a sentir intratavel, mas quero crer que ainda a grande resposta a um coice e... outro coice. Mas não faça caso.»

---

(1) Assembleia geral, recepção de novos socios, distribuição de premios, etc.

Coimbra.

Maio: 22.

Conferencia do Joaquim Cardoso, ontem á noite, na sala da Associação dos Artistas. Têma: Os ferros forjados de Coimbra e o seu valor artistico. Os camaradas diziam no final que seria prestada homenagem á memoria de António Augusto Gonçalves, doutor Guimarães, Arquitecto Silva Pinto e João Machado.

Estavam as autoridades todas: governador civil, presidente da Câmara, Chefe do Estado-maior, professores universitários, etc. etc. Uma enchente que dava a entender conferencia superior.

Afinal, o sobre diabo, nada disse e em muitos passos disse asneira. Os laudas em que ia tendo, misturaram-se; outras perderam-se. Uma trapalhada.

E a homenagem referida limitou-se á projecção dos retratos dos quatro artistas, por sinal que mal feita.

Mas o alto funcionalismo estava todo. O que haveria?...

Coimbra

Maio: 26.

O Diamantino Antunes do Amaral, coronel do regimento de Aveiro, que agora

vai para a Escola de Caxias aprender mânhas de general, pediu-me, por emprestimo, a papelada do meu curso para estudar e poder guiar-se numa ou noutra coisa. Respondi-lhe humoristicam.te e entre outras coisas de fantasia contei-lhe, com verdade, o que fiz aos papeis:

«... E agora, vamos aos relatorios q. sem o meu Am.º querer me despertaram ferida aguda, de ha oito anos, conta redonda. O caso deu-se em dia de S.to Antonio milagreiro que, por sinal, nesse abafado dia 13, não fez milagre de qualquer especie. A 15 ou 16 do mês regressei a Leiria onde tinha casa e a familia; e um dos meus primeiros cuidados foi destruir toda a papelada que se relacionasse com a aventura a q. me lançára. Foi um rasgar de obras-primas que não faz ideia!... Mas foi tudo para o cesto dos papeis que, para não transbordar foi, durante o auto-de-fé, despejado duas vezes.

«Foi um alivio, é certo, mas foi tambem um erro. Depois, mais tarde, arrependi-me, pois devia ter conservado tudo para que a Historia podesse, um dia, comparar. Mas o feito, feito, meu caro Am.º e mal feito.»

Coimbra.

Junho: 1.

Hoje, 5ª reunião da comissão do centenário do Gonçalves. O P.e Nogueira Gonçalves avisou-nos de que recebera uma circular ~~xxx~~ em que se proíbiam reuniões em qualquer dependencia dos Museus do Estado, sem prévio conhecimento do Ministério, etc. etc. Esta circular deu-nos que pensar... Estará ligada com as nossas reuniões no museu de Machado de Castro?

Tudo é possivel.

Ora segue a acta da sessão:

«No dia 1 de Junho de 1947 na sala das sessões d'O Instituto de Coimbra reuniu-se a comissão organizadora estando presentes: Alvaro Viana de Lemos, Ant.º Luis da Costa Rodrigues, Antonio Nog.ra Gonçalves, Belisário Pimenta, João Machado J.or e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O sr. dr. Costa Rodrigues justificou as faltas dadas ás ultimas sessões e informou de que, procurando o dr. Pinto Loureiro com o fim de saber a parte que não só ele como o Arquivo Coimbrão poderiam tomar na celebração do centenario, este se recusára por completo a qualquer colaboração alegando

razões varias: entre as quais a nenhuma acção de A. A. Gonçalves em favor da Biblioteca Municipal. Em conferenciação o sr. Viana de Lemos comunicou que o sr. Joaquim Namorado, um dos directores da revista desta cidade Vértice dissera que teria muito gosto em que a revista podesse colaborar na celebração e bastava para isso qualquer indicação desta comissão. B. P.ª também comunicou que, falando com o sr. Pedro de Moura e Sá, actualmente um dos directores da Emissora Nacional, este lhe afirmára a sua simpatia pelos nossos trabalhos e prometera a sua intervenção no sentido da propaganda que fosse conveniente. Foi também lembrado que seria oportuno solicitar do sr. dr. João Gaspar Simões a publicação das cartas de Raul Brandão para A. A. Gonçalves que estão em seu poder. B. P.ª expôz então as suas deligencias junto do sr. Rocha Madail que encontrou menos intransigente e um pouco mais disposto a colaborar connosco dentro de certas normas; expôz também a altura em que este senhor tem certos trabalhos e que julga importantes p.ª dar valor á comemoração projectada; e de tudo concluiu que se poderia formar uma pequena comissão exclusivamente para le-

var a efeito a exposição dos trabalhos do Mestre independente desta nossa comissão que ficaria liberta dessa ~~coisa~~ parte do programa; e assim o sr. Rocha Madaíl trabalharia com um de nós que poderia ser o sr. Viana de Lemos os quais agregariam outra qualquer pessoa que viesse necessario agregar. Talvez assim o caso ficasse resolvido e possivelmente com vantagem p.ª os trabalhos. V.E.ª disse ainda que o sr. Rocha Madaíl lhe contara que, encontrando o reitor da Universid.e o sr. dr. Maximino Correia, lhe falara na possibilidade de uma exposição pelo centenario do nascim.to de A. A. Gonçalves e que este sr. dou Vor aprovando a ideia, lembrara que seria possivel a colaboração da Universid.e em tão justa homenagem. Como este episodio tem p.ª nós importancia capital, V.E.ª propoz que, com a maior brevid.e se fosse falar ao reitor p.ª saber o que este pensava fazer e lembraram que o sr. dr. Costa Lobo pedisse audiencia p.ª que se lhe fosse expôr o que pensavamos ~~fazer~~ realizar. Foi aprovada a proposta das duas comissões e foram nomeados para procurar o reitor com a possivel brevidade, os snrs. dr. Costa Lobo, dr. Costa Rodrigues e Belis.º Pimenta. — O sr. João Machado falou a respeito

da Escola Livre que deveria ser transformada em Casa de Ant.º Aug.º Gonçalves; trocaram-se impressões acerca do assunto e ficou resolvido sondar a opinião do engenheiro encarregado da conclusão das obras na Torre de Almedina. Resolveu-se ainda esperar a resposta do reitor da Universid.e para se dar conhecim.to á Imprensa das nossas intenções. E não havendo mais nada p.a tratar, etc. etc. »

Coimbra.

Junho: 11.

Conseguimos hoje, eu e o dr. Costa Lobo, falar ao Maximino Correia, reitor da Universid.e — p.a efeito do centenario de Ant.º Aug.to Gonçalves.

Ha muito tempo que eu não subia á reitoria. Na chamada Sala dos Archeiros notei que foi reposta a armação de madeira para apoio das lanças e das massas e notei ainda com certo gaudio que se mantem na d.a armação as iniciais doiradas G. A. A. que significam Guarda Real dos Archeiros — para o que der e vier.

O Maximino Correia recebeu-nos muito bem. E expostas as razões da audiencia ele disse claramente que entendia que a Universidade deveria apoiar a

ideia; que, pelo Madail já sabia vagamente dessas reuniões e que já, sobre o caso, falára com o dr. Pereira Dias, director da Faculdade de Ciencias da qual partiria a iniciativa da proposta para o Senado. Disse mais que o dr. Pereira Dias acolhera bem a ideia e que estava convencido de que, como a proposta tivesse razões fortes e ele, reitor, a apoiasse, o Senado, de certo, aprovaria tudo. Falou, depois, na generalidade, a respeito do centenario e acerca do Gonçalves e apontando, com movimento de cabeça na direcção da sala dos capelos, lembrou a possibilidade duma reunião solene...

Eu ouvi e não insisti; pareceu-me melhor deixar o caso entregue á divina Providencia que neste negocio se concretiza nos seus mais fortes.

Não imagino bem o que sairá dali, pois o Gonçalves não era universitario e pode ser que essa circunstancia seja eliminatoria. A Universidade é sempre misteriosa...

Confesso, saí satisfeito pois me pareceu que o reitor falava com sinceridade; e com o auxilio do Pereira Dias que parece estar interessado, os nossos desejos [illegible] terão certas probabilidades de seguirem por bom caminho.

1481

A' saída, no vestíbulo, verifiquei q. ainda lá estavam, a dourado e em ponto grande, as iniciais da Guarda Real dos Archeiros...

Coimbra.

Junho: 14

Mais outra carta f.ª o Pires Monteiro: é um nunca acabar de epistolas. Podiam já encher uma boa pasta.

Enfim, é um entretem como outro qualquer. Ora cá vai parte da missiva, a parte mais curiosa:

«... Eu continúo muito reazombo, a sentir faltar-me a capacid.e de trabalho, possivelmente resultado de momentos q. atravesso e que me deprimem.

«M.e obrigado, tambem, pela indicação do artigo ácerca de Navaltares que eu não conhecia. Felizmente encontrei num maço de numeros da Revista do Exercito e da Armada que ainda não tinha desencadernado, os dois fasciculos em que vem o artigo. Fiquei satisfeito por encontrar opinião equivalente á minha quanto á educação militar do Condestavel; quem sabe se, no futuro, alguem virá a dizer que eu plagiei Eduardo Costa a esse respeito! Não concor-

do, porem, com a opinião acerca de Valverde e notei que p.ª tirar as conclusões que tirou, aliás com lucidez, se fundasse apenas em Oliveira Martins e nem uma vez citasse, directamente, Fernão Lopes. Mas é excelente trabalho que sain fóra dos moldes da epoca e que m.to me interessou conhecer.

«Quanto ao centenario[1], faço tenção de estar presente á sua conferencia (24 de Julho: dia simbolico, ai de nós!...) e á inauguração da estante pelo nosso general Norton de Matos. A' sessão soléne no Estado-Maior não terei coragem de aparecer; o casarão é-me intimamente antipatico e os oradores não me despertam curiosidade. Depois, lerei com vagar as banalidades que não deixarão de dizer. Serão eles capazes de mais alguma coisa que não seja banalidade encomiastica?

«A' sua conferencia que com certeza suprirá o prefacio da hipotética 2.ª edição da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares é que só faltarei por motivo muito imperioso. Nessa altura do mês já estarei na Paz e ser-me-ha facil aparecer em Lisboa e ter o maior prazer em o aplaudir.

«A respeito da intervenção de O Instituto

---

[1] Do Sebastião Teles.

to de Coimbra, devo dizer que não é facil; a epoca é pessima, já quasi não ha ninguem na cidade; alem disso, o Sebastião Teles não era pessoa ligada a Coimbra por qualquer láço. Se me tem dito isso de começo, eu poderia sondar o presidente da instituição se bem que aqui já não ha gente que lidasse com o general e eu, francamente, não tomaria sobre os ombros a responsabilid.e de uma empresa p.a a qual nem de longe estava preparado.

«Pensei em deixar num jornal da terra, o mais antigo, qualquer coisa; mas ultimamente a m.a cabeça para pouco mais serve do que para pôr o chapeu quando sáio á rua. Vamos a ver se serei capaz ainda de arquitectar uma lenga-lenga condigna.

«E acabo. Vou passear com a Neta, um pouco, para a distrair. A tarde melhorou e o sol apareceu de novo. Assim o horisonte politico se aclarasse e se modificasse. Estâmos condenados a não tornar a ver as liberdades no signo das quais fomos educados e somente a sentir a todo o momento o Avé á Senhora de Fatima — que cheira a dobre de finados a leguas de distancia. Meu caro: a melhor saude, etc.»

Coimbra.

Junho: 18

Ora ha dias o Salvador Pinto da Fraga contou-me um caso curioso que não quero deixar de registar.

Ha pouco tempo foi agradecer ao general Carmona os pêsames que este lhe enviara na altura da morte de Esposa. Conversaram um bocado e lembraram os primeiros tempos da actual situação política em que os dois lidaram muito de perto. E na conversa veiu a modificação que a situação tomou desde então, isto é, desde que o Salazar começou a ter influencia nos governos, orientando de modo muito diferente ão que de começo se desejara fazer.

O pobre diabo do Carmona confessou-lhe o desgosto que tinha por isso mas confessou também que se via amarrado aquele poste por necessidades e imposições da política e que se via muitas veres obrigado a assinar leis e aceitar resoluções ministeriais como quem faz de engolir marmelos crús...

E depois, fazendo uma pausa e com um gesto em que, com a mão esquerda, juntava as cabeças dos dedos em movimento, concluiu:

— Mais do que marmelos crus... Sinto que ás veres engulo sapinhos vivos...

E agitava mais os dedos, em pinha.

Em cima chamei-lhe pobre diabo; mas, com franqueza, o que é que se lhe ha-de chamar?

Coimbra.

Junho: 18.

Outra reunião, a 6ª, da comissão do centenario do Gonçalves.

E a-proposito...

O Madail continúa na faina da investigação sobre Antº Augº Gonçalves; e o Lourenço Chaves Almeida com toda a sua boa fé, anda a dar-lhe toda a corda. Oxalá não tenhamos que nos arrepender de tanta confiança.

O ilustre Madaíl anda agora ás voltas com o processo que eu, em tempos, e em nome do Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª Circunscrição, movi ao celebre Antonio Viana e ainda não ha muito me disse com ar de magua mas por debaixo do qual me parecer ver certa satisfação:

— O Conselho ficou tão mal colocado...

Quiz fazer-lhe ver que o Juiz, José Cupertino de Oliveira Pires é que colocou mal o Conselho por influencia do Almeida Mo-

reira, de Viseu, seu intimo amigo; e contei-lhe resumidamente como o caso se passou. Mas ele, sempre com o mesmo ar mefistofelico acrescentou:

— O Abel Urbano contou-me umas coisas do Gonçalves que não depõem nada a favor do seu caracter... Eu até tomei nota dessas historias...

Eu saltei logo:

— Para que é que V.Ex.ª tomou essas notas?

Ele respondeu evasivamente: isso foi em tempos em que nem por sombras pensava em estudar a vida do Mestre; e que tomára as notas porque lhe poderiam servir um dia...

Pareceu-me que esta confissão saíra sem ele querer, e entendi que não valeria a pena insistir para que é que essas tais notas poderiam servir... Posso, porem, acrescentar que, nessa epoca, o Madail não tragava o Gonçalves e tudo quanto lhe aparecesse contra este, mesmo de origem auspeita, lhe servia. (1)

Esta é que me parece ser a verdade.

Fiupi que não percebi a velhacaria de confidencia e procurei-o contra a sua-lin-

(1) Ver, atraz, pag. 193.

gia do Abel Urbano que abandonou o Conselho de Arte e Arqueologia porque querendo ser senhor absoluto e despotico enquanto foi seu presidente, encontrou pela frente o Gonçalves e eu que m.tas vezes lhe fizemos rosto - e o vencemos na ordem.

Depois de eu lhe expor estas coisas lentamente, como de quem não quer a coisa, ele confessou:

— Realmente... ainda ha pouco, procurando o coronel Urbano para ele me confirmar o que ha tempo dissera acerca do Gonçalves, vi com espanto que se não lembrava de nada e referindo-lhe eu um ou outro passo, negou que tivesse dito tais coisas...

Eu pensei: como tudo isto é misterioso... O Madail que afirma querer exaltar a memoria do Gonçalves, anda a procurar demassar o que de mau se lhe atribuia: no processo tortuoso do juiz Olivº Pires e na má lingua do violento Abel Urbano — e quem sabe se historietas que o Viana lhe teria contado.

Oxalá, repito, não tenhâmos que nos arrepender de tanta benevolencia com um velhaco desta ordem.

Porque, na verdade, aqui deve andar grande velhacaria.

Mas vamos á acta da sessão:

« Aos 18 de Junho de 1847, numa das salas de O Instituto de Coimbra reuniram-se os vogais seguintes: dr. Gumersindo da Costa Lobo, dr. Costa Rodrigues, P.e António Nogueira Gonçalves, Lourenço Chaves de Almeida, João Machado e Belisario Pimenta. O sr. Viana de Lemos mandou justificação da falta e o sr. dr. Costa Lobo justificou a falta á ultima reunião. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior com a seguinte rectificação pedida pelo sr. dr. Costa Rodrigues: o dr. José Pinto Loureiro não se «por completo» a qualquer colaboração » como ficou escrito, mas admitia a hipotese dum artigo do snr. dr. Costa Rodrigues acerca de Mestre Gonçalves. Tambem acerca da acta se explica que o engenheiro a quem ela se refere quando o sr. João Machado tratou do destino da Escola Livre, era o sr. Baltazar de Castro, arquitecto que superiormente dirige as obras nos monumentos nacionais e que indevidam.te foi tratado por engenheiro. — A seguir V.S.ta expoz o que se passou com o reitor da Universidade quando o sr. dr. Costa Lobo e ele o procuraram; o dr. Maximino Correia recebeu m.to bem os comissionados e ouvida a ex-

posição feita, declarou que a sua opinião pessoal era de que a celebração do centenário seria justíssima e que a Universid.e deveria colaborar por qualquer modo ou chamar a si a parte mais solene da comemoração, aludindo vagamente á possivel realização duma sessão na propria Universidade. Contudo, como a sua opinião pessoal nada determinaria, esperava que a Faculd.e de Ciencias tomasse a iniciativa de apresentar ao Senado qualquer proposta nesse sentido f.o o que já se entendera com o dr. João Pereira Dias director daquela Faculdade. Terminou dizendo que logo que houvesse alguma coisa resolvido nos participaria. A comissão congratulou-se com o exito da deligencia e resolveu dar conhecimento ao publico por intermedio da Imprensa logo que haja resposta da Universidade. Ficou encarregado da deligencia junto da Imprensa o vogal B. Pinheiro. — E não havendo mais nada, &c.»

Coimbra.

Julho: 2

Muitas voltas tem dado o Mundo e eu sem aqui as registar!

Hoje o calor subiu no exterior a 36°, na m.a janela do Norte. E' possivel que es-

te exagero termico tenha influencia nos espiritos...

O Lourenço Chaves Almeida, apesar da canicula, apareceu aí para irmos até ao Madail darmos conta das resoluções tomadas a seu respeito. Lá fomos.

Aceitou, ou pareceu aceitar, a solução proposta; mas como velhaco que é, torceu logo. Não quer que nós falêmos, na comunicação á Imprensa, na exposição organizada por ele e, alegando subtilezas da Universidade que ele quer interessar no certame, disse com ar de mistério:

— Eu pensarei nisso... verei isso a meu modo...

Ha dias, aqui em m.ª casa, queixava-se das delonças nossas, dizia que era preciso dar conhecimento ao publico, para convidar quem tenha obras do Gonçalves a cede-las. Agora não quér. Ele lá sabe o que faz. Quer aparecer como o salvador da memoria do Gonçalves e na verdade, com os elementos que possue póde fazer-se forte.

Ao menos, o que nos vale, áqueles q. pela memoria do Gonçalves teem culto sincero, é que ele ficará bem vincado para futuro. O que é pena é que seja este diabo do Madail um dos agentes da glo-

rificação — quando, verdadeiramente, ela só deveria rir dos amigos sinceros.

Pobre Gonçalves!

Coimbra.

Julho: 4.

Hoje, nova sessão do centenário, por sinal que se realizou no Jardim Botânico, debaixo das filias floridas e aromáticas por não ter aparecido o guarda d'O Instituto. Segue a acta:

«Aos 4 dias do mês de Julho de 1947, no Jardim Botânico, na alameda junto do edifício de S. Bento, se reuniu a comissão estando presentes: dr. Costa Rodrigues, João Machado J.or, Lourenço Chaves Alm.da e Belis.o Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. B.P.G deu conta da deligencia que fez juntamente com o sr. Chaves Almeida junto do sr. Rocha Madail ao qual apresentaram a solução aprovada na sessão de 1 de Junho p.p.; este senhor aceitou a missão de organizar a exposição de trabalhos de mestre Gonçalves mas pediu para nós não darmos conhecimento disso á Imprensa quando a convocassemos p.a notificar o plano do centenario. Foi resolvido, a seguir, que

se convocassem os directores e representantes dos jornais e que o voga B. P.ta lhes expusesse os nossos fins e lhes pedisse a cooperação. — João Machado lembrou que seria interessante e de valor p.a a comemoração que a Associação dos Artistas promovesse uma romagem ao tumulo do Mestre para a qual se convidariam as associações locais e povo; e disse que, nesse sentido trocára impressões com alguns vogais da direcção da colectivid.e. Esta sugestão foi aceite com aplauso e os vogais presentes pediram ao sr. João Machado que não abandonasse a ideia e continuasse a propaganda junto dos directores da Associação. O sr. dr. Costa Rodrigues lembrou que seria de grande relevo uma conferencia em Lisboa na ocasião do centenario feita pela senhora D. Genoveva de Lima Mayer; foi aprovado ficando encarregados de sondar o animo da ilustre senhora o mesmo sr. dr. Costa Rodrigues e o sr. Lourenço Chaves Almeida. — E não havendo mais nada p.a tratar, etc. »

Os nossos planos começam a tomar vulto. Oxalá não comecêmos a fantasiar e a fugir ás realidades.

1490

Coimbra.

Julho: 3

Recebi hoje cópia do despacho do ministro da Guerra relativo ao caso da Revista Militar. O homem «desinteressa-se do problema» por lhe parecer «inútil a insistência...» e desinteressa-se porque vê a Revista orientada «por objectivos restritos de carácter particularista» e ele, ministro, «rege a sua actividade por normas mais amplas» e procura mostrar ao respeitável público o «elevado índice da mentalidade» do exército.

Como estas coisas se dizem! Como se atrevem a falar em normas mais amplas e no elevado índice de mentalidade do exército!

O certo é, parece, que a Revista Militar vai no seu 99.º ano, porque resolveu não se submeter a sua Ex.ª o ministro, poderá morrer sem completar a centena de volumes.

Mas, ao menos, morre como deve morrer.

Coimbra.

Julho: 7.

Venho da reunião convocada pela comissão do centenário, dos jornalistas co-

numbricenses. Dos 15 convites distribuídos, 10 deles compareceram. Vê-se bem o que valem, em alturas, os nossos jornalistas.

Vamos agora a ver como saiem as notícias. Com certeza sái asneira; mas não ha outro remedio senão aturar estes diabos que se julgam alguem.

Bem me dizia o S.r Nogueira Gonçalves lá Vouga:

— Convide-os para uma comezaina e verá como eles aparecem...

Paz: Mafra:

Julho: 17.

De novo aqui, com mais um ano de idade e muito mais ~~xxx~~ desalento.

A mesma paisagem dura, e a mesma mentalidade agreste. Parece que saí ontem daqui, tão igual é este amontoado de ano para ano.

Duas vezes fui a Lisboa, desde o dia 9 em que cheguei; e cada vez me convenço mais de que me torno, aos poucos, inadaptável... Aquela vida de Lisboa é incrível e a situação politica vai tornando esta sociedade cada vez mais abastardada.

Com festanças de estrondo, com cortejos extraordinariamente caros e as constantes

mentiras lançadas pelo Emissário, vai-se adormecendo o Povo e fazendo-lhe desviar as atenções para a onda de ferocidade que de novo se espalha.

É de desalentar o mais optimista. Os homens de valor e de situação saliente agácharam-se não sei se com medo: aguentaram a perseguição própria e abandonaram os outros á sua sorte. E no entretanto, nos cafés, nos encontros de rua, nas reuniões familiares a actual situação política é escalpelizada e por vezes amaldiçoada.

O que quer isto dizer?

E depois... a protecção, ás claras, da Inglaterra e dos Estados-Unidos é confrangedora. Nos discursos dos seus homens representativos há sempre cauticos á Liberdade e á Democracia; insurgem-se contra outros países onde impera o despotismo mas ameigam e envaidecem a figura sinistra que tudo manda em Portugal por conta da Sociedade internacional dos Jesuitas.

Paz: Mafra.

Julho: 18.

Um período, apenas, duma carta para o Pires Monteiro que me pediu, quasi anciosamente notícias minhas. Ainda é dos bons, citado:

«.... Li o artigo do Pinto Loureiro, Filho, na Seára. O autor é rapaz novo, pretendente a capelo e borla de direito; ainda está longe de ser erudito sociologo. Por agora, é mais propriamente um estudioso e um pensador — e já não é mau. Pertence ao Movimento de Unid. Democratica (M.U.D.) e isto deve, talvez, trazer-lhe dissabores para as pretenções doutorais. Mas dizem, realmente, que o rapaz tem merecimento.»

Paz: Mafra:

Julho: 25.

Dia de Santiago, o dos Mairos...

Os jornais embandeiram em arco com noticias do estrangeiro relativas ao céu aberto em que vivemos dentro das nossas fronteiras.

E' sir Samoel Hoare que nos louva; é o Times que diz coisas belas a propósito de uma entrevista com o Patrão.

Emfim, hoje é dia de gaudio para esta peccia de escravos e esfomeados que nos governa.

«Se o regime português deverá ser considerado ou não como paternal, autoritário e ditatorial, isso é assunto da predilecção que cada qual tiver...» diz o Times q. o Patrão afirmára na entrevista.

E o mariola ha-de rir, por certo, ao ver subir o termometro que o ferro ha-de provocar.

Não fosse ele catolico...

Paz: Mafra.

Julho: 29.

Carta para o Pires Monteiro: depois da conferencia commemorativa do centenario de Sebastião Telles:

«... Eu é que já lhe devia ter escrito e renovado as felicitações pela sua conferencia. Mas a vida é o que é e não o que nós queremos. E o peior é que cada vez me vou habituando com menos resignação — palavra que parece magica p.ª muita gente, pois oiço-a a meudo quando me queixo e me indigno.

«Emfim. Adeante.

«Quanto á sua conferencia, devo dizer que fiquei satisfeito por ter assistido. Ambiente de elevada distincção o que, nestes casos, não pode ser indifferente. A assistencia numerosa, como não contava, tambem dava mais valor; e emquanto esperava e o auditorio se arrumava vi e ouvi, com prazer em frases soltas e simples cumprimentos, sinais de muito interesse. Comprehendi que não era só a memoria do Sebas

Vião Teles que reunia ali aquela gente toda, havia tambem interesse em ouvir o conferente.

«A conferencia foi soberba, bem delineada e focou nos pontos essenciais que era preciso focar para se avaliar qual foi o merito do Sab.ão Teles como homem de ideias ou, conforme lhe chamam, como pensadôr. E' certo que á palavra pensadôr se liga, em regra, noção mais larga, mais ampla e complexa; mas a verd.e é que o autôr da Introducção ao estudo dos conhecimentos militares se deleitou (como agora se diz) sobre os problemas sociologicos e filosoficos da epoca e os ligou com a evolução dos conhecimentos militares. Do seu espirito reflexivo e de visão clara, teria causado extranheza a tendencia p.a afastar os mesmos conhecimentos do conjunto de ciencias que certas correntes de ideias acceitham; e daí a preoccupação de dar a solução intelligente, com certa profundeza, embora com aparencia de vulgarização.

«O qualificativo, pois, não lhe ficou mal e bem andou o meu Am.o de assim embiolar a conferencia. Deu mais elevação ao trabalho e não exagerou as intenções.

«Ds m.as felicitações, pois. E dei-me por satisfeito ao sair da Sociedade de Geografia

pois a sessão teve certa grandeza e o seu trabalho correspondeu á curiosidade culta porquanto nem todo o auditório o compreenderia. Quando nos encontrarmos reforçarei e explanarei as m.as impressões mal traduzidas aqui. A Séla cerca-me com preguntas insistentes e mal terei tempo de reler o q. escrevi p.a não faltar á passagem da caminheta do correio.

«Um abraço, etc.»

Assisti, realmente, á conferencia. O auditorio era, de facto, bom. A assistencia numerosa, em parte por atenção ao Pires Monteiro; em parte, quem sabe se a maior, por se tratar dum ministro da Monarquia. As coisas não o que são.

O titulo da conferencia talvez excedesse as possibilidades do conferente. Temo que o Sebastião Teles não seria um pensador e se o foi, não era o Pires Mont.o que saberia traçar-lhe o perfil como tal. Quando ele me preguntou se eu achava bem o titulo, pensei em lhe dizer, francamente, que o achava excessivo. Entre nós, portugueses, ha muito pouco o sentimento das proporções e como se trata de prestar homenagem, vá de elevar o vizado aos pincaros da gloria.

O Sebastião Teles foi, na verdade, um homem notável a quem o feitio modesto, sem alardes, não deixou brilhar; creio que numa entrevista que saiu em 26 deste mês na Gazeta de Coimbra e foi feita toda por mim (1) ficou este aspecto do homem bem elucidado. Não era figura de primeira plana, mas foi notável como homem de ideias, espírito um pouco filosófico a quem a classe militar apertou em moldes nada elásticos.

Mas pensador, no sentido normal do termo, creio que não seria. É claro que, na carta que deixei acima, não iria agora desgostar o bom Pires Mont.° demais a mais satisfeito, como ficou, com a conferencia. Seria barbaridade e como não fiz os comentários no devido tempo por pouca disposição do meu espírito, agora seria impertinencia e poderia ser, até, mal interpretado qualquer reparo ao título do trabalho.

Deixar passar, que o mundo continuará rodando sobre o seu eixo e o que disse na carta não chega, verdadeiramente, a ser mentira.

Paz: Mafra.

Agosto: 1.

O Alberto Xavier mandou-me o folhe-
to que publicou ha pouco: Insolitas atitudes
criticas, em que responde a certos criticos
que o desaucáram a proposito dos seus tra-
balhos sobre o Romance.

Se bem que, noutros tempos, me dei
bem com o autor, ultimamente parece
que me não conhece quando em Lisboa
nos cruzamos nas ruas. Eu deixo correr,
é claro, e não me aproximo destas creatu-
ras que subiram alto e as quais o olhar fa-
baixo pode causar vertigens.

Admirei-me, pois, da oferta do opus-
culo. Respondi com um cartão de visita
em que dizia o seguinte:

«B... P... agradece a oferta do opus-
culo Insolitas atitudes criticas; e lastima
a falta de serenidade em assuntos onde
parece que ela seria essencial. Bem haja!
Cumprimentos afectuosos do muito grato —
(a) B.P.»

Cumpri com os deveres da boa educa-
ção. Vamos a ver agora se, quando nos
encontrarmos na rua, ele me reconhece.

Paz. Mafra.

Agosto : 3.

O escultor Julio Vaz completa hoje 70 anos. Limite de idade oficial, por conveniencia.

Ha dias encontrei-o em Lisboa. Todo branco, mas com aparencia ainda fresca. Trajo de homem muito mais novo. Ar de optimismo. E comtudo, teve na vida desgostos profundos dos quais uma vez me confessou dois que me não atrevo aqui a mencionar.

Como a vida é... Vão lá fiar-se nas aparencias!

E' homem sério, de principios. Teve-se mantido com dignidade quer na vida de artista quer na vida politica e social.

Queira ainda trabalhar muito e com mais liberdade. Assim seja.

Que a vida lhe corra com o mesmo optimismo!

Paz: Mafra.

Agosto : 6

Recebi ontem o volume Anorexia mental, do dr. Elisio de Moura, com oferta amavel. Admirei-me um pouco da oferta pois as nossas relações são apenas cerimoniosas, mas fiquei, não sei porquê, com

pouco sensibilisado. Agradeci-lhe hoje em carta, na qual com os agradecimentos lhe declarava que me sentia muito honrado com a oferta.

E disse a verdade.

Paz. Mafra.
Agosto: 8

Carta ao Mario Cardoso, de Guimarães, que não necessita explicação:

«... Ainda estava em divida de uma carta sua quando recebi o magnifico volume da correspondencia do Martins Sarmento com Hübner. Varias contrariedades, a vinda p.ª este canto e os cuidados com uma Neta que aqui está doentita foram demorando os meus agradecimentos. Muito e muito obrigado por todas as suas atenções q. vão alem do que mereço.

«Este volume de correspondencia dos dois sabios é na realid.e obra de tomo e, deixe-me dizer-lhe com franqueza e sem sombra de lisonja: não sei se o seu merecimento vem mais das cartas trocadas se das anotações e comentarios feitos pelo meu ilustre Am.º que só por si são um monumento de alta responsabilid.e e de indiscutivel prestimo. Quero crer que se o nome

do cor.l Mario Cardoso não fosse já tão conhecido e respeitado pela probid.e e profundeza dos seus estudos, estes comentarios e notas dar-lhe-iam segura nomeada. Sei calcular o que vale um trabalho desses e por isso, ao apreciar o volume, pensei se a sua contribuição não terá mais valia que a colectanea epistolar que lhe deu causa.

«Teria na sinceridade e simplicidade desta apreciação.

«Na sua carta pergunta-me quando darei eu um salto a Guimarães? Guimarães nêres, ai de mim! eu projecto uma ligeira excursão ao Norte, a Amarante, p.a ver um velho amigo; a Caldelas, para repouso e tratamento; e a essa terra cuja paisagem ainda tenho nos olhos e que eu desejaria voltar a ver com vagar.

«Mas que quer? A m.a vida não me proporciona prazeres; e aqui estou durante o verão, acompanhando doentes, tendo alguma coisa e sem vontade de trabalhar. A velhice bate á porta — e que fazer?....

«O que lhe desejo, meu caro Camarada e Am.o é a melhor saude e que a sua vida corra sem atritos e desgostos para não só gosar a companhia dos seus como para lhe dar ensêjo de mais trabalhos notaveis como este que a sua generosidade me ofe-

1501

oferecen tão cativantemente. E creia-me, meu caro Mario Cardoso, etc. »

Paz: Mafra

Agosto: 9

Vem hoje nos jornais uma noticia que vai alem de todo o limite razoavel.

O general espanhol de Badajoz veiu a Evora visitar o Luis Sampaio, comandante da Região. Não sei a que proposito mas isso não importa. Os dois generais andam sempre em cumprimentos e tagatés por dá cá aquela palha. Bem hajam.

Mas, desta vez, o espanhol veiu visitar o de Evora e no discurso com que o Sampaio agradeceu a visita ha este passo que recortei da 1ª pagina do Diario de Noticias de Lisboa:

> No salão nobre do Quartel General o sr. general Luís Sampaio, usando da palavra, saudou o ilustre visitante. Afirmou ser com a maior satisfação que o recebia no Quartel General da IV Região e o considerava, enquanto permanecesse em Evora, comandante desta região. Saudou a Espanha, de quem se disse extremamente amigo.

Etc. etc. O que é essencial para o meu reparo é o passo em que o patéta do Sampaio transmite os poderes de comandte. ao general espanhol durante a permanencia em Evora. Parece-me um caso de certa gravidade esta concessão — ou eu estou a ver

as coisas erradamente e com oculos de esparo-fobia. Tudo pode ser.

Em todo o caso, a verdade é que ontem viemos em Evora, embora por umas horas, em sucessor de D. João de Austria

Paz: Mafra.

Agosto: 10.

Carta ao velho amigo Eduardo da Cunha Oliveira. Segue sem mais explicação porque a não precisa:

«.... — De mais, a monotonia do lugarejo é a mesma. O ron-ron dum moinho de vento que a 300 m. lança aos ares a tristeza dos soluços de derenas de cabaças presas ás vergas, é o verdadeiro simbolo deste deserto. Sintra, ao longe, sempre com o seu capêlo de neve; e o mar, um pouco mais perto, a berrar de mar em quando — eis o canario banal e constante.

«E eu, no meio de tudo isto, sem estimulo para o trabalho, olho com tristeza os meus tres volumes das Ideias do Baldaque aqui mesmo em frente, na mêsa em que escrevo e lastimo o seu abandono.

«O poeta Miguel Torga chama a um livro acabado de fazer, algumas toneladas de energia consumidas; e na verdade fi-

co-me a pensar como eu andei 35 anos a meditar naquilo e ha cinco me desunho a escrever e a arquitectar um edificio que ainda verdadeiramente não tem telhado!

«Vamos a ver o que virá. Ao deitar-me, para conciliar o sôno que nem sempre vem logo, procuro a chave final da obra, para dar remate que condiga com o conjunto; mas no dia seguinte não consigo concretizar o que vagamente, na verpera, imaginei. E assim os dias vão passando e eu não termino aquela parte do trabalho que no conceito popular é sempre a piór de esfolar...

«Vamos a ver. De um momento para o outro, numa aberta de boa disposição, póde ser que largue as velas á fantazia e... pronto! Ponho o Saldanha no seu pedestal e entoando a tuba de Clio direi, como o bom do Horacio, que lhe erigi um monumento para todo o sempre. Assim será.

«E como tem passado de saude, etc.»

Ora o caso do D. João de Austria a que ontem me referi com estranheza, deu-me que pensar. Na primeira impressão depois de ler a noticia, estive para escrever simplesmente um cartão: «Meu caro "Sampaio: espero que desminta a noti-

"cia hoje lida nos jornais ... etc. etc. » Mas o que poderia suceder?

O Galeta, que ainda cheio de embofia, era capaz de participar ao ministro a minha falta de respeito para com um legítimo superior ... E estou convencido de que ninguem me daria razão.

D. João de Austria! D. João de Austria! E andou D. Sancho Manuel a esbofar-se para te pôr fóra de Portugal! ...

Paz: Mafra.

Setembro: 13.

Carta ao Augusto Casimiro que tambem não necessita de prologo. Traduz estado de espirito e mostra esboço de critica em q. aliás não sou forte.

« ... Aqui vim ter, em boa hora, a sua Lisboa Mouriosca. Bem haja! A oferta veio alegrar-me e trazer a certeza de que ainda não sou de todo esquecido. Dirão-me envelhecer, meu Snr.º, e as preocupações constantes só me deixam ver escuro em frente. Por isso, neste recanto onde passo o verão, a sua lembrança me deu alguma alegria.

« Já devia ter-lhe escrito e agradecido a boa intenção; mas passo os dias mais ou menos apatico, enchendo as horas mais tran-

quilas com leituras para distrair o espirito: desde Seneca e Montaigne que são lidos por conta-gotas até ao jovial Paulo de Kock ou ao Gervasio Lobato, em grande quantidade nesta casa[1] que, francamente, não deixam de ser espanadores de tristezas...

« E aqui tem. As suas evocações aos rapazes do seu tempo em carta que aqui tenho presente e a que queria responder com calma e boa disposição são, pois, quasi dolorosas. Meu caro Casimiro: o tempo passou. Os nossos passeios, as palestras, as evocações de Arganil, etc. etc. — isso já la vai tudo e não volta.

« Mas não estejâmos com trênos insulsos. A sua Lisboa Mourisca é um belo livro, limpo e saudavel, como sempre são as suas producções; é uma cronica da epoca, ligeira, sem aparato erudito, mas documentada com seriedade. As evocações são belas e a leitura é facil e atraente. Oxalá venham bréve essas outras cronicas que anuncia. O programa interessa muito. Por mim, agora, limito-me a aplaudir; já dei o que tinha a dar se é que alguma vêz dei coisa que se visse.

« Meu caro Casimiro: desculpe a demo

---

(1) Pertenciam a Licinio da Silva.

ra deste meu agradecimento, ha muito de vido. Repito: bem haja por tudo! Um grande abraço, etc. »

Paz: Mafra.

Outubro: 3

Faço hoje 68 anos. Pensando um pouco, pergunto: de que me serviram estes 68 anos de vida? ou que utilid.e tiveram elas em relação aos outros ou á sociedade?

Fica a pergunta para a Historia responder se é que a Historia vale a pena ocupar-se dos que nada fizeram...

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Ha 37 anos proclamou-se a Republica. Dia de vãs boas esperanças!

Lembro-me bem de que a m.a alegria foi pouca; parece que previa toda a serie de desastres e traições de que ela foi vitima.

Foi, na verdade, um grande dia.

Mas no dia imediato já todos pensávam mais concretamente...

Ora hoje, no Primeiro de Janeiro, um artigo de fundo, perfeitamte á data historica veio um passo que me fez pensar e que deixo aqui, recortado do jornal, por curiosidade:

Hoje, a trinta e sete anos de distância, quem não foi contemporâneo destes acontecimentos custa-lhe naturalmente acreditar que 30 ou 50 mil pessoas se juntassem para ouvir a palavra estridente do dr. António José de Almeida e do dr. Afonso Costa, a lógica destruidora dos algarismos do dr. António Luís Gomes e Barros Queirós, a voz calma e serena do dr. João de Meneses, a argúcia e sarcasmo do dr. Brito Camacho, os arrebatamentos oratórios do dr. Alexandre Braga, a voz profética do dr. Bernardino Machado, e de tantos outros que a morte já ceifou.

«Na verdade, nos dias que passam, parece que esses tempos são maravilhosos.

Quando às vezes falo destes homens a gente nova, fico com a impressão de que me não acreditam.

E é possível.

Paz : Mafra.

Outubro : 11

Chegou hoje aqui O Despertar que jornalisticamente me informava do pouco que há por Coimbra. «Numa secção d'esquina de Saussão, da autoria do Octaviano de Sá vem a notícia de que deixo, ao lado, o competente recorte. O safado, causador, segundo parece, principal de a Escola Livre não estar entregue aos so-

A E cola Livre

Aos jornais veio a seguinte noticia que registamos com vivo aplauso :

« ESCOLA LIVRE DAS ARTES DE DESENHO – A Casa do Distrito de Coimbra, que muito se tem interessado pela conclusão das obras da Escola Livre das Artes de Desenho naquela cidade, aproveitando a visita do ministro das Obras Públicas à nossa cidade universitária, renovou o seu interêsse por uma iniciativa que muito irá beneficiar a formação de artistas de Coimbra »

Oxalá que a Casa do Distrito de Coimbra, em Lisboa, tenha a virtude de conseguir o acabamento de tais obras, a eternizarem-se como as proverbiais de Santa Engracia

A Escola Livre das Artes do Desenho, é uma instituição gloriosa dos Artistas de Coimbra, com tradições e honrosos serviços à causa da Arte, podendo vir a continuar a sua acção altamente meritória

Por quê tão longo «compasso de espera» em tais obras?

cios, vem brincar como se estivesse interessado na boa resolução.

É bem certo: o que o berço dá, a tumba o leva. Este Octaviano de Sá nunca deixará de ser o que sempre tem sido. Adeante.

Este recorte é do nº 3091 do jornal, do dia de hoje, 11 de Outubro.

Paz: Mafra.

Outubro: 13

Ha dias, em Mafra, fui ao museu da Casa do Povo. Já desde o ano passado prometera ao organizador e ~~[illegible]~~ director que é o professôr primario Raul Agostinho de Almeida uma visita atenta. Calhou nos ultimos dias de Setembro e lá verifiquei que ha no museu m.to de exterioridade, isto é, certo artificio para dar nas vistas e provocar louvores, como tem provocado.

Mas, enfim, antes aquilo do que nada.

O pior é que o ilustre Agostinho de Almeida teve a má lembrança de me mandar aqui o livro de honra dos visitantes

para eu deixar exaradas nele as minhas impressões. Consideram-me visitante ilustre...

Não tenho outro remédio senão deixar rabiscada qualquer coisa. E eis o que resolvi escrever:

«A respeito de museus regionais e em especial dos museus em que se guardem as provas das chamadas actividades populares, tem-se dito muito e bem. O que posso dizer aqui é que este pequeno museu é uma feliz realização que deveria servir de estímulo p.ª outros concelhos; o seu organizador conseguiu dar em conjunto agradável apesar da localização não ser das melhores e a instalação pouco afortunada, a impressão daquelas actividades do povo. E seria m.to para desejar que houvesse quem, fundado neste belo conjunto, escrevesse uma monografia ou memória na qual se encarassem os aspectos mais salientes das mesmas actividades - e em q.to se fixassem, por ex.º, as razões da fraca evolução da cerâmica local que é a de maior e mais curiosa representação mas que ainda se mantem em muito atraso.

«Creio que foi Eça de Queiroz quem disse que a Arte é a História da Alma. Ora

essas monografias seriam, entre outras coisas, uma sondagem da alma desses modestos artistas que, desde séculos vêm mantendo as mesmas formas e a mesma técnica sem se preocuparem muito com os progressos que lhe andam á volta.

«Mas, enfim, o que há, muito digno de menção é a intenção do organizador e o esforço muito de louvar, da realização que é de esperar continue em evolução com o que todos vêem a lucrar: o Povo que poderá melhor compreender e os etnógrafos que poderão encontrar seguros elementos de estudo.»

É pronto. É mesmo assim foi como que o arrancar dum dente sem anestesia.

Seja tudo pró desconto de qualquer pecadilho...

Paz: Mafra.

Outubro: 23.

O Madail, o ilustre Madail mandou-me um opúsculo: Desenhos de Mestre António Augusto Gonçalves para um projectado roteiro do Porto.

Mais uma boa contribuição para a biografia e bibliografia. Escrevi-lhe com muitos agradecimentos e amabilidades

como não podia deixar de ser. No final da carta, quando assinei, disse de mim para mim que é triste esta situação: ter de ser amavel e atencioso com esta creatura...

Mas que se ha-de fazer?

Paz: Mafra.
Novembro: 6

Depois de uns dias em Lisboa onde vim a saber coisas extraordinarias da politica que receio escrever aqui, voltei á Paz p.ª a apanha da azeitona.

E cá estou na doce paz dos campos...

Estive com o Pires Monteiro, uma tarde, na Revista Militar e tive de lhe fazer frente perante uma suspeitão que me disse ter mand.º em carta que, de facto, aqui vein parar na m.ª ausencia.

Quere ele que para o ano do centenario da Revista que é o de 1848 eu escrevesse qualquer artigo especial e que esse artigo fosse: Um seculo de literatura militar: livros e revistas. Confesso que me seria agradavel o têma mas só o poderia desenvolver se mo tivessem lembrado ha anos. Não é artigo que se escreva de pé para a mão.

O que eu pensava escrever era outra coisa: O Exercito em 1849 ano em que se

lançou o periodico; faria um quadro da epoca e da influencia da Revolução de 48 no nosso exercito, etc. etc. Já tenho varios elementos colhidos e pensado na linha geral do artigo. Mandei dizer isto hoje ao Pires Mont.º porque no dia da nossa conversa surgiu o ilustre Gualberto de Melo, medico meu patricio e aldrabão democratico, falador e mais coisas ainda, que interrompeu o fio das nossas considerações; e no dia 1 deste mês quando voltei á Revista fº. me despedir estava lá o não menos ilustre general Raul Esteves a quem não tenho interesse em falar e cuja presença me incomoda um pouco.

Afinal terei que escrever qualquer coisa e vejo-me com o tempo tomado. Quando terei eu coragem para dizer simplesmente que não? Assim, com estas bagatelas que me não interessam, vou deixando correr os dias e os mêses e não faço aquilo que desejo.

Raio de vida! Estas minhas cerimónias dão-me cabo dos nervos.

Coimbra

Novembro: 16

Cheguei hoje, ao fim de quatro mêses de ausencia. Coimbra teve já para mim

o efeito dum pesadelo — vultos são os pro
blemas que aqui venho encontrar.

A morte do abade do Baçal causou-
me inveja. Que vida sossegada ele teve,
tranquila, sem sobressaltos! Conseguiu
trabalhar quanto queria e como queria e,
afinal, veio a morrer como viveu — em
paz.

Não é dado a todos uma tal vida.

Coimbra.

Novembro: 24.

Problemas, problemas, problemas...

Coimbra.

Novembro: 30

O Laranjo Coelho atingiu os 70 anos.
Por consequência... fº o meio da rua, e
venha outro.

O homem tem sido sempre muito
amável comigo. Parecem-me que não se
ria de mais uma cartinha afectuosa, em
termos de camaradagem, etc. etc. E na
verdade escrevi-lhe hoje. Desejei-lhe lar
ga vida fº trabalhar [illegible] ao mesmo tem-
po que lhe desejava o merecido descanço.

Enfim, uma carta diplomática como
convinha. E lá foi.

Gois

Dezembro: 10

Vim ao casamento da Maria Helena Baeta da Veiga com o António Moreira de Figueiredo, ambos medicos.

Festa rija, cheia de alegria, que alvoroçou a pacata vila, sempre amadorrada no sopé do Rabadão e á sombra solene do Penedo de Gois. Movimento de automoveis com gentes de varia proveniencia: de Leiria, de Coimbra, de Lisboa, de Viseu, das sete partidas onde havia um amigo para convidar.

Dois salões com enormes mêsas a abarrotar de comezaina fina, duma espantosa abundancia. No solar dos Paula Nogueira havia azafama alegre; no corredor central cruzavam-se os dônos da casa e a creadagem no intuito de bem servir a aluvião de convivas.

Lá fóra, meia escondida, a filarmónica local esperava o momento solene da entrada dos noivos p.ª romper em girandola de notas estridulas. Havia qualquer coisa de pitoresco e de afectivo no ambiente que eu lamento não poder agarrar com a pena com que escrevo para deixar quadro curioso sem faltar muito a verdade. E' claro que a festa teve motivos

comuns a muitas outras festas; mas para mim, áparte a alegria dos noivos que me chegou a sensibilizar, houve um aperitivo notável que não poderei esquecer aqui: a presença de Aquilino Ribeiro.

O Aquilino Ribeiro em Goes!

Nunca vira o Aquilino e fazia dele uma ideia completamente diferente. Aquele Libório Barradas da Via Sinuosa e que reaparecera nas Lapides Partidas era, para a minha imaginação, um sujeito rude, de feições duras, másculas, de moreno carregado; um ou outro retrato que lhe tem aparecido não desmentiam a impressão que era completada por certas informações particulares, colhidas aqui e ali.

Quando o Cristovão Moreira de Figueiredo me disse que ele apareceria em Goes senti o natural alvoroço de quem, pela primeira vez, ia ver um homem notável mas, ao mesmo tempo pouco interessa pela pessôa que, não sei porquê, me não era simpático. Entre os livros admiráveis e o autor havia diferenças grandes. Lembrava-me de que o Libório insultara a mãe: sua negra! sua cadela! e de q. nos seus amores aparecia sem escrupulos, grosseiro, material, sem parcela de elevação. Depois, a maneira como respon-

de ás criticas feitas aos seus romances não me inculcáva creatura de tolerancia compreensiva; e a maneira de escrever, os assuntos tratados, certo conjunto da sua obra, pareciam-me que o definiam como intratavel.

Mas, quando, na igreja, na altura da cerimonia do casam.to o Moreira de Figueiredo me segredou com certa comoção: «já ca temos o Aquilino...» e apontou vagamente p.a um grupo de individuos que saboreávam o tumulo renascença da capela-mór, eu olhei e dos quatro homens juntos não divisei o vulto que me desse a impressão do romancista. No entretanto, sabendo que iria ser apresentado, lembrei-me do caso do Eça de Queiroz quando se aproximava do Fradique e de que poderia parafrazear:

— A prosa de V. Ex.a é como o granito duro das serras do Dêmo, com laivos classicos que aqui e alem o amaciam e lhe dão vida... etc.

Mas qual!... Não me deu tempo para arranjar uma frase bonita ou pelo menos cortêz. O grupo veiu pela igreja abaixo e o Cristovão de Figueiredo aproximou-se e apresentou-me ao Aquilino, a um dr. Gouveia advogado não sei se em Lisboa

e ao dr. José (?) Gomes Mota, medico e professor liceal. Fiquei verdadeiramente surpreendido: a pessoa a quem me apresentaram como Aquilino Ribeiro não era o q. eu imaginara! Haveria mistificação?

Na mª frente estava um homem com aparencia de novo, rosto ainda fresco, olhar vivo, azul; cabelo corredio, lançado para traz, já esbranquiçado mas que mostrava ter sido loiro claro; no aspecto geral, certa elegancia de maneira, atencioso, mesureiro mesmo... Era aquele o autor Aquilino da Via Sinuosa que na infancia gritava para a mãe: sua negra! sua cabra! e que ali, na igreja de Gois se desfazia em mesuras seu artificio?

O historião de Fajaeiredo murmurou:

— Este sr. coronel é dos nossos... e desejava conhece-lo...

Eu vim então de dizer qualquer coisa alem do vulgar «muito prazer...» para justificar a piedosa mentira do apresentante; e como o Eça com o Fradique esqueci-me da frase lapidar e disse apenas:

— Na verd.e tinha vontade de o conhecer pessoalmente. De mais, já conheço V. Ex.ª há muito, creio que... (e fiz um gesto vago, como de quem abrange larga extensão de terra, muito para alem de

Gois e seus arredores)... creio que desde o Jardim das Tormentas...

Ele teve um sorriso, de homem habituado a todas as lisonjas; e com ar de tristeza concluiu:

— Já lá vai um bom par de anos...

E aqui está como conheci o Aquilino Ribeiro. Felizmente um grupo de damas passou e separou-nos; e foi bom porque o diálogo seguinte seria difícil quer para ele quer para mim.

Daí por diante passei a observa-lo, á socapa. Ainda tivémos uns momentos em que conversámos a propósito do filho mais novo que foi discípulo da M.ª Helena; o todo cuidadoso e ateniçoso admirámo-lhe; o próprio vestuário moderno, á inglesa, dava-lhe a impressão do gentleman que desceu, por favôr, a esta modesta aldeia do Beira.

Depois, durante o almoço, ele observou, observou, observou, junto ás paredes da sala principal, por detraz de todos: desde um leque de Coimbra cuidadosamente dentro da sua caixa correcta dava o tom da superioridade, até aos quadros antigos do salão, retratos a carvão de antepassados da família Paula Nogueira, de barbicanas, ou trigodeiras romanticas ou bon

gas pêras solénes. Eu espiei-o, de longe, e quer-me parecer que teremos cronica em qualquer parte ou capitulo em proximo romance que lembre a festança do casamento.

O Aquilo Ribeiro em Gois!... Só estas cinco palavras dariam ~~[illegible]~~ umas paginas curiosas a quem soubesse escrever e a quem soubesse tirar partido dos pequenos nadas.

Eu contento-me com as notas que aí ficam.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Escrevi ha tempo, pouco depois de ter morrido o abade de Baçal, ao meu condiscipulo Antonio José Teixeira, de Bragança, que era amigo intimo do morto; pedia-lhe para me representar em futuras homenagens que certamente se promoverão e dizia-lhe um certo num.º de coisas a respeito dos trabalhos do infatigavel escritor e arqueologo.

O Teixeira respondeu-me logo, com amabilidade e solicitou-me licença para entregar a m.ª carta á comissão que em Bragança tomou a seu cargo prestar certas homenagem á memoria do abade.

1590

Ora eu não me lembrava já bem do que escrevera e pedi-lhe, em postal, para não entregar a carta porque mandaria outra para a substituir.

Sempre a eterna mentira!

A outra carta saiu assim:

«Meu caro Teixeira: O conhecimento tardio da morte do bom abade do Baçal (eu estava na aldeia onde os jornais chegávam atrazados) impediu que te solicitasse o favor de me representares no funeral — a que certamente concorrerias como amigo e admirador do morto. Impressionou-me o desaparecimento desse homem com quem tive muito ligeiras mas, para mim, honrosas relações epistolares; sabia-o velho e doente; mas sabia tambem o que fora a sua vida exemplar de homem e de trabalhadôr da Historia e o valor do seu espirito de firme compreensão e tolerancia.

«Vida invejavel, meu caro Teixeira! Longe do mundo, embora atento á vida, ele soube cumprir e sem encontrar arestas, muitos dos deveres dos homens de inteligencia sã e sem ambições. Podes crer q. varias vezes, no meio das preocupações que nos sempre assaltam e na presença de um mundo tão agitado, eu me lembrava

do bom Abade que trabalharia tranquilamente na sua varanda rustica...

«Enfim, meu caro Teixeira: já que não tive a sorte de me poderes representar no enterro do grande transmontano, peço que me representes em futuras homenagens que certamente os amigos e conterraneos não deixarão de prestar como é de justiça. E já que não terei ocasião de ir até ai (onde nunca fui e gostaria ainda de ir) terei ao menos uma digna e honrada representação.

«Crê-me pois am.º velho, etc.»

Coimbra

Dezembro: 18.

Hoje tive a visita do P.e Nogueira Gonçalves. Foram tres horas de conversa agradavel. Falámos de m.ta coisa. Quasi ao fim é que percebi o motivo da visita: era ainda o Madail!

Assim como ha dias, quando no Tovim falei largamente com o Lourenço de Almeida acerca dos entraves que o ilustre Madail poderá por á realização do centenario, assim tambem o Padre está preocupado com a prespectiva dum escolho que o cavalheiro possa arrumar para cima de nós.

E' uma trapalhada. O Padre chegou a dizer-me que cedia o seu lugar se a entrada do Madail para a comissão podesse resolver o problema.

Eu protestei e sinceram.te O Madail na comissão era o desastre.

O Lourenço disse-me que a comissão terá muita semsaboria — e eu quero crer que sim.

Vamos a ver se as coisas se arranjam com geito, com diplomacia.

O Reinaldo dos Santos prometeu vir falar na sessão solene e isto tem grande pêso.

Vamos a ver.

Lisboa.

Dezembro: 31.

Estive hoje nas Janelas Verdes com o João Couto que me recebeu afectuosamente. Fui lá tratar do centenario do Antonio Aug.o Gonçalves, ideia que ele acarinhou como era de esperar.

Gostei de estar com ele, no gabinete da direcção, em cujo arranjo, não sei porquê, quiz ver a influencia coimbrã do velho Gonçalves. E' possivel.

Eu assisti ao desabrochar deste rapaz: o Joãosinho como era chamado nos

tempos de estudante. Fez-se alguem á sombra do Gonçalves cuja lição aproveitou e honestamente.

Hoje é autorid.e em materia de arte, de critica de arte, museus, etc. Está bem naquele lugar.

Falámos de Coimbra — que ele hoje vê a distancia e quasi não compreende já. E ainda bem!

Termina, pois, o ano menos mal: a conversa com o João Couto não foi mau remate.

... E vira o 1948 que começa amanhã!

— 1948 —

1518
1593

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais outro... Eles já são tantos!... O que hei-de eu fazer?

.... Ora é de saber que o Rebelo Gonçalves oferecera-me a oração de sapiencia que pronunciou em 1943, na sala dos Capelos, na sessão de abertura da Universidade.(1) Respondi-lhe com a seguinte carta... diplomática:

«.... O opusculo com que V... me honrou tão amavelmente, veio ter aqui ante-ontem, devotido de Coimbra. Creia V... que a atenção foi duplamente apreciada: pela oferta que corresponde a honrosa deferencia p.ª comigo e pelo conteúdo ou seja a bela e notavel oração de sapiencia de 1943.

«Agradeço muito a V... e devo confessar que a oração foi lida logo e comentada

---

(1) As Humanidades classicas e a Universid.ª de Coimbra; 4.º de 34 pag.

com o maior interesse por mim, por minha Filha e por meu Genro, todos apreciadores dos meritos do autor e igualmente apreciadores da defesa e apologia do estudo das Humanidades tão brilhantemente feitas. Muito e m.to obrigado, pois, por tudo: pela gentileza do oferecimento e pela lição recebida, agora que tanto se exalta a cultura do pontapé e do murro como solução para as desgraças do Mundo...

«Aproveito o momento para desejar a V... com as festas alegres, o ano mais prospero e tranquilo, etc.»

E que tal?... A carta parece escrita por ele, com tantas cortezias e zumbaias...

Lisboa.

Janeiro: 5

Centenario do Antonio Augusto Gonçalves. Fui hoje procurar o escultor João da Silva para lhe falar da ideia duma medalha commemorativa.

Que homem interessante! E que casa encantadora — verdadeira casa de artista! Foi encantado.

O João da Silva, artista por temperamento é tambem um democrata sincero; inconformista revelado logo ás primeiras

entradas da conversa que ele sustenta com facilidade e certa elevação.

É simpático e insinuante.

Passei hora e tal no seu estudio que percorri demoradam.te e que é admiravel pelo gosto e pela ordem.

E não dei pelo tempo q. passou.

Lisboa.

Janeiro: 6

Centenario de António Aug.to Gonçalves. Procurei hoje o Reinaldo dos Santos que me marcou hora no Academia das Belas Artes. Recebeu-me familiarmente. Conversámos também familiarm.te. Exaltou a acção do velho Gonçalves não só em Coimbra como no complexo artistico do País. E da conversa quero notar dois passos que julgo dignos disso:

Um foi o Reinaldo afirmar que se deve ao Gonçalves a chamada da atenção para a estatuaria medieval considerada como obra rude e sem valor; foi o Gonçalves o primeiro a fazer ver quanto havia de invenção artistica nessas imagens e capiteis tão desprezados. E então se começou a estudar e a procurar compreender o valor desses trabalhos de imaginarios cheios de alma artistica á procura de forma perfeita.

E achei interessante ver a maneira um tanto ou quanto calorosa como se exprimiu.

O outro passo é tambem muito para considerar.

Quando o Gonçalves publicou a sua obra Estatuaria Lapidar o Reinaldo criticou-a num numero da revista Lusitania [1], mas, acentuou, com elevação. No entretanto ficou com a impressão de que o Gonçalves não gostaria. Passado certo tempo, o Reinaldo foi a Coimbra e, segundo o costume, foi ao Museu Machado de Castro e levava a curiosid.e de ver se, encontrando o Gonçalves, este se mostraria agastado. Ora aconteceu que logo á entrada viu, debaixo da galaria do pátio, a passear, fumando um cigarro, o Gonçalves; dirigiu-se-lhe naturalmente, como sempre fazia e desde que chegou a pequena distancia notou que o Gonçalves o reconheceu e com afavel semblante veiu ao encontro e cumprimentou-o com o mesmo ar amavel de sempre.

— Bem, dizia o Reinaldo, vejo que o Mestre Gonçalves se não agastou com a critica que lhe fiz.

---

[1] A pag. 123 do n.º 1, Janeiro de 1924.

Começou a conversa, naturalmente, sobre generalidades. O Reinaldo confessava-se encantado por ver que as suas discordancias de opinião não melindráram o velho professôr. Mas a pouco e pouco, a conversa foi derivando para a estatuaria em geral; das generalidades descaíu na medieval ao passo que, insensivelmente, o Gonçalves se ia dirigindo para a galaria onde estava exposta a colecção da Idade-Media...

Aqui, sem dar por isso, o Reinaldo estava encaminhado p.ª o assunto que lhe merecera a critica; e o Gonçalves, brandamente mas persuasivamente, perante os exemplares expostos, fez uma verdad.ª lição e tocou habilmente nos pontos de discordancia, com toda a subtileza, como quem conversa para passar o tempo...

Reinaldo ouvia, ouvia, vendo muito bem que aquilo tudo era a resposta á sua critica, mas feita com tal finura e despreocupação que não se atreveu a responder. E terminou o episodio dizendo-me a sorrir:

— Apanhei uma lição mestra. E confesso que me senti subjugado não só pela exposição erudita e cheia de clareza e convicção, como pela maneira delicada, sem

qualquer prurido de superiorid.e, com que me encaminhou p.a a galaria e me respondeu ás minhas observações criticas, sem parecer que o fazia.

E concluiu:

— Foi admiravel. E creio que me convenci...

Gostei de ouvir estes episodios, contados de mais a mais com naturalid.e, como a velho conhecido.

Enfim, o homem aceitou, em principio, o encargo da oração principal na sessão solene com que se inaugurasse ou encerrasse o centenario. Pareceu-me, até, lisonjeado.

Assim seja.

Lisboa:

Janeiro: 8.

Hoje, visita ao estudio ou oficina do escultor Julio Vaz, na Papada das Necessidades, no antigo pavilhão de pintura da rainha D. Amelia.

E' sempre agradavel a entrada em tais casas: arte por todos os lados.

Este Julio Vaz parece-me ser homem de génio, mas limitado por caracter modesto e sem iniciativa; as suas obras traduzem concepções largas que não pode con

cretizar completamente. Isto quererá dizer, em seu favôr, que ha um fundo sério e probo que o não deixa praticar desonestidades quer no sentido civico quer no sentido artistico. A poder de talento e de boa tecnica lá vai arrancando um ou outro prémio, coisa minuscula como são os prémios em Portugal mas que, ao menos, são compensações.

As esculturas de creanças são uma delicia: que enternecimento ele tem para com as creanças, que vida interior que ele dá aos pequenos bustos que perdem a natural frialdade do marmore ou do barro com o sorriso simples dos retratados!

Bela tarde, belas horas passadas a ouvir um artista modesto, desfavorecido, cheio de talento — mas pouco compreendido!

Era digno do melhor sorte.

Ao sair do pavilhão, o sol caía para o mar, envolto em ligeira neblina; os planos recortavam-se subtilmente; havia no ambiente certa tristeza que se casava com a doçura da tarde — e eu, que não aprecio m.to as faladas beleras de Lisboa, ao descer p.a a velha Praça de Armas sentia-me enternecido sem saber porquê.

Seria, de certo, o ambiente artistico da oficina do escultor que me impressionára

a ponto de ver em tudo o que me cercá-va não só vislumbres de Arte como motivos de enternecido apaziguamento interior.

Lisboa

Janeiro: 9.

O dr. Rebelo Gonçalves respondeu com outro agradecimento á carta que ha dias lhe mandei.

Muito zumbaia faz este homem que, afinal, pelos seus meritos, não necessita de curvaturas!

Lisboa.

Janeiro: 10.

Ao chegar a casa, á tarde, tinha um bilhete de visita do Pires Monteiro que me procurou pessoalmente. O cartão dizia: «F.... com um abraço de felicitações "ao laureado em 1947 com o Premio Almi-"rante Osorio.» Quer isto dizer que fui premiado com o prémio Augusto Osorio por um artigo na Revista Militar publicado durante o ano de 47.

Deve tratar-se do artigo acerca da comunicação do Pires Mont.º ao Congresso de 1940 e que eu fiz, por desenfado, numas horas de boa disposição em que resolvera

caçoar um pouco com a Tropa... Esta é que é a verdade.

Nunca vira premiados os meus artigos históricos que foram feitos a serio e representam alguma coisa; eram preteridos por artigos técnicos banais, mal escritos e sem qualquer superiorid.e. Quando mandei o original deste (que é afinal uma patacuada qualquer para épater o pobre diabo de tropa) nunca pensei que poderia merecer o prémio; não o perceberiam, de certo, e, perante revoadas filosoficas, os vogais do juri classificadôr, ficariam estarrecidos...

Assim seria. Fui premiado. Ganharei uns 800$00 creio eu e fico com as honras dum retrato na galaria dos laureados segundo a fraze habitual.

Ora o dinheiro sempre faz arranjo. Demais a mais, as contribuições foram aumentadas.

Lisboa:

Janeiro: 13.

Já sei alguns pormenores do triunfo na Revista Militar.

Um oficial do Estado-maior naval, de apelido Belo, ao abrir a sessão do juri que deveria classificar os artigos dignos do pré

meio, lembrou ao general Teixeira Botelho que presidia (e que me contou isto hoje) que seria preferível não perder tempo com a avaliação dos artigos do ano de 47, porque o meu estava bem acima de todos os outros que não admitia discussão.

Sirvo-me aqui das expressões do general.

Os outros membros do juri disseram que também tinham a mesma impressão e assim, a reunião se limitou ao trabalho de fazer a acta em que, por unanimidade o meu artigo Os conhecimentos militares como ciencia social foi apontado para o premio Almirante Soares.

O que para mim é mais curioso e notavel é a iniciativa partir dum oficial de marinha que eu não conheço e em quem nunca ouvi falar; e ainda os quatro membros do juri serem rapazes novos e dos Estados-maiores da marinha e do exercito. Assim vejo que os novos não se desprezam com o reconhecimento do trabalho dum velho que exaltava os valores do espirito contra a materialid.e actual. E' talvez a melhor lição que se poderá tirar deste episodio da minha vida que, se de começo me parecia grotesco, teve afinal alguma coisa de promissor.

Coimbra.

Janeiro: 25.

Os jornais já começáram a badalar a grande nóva do prémio...

Em quasi todos, a nota oficiosa da Revista Militar espalhou urbi et orbi o triunfo. Uma ou outra pessoa me tem dado os parabens, com ar sério, como se o caso correspondesse a um capelo honoris causa. Um empregado do Lisboa & Açores disse-me q. lera a notícia, num café, conversando com uns amigos; e que um deles comentara: «Correram com ele, mas no fim de contas é ele quem ganha os prémios» — comentario que não deixa de ter certa filosofia.

Coimbra.

Janeiro: 27.

Ainda o prémio... A Gazeta de Coimbra de hoje dá a notícia e põe em relevo o meu nome. É caso raro; quiz desta vez ser amanel — mas eu é que não agradeço.

Estes jornalistas de Coimbra julgam-se gran-

«Revista Militar»

Já foram distribuidos os prémios referentes a 1947, concedidos por esta antiga revista. O *prémio Almirante Augusto Osório* foi atribuido ao sr. coronel Belisário Pimenta, pelo seu artigo intitulado «Os conhecimentos militares como ciência social».

Também foram contemplados com outros prémios os srs. coronel Ribeiro da Costa, major Baptista Barreiros e capitão Hermes Oliveira.

des personalidades, mas são, em regra, uns grandes safados — no que, creio eu, não fazem diferença sensível dos colegas que pululam por esse País fóra.

E agora outro assunto.

O Alvaro Pinto parece que projecta uma edição dos Lusiadas para os soldados portugueses de combinação com o Hernani Cidade; e dirigiu consultas a varios homens de letras e professores acerca do caso. Ora um dos homens de letras consultados fui eu, por indicação do dr. Rebelo Gonçalves que tem comigo estas e outras atenções e deferencias não sei bem por que cargas de agua.

Ora hoje respondi ao Alvaro Pinto nos seguintes termos:

«.... Só agora, de regresso a Coimbª depois duns dias passados em Lisboa, vou responder á honrosa consulta que aqui vim encontrar e que muito e mto agradeço.

« Não me julgo com autoridade para dar opinião acerca do assunto planeado pelo ilustre Professor Cidade por quem tenho a maior consideração. Porem, desde que V... secundado pelo não menos ilustre Professor Rebelo Gonçalves, deseja saber o que eu penso a respeito duma edição dos Lu-

siadas para os soldados de Portugal, vou dize-lo com toda a franqueza e sinceridᵉ.

«Os meus 40 anos de serviço habilitam-me a afirmar que os soldados de Portugal, na percentagem de 90 a 95% não são capazes de compreender o poema camoneano lido sem uma elucidação prévia escrita ou verbal. Distribuir simplesmente pelas mãos da soldadesca um exemplar dos Lusiadas tal como indica o plano que tenho em frente, quero crer q. não dá o resultado que V... imagina. A leitura que já se torna difícil para os estudantes liceais que têm outra preparação e são acompanhados por professores que os elucidam, para o soldado que é, em regra, inculto, tornar-se-ha quasi impossivel.

«Quer-me parecer que só uma edição mixto dos Lusiadas para as creanças do Dr. João de Barros e dos comentarios por Antonio Sergio para os estudantes, poderia dar qualquer resultado, sem mitologia nem teorias da maquina do mundo, etc. etc. e apenas salientando os passos em q. são evocados os sucessos heroicos, mas mesmo assim com as explicações necessarias em linguagem chã, escrita sem qualquer especie de pretenção literaria. Esta mª opinião pode parecer radical de mais

principalmente agora, que se procura exaltar sem termo nem medida o nosso valor passado e presente e creio que até futuro; mas a m.ª experiencia de 40 anos assim obriga — e não quero faltar á sinceridade duma opinião solicitada tão amavelmente.

«Os Lusiados para soldados, só traduzidos para linguagem correntia, despreocupada de efeitos, de forma quasi popular, que se metesse pelos olhos dentro. Mas será isso possivel? No fim de tudo, o que o soldado lêsse seria, realmente, o poema camoneano?

«Aqui tem V... um problema...

«Como resolvê-lo? Parece-me dificil. O que é certo é que eu fico m.to grato pela honra que me deu e lastimo não ter opinião que favoreça a intenção de V... tão louvavel e meritoria.

«Creia-me, porem, etc. etc.»

Coimbra.

Fevereiro: 1.

Escrevi hoje ao escultor João da Silva ao mesmo tempo que lhe mandei os volumes que possuo das homenagens prestadas a Antonio Augusto Gonçalves. Na carta fazia referencia ás quasi duas horas

passadas em casa dele, rapidamente, e á simpatia que me merecem o artista requintado e o velho democrata de espirito livre e rasgado. Etc. etc.

Uma carta muito bonita.

Coimbra.

Fevereiro: 4.

Cá vai mais um extracto de carta para o Pires Monteiro. Este amigo não me larga, tem uma vida regularisada pendularmente e não acredita q. os outros vivam de maneira diferente, de modo que, volta e meia, lá vai epistola.

«.... Conforme seu desejo (e meu tambem) quero mandar-lhe este mês o artigo prometido: O Exercito em 1848. Estou trabalhando nele com interesse. Sairá coisa de geito? Duvido. Quando tenho, deante de mim, praso curto, parece-me que o cerebro não dá andamento á pena com que escrevo; ha qualquer coisa que empérra e não deixa funcionar normalmente o maquinismo q. faz mover a mão...

«Sugestão de qualquer especie? Os sabios que expliquem; cá por mim, procuro contrariar esse especie de apatia cerebral q. me ataca quando sinto limite no tempo

— e com os cuidados que o assunto merece não só pelo assunto em si como pelas conclusões que os nossos patrões possam tirar, vou enchendo as laudas, aos poucos, serenamente, com as cautelas necessárias para não escrever nas entrelinhas...

«Pede-me sugestões e conselhos. Pede-me comunicação para a sessão solene de Maio... Tanta coisa!...

«Quanto a conselhos, dizia-lhe o Francisco M.el de Melo que quem pede conselhos já parece que deles não necessita. O meu Am.º estará nesses casos, certamente; e, de mais a mais, que conselhos ou sugestões lhe poderei dar? Pensarei no assunto e desde já lhe digo que, na verd.e, seria interessante dar certo relevo ao centenario [1] como base p.a chamar a atenção para a necessidade da cultura no exercito mais ou menos nos termos do artigo do Fontes no 1.º numero da Revista, artigo que ainda ha pouco ~~eu~~ reli com certo gosto.

«Quanto á comunicação para a sessão solene: o assunto é ad libitum? E o tempo de duração, coisa de quinze minutos?

«Enfim, com m.ta prazer lá irei e creia-me, etc.»

---

(1) Da Revista Militar.

Coimbra.

Fevereiro: 5

Ha agora aí um caso curioso em que está envolvido o ilustre Madail e a que o Ernesto Donato, em artigo de fundo do seu Despertar se refére com certos pormenores.

Parece que o dr. Madail foi inconfidente com um professor espanhol a respeito de uns manuscritos do celebre Dr. Franc.º Suarez, granadino, publicados agora pelos professores Mario Brandão e Lopes de Almeida.

Nesse artigo o Donato tem este passo q. vale a pena transcrever: «Quem descu-"brir então no Arquivo da Universid.e a "existencia dos celebres codices? Foi o sr. An-"tonio Madahil — bem conhecido por Dr. Ma-"dahil — quem os descubriu ou os celebres "dois tomos dos Consilia já ali eram conhe-"cidos de ha muito e "encontravam-se pa-"tentes no gabinete do Director do Arquivo "como q. aguardando a oportunid.e propicia "que os trouxesse ao conhecim.to publico?„»

E' claro que o Madail engole em sêco e fica á espera de ocasião como fez a mula do Papa da historieta de Alphonse Daudet. Não é homem para responder; isso póde suscitar polémica e ele não gosta de ficar á vista do respeitavel publico.

Pela calada, sim. Nisso é que ele é eximio e... doutor.

A ver vamos.

Coimbra

Fevereiro: 9.

Recebi hoje noticias acerca do caso que agora preocupa toda a gente: o da nota oficiosa do Santos Costa, documento estranho e poderá dizer-se, notavel.

Diz a informação que é segura, que a viuva do general José Garcia Marques Godinho, não podendo calar a indignação pelo tratamento que deram ao marido durante o tempo em que esteve preso, tratamento de que lhe resultou a morte, apresentou na Policia de Investigação Criminal queixa contra o cidadão Fernando dos Santos Costa que exerce funções de ministro da Guerra «por "homicidio voluntario na pessoa de seu ma"rido... etc.»

Isto, é claro, irritou os homens; a viuva foi presa e mandada para um recolhimento religioso no Beato; consideram-se a queixa especulação politica que foi complicada pelo requerimento apresentado por Alfredo Keil Carv.º da Silva contra o mesmo ministro apresentado á Assembleia Nacional. Como nas duas queixas ha referencias a do-

cumentos confidenciais, a Policia tem procurado apanha-los não só ao tal Carvalho da S.ª como á familia Godinho. Porem, sem resultado.

Em 23 de Janeiro a viuva Godinho fez rezar uma missa de 30.º dia em S. Domingos de Lisboa. Compareceu acompanhada por um inspector da policia politica.

Diz mais a informação que o Godinho não morreu na Trafaria, numa cela da casa de reclusão porque o Governador Militar, o Pereira Coutinho, interveiu e foi pessoalmente busca-lo e leva-lo com todos os cuidados para o Hospital da Estrela; e que, na verd.e a morte foi causada pelas varias transferencias a que o sujeitaram estando já gravemente doente e ainda á falta de vigilancia no Hospital onde veiu a morrer.

Acrescenta a informação (que é dada por pessoa que priva de perto com a familia Godinho) que o Santos Costa estava em Lisboa quando foi a transferencia e fingiu que ignorava o que se passava.

Etc. etc. Para que estar a exarar mais miserias? Tudo isto é tenebroso!

E quando um dia houver liberd.e para se contar como a conspiração foi urdida e onde ela começou...

Coimbra:

Fevereiro: 14.

Hoje, nova reunião da comissão do centenário de António Augusto Gonçalves. Segue a acta:

«Aos 14 dias do mês... etc. reuniram-se na sala das sessões da Associação dos Artistas de Coimbra pelas 18 h. os seguintes vogais: alb.º Viana de Lemos, Lourenço Chaves Almeida, João Machado, dr. Guimarsindo da Costa Lobo, dr. Ant.º da Costa Rodrigues e Belisário Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal B. P. deu conta do que se passou em 7 de Julho do ano p.p. com os jornalistas convocados, dos quais só compareceram dois a quem informou dos intuitos da comissão. O mesmo vogal contou a seguir que em Lisboa procurára o dr. João Couto a quem expôs toda a nossa intenção e do qual recebeu afirmações de incitamento e apoio; que procurára também o prof.or Reinaldo dos Santos de quem solicitou colaboração o que foi aceite, segundo pareceu, com certo desvanecimento e ficando mais ou menos estabelecido que essa colaboração fosse das principais; e ainda que procurou o escultor João da Silva de quem desejava ser informado sobre

a possibilidade duma medalha comemorativa que infelizmente não poderá ser feita no prazo desejado. O mesmo vogal lembrou a necessid. de se saber o que poderá pensar o sr. Governador Civil acerca dos nossos propósitos, assim como também lembrou que seria igualmente bom saber se o sr. Reitor da Universid. e o Senado já teriam resolvido alguma coisa; para falar com o primeiro foram convidados os srs. dr. Costa Rodrigues, Alvaro de Lemos e Past. Nogueira Gonçalves; para com o segundo foi solicitado o sr. dr. Costa Lobo que poderia também procurar o director da faculdade de Ciencias. Depois de varia troca de impressões, resolveu-se sobre a medalha não desistir de a mandar fazer e lembrou-se que a sua venda fosse entregue a qualquer das ourivesarias que se dedicam a essa especie comercial, e que seria conveniente saber-se por pessoa entendida e de confiança qual será a melhor ourivesaria a que se poderia entregar o assunto. O sr. dr. Costa Rodrigues lembrou que no Porto poderia encarregar-se duma conferencia o sr. Nicolau da Fonseca, director da Filial do Banco de Portugal naquela cidade, o que foi aceite. E não havendo mais nada p.ª tratar, etc. ss

As coisas parece não correrem m.to mal. Vamos a ver se a Universidade se resolve a aceitar o convite. Isso seria uma vitoria!... e uma desforra. O Eugenio de Lemos, governadôr civil, bem manejado pelo primo Alvaro Viana de Lemos deve concordar; e então cairiamos sobre o presid.te da Camara, o dr. Alberto de Sá Oliveira que é possivel seja o mais renitente.

Vamos a ver.

Coimbra.

Fevereiro: 22.

Veiu hoje aqui, a m.a casa, o dr. Gumersindo da Costa Lobo diser-me que, conforme o combinado na sessão de 14 ultimo fôra falar ao reitor universitario e este lhe dissera que o Senado aprovára a colaboração da Universid.e no centenario do Ant.o Augusto Gonçalves e que ficára pendente um entendimento com a comissão para se resolver a maneira como colaboraria.

Fiquei satisfeito com a noticia se bem que algum tanto admirado. Duvidei sempre da aprovação do Senado, mas antes assim. Galgou-se o primeiro obstaculo sério. Sinais dos tempos?

Seria a influencia do reitor e do Pereira Dias que quererão ser agradaveis ou

fingir que são agradaveis á opinião libe
ral? Seja o que fôr. Antes assim.

Coimbra

Fevereiro: 24

Honra ao mérito e ao caracter!

Tomou ontem posse de director da Bi
blioteca Municipal do Porto o muito ilustre
licenciado António Cruz — o Cruz Al-
drabão dos Vampos de Coimbra.

A cerimónia deu-se num ambiente
de certa solenidade, com m.tos amigos e
admiradores, etc. etc. a que não faltou o
dr. Damião Peres, ido de Lisboa expressa-
mente.

Honra, pois, ao Mérito e muito mais
ao Caracter!

Ora... Bolas!

Coimbra.

Fevereiro: 26.

Mais uma carta f.a o Pires Monteiro.
Ficam apenas uns extractos:

«.... O artigo, pelo que me diz já es
vá nas mãos sujas dos tipografos.(1) Descul
pe mandá-lo assim, sem qualquer mis

(1) O Exercito em 1848, f.a a Revista.

riva a acompanhar; mas naqueles dias não me sentia com disposição p.ª escrever e talvez porque meditasse bastante acerca do centenario da Revolução de 48 que nesse dia começava a passar, eu não fui capaz de traçar umas linhas de comentario, como pensava anteriormente. Ao copiar o artigo, os homens de 48 vieram ao pensamento; e possivelmente o contraste com a epoca que atravessâmos, amachucou-me o suficiente para me tornar apatico.

«A 22 do corrente, um seculo depois do começo do generoso movimento, não sentindo vontade de escrever e apenas desejo de reler alguns livros de recordações da vida academica de outros tempos, como derivativo p.ª o meu estado de espirito, resolvi mandar o artigo p.ª não complicar mais a organização do numero da Revista. E o artigo foi mas não como desejara que fosse.

«Não sei por que bulas pensei que a commemoração centenária seria feita em 1949 como aconteceu com a celebração do 80.º anno que se fez no volume 81.º Estava pois, descançado quanto ao artigo que eu faria vagarosamente durante o anno corrente mais com forma erudita que

literaria, cheio de dados concretos e não recheado de frases mais ou menos sonoras. As conversas que tivemos em Novembro passado e no últ.º Janeiro sobressaltaram-me e tive de largar vôos á imaginação para preencher as 12 a 15 papinas necessárias. Iria bem? Iria mal? Não sei, foram, como primeiram.te pensei já há muitos anos. O Supremo Arquitecto lhe ponha a virtude!

«Desculpe o tom de mau humôr que respande do que aí fica. Mas a m.ª vida é assim mesmo: um nunca acabar de maus bocados que me vejo obrigado a absorver e me não serenando aos poucos. E como não tive o cuidado de Mitridates em me fortificar contra o veneno, é vou andando conforme o dito Supremo Arquitecto é servido.

«Desejo-lhe a melhor saude, etc.»

Coimbra:

Março: 3

Hoje, mais outra reunião da comissão do centenario de Ant.º Augusto Gonçalves. Eis a acta, pouco mais ou menos:

«Aos 3 dias ... etc. na sala de direcção da Associação dos Artistas de Coimb.ª reuni-

ram-se pelas 17 horas e 30 m. Todos os vogais da comissão. Foi aprovada a acta da sessão anterior. O pr. Alvaro de Lemos expôs o seu parecer acerca da medalha comemorativa como docum.to interessante para se perpetuar a memoria do Mestre; B.P. informou de que ainda não recebera resposta do engenh.º Cameiro a quem pedira informações a respeito da casa que se poderia encarregar da factura da medalha. O pr. dr. Costa Lobo expôs a conversa que dias antes tivera com o pr. Reitor da Universid.e o qual informara de que o Senado aprovára a colaboração universitaria no centenario e de que desejava saber o programa da comemoração; foram nomeados para se avistarem com aquele senhor os vogais dr. Costa Lobo e B.P. O pr. P.e Nogueira Gonçalves expôs o que se passou com o pr. Governador Civil que deu a sua adesão e se ofereceu p.a colaborar no que fosse possivel. O vogal B.P. lembrou a necessid.e de se procurar o pr. Presidente da Camara p.a lhe expôr o que ha feito e solicitar a colaboração; foram escolhidos para se avistarem com esta autoridade os vogais B.P. e João Machado J.or. O pr. Alvaro Viana de Lemos lembrou a vantagem de se saber o que pensaria o Director

da Escola Industrial de Brotero e propôs que dois vogais o procurassem para esse fim; foram escolhidos os vogais João Machado J.or e B. P.. O sr. Álvaro de Lemos ainda lembrou que se oficiasse para a Escola Industrial de António Aug.o Gonçalves de Castremoz, expondo as nossas vistas e pondendo o possível interesse da revista na colaboração. Foi abordado, de novo, a vantagem de se solicitar da Emissora Nacional uma ou outra notícia relativa aos nossos trabalhos. E foi resolvido promover duas conferências em Lisboa, na ocasião do centenário pela senhora Dona Vera de Lima e dr. João Couto, na sala de conferências do Museu de Arte Antiga; assim como no Porto, no Museu de Soares dos Reis outras duas, ficando o sr. Álvaro de Lemos encarregado de sondar o sr. Alberto Meira acerca da possibilidade dessa colaboração. E não havendo mais nada, etc. etc.»

Coimbra

Março: 8

Fui hoje, com o dr. Guimarães da Costa Pinto, à Universidade, falar ao Reitor. A missão era agradecer os bons ofícios no caso do centenário do Gonçalves e pa-

ber dele qualquer coisa de concreto. O dr. Maximino Correia recebeu afavelmente e deu quasi a certeza duma sessão na sala dos capelos com que abriria a comemoração centenária.

Nunca imaginei tal aquiescencia! Mas enfim... que vingança! Antonio Augusto Gonçalves festejado na sala dos capelos!

— E viva a Folia!... como ele diria se podesse dizer alguma coisa.

Coimbra.

Março: 12.

Fui hoje com o Lourenço de Almeida á Camara Mun.al falar com o seu presid.te o dr. Alberto Sá de Oliveira, acerca do centenario, conforme o combinado.

Ele ouviu, concentrado, a minha exposição feita com a possivel diplomacia; nós desconfiávamos dele por conta do Madail que nos garantia a sua recusa e daí a forma amavel e diplomatica como lhe expuz a razão da nossa visita.

Quando acabei, ele, com certo espanto nosso, disse que ao ler a noticia dada no verão, nos jornais, pensára que a Câmara não poderia, em boa razão, ficar indiferente perante tal projecto, mas esperou

o desenrolar do plano ou qualquer comunicação nossa; e como essa comunicação chegasse aqui, ele respondia que a Câmara estava á nossa disposição, que dissessemos nós o que queriamos para elles executarem.

Eu então, falei logo numa sessão em que fosse conferente o dr. Manuel Monteiro e presidida por ele, Zá e Oliveira. Pareceu gostar da ideia e ficou resolvido que tratassemos nós de tudo e lhe dissessem o que queriamos — e isto dizia ele entremeando com episodios varios das suas relações com Ant.º Augusto Gonçalves que sempre admirou e de quem teve as melhores recordações, etc. etc. Teve exito.

1534

A' saida, ao descer a escadaria, eu e o Lourenço olhámos um para o outro e lembrámos a mesma ideia:

— O marêlo do Madail!...

Ficámos satisfeitos. A Câmara fez o que devia e o Madail ficou um pouco mais conhecido.

Coimbra.

Março: 13

Terminei hoje, finalmente, o meu trabalho sobre As ideias militares do marechal

Saldanha que ha cerca de quarenta annos me andava na mente.

Uf!... Já pensava em o abandonar e deixar uma obra afinal inpleria. Mas lá foi. Falta a revisão geral e certos pormenores rectificados.

Mas acabou-se. Lá ficou.

Empreguei, desde 21 de Dezembro de 1843 até hoje, 328 dias com 599 horas de trabalho. O trabalho, p.º periodo tão grande, foi como se vê pouco. Em 4 annos e tal não cheguei a preencher um anno só. E quanto a horas de trabalho preenchiam 25 dias incompletos se trabalhasse continuamente.

E se se fizer a media de horas de trabalho dá 1 h. e 48 minutos por cada dia — o que é pouco.

Quero dizer: o meu trabalho mede já pouco. Duas horas incompletas por dia não é esforço de Hercules.

E' a decadencia...

E se se fizer o computo das laudas em que a obra ficou escrita e que são 658, concluí-se que cada lauda levou, conta redonda, 1 hora e 10 m. a escrever — o que é tambem pouco.

Conclusão: é a decadencia, com da vida, que chega.

Ora estes calculos referem-se, apenas, ao acto de escrever a obra. Não estão neles incluídos o trabalho da investigação e da recolha de elementos; esse trabalho que já vem de ha cerca de 40 anos não é facil de reduzir a horas e foi verdadeiramente muito grande principalmente nos ultimos ~~anos~~ tempos. Levando em conta isto não posso eu fixar a duração minuciosa do esforço.

Mas adeante. O monumento ao Saldanha está completo. Falta-lhe a impressão, composição, revisão — e a transformação em livro.

E mais nada...

Coimbra

Março: 16

Carta que hoje escrevi ao Dr. Manuel Monteiro assinada, tambem, pelo Lourenço Chaves Almeida:

«... V... já sabe que um grupo de amigos do velho professor Dr. Augusto Gonçalves (a que nós pertencêmos) pretende celebrar, o mais condignamente possivel, o centenario do seu nascimento, no proximo mês de Dezembro. O nome de V... foi um dos que primeiro acudi-

ram ao nosso espírito — pois pensámos que não se faria comemoração condigna sem q. V... nela podesse colaborar.

«Por isso tomâmos a liberd.e de hoje nos dirigirmos a V...

«Seria ~~...~~ p.a nós uma grande honra que V... aceitasse o fazer em Coimb.a uma conferencia acerca do Mestre Ant.o Augusto Gonçalves e assim a celebração centenaria teria, com essa conferencia, uma das mais elevadas concretizações.

«A Universid.e conta fazer sessão solene na sala dos capelos; a Câmara Municipal concorre com outra sessão não menos solene onde a conferencia de V... teria o seu lugar proprio. Seriam os dois actos culminantes da comemoração projectada a que se seguiriam outras conferencias e palestras, bem como exposições de trabalhos do Mestre, da sua bibliografia, etc.

«Aqui fica expresso o nosso empenho com os maiores votos ~~...~~ pela aceitação de V... que, repetimos, nos dá muita honra e satisfação. E com a mais subida consideração, etc. etc.»

O dr. Manuel Monteiro anda doente e defende-se muito das viagens que o

obrigam a alterar os hábitos caseiros que há muito adopto. É possível que me esqueça e se me escusar faz-nos falta.

Vamos a ver.

Coimbra.
Março: 18

O coronel Ernesto Gonçalves Amaro, meu contemporâneo na Escola do Exército e assíduo leitor de tudo quanto escrevo que, segundo ele diz, muito aprecia, mandou-me um caloroso cartão de felicitações a propósito do prémio Almirante Osório com que fui primoseado.

É claro que lhe agradeci sinceramente e como a carta vem o seu painel curioso dá jeito para modelo de epistola bem lavorada...

«.... O juri que anualmente reúne para escolher o artigo da Revista Militar que mereça o prémio instituido pelo almirante Osorio, deu-lhe para embirrar este ano comigo. Tenho escrito muitos artigos na Revista, melhores ou piores, de há uns 30 anos para cá, sem que os sucessivos juris desses pelo valor ou desvalor dos mesmos. Mas este ano, nos começos de Janeiro, o juri

embirrou... Um pobre diabo de artigo, feito por desfastio, com devaneios acerca de ciencia militar, de ciencia social, ciencia filosofica e outras coisas superiormente profundas como diria o Conselheiro Acácio, deu no gôto ao grupo de oficiais que tomou a seu cargo a missão ingrata.

«Esses oficiais (aos quais fiquei muito grato) quizeram ser amaveis e não estiveram com meias medidas... Zás!... atiráram-lhe com o prémio q. foi quasi um prémio de consolação. E aqui tem: foi preciso chegar a velho e inutil para receber a corôa de loiros representada nesta epoca de utilitarismo por umas centenas de escudos...

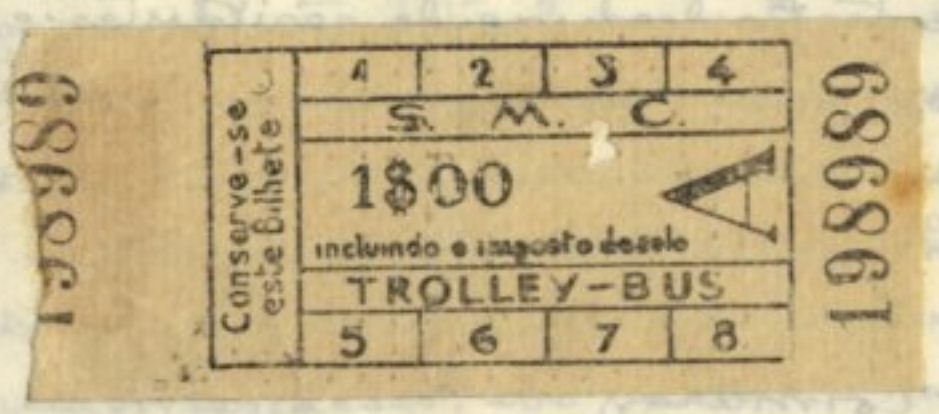
«E alguns amigos que se regosijáram com a noticia que a tuba da Fama teve o cuidado de espalhar, tiveram a amavel ideia de me felicitar — o que, para mim foi superior á concessão dos lauréis. O prémio deixou-me indiferente; estou velho para me sensibilizar com tais coisas; o mesmo não acontece com a lembrança des felicitações porque estas vêem dar a certeza de que ainda sou lembrado e ainda ha quem se interesse pelos meus triunfos, afinal sem

importancia. Muito e muito obrigado, meu caro Cor.el por se não esquecer. Terei que agradecer o seu cartão, etc. »

Coimbra.

Abril: 1

Pela primeira vêz entrei hoje no carro automovel da carreira de Santa Clara a que chamam, por falta de quem saiba, na Camara, um pouco de português — o trolley-bus. Fui ao alto de Santa Clara e voltei.



É comodo, silencioso e rapido. De facto, será este o meio de locomoção que virá substituir nas cidades o electrico?

É-me indiferente o assunto. Fica para recordação o bilhete que, de mais a mais é quasi caprichado.

Coimbra

Abril: 2

Pela primeira vêz fui hoje ao Portugal dos Pequeninos que agora se chama, mais pomposamente, Jardim Português dos Pequeninos. Curioso, caro muito

gosto, principalmente nos arranjos dos jardins e sua combinação com os edifícios miniaturas.

Mas... preguntei aos meus botões para que serve todo aquele aparato? Os milhares de contos ali gastos não poderiam ter melhor aplicação?

Enfim, aquilo é obra do Bissaia Barreto e ele lá sabe o que faz — e sempre vai virando rendimento. Dizem-me que diariamente ha desenas de visitantes; e a 4 escudos cada, sempre dá conta de certa ordem.

Enfim, repito, ele lá sabe o que faz.

Coimbra.

Abril: 3

O dr. Manuel Monteiro respondeu á carta de 16 de Março ult.º. Desculpa-se com a doença, e com a constante incerteza de poder abandonar a cama. Sua conclusão: é uma recusa annual se bem que parece fundamentada. E é pena. A presença dele dava grande prestigio a qualquer passo da commemoração. Paciencia. Que se ha-de fazer?

Estou convencido de que não nos empanaria. E repito: é pena que não possa vir.

E agora outro assunto: trata-se da proxima sessão da Revista Militar em q. devo comparecer p.ª receber o premio do Almirante Osorio. A esse respeito escrevi ao Pires Monteiro uma carta de que fica o seguinte extracto:

«.... A minha alocução para o dia 12 de Maio está na forja: tratarei da cultura geral necessaria aos quadros e da despreocupação actual dos valores espirituais. Mas... antes de entrar nesse campo agradavel tenho os salamaleques...

«Nunca fui muito de zumbaias e cada vez me sinto mais refractario a tais manifestações. Ao passar a vista pelos numeros da Revista que reproduzem as sessões semelhantes, fiquei aturdido com tanta prodigalid.e de cortezia. Puz-me a pensar se seria capaz de tal empreza... Reportei-me aos tempos de estudante universitario em que se saudava a torto e a direito em latim, para a frente, para os lados e até para a Divindade — cujo representante era então, na Alma mater conimbricense a Conceição Imaculada.

«O latim desapareceu mas ficaram as reverencias. Ora terei eu capacidade para tanto?

1541

para tanto? Quando aceitei, e muito hon-
rado, o convite p.ª fazer a discursata, não
me lembrei da circunstancia especial de q.
essa dita discursata começa por frazes de
cortezania que descambam, em alguns ca-
sos, para a subserviencia politica e em
outros para elogio ampliativo. Ora uma e
outra coisa são, para este pobre diabo, um
bicho de sete cabeças...

«De modo que me vejo em certos em-
baraços para levar a bom termo a alocu-
ção que, de mais a mais, o oficio ontem
recebido do nosso general Teixeira Botelho
(que muito considero e respeito) vem nova-
mente lembrar com a delicadesa que to-
dos lhe conhecem.

«Eu não quero faltar ao prometido
nem deixar de corresponder á honra con-
ferida; mas não quero tambem desfazer-
me em louvores e em curvaturas, tanto
mais que a presença do general Carmona
complica bastante as minhas tenções de
simplicid.e do exordio.

«Na sua carta fala-me em agradeci-
mento genérico; mas eu tenho receio
de que esse agradecimento me sáia de-
masiado sêco, limitado demais, sem as
perifrases costumadas e no final fique a
impressão da minha inconformidade pe-

rante tais cerimonias. Conclusão: não o quero massar com caturrices; vou fazer o exordio como penso e mandar-tho-ei para que o leia e diga, em consciencia, se não destoa das tradições. Farei o possivel por escrever com linhas rectas sem que estas possam ferir susceptibilidades. E vamos a ver se consigo o desideratum.

«E sem mais, etc.»

Coimbra.

Abril: 6.

Escrevi hoje uma carta ao velho amigo Luis da Silva Ribeiro, actualmente invalido, metido em casa, entretido apenas com os seus livros e os seus trabalhos de etnografia açoreana.

Foi uma carta triste, lembrando os outros tempos que, dizia eu, «não sei "se melhores se piores, mas em todo o "caso causadores de saudades.»

Carta de velho para velho.

Coimbra.

Abril: 10.

Ora hoje registo aqui uma carta para a minha neta Ana Maria. A Mãe mandou dizer que no Quadro de Honra da École Française onde ela é aluna, o

seu nome aparecia inscrito como prémio pelo exemplar comportamento. Lembrei-me de lhe escrever, comentando alegrem.te a novidade — pois exemplar comportamento numa audiolarada é caso para espanto e alguma ironia. Eis a carta:

«M.a querida Neta:

«Não há dúvida de que o Mundo anda cheio de novidades surpreendentes: um dia é isto, outro dia é aquilo e, cada vez mais, os espíritos mergulham em confusões. Mandou-lhe Mãe dizer que o seu nome estava em Quadro de Honra pelo exemplar comportamento q. suas Vinhas na École.

«Essa nova não rebentou precisamente como bomba atómica — mas a verdade é que não deixou de rebentar... Simplesmente, evidentemente, duvidava do seu comportamento exemplar; a dúvida levantada vinha de ele só agora ser reconhecido e publicado e daí o espanto que alastrou pelo pacato bairro da rua de Veríssimo Rodrigues.

«Pois só agora, depois de quase três anos de convivência, depois de todas as bondades carinhosas ao malvado do Franklin, etc. etc. — é que esse corpo de

professores reconheceu a capacidade para o comportamento equilibrado ?(1)

«Ora aí vens. Não admira que o Mundo ande cheio de confusão: a Justiça nunca veio a tempo e horas; e quando chega é isto: toda a gente abre a boca e diz: «póde lá ser!...»

«Pois póde ser e póde muito bem. Os meus parabens pela Justiça tardia. Lá o exilio e mais a mais no pêso não admira; o Parecer da Saudade teve esses efeitos terapeuticos; o que admirou foi o fraco peso pedagogico do quadro docente da Escola que levou quasi tres anos para descubrir uma verdade...

«Muitos parabens e m.os beijos, etc. etc.»

Os avós veem destas coisas... São, porem, desculpaveis.

Coimbra.

Abril: 20.

Nova reunião da comissão do centenario de A. A. Gonçalves. Apesar de certas contrariedades, as coisas lá vão

---

(1) O Franklin era um condiscipulo irrequieto e quasi indisciplinado.

caminhando confiante é possivel caminhar. A quadra que atravessâmos não é favoravel.

Segue o corrão da acta:

« Aos 20 dias ... até. nas sala das sessões da Associação dos Artistas de Coimbra se reuniram os vogais Alvaro V. de Lemos, dr. Costa Lobo, João Machado J.or, Laurenco Chaves Almeida e Belis. Pimenta. Lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal B.B. contou o que se passou em 8 do corrente quando, com o sr. dr. Costa Lobo procurárau o sr. reitor da Universidade; este sr. informou-os de que o Senado universitario aprovára a colaboração e resolvera fazer uma sessão solene e ele reitor oferecia uma das salas da Bibliotheca para a exposição bibliografica e iconografica; o mesmo sr. ficou de estudar o nosso programa e depois informaria das resoluções tomadas. B.B. contou ainda o que se passou com o sr. Presidente da Camara em 12 do corrente quando, com o vogal Laurenco Chaves Almeida o procurou; o sr. dr. Sá e Oliveira, depois de ouvir a exposição que se lhe fez prometeu todo o auxilio, disse que a Câmara tinha obrigação de não esquecer

a celebração do centenário e pediu para nós lhe dizermos o que desejávamos q. se fizesse. Foi-lhe exposta a realização de uma sessão solene que ele em princípio aprovou ficando nós encarregados de a organizar. B.P. e Chaves Alveida mostraram cartas do dr. Manuel Monteiro em que se escusa de tomar parte nas comemorações por motivo de doença que, especialmente no inverno o impede de sair de casa. Perante esta escusa, trocaram-se impressões acerca de quem o poderia substituir na sessão da Câmara e o sr. dr. Costa Lobo ficou de saber do sr. reitor como poderá ser organizada a sessão solene na Universid.e para ver se se poderia convidar o dr. Reinaldo dos Santos para a da Câmara. B.P. leu a carta do engenheiro Raul Carneiro acerca da medalha comemorativa; e ficou encarregado de, na prox.ª id.ª a Lisboa, falar com a casa Molder & C.ª que é indicada para tomar conta da obra. Lourenço Chaves Alveida lembrou que seria conveniente saber o que há acerca dos trabalhos do sr. Rocha Madail p.ª a exposição de que se encarregou; parecia-lhe que este sr. não confiava muito no exito dos nossos esforços e estava com pouco

retraído. N.B.P. encarregou-se de o procurar assim como de, na prox.ª ida a Lisboa, visitar o dr. João Couto a quem exporá o q. se tem feito. Tratou-se ainda da impressão dos folhetos de M.e Gonçalves relativos á defesa dos monumentos e ainda á do volume que conterá todos os discursos e conferencias que se fizerem durante a celebração centenaria; o sr. dr. Costa Lobo encarregou-se de abordar o sr. Prof.or Pereira Dias a quem solicitaria o seu valim.to perante a Junta de Educação Nacional para se conseguir a quantia necessaria. E não havendo mais nada, etc. etc. »

Conseguir-se-a alguma coisa? As coisas não vão mal encaminhadas, mas os obstaculos são enormes e o ambiente actual não é nada favoravel á comemoração do centenario dum anti-clerical, dum ateu, dum velho republicano intransigente.

Ver-se-a.

Coimbra.
Abril: 22

Nova carta ao Pires Monteiro — e esta vale a pena ficar arquivada como documento. O Pires Monteiro é levado da bré

ca para cerimoniais e procupa-se muito com as formulas. Leia-se e faça-se ideia de como eu encáro essas formulas e cerimonias:

«.... Cá estou, apara, a dar noticias reconfortado com os sucessos de ontem, indicativos de certo estado de beatitude do escol da nossa sociedade que, em vêr de ir a Fátima ou a Lourdes agradecer os inumeros beneficios da Providencia, vai apenas a S. Bento cursar-se perante um homem divinisado, embora seja de barro como qualquer outro — daquele barro com que o Supremo Arquitecto, em dia de bom humôr, se lembrou de fazer uma figura á sua imagem e semelhança..." (1)

«Mas, enfim, vamos ao que importa. Recebi os distintivos (2) e, conforme deprendi do seu cartão, queria que eu desse solemidade á entrega ao nosso comum amigo Salvador Pinto da Fraiça do que lhe pertencia.

«Pensei... Deveria pedir a pala dos cabelos? Isso talvez realçasse os dou-

---

(1)

(2) Distintivo da Revista Militar.

toreo que veriam no caso uma profana-
ção. A sala das sessões municipais? O
salão do trono episcopal? Era coisa com
plicada...

«Resolvi mais modestamente convidar o nosso camarada a vir a minha casa, com a filha, e oferecer-lhes uma chasáda jacatá e familiar. Convidei umas senhoras amigas p.ª fazer número e ver a ilusão do público.

«Ao coarem as primeiras gotas de chá nas chicaras antigas e que só servem em ocasiões solenes, fiz as vénias do estilo e colo quei na lapela do Francês o distintivo que realmente não é feio. Poderia para dar mais rigor e solenid.e á investidura, aplicar-lhe as 3 pranchadas tradicionais; mas eu dei a m.ª espada ao genro e não me ficaria bem virar da parede uma ra-pière do sec.º XVII toda enferrujada...

«Passou-se uns tal cerimonia que seria comovente; mas não me esqueci do ego confero vobi... que evocava gran-deras medievais. Depois, com o chá a fermegar nas chicaras «à Maria I» o Pinto da França comeu um pastel de nata e eu umas torradinhas crepitantes que tentariam qualquer asceta. Ao mesmo tempo, as senhoras tiveram de suspen-

der o juizo acerca das modas ou as lamentações sobre creadas p.ª ouvirem a explicação do que era o distintivo, o valor da comemoração centenaria, etc. etc.

« E aqui tem como se passou o episodio alegre, sem esquecer que o bom humor muitas vêzes encobre a satisfação intima de quem se sente honrado — como aconteceu com o França e comigo.

« E sem mais, etc. »

A entrega não foi bem assim, valha a verdade. Eu é que tive a madureza, por desfastio, de romantizar um acto bem simples. Foi uma especie de reacção contra a preocupação de formulas e cortesias que o Pires Monteiro deseja sempre impôr em qualquer cerimonia por mais banal que seja.

Coimbra.

Abril: 23.

Carta para m.ª Filha Maria Helena:

« .... Fui ontem ouvir á Faculdade de Letras o Jules Romains. Eu estava, desde a manhã, com formidaveis dores de cabeça; mas o meu desejo de ver e ouvir o homem, foi superior e lá fui

1547

embora em más condições para prestar a atenção merecida.

«A sua aparencia, de entrada, é a do burguês pouco mal instalado na vida; com o ar de creatura habituada a andar entre zumbaias de admiradores e de maior numero de moles; mas dando, ao mesmo tempo, a impressão de homem muito bem educado, com conhecimento das varias joias e formularios impostos pelos variados Felix Pereiras que ha no mundo.

«A palestra não versou a porção do homem moderno que eu gostaria de ouvir; falou, com m.ta clareza, acerca do papel social da literatura, das tentações de Gloria e das preoccupações dos juizos da Posteridade que influem em certos escritores, da diferença entre o criterio applicado á historia politica e social e o que é applicado á historia litteraria ou artistica, etc. etc. e mais outros pontos consideraveis como diria o Eça. Muito interessante a forma de expôr, simples, com ar de ingenuidade, como de quem tratava de coisas banaes.

«E' certo que não deu profundidade valiosa porque o auditorio, afóra meia duzia de methodos conterraneos ás conferencias e outra meia duzia de mestres

de capelo, era composto por alunos e alunas da Faculdᵉ e por consequencia gente nova ainda pouco disposta a sondagens profundas; mas deu, durante aquela hora de verdadeira palestra, um panorama dos problemas actuais dos homens de pensamento.

«Gostei, se bem que as dores de cabeça me prejudicaram a atenção com que desejaria estar. Mas, enfim, fiquei com excelente impressão do homem e vou adquirir um ou outro trabalho dele pois nada possuo da sua autoria.

«O Maurois é que se não dignou vir até esta Alma-Mater; vamos a ver se o Pagnol por cá aparece. Na 2ª feira teremos o Quarteto Hungaro e na 3ª feira o Menino Quim pelos Comediantes. Não estamos bem em orgia intelectual mas sempre sômos bafejados algumas coisa pelas Musas.

«Adeus, etc.»

E a proposito destes homens notaveis estrangeiros que ultimamente nos visitam, principalmente franceses que o seu governo manda com fins de afirmação da sua alta cultura, vou deixar colado nestas paginas um recorte tirado

Escritores estranjeiros

A propósito da visita de escritores estranjeiros ao nosso país, escreve Ramada Curto no «Jornal de Noticias», de 21 do corrente, na sua secção semanal — «De Lisboa»:

«Vêm cá ver-nos os homens de talento europeus e as grandes esquadras atlânticas. E' lisonjeiro. Nós somos afáveis e amigos de conviver. No nosso coração cabem todas as amizades e no nosso Tejo cabem todos os navios. E' claro que eu, homem do vulgo, não tenho acesso a tais personalidades.

Se quanto aos navios ainda os posso ver do Alto de Santa Catarina, aos viajantes ilustres só lhes pouso a vista em cima quando eles se exibem em público, mediante um bilhete que compro. Falar-lhes, ouvir-lhes o som da voz, ver como eles são ao pé, não é naturalmente, comigo. E já notei que eles não gostam de aproximações com o vulgo. Notei isso com o Pagnol de quem traduzi uma peça».

Muito curiosa esta observação acêrca da visita de intelectualidades estranjeiras.

do jornal O Despertar com um passo da cronica habitual do Ramada Curto p.ª o Jornal de Noticias do Porto. E' curioso o passo escolhido e tem certo sabôr ironico que me parece bastante justo. Aí fica por mera curiosidade.

Coimbra.

Abril: 24.

Os jornais trazem, maior ou menor, a noticia que aqui fica, dum recorte.

COIMBRA, 23. — O reitor e o corpo docente da Universidade de Coimbra, que no próximo dia 27 irão a Lisboa prestar homenagem ao sr. dr. Oliveira Salazar, serão portadores de uma mensagem em pergaminho, encerrada com o selo da Universidade e distintivos de prata das várias Faculdades.

A Universidade ha-de sempre ser a mesma alma-mater...

Vamos a ver quem vai. Decerto irão quasi todos, pois a noticia não apareceria nos jornais se não estives-

se assegurada grande maioria. E' dos livros e da boa Sabedoria.

E agora... vamos a ver quem não vai.

Coimbra.

Abril: 26.

Disse-me hoje o dr. Joaquim de Carvalho que lhe parecia que, dos professores universitarios, só não iriam a Lisboa, ao beija-mão, uns quatro: ele, o dr. Anselmo Ferraz de Carvº, o dr. Simões Ventura e o dr. Lucio de Almeida.

Eu sei, porem, que se deve acrescentar a estes quatro mais outros quatro: os drs. Andrade e Teixª Ribeiro, de Direito; o Paulo Quintela, de Letras e um rapaz recentemente admitido a concurso pª a Faculdᵉ de Ciencias cujo nome me esqueceu.

Ao todo oito. E' pouco. Mas sempre é alguma coisa. E agora pregunto: e o dr. Rebelo Gonçalves que tanto fala? E o Silvio Lima?

Esperêmos.

A Universidᵉ gostou sempre destas farças, porque, afinal, isto é tudo uma farça. Não porque a grande maioria não vá sinceramente; lá isso, vai! mas a verdade

é que o acto vão aparatoso nada representa. Todos sabem como essas homenagens se preparam e se realizam.

Coimbra.

Abril: 27.

Os professores universitários lá foram em grande massa e vão grande que até lotaram ao rapido da manhã de hoje uma carruagem especial.

Como se trata de capelos e borlas de varias côres e como iam em carruagem especial á laia de excursão, o respeitavel publico gracioso fez logo o nome: Grupo folk-lorico dos Filhos de Minerva.

E está certo... Vamos a ver alinhar os discursos. Devem ser comovedores...

Coimbra

Abril: 29

Depois da Universidade, o Exercito e a Armada.

Ontem o Exercito e a Armada, representados pelos seus majores-generais e mais oficialidade superior além dos quadros das unidades de Lisboa foram cumprimentar o Patrão pelo 20º aniversario da sua posse como presidente do ministerio.

Deria ser coisa entorrecadora.

O major-general do exército, o Passos e Sousa, fez um discurso cheio de sumbaias do qual deixo uns recortes no fim do volume p.ª não estar com trabalho de os colar aqui.[1]

Quando li-o com este Passos e Sousa, em Caxias, deu-me outra impressão. Agora pôs-se a dizer coisas bonitas p.ª lustre das botas do Patrão.

Pode ser que seja influencia da nortigem das alturas. Assim será.

No Primeiro de Janeiro de hoje vem uma entrevista do Lelo Portela com o Secretario Geral da Democracia Cristã da Italia, da qual notei uns periodos curiosos que mereceu ser guardados p.ª memoria e que o autor acentuou com certa malicia. Isto é: por esses periodos fica-se sabendo que a Igreja Catolica auxiliou o Nazismo...[2]

Não admira. A Igreja «pelo seu caracter universal» reconhece sempre as «situações de facto...»

---

(1) A pag. 401.
(2) A pag. 401.

Coimbra

Abril: 30

Hoje fui com o João Machado à Esc. Industrial Brotero. O director recebeu-nos bem e concordou com a colaboração da sua Escola no centenário de A. A. Gonçalves. Ficou de estudar com os colegas a maneira de colaborar e depois pedir oficialmente a necessária autorização.

Pareceu-me que ele falava com sinceridade e afirmou que de tudo nos daria parte na devida ocasião.

Esperarêmos confiados.

Coimbra.

Maio: 5.

Dizem os jornais que o pessoal da Câmara a que se agrega o das Câmaras do distrito, vai prestar homenagem ao Francisco da Cunha Matos chefe da secretaria da de Coimbra.

Um país em que se fazem e toleram homenagens a homens deste jaez é, por muito que digam que não, um país que perdeu a noção da dignidade e em que, pelo menos, a craveira da moral anda bastante ou muito pelo estéreo.

Mas que fazer?

Lisboa

Maio: 9

Estou em Lisboa por causa do celebre premio do almirante Osorio que devo receber depois de amanhã.

Ora hoje fui á exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes. Ao fundo do salão, em lugar de honra, o Falcão Trigoso, o Ant.º Saude e o Abel Manta. O resto... modernismo e ultra-modernismo. Não compreendi.

O que achei interessante foi que a minoria antiga, ou dos velhos, tinha o lugar de honra numa exposição feita pelos novos.

Lisboa.

Maio: 10

Fui ao estudio do Costa Mota, Sobrinho, ver o busto do Alvaro de Castro que vai para Lourenço Marques. A' tarde, fui ao teatro S. Luis ouvir outro concerto do notavel Quarteto Hungaro.

Na oficina do escultor estive uns bons tres quartos de hora, conversando e invejando-lhe a vida de artista. No concerto, foram duas horas de maravilha. O andante do quarteto de Haydn provocou-me lagrimas.

Não sei se é senilidade proxima; o certo é que ainda ~~grande se~~ com grande sensibilidade para a musica.

Lisboa:

Maio: 11.

Hoje, grande sessão na Revista Militar. Ambiente menos mau. Estavam, é claro, os jarrões; mas os dedicados estavam em maior numero.

Pareceu-me haver certo interesse pela Revista e vaga reacção contra a atitude do Santos Costa — que levou o rancor a ponto de suprimir a verba do ministerio e a concessão das ordens do exercito. Os discursos oficiais, em especial os dos generais Ferreira Passos e Costa Macedo tocáram discretamente no caso e em tom de quem reprováva toda e qualquer acção contra a vida da Revista.

E isto é curioso se se notar que qualquer dos dois generais é reverente e dedicado servidor da Situação politica actual. Contudo, o diapasão dos discursos foi elevado e aprumado.

Eu, quando me chegou a vez, lá impingi a mª alocução, com voz clara, para que se entendesse bem. Cumprimentaram-me; mas desconfio de que os gene

rais de agora não gostariam muito. E manda a verdᵉ que se diga que a alocução lhes era, mais ou menos, dirigida.

O Carmona ouvia com atenção e ia meneando a cabeça com ares aprovativos. Pobre diabo! E dái... talvez entendesse alguma coisa.

O Ferreira Passos, no seu discurso, ao aludir aos oficiais premiados, pôz-me em primeiro lugar e classificou-me de pensador, como caso á parte no exercito. E o que tem graça é que o disse a sério; pelo menos pareceu.

Ao chegar a casa, mª Filha, que assistiu á sessão, disse-me, comovida que eu deveria contar o dia como um dia feliz assim como ela contou. Coitada, ela poderia te-lo, mas eu porque é que teria um dia feliz?

Homenagem? Acto de justiça? Prova de apreço? Tudo isto depois de uma vida de incompreensão e de pontapés?

A' tarde, a Emissora Nacional, no seu caso do dia, transmitiu alguns passos dos discursos da sessão. Entre eles, lá veio o do Ferreira Passos em que me classificava de pensadôr... E isto, espalhado por todo esse mundo!

E haverá quem fique acreditando que eu sou pensadôr?

Lisboa.

Maio: 13

Ontem nas notas q. escrevi ácerca da sessão da Revista Militar esqueci-me de contar que, nos cumprimentos que recebi, não figurou nenhum dos oficiais de marinha. E estavam muitos.

Estes oficiais de marinha são, em regra, creaturas rigidas, hermeticas, e continuam a ter pelo exercito de terra o mesmo soberano desprezo. Teem alguma razão se se atender aos homens; mas estão fóra das realidades se se atender aos serviços e á sua conexão cada vez mais intima. Mas, no meu caso, eu fui envolvido na má vontade aos homens.

Paciencia.

Tambem me esqueceu de notar q. os maiores proceres do exercito não se me dirigiram, verbi gratia: o major-general, o chefe do Estº-maior general, o governador militar de Lisboa, etc. Só os velhos, já na reserva, é que vieram dizer coisas mais ou menos amaveis: os do galarim, não se dignaram.

Lisboa.

Maio: 18.

Hoje, reunião da direcção da Revista a que, pela primª vez assisti. Fiz, por isso, os meus cumprim.tos de saudação.

O vice-presidente, o almirante Botelho de Sousa referiu-se á ausência e fez o elogio da minha discursata na sessão de 11 do corrente e leu assim do artigo pelo qual fui julgado. Propoz que na acta ficasse exarado voto de regosijo, o que foi aprovado com certas provas de estima.

O Pires Mont.º, na estreia do almirante, louvou os meus serviços em Coimbra e referiu-se á maneira «elevada» como fiz a entrega do emblema da Revista ao Sabreador Pinto da França, oferecendo eu chá em minha casa, etc. etc. — o que daria aos circunstantes uma ideia chic, naturalmente, do meu procedimento.

Valeu todo muito dinheiro...

Nesta reunião houve conhecimento de que o ilustre Santos Costa, mandou circular pelos estabelecimentos fabris ou produtores do Ministº da Guerra que proíbia que anunciassem em revistas militares «incluindo a Revista Militar» conforme assinala em parenteses, para não haver duvidas acerca da intenção.

Este procedimento é simplesmente réles; suprime as receitas das publicações militares, receitas de algumas centenas de escudos e que fiziam muito arranjo.

É perfeita cavalgadura, o ilustre Santos Costa. E tudo porque encontrou resistencia perante as sua prepotencias que, como agora se sabe, não eram da vontade do Estado-maior que parece se ter atheado do assunto. O caso foi só, afinal, prepotencia que deveria encubrir desiguio ambicioso de qualquer especie.

O piór é que as publicações militares e a imprensa periodica civil, pensam em promover homenagens á Revista pelo seu centenario: aquelas, com a entrega dum escudete ou medalha comemorativa; esta com sessão solene a q. deverá concorrer toda a imprensa portuguesa.

O Santos Costa é natural que dê o seu coice...

Lisboa.

Maio: 19.

Escrevi hoje a seguinte carta o m.to ilustre cidadão-jornalista Rocha Martins da m.a sincera antipatia:

«.... Só ontem pessoa amiga me falou num artigo que V... publicou no Diario de Noticias de 16 do corrente intitulado A côrte de D. Carlos ha 57 anos e que eu li com a maior atenção. Ha nele uma passagem em que V... se refére a dois empregados do paço: Licinio da Silva e seu irmão Ernesto da Silva os quais diz terem «por sua com-"provada ascendencia, sangue real» do que havia «certezas.»

«Ora dá-se o caso de eu ser casado com a filha do primeiro, Licinio da S.ª e nunca ter ouvido, nem por «murmurios» falar de qualquer deslise de comportamento de ascendentes daqueles dois funcionarios palatinos; e como V... emprega os termos «comprovada ascendencia» e «certezas» tomo a liberd.e de vir apelar p.ª a sua lealdade e solicitar-lhe qualquer informação sobre as fontes em q. V... se fundou para tal afirmação que envolve, como se compreende, certos melindres.

«E' possivel que os depoimentos a que V... se refére no final do artigo, saídos de ambiente naturalmente cheio de invejas e intrigas, tenham qualquer parcela de calunia se não foram somente levianos.

«Queira V... desculpar esta m.ª deligencia e acreditar etc. etc.»

O que o artigo dizia era que os dois mencionados funcionarios eram filhos do rei D. Fernando. Ouvi, porem, sempre dizer que, filho deste rei, era só Licinio Silva. O jornalista poderia ter dito que a melhor prova era a figura: tal qual a do rei.

Mas adeante. Espera-se resposta que, aliás, me não interessa por aí alem.

Lisboa.

Maio: 23.

Escrevi hoje uma carta ao Poeta João de Barros, meu contemporaneo do liceu de Coimbra e com quem sempre mantive as melhores relações se bem que muito espaçadas.

«... Assisti ontem á sessão na Academia e quiz, no final, dar-lhe um abraço. Porem, quasi toda a assistencia o rodeava e á sua familia e eu não quiz ser importuno.

«Desde rapaz, gostei sempre muito de ler os livros de Teixeira de Queiroz; a sua prosa simples, clara e sugestiva agradava-me especialmente na da Comedia do Campo. E se o escritor me era estremamente simpatico, não o era menos o homem que muito bem conheci de vista

e cujo caracter e personalid.e politica de alta correcção sempre apreciei. Por tudo isto não deixaria de assistir á comemoração tanto mais q. ia ouvir falar o meu Am.º e relembrar tempos remotos em que convivêmos (ha mais de meio seculo!) no liceu de Coimbra e em que já o admirava pela viveza de prometedora inteligencia.

«Vim de lá satisfeito e, ao mesmo tempo triste — e a tristeza não era, de certo, senão de verificar que estamos velhos e que homens como Teixeira de Queiroz não teriam hoje grande ambiente.

«Meu caro João de Barros: aceite um abraço do velho condiscipulo de ha mais de meio seculo que o tem sempre acompanhado de longe mas é ainda o mesmo velho amigo, etc.»

Fui realmente á sessão comemorativa. O Julio Dantas faltou, por doença, o que tirou certo pitoresco ao acto. O Joaquim Manso fez a oração principal que foi fraca como critica á obra do escritor; deu notas biograficas, contou um ou outro episodio e não deu indicações de ordem elevada acerca da obra. Muito retorico e pretencioso, como sempre. Gestos de alguma desconexão com o assunto, que devem

ser geito que lhe ficou dos tempos de padre quando prégava uma vêz ou outra.

O Joaquim Leitão, sempre o mesmo asno, foi encarregado de ler o discurso do Caetano Gonçalves que tambem adoeceu; precedeu a leitura duma pequena alocução sua, bem lida, com voz sonora e gesto apropriado; mas a leitura do discurso do outro foi feita em voz baixa e á pressa... Era um frete desagradavel que cumpria, mas representou ao mesmo tempo uma deslealdade e uma falta de correcção e de camaradagem.

Notei mais uma coisa que intimamente me indignou: quer o ex-padre Joaquim Manso quer o idiota do Joaq. Leitão fizeram o possivel por desculpar o republicanismo de Teixeira de Queiroz; deram varias voltas e reviravoltas á vida do romancista p.ª explicarem os principios democraticos que ele professára sempre com elevação e sinceridade.

Como são divertidos, estes tempos de agora!

Lisboa

Maio: 29.

O grande Rocha Martins respondeu. Desculpa-se com o que sempre ouvira

dizer e que era voz corrente noutros tempos. Respondi com esta outra missiva q. talvez seja bom conservar:

«.... Ausencia de Lisboa por uns dias fez com que só ontem abrisse a carta de V... datada de 23 do corrente. Agradeço a maneira amavel com que me pretende explicar os passos do artigo que nos feriram a atenção; mas, ao mesmo tempo consinta que lhe diga que as bases de que V... se serviu (apenas o diz-se e a má-lingua palaciana) não justificam a leviand.e ou ligeireza da afirmação que, embora reconheça não ser intencional, é desagradavel p.a a familia atingida.

«Renovo os meus agradecimentos pela prontidão da resposta, assim como afirmo o meu protesto por tal forma de vulgarização historica.»

E assinava sem as praxes do m.to atento venerador etc.

O safado do Rocha Martins naturalmente não gosta; mas é natural que se cale e esta m.a carta fique sem resposta.

Hoje, no Diario de Noticias, vem, quasi escondida, uma especie de explica

ção, uma desculpa de máu pagador, de certo consequencia da carta ameaçadora do Fernando da Silva, tambem atingido pela suspeita de sangue real.

O homem sente-se embaraçado e desculpa-se com testemunho de gente já morta — o que é mais comodo.

Lisboa.

Maio: 30.

O Fernando da Silva mostrou-me hoje a resposta do Rocha Martins á sua carta. E' blandiciosa, mesureira, cheia de atenções. Diz que a informação dada ao rei Eduardo VII foi pelo conde de Arnoso que prevenin o monarca inglez de que o particular que lhe nomearam (e que era Licinio da Silva) descendia ~~[illegible]~~ do rei D. Fernando de quem era filho adulterino. Diz tambem a carta que os nomes dos dois atingidos eram nomes usados na côrte de Saxe-Coburgo, etc. etc.

O homem foge ás responsabilidades e no final manda-me muitos cumprimentos respeitosos.

Enfim, não vale a pena mexer mais no assunto.

O caso está arrumado.

Lisboa

Junho: 2.

Ontem assisti ao concerto da Orquestra Sinfonica de Madrid que tocou a Nona Sinfonia de Beethoven, com côros e terminou o programa com as danças guerreiras do Principe Igor de Borodine.

Ha sensações dificeis de descrever ou concretizar em prosa. As recebidas ontem são dessas. Aquilo deu-me a impressão de grandeza, de curiosidade, de quasi extasi que não posso nem sei traduzir.

E' possivel que os espanhois não tenham mentalidade para compreender o genio de Beethoven; melhor, com melhor compreensão, foram as danças de Borodine que me chegáram a commover; mas é certo que a nona sinfonia foi, indiscutivelmente, bem tocada, á qual os côros dão uma superioridade que esmaga. Foi, enfim, um destes espectaculos que impressionam fundamente — e q. se ouvem uma vez na vida.

Eu, pelo menos, não conto ouvir segunda vez tal obra e em tais condições isto é: com côros e tocada por orquestra de primeira classe como é esta Sinfonica de Madrid.

No fim do volume deixo o bilhete de barcada do Palacio dos Desportos que comsegui arranjar e que me deu direito de entrada no recinto (1)

Lisboa.

Junho: 3

O escritor José Frederico Ferreira Martins com quem ha pouco tempo travei relações por intermedio do meu condiscipulo Augusto Pinto Salgado ofereceu-me algumas das suas obras — que eu quero retribuir com algumas das minhas e em especial com o Camões e as "artes belicas,,. Como não quero faltar ao depositario que é o Ant.º Gonçalves de Coimbra, fui hoje a algumas das livrarias lisbonenses frequentar pelo opusculo.

Em duas, foram procurar, mas já não tinham; na Pelo, da rua do Carmo, o empregado, ao ouvir o nome do autor, olhou-me de alto a baixo e respondeu com certo modo de desprezo um «não temos disso!...» que me deixou francamente mexado. E não me contentando com a grande teve movimento de encolher de ombros.

(1) A pag. 402.

— Não temos disso!...

O homem deve ter razão. Amanhã vou tentar noutras livrarias e, já agora, para ouvir resposta equivalente.

Lisboa

Junho: 4.

Ontem, o general Carmona inaugurou umas oficinas de material de guerra na fabrica de Beirolas. Houve festança, copo de agua, etc. com as discursatas do estilo.

O pobre do Carmona desfez-se em elogios ao Santos Costa e afirmou que «a preparação actual do exercito não tem par na "Historia...» e lastimou que nunca lhe tivessem dado dois prémios que merecera enquanto foi oficial ao serviço regimental e concluiu que «ainda estava á espera de "recebe-los...»

O Santos Costa, em resposta disse o que aqui deixo em recortes:

O sr. ministro da Guerra disse considerar uma reclamação a que acabava de lhe ser apresentada pelo sr. marechal Carmona, pelo que ia procurar esclarecer os factos, assegurando-lhe que os prémios em divida lhe seriam entregues em 14 de Agosto. Os prémios são os seguintes: 1.º premio do concurso de tiro de Chaves, quando aspirante a oficial, e as insignias de cavaleiro da Ordem de Sant'Iago por ter apresentado ao Ministerio da Guerra uma proposta para se fazer um curso de passagem de segundo para primeiro sargento.

Como se vê, a cêna deveria ser comovente... E ficámos sabendo que a apresentação duma proposta para se fazer um curso de passagem de segundo sargento pa-

ra primeiro, realia, noutros tempos, as in
signias de cavaleiro de Santiago...

Estes cavalheiros não vêem o ridiculo destas cênas?

Lisboa:

Julho: 8.

Hoje, nova sessão da direcção da Revista Militar. Presidiu o general Teixeira Botelho que me pareceu um pouco decaído. Na devida altura este contou que fôra a Belem agradecer ao Presidente Carmona a sua vinda á sessão do dia 11 do mês passado e que este, depois de certas palavras amaveis p.ª a Revista, passou a falar de mim, mostrando muito interesse pelos meus artigos e dizendo que as nossas relações vêem de muito longe, desde o tempo em que fui seu instrutor em Mafra, no 1.º ano da Escola Central de Oficiais onde fiz um curso notavel e onde me salientei, etc. etc.

Isto foi dito pelo general Teix.ª Botelho com solemnidade e solicitou a inserção na acta destas referencias feitas pelo general Carmona a um dos vogais da direcção. Isto parece ter deixado admirados alguns dos vogais presentes que me olhavam com certa curiosidade, sem saberem,

com certeza, como explicar tais provas de atenção e simpatia.

Devo ter pedido alguns furos na escala da consideração de dois ou três dos nossos presentes.

Coimbra.

Junho: 16

De regresso a casa, fui hoje ao Quartel General receber o meu soldo do mês passado. Nos descontos notei a quantia de 25$00 (vinte e cinco escudos) para a Igreja do Santo Condestável — quantia que deve ser um oitavo do valor da contribuição, não direi imposta, mas quasi, pelo ministro Santos Costa para a erecção do Templo.

Imediatamente, declarei no Conselho Administrativo que não era católico e que desejava receber os meus vinte e cinco escudos. Não houve questão: os escudos vieram logo para a algibeira.

Coimbra.

Junho: 19.

O Alberto Vieira Braga, de Guimarães, escreveu-me a pedir-me colaboração p.ª a sua Revista, com palavras muito amáveis. Perguntei-lhe com agradecimentos e explicações dificuld.ª de remessa

to que me impediam de fazer qualquer artigo, mas dizia que «lá para Outubro, "quando voltar a casa, não esquecerei o pro-"metido» E terminava: «A m.ª vida, se "bem que na aparencia tranquila, é um "acervo de complicações de varia ordem a "que o carruncho proprio da idade está a dar "feição desagradavel. Sinto-me cançado, "noto que o meu trabalho não rende o que "rendia, vejo a velhice a surgir ameaçado-"ramente...» Etc. etc.

Um rosario de lamurias.

Coimbra.

Junho: 21.

Nova reunião, hoje, da comissão do centenario de Ant.º Augusto Gonçalves. Ai fica a acta:

«Aos 21 dias... etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 horas, se reuniram os vogais: dr. Costa Rodrigues, P.e Nogueira Gonçalves, dr. Costa Lobo, João Machado J.r, Lourenço Chaves Almeida e Belis.º Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. V.P. justificou a falta de Alvaro V. de Lemos e passou a expôr as deligencias feitas em Lisboa junto da casa Molder e do dr. João

Couto. Quanto á medalha, um dos socios da casa Molder, de nome Henrique Monteiro, disse que a casa se encarregaria de a fazer desde que lhe dessem o modelo; trocando-se impressões acerca do assunto, resolveu-se solicitar do escultor Costa Mota Sobrinho a execução da obra e do socio da casa Molder o aviso da sua prox.ª vinda a Coimbra para se regularizar o contracto. Quanto á conferencia com o dr. João Couto, informou de que este ficára muito satisfeito com o andamento dos trabalhos e aprovára com prazer a ideia duma sessão realizada na sala de conferencias do Museu de Arte Antiga e em que fosse a principal conferencista a senh.ª D. Genoveva de Lima Mayer e esboçou logo o programa que seria: abertura da sessão por ele João Couto, com palavras explicativas e de evocação de Mes. Vre Gonçalves; conferencia por aquela senhora e no final, passagem de projecções do retrato do homenageado e das suas principais obras: Sé Velha, Museu Machado de Castro, Torre de Almedina para evocar a Escola Livre das Artes do Desenho, etc. etc. Todos os vogais presentes não só aprovaram como se congratularam pelo programa proposto e ficou encarregado

o sr. dr. Costa Rodrigues de sondar a opinião ou mesmo convidar aquela ilustre senhora. — B. P. disse ainda que o dr. João Couto lembrára a execução dum retrato de Mestre Gonçalves para a sala do Museu Machado de Castro que lhe é dedicada; mas reconheceu a dificuld.e actual da realização dessa lembrança. — B. P. continuando, e em nome de Alvaro Viana de Lemos, disse que seria interessante que, no prox.o Congresso Beirão que reune na Guarda, fosse evocada a figura do Mestre Gonçalves não só como um dos beirões mais ilustres mas tambem a proposito do prim.o centenario do seu nascimento; todos concordáram em que o sr. Viana de Lemos que vai assistir a esse Congresso se encarregasse dessa missão e a apresentasse como entendesse. O sr. dr. Costa Lobo informou de que o sr. reitor da Universid.e lhe disséra que m.to em breve o Senado reuniria e resolveria definitivamente acerca da sessão comemorativa; o mesmo sr. informou ainda de que o sr. professor Pereira Dias se mostrára muito interessado pela comemoração centenaria e prometeu o seu valimento no sentido de se conseguir verba para as publicações e que deseja-

va conhecer um orçamento aproximado para iniciar as suas deligencias junto do Instituto para a Alta Cultura. B.P. e João Machado J.or contaram o que se passou em 30 de Abril ultimo com o Director da Escola Brotero a quem foram expôr o que se projectava; este sr. concordando sinceramente com o projecto prometeu interessar-se e depois de ouvir os seus colegas, dois dos quais ainda recentemente com Mestre Gonçalves, resolveria a representação da sua Escola, afirmando desde já que, pelo menos, faria uma sessão dedicada a todos os alunos na qual fosse descrita a acção do primeiro director e o seu grande trabalho em prol da educação artistica das classes operarias. Todos se congratularam por estas afirmações.- B.P. ainda em nome de Alvaro de Lemos disse que este, numa sua ida ao Porto, sondara o director do Museu de Soares dos Reis, dr. Vasco Valente, o sub-director Alberto Meira e o director da Escola de Belas-Artes, professor Joaquim Lopes acerca da possibilidade duma sessão publica nas alturas do centenario; encontrou dificuldades e certas hesitações ficando com a impressão de que apenas poderia contar com o professor Joaquim

1567

Lopes que mostrou algum interesse. Trocadas impressões e exposta por B.P. a opinião do dr. João Couto a este respeito, julgou-se que seria já considerado bom resultado a sessão na Academia de Belas Artes do Porto, mesmo com caracter restrito. Foi resolvido ver até que ponto se poderia dar amplitude a essa sessão contando com as deligencias do sr. Alvaro de Lemos por motivo das suas idas ao Porto. — Ainda a respeito da proposta deste ult.º vogal para a impressão de um selo de publicidade, resolveu-se convidar o mesmo sr. Viana de Lemos para se encarregar do desenho respectivo. E não havendo mais nada, etc.»

Foi, como se vê, uma sessão cheia. Mas... conseguir-se-ha, de tudo isto, alguma coisa?

O Costa Rodrigues disse que as coisas teem sido levadas com habilidade e é possivel que de tudo o que se projecta alguma coisa se consiga.

A ver vamos. Mas o ambiente é que é muito pouco favoravel. Celebrar a memoria dum velho e intransigente republicano e anti-clerical de respeito, é quasi um paradoxo.

Coimbra

Julho: 6

Em 3 do corrente fui a Lisboa, assistir á sessão solene que a Imprensa de Portugal promoveu em honra da Revista Militar e que se realisou no salão nobre da Sociedade de Geografia.

Seguem-se extractos duma carta escrita ao Pires Mont.º porque não tive tempo de o procurar no dia imediato. Vai aqui a m.ª impressão geral sobre a solenidade.

«.... A sessão, realmente, se não teve enchente teve publico numeroso e que me pareceu escolhido. Nos discursos manteve-se nivel elevado, de grande correcção e até de liberd.ª de opiniões pouco corrente na epoca. Foi pena que a dissertação resumida e erudita do nosso Costa Veiga não antes substituida por evocação dos escritores e ideias de ha um seculo, do periodo em que ainda dominava a barafunda napoleonica mas em que já se acentuava a nova orientação forjada mais ou menos pelos alemães. Essa evocação, ligada ao clima português, poderia dar melhor o ambiente que provocou o aparecimento da

nossa Revista, aspiração, afinal, dos melhores valores militares do tempo.

«Mas, seja como for, a sessão constituiu um acontecimento notável para a vida da Revista e uma afirmação redunda em grande prestígio p.ª nós.

«E achei interessantes certas frases saídas dos discursos e confirmadas pelo Gomes de Araújo no encerramento que foram, no fim de contas, frases de mapa ou indirecto protesto contra a atitude do ilustre Santos Costa.

«Ainda bem. Aquilo foi quase um desagravo, como se usa fazer na Igreja ás imagens ou outros símbolos desrespeitados.

«Muito obrigado pela sua visita, etc.»

E na verdade o Santos Costa não deveria gostar muito da festa. As alusões foram claras e ele havia de ter conhecimento delas, com certeza.

Coimbra.

Julho: 8.

O Eduardo da Cunha Oliveira, velho amigo, mandou-me para Lisboa, em 12 de Maio passado, um telegrama de felicitações pelo prémio Almirante Oso-

rio que recebera em sessão da Revista Militar — como deixei dito e redito.

Agradeci o telegrama hoje, com demora de quasi dois meses, numa carta mais ou menos alegre que aqui fica quasi na integra:

«... E vou dizer-lhe tambem que a sessão correu bem, com certa elevação, auditorio escolhido e muito atento; a minha discursata foi ouvida parece que com curiosidade pois a m.ª pessoa se é conhecida pelos artigos da Revista era desconhecida, de vista, pela maior parte dos gros bonnets do exercito e da armada, cheios de condecorações e... embofias.

«O presidente Carmona que á chegada me acolheu com afabilid.e fóra do protocolo, teve palavras tambem pouco protocolares para a discursata — e isto deveria dar no gôto aos homens das estrelas nos galões.

«Alem disso, o Ferreira Passos na sua alocução em nome da direcção da Revista, chamou-me pensador e filosofo; é certo que nunca julguei ser classificado nesses sectores para os quais ~~não~~ sempre me julguei sem jeito, mas essas afirmações feitas por creatura de tal cate-

geria, deveriam dar-me, perante a assistencia, certa aureola de grandeza — e de certo deram porque, no final, fui alevantado pelo Carmona e pelos velhos da reserva e da reforma.

« Dos apalpados e estrelados actuais nenhum me disse, ao menos, um simples « muito bem !... » Os marinheiros, então, com excepção do Botelho de Sousa já na reserva, principiaram pelo afastamento que me deu a impressão de, na Marinha, não ser lido o velho compendio do Felix Pereira, mesmo em edição modernizada.

« Seria porque a carapuça que talhei na discursata lhes serviu ás mil maravilhas? E eles a enterráram pela cabeça abaixo, com orelhas e tudo ? E' possivel. O filosofo e o pensador meteu-lhes medo e não quizeram dar cavaco da sua graça.

« E aqui vem.

« E o mais curioso é que, dias depois, quando a direcção da Revista foi agradecer ao Carmona a sua comparencia, este, ao afirmar o prazer de ter assistido á sessão, quasi só falou em mim, na minha allocução e no artigo que, no fasciculo n.º 3, do Março, eu publicara em

cando o exercito de 1848, artigo que ele achou superior aos outros todos. Como vê, estou consagrado...

« Receio que, com tanto louvor, me atirem com alguma venéra, como por ex.º: a benemerencia ou merito agricola... Sei lá!

« Fui assistir, no dia 3 ultimo, á sessão de homenagem prestada pela Imprensa á Revista. Correu bem. Certa elevação, sobriedade e linha. O Santos Costa deveria ter dado pinotes se ouviu, pela radio, as discursatas; a sessão foi digna resposta ás perseguições e garotices que ele tem feito á Revista; e se ouviu alguma coisa, ouviu-as boas e de luva branca, luva de veludo, a que o proprio colega Gomes de Araujo se associou.

« Esta já vai como a legua da Povoa, etc. »

Coimbra.

Julho: 11.

Carta dirigida ao Presidente da direcção da Revista Militar justificando a falta á prox.ª sessão de 13 do corrente:

« ... Rogo a V... desculpe a minha falta á sessão do prox.º dia 13 para que

se dignou convidar-me, pois não me é possível ir, neste momento a Lisboa.

«Desejo, porem, dizer a V... e aos Ilustres Colegas da Direcção que a sessão solene a que fui assistir em 3 do corrente, em honra da nossa Revista, foi sem duvida uma homenagem á sua antiguidade ou mérito mas se-lo-ia mais, a meu ver, ás intenções com que foi criada e á probidade, seriedade e elevação com que tem sido dirigida e colaborada de que são, certamente, responsaveis os seus distintissimos presidentes de direcção.

«Se estivesse presente á sessão decerto, teria saudado V... pelo triunfo alcançado que deveria ter sido extremamente grato aos elevados sentimentos de V... e á dedicação e boa vontade de todos nós; e desejaria, também, cumprimentar o sr. general Raul Esteves pela bela alocução proferida em nosso nome, com equilibrio e sobriedade que me deram completa satisfação.

«Queira V... Sr. Presid.te, com os meus respeitosos cumprim.tos etc.»

1571

A carta poderá parecer algum tanto ranchosa e estes cumprimentos ao general Raul Esteves que é pessoa que me con-

tende com os nervos, sáem fóra dos meus habitos — mas são justos.

E, que Diabo! o fazer justiça não deve custar. A alocução foi, na verd.e, solvia, equilibrada e bem escrita. E a minha irredutibilid.e com esse cavalheiro continua na mesma.

E pronto.

Coimbra.

Julho: 16

Estive hoje com o ilustre Madail. O mariola foge ás responsabilidades. E' velhaco como os velhacos...

Não quer fazer a exposição a que se comprometeu e dá desculpas que na aparencia são razoaveis — mas que são falsas.

O que ele quér é estragar a comemoração para depois aparecer como o unico que seria capaz de a realizar.

Verêmos se não é assim.

Póde ser que eu esteja muito de pé atraz e desconfiado com ele e assim faça máu juizo do seu procedimento. O Lourenço Chaves Almeida defende-o, é de opinião de que nos deveriamos aproximar dele ha mais tempo e lastima que a presença do P.e Nogueira Gonçalves seja

o impedimento de ele trabalhar com a comissão.

Eu não vou p.ª aí, e continuo a crer que ele é velhaco e de ha muito tempo e que, debaixo da aparencia de lealdade e correcção, anda a tramar qualquer coisa.

Estarei enganado?

Antes estivesse.

E como ele tem na sua mão elementos que outros não teem, gósa com a superioridade e vai jogando com ela.

A minha impressão é, até, de que anda a minar as nossas intenções. Como, não sei; mas tenho o presentimento de que ha alguma coisa nesse sentido.

Ver-se-á.

Coimbra.

Julho: 19.

Nova sessão da comissão do centenário. O caso do Madaíl foi discutido e é possivel que se deite algum remendo por intervenção do P.e Nogueira Gonçalves como adeante se verá. O Padre quer dar um quinán — e é bem dado.

Segue a acta:

«Aos 19 dias ... etc. em casa do vogal B.P. se reuniram os vogais Alvaro Via-

na de Lemos, P.e Nogueira Gonçalves, dr. Costa Lobo, João Machado J.or e B.P. pelas 17 h. e 30 m. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Alv.o Viana de Lemos lembrou que para a comemoração no Porto seria bom insistir com o professor Joaquim Lopes acerca da sessão na Escola de Belas Artes e interessar nisso a Casa de Coimbra no Porto; B.P. disse que esta casa ainda não está organizada devidam.te e que alguns elementos preponderantes não seriam grandes auxiliares pelas ligações pessoais com certos individuos desta cidade que não teem qualquer especie de consideração pela memoria de Mestre Gonçalves; contudo, ficou resolvido que se escrevesse a Adolfo de Freitas, admirador do Mestre e sincero entusiasta por todas as homenagens que se lhe prestem. Alvaro de Lemos disse ainda que, com todo o prazer se encarregava de lembrar no prox.o Congresso Beirão o nome de Antonio Aug.to Gonçalves e faria o possivel por salientar a sua obra. A respeito do selo de publicid.e ou propaganda que se resolveu fazer, o mesmo vogal lembrou que seria preferivel um ou mais postais ilustrados com o retrato de Gonçalves e alusões ás suas principais obras. Troca

das impressões, ficou resolvido que se encarregassem do assunto os pro. Alvaro de Lemos e João Machado e que estes solicitassem de um ou outro artista de Coimbra os desenhos que seriam gravados por Marques Abreu. — B.S. contou o que se passou com o representante da Casa Molder, no dia 28 do mês passado; esta casa encarrega-se da medalha comemorativa desde que lhe entreguem a maquete; disse mais o mesmo vogal que nesse mesmo dia escrevera ao escultor Costa Mota em nome da comissão e comunicou com satisfação que o mesmo ilustre artista aceitara a incumbencia, conforme carta que leu. Resolveu-se agradecer e que na proxima ida a Lisboa dos vogais dr. Costa Lobo e B.S. estes se avistassem com os directores da casa A. Molder para melhor se regular o assunto. — B.S. informou de que procurára orçamentos para a publicação das conferencias e discursos que se fizessem na ocasião do centenario; e verificou que conforme os formatos in-4º ou 8º gr. e da folha de impressão poderia ficar respectivamente em 700$00 e 500$00. Resolveu-se que só na altura das comemorações se poderia calcular aproximada-

mente o numero de folhas e se daria então conta disso ao sr. dr. Pereira Dias. Trocaram-se impressões acerca da interferencia do dr. Reinaldo dos Santos e ficou resolvido que se lhe comunicasse que desejávamos que ele fizesse a oração central na sessão da Camara Municipal e que o mesmo se comunicasse ao Presidente do Municipio. — B.P. expoz a seguir a conversa que ha dias tivera com o sr. Rocha Madaíl da qual concluira que este sr. não faria a exposição de trabalhos de Mª Gonçalves a que quasi se comprometera perante os vogais Lourenço Chaves Almeida e Belisario Pimenta, alegando varios motivos como o silencio da Universidade sobre o assunto, o pouco tempo disponivel, o não querer tomar as responsabilidades da recepção dos objectos, as despesas que viriam dos transportes, etc. Perante esta atitude que pareceu estranha, trocaram-se impressões, resolvendo-se por proposta do sr. Pº Nogueira Gonçalves que não querendo o sr. Madaíl encarregar-se da exposição, esta se faria no Museu de Machado de Castro embora não tão completa como seria para desejar, mas suficiente pª dar ideia do espirito fecundo e da acção notavel de Antº Augusto Gonçal-

res. Esta proposta do sr. P.e Nogueira foi acolhida por todos com a maior satisfação. — Como agora entra novo periodo de ferias, resolveu-se que se suspendesse o trabalhos em conjunto e cada um dos vogais procurasse, dentro da sua esfera de acção activar ou completar as nossas resoluções. E não havendo mais nada, etc. »

Coimbra

Julho : 21.

Morreu ontem o bispo de Coimbra, D. António Antunes. Hoje foi o enterro.

Vi, pelo binoculo, do meu 1.º andar, a descida do cortejo pela rua do P.e Ant.º Vieira; pareceu-me uma grande manifestação reacionaria. Desde as creancinhas, á frente, debaixo duma terrivel soalheira, até aos sete ou oito bispos que, de roupe, davam uma nota colorida curiosa, havia roupa fila de mulheres, homens, frades, freiras, irmandades, clerezia dos arredores — toda a população que sinceramente ou hipocritamente se ajoelha nos altares catolicos, em conjunto que se não pode ignorar e muito menos menosprezar. E' vulgar os liberais rirem-se ou encolherem os ombros; fazem mal: é

ver o que os reaccionarios realizam a-
proposito de tudo e de nada. Este pobre dia-
bo de bispo que nem á craveira normal
chegava, segundo dizem, teve honras de
tal ordem.

Etc. etc.

Coimbra.

Julho: 22.

Morreu ontem o Leal da Camara — ho-
je creatura quasi desconhecida. Sempre
quero ver amanhã a noticia do seu enter-
ro para o comparar com o do bispo de
Coimbra.

Meia duzia de amigos, certamente,
e viva o velho! para não dizer... e viva
o morto!

Paz: Mafra.

Julho: 25.

Outra vez na Paz. Sossêgo, mortada
fresca, a mesma paisagem sem graça.
Num quintalejo, ao lado, uns patos gras-
nam; ha um cão, mais longe, a ladrar.
E as torres do convento, bem erectas,
atestam o poder do senhor D. João V e do
oiro do Brasil.

Mais nada.

Lisboa.

Agosto: 1.

Para documentar a consciencia e a seriedade com que no ultº Congresso Beirão se apresentaram comunicações e pedidos ao Governo, deixo arquivado um desmentido do dr. Queiroz Veloso que é o melhor comentario possivel.(1)

E o que é mais curioso é que á frente do Congresso estava um etnografo oficialmente notavel, o dr. Jaime Lopes Dias que tem pretenções a historiador.

São coisas que acontecem.

Escrevi hoje uma carta de cumprimento ao dr. Manuel Paulo Merêa que foi ha pouco apresentado e ao qual em Coimbra se tem prestado varias homenagens. Na carta afirmava a minha estima e a minha concordancia com todas as homenagens.

E apara, o contrario do Antº Augusto Gonçalves.

Ontem estive com o dr. Guimarães da Costa Lobo com o qual combinei encontro para irmos juntamente á casa ~~[illegible]~~

---

(1) No final do vol.º a pag. 403.

Molder & Cª, tratar do caso da medalha comemorativa do centenario de António Augusto Gonçalves.

Deu-me logo o Costa Lobo a noticia de que o reitor da Universidade o informára de que o Senado reunido nos ultimos dias do mês passado resolvera definitivamente entregar a participação no centenario á Faculd.e de Ciencias; e que esta Faculd.e na sua ultima reunião ou congregação (como se dizia antigam.te) resolvera não tomar qualquer iniciativa e fazer-se apenas representar em qualquer acto solene que se realizasse.

E para este resultado andaram eles a entreter um ano inteiro!

O Maximino Correia, na verdade, pareceu-me sincero quando nos afirmou a justiça da comemoração e a sua boa vontade; o Senado, na 1.ª reunião em que o assunto foi tratado, parece que concordou, em principio, e resolveu estudar o caso. Mas depois... começaram, certamente, as interferencias e os trabalhos de sapa; e para final deram o dito por não dito.

O dr. Gumersindo, quando me deu a noticia, parecia-me comprometido; o o reitor ter-lhe-ia revelado alguma parti-

cularidade que entendeu não me dever dizer? O certo é que a Universid.e mais uma vêr se mostrou tal qual é. Para o prestigio da comemoração que intentâmos, a recusa é importante; mas traz a compensação de deixar mais liberdade aos nossos projectos.

Nem tudo se perde. E na verdade, era exigir demais que o casarão de Dom João III celebrasse o centenario dum homem como o Gonçalves. A nossa ingenuidade ou boa-fé levou-nos a acalentar esperanças.

Enfim!...

Ora debaixo desta má impressão fômos á casa Molder tratar da medalha. O Henrique Mantero, com quem falámos, e que nos pareceu um espirito aberto e franco, dado ás artes e á musica, e que se interessou pela personalidade de Ant.o Aug.to Gonçalves que nós lhe descrevêmos com a brevidade natural do momento e que uma conversa de carectar comercial comportava; o Henriq. Mantero, digo, explicou-nos a acção que a casa poderia ter a qual não toma a factura da medalha á sua completa responsabilidade. Isto é: o capital que terá de ser empregado deve ficar por nossa conta, a não ser que nós

fossâmos garantir certo numero de medalhas compradas de modo a comprometer a responsabilidade da casa.

O calculou, por alto, que cada medalha ficaria por 500$00 em prata e 300$00 em cobre.

Perante a nossa declaração de que não tinhamos capitais ou fundos p.ª tal responsabilidade, o Marques aconselhou-nos a consultar o dr. Damião Peres que na Casa da Moeda exerce funções que poderiam influir na nossa pretensão.

Emfim, tudo ficou indeciso e á espéra do regresso do dr. Gumersindo q. vai a um congresso de Astronomia na Suiça, para este se entender com o dr. Damião Peres. Só aí da casa Molder debaixo de tal impressão de derrocada: a Universidade falhou; a medalha está em riscos de rossolerar. Só falta a Camara, á ultima hora, dizer que não póde fazer a acção...

E' certo que ainda temos muitos recursos p.ª fazer alguma coisa; mas começam já a aparecer as dificuldades.

O grande interesse do dr. Pereira Dias apregoado pelo Malaia e pelo dr. Gumersindo parece que deve ser filtrado antes de absorvido. O homem tem cabelo e barba; é preciso contar com isso.

Vamos a ver o que sairá de tudo isto. É bom não desarmar. E sempre se há-de conseguir alguma coisa.

Paz: Mafra.

Agosto: 4.

Vai hoje carta para o escultor Costa Mota a respeito da medalha, não só com agradecimentos pela boa vontade manifestada, mas também dando explicações. Leio-lhe os extractos:

«.... Sirvo-me, pois, deste meio p.ª comunicar a V... a satisfação de nós todos e os agradecimentos a, ao mesmo tempo, dizer que em breve, por intermédio do sr. P.e Nogueira Gonçalves ou do sr. Álvaro Viana de Lemos, V... receberá as sugestões acerca da medalha.

«A sua cunhagem ainda está pendente de deliberação junto da Casa Moldar e do dr. Damião Peres, nosso director do Museu Numismático da Casa da Moeda; é possível que o melhor caminho seja o da Casa da Moeda se o dr. Peres aceder ao nosso pedido. A ver vamos.

«O facto de a medalha não estar á venda no próprio dia, não importa muito — pois naturalmente as comemorações re-

rão certa extensão por virtude de algumas dificuldades levantadas. E V.. terá assim mais larguesa para o seu trabalho.

« Queira, pois, aceitar, etc. »

Paz : Mafra.

Agosto : 5

Escrevi ao Lourenço Chaves Almeida uma carta em que lhe dava parte da resolução da Universid.e e do caso da medalha comemorativa. E no fim, para responder a certas observações que ele me fez em carta a respeito do Madail, dizia-lhe:

« Quanto ao Madail... não estou de acordo consigo. Ali ha qualquer outro motivo que ele não revela e o facto de o não termos chamado está bem fundamentado no conhecimento que todos tinhamos de que ele nunca gostou do Mestre Gonçalves, e de que até reunia elementos de varias origens (e em especial do Viana) com a intenção de um dia lhe poder dar uma tareia. Como se chamaria p.a tal celebração um homem nestas condições?

« Creio que estamos justificados perante a consciencia e perante o publico. Isto dará mais conversa. Por agora, so lhe desejo as melhoras, etc. »

-x-

Ainda a proposito do caso do Congresso Beirão a que me referi atraz, no dia 1º deste mês, deixo arquivada a replica do dr. Queiroz Veloso ao presidente da Câmara da Guarda.(1)

O incidente é curioso e com este novo recorte que conservo fica um tanto ou quanto confuso.

Não admira. Agora anda tudo muito confuso...

Mas este caso é, para mim, com franqueza, muito enxraçado.

Paz: Mafra.

Agosto: 6.

Foi hoje carta para o dr. Reinaldo dos Santos em nome da comissão do centenario.

Com m.tas amabilid.e e desculpas por não ir pessoalmente, convidava-o a fazer a oração principal na sessão solene que a Camara Municipal de Coimbra deve realizar em Dezembro proximo. E o pedido era fundado na amavel afirmação feita ha tempos, quando o procurei na Academia. Etc. etc.

---

(1) No final do vol.º a pag. 403.

A carta creio que ia nos devidos ter-
mos. A resposta é que poderá vir fóra dos
nossos termos.

Esperarêmos.

Paz: Mafra.

Agosto: 7.

Carta para o dr. Manuel Lopes Almeida
actualmente director da Biblioteca da Uni-
versidade. Fica registada para o que dér
e vier:

«.... Pelo correio de hoje remeto a
V... o original dum pequeno artigo já ha
muito prometido para o Boletim.[1] Cum-
pro a promessa, mas pouco satisfeito. O
artigo não chega á craveira exigida para
tal publicação; mas eu creio que já não
dou mais do que isso. Parece-me que te-
rei de pôr ponto final nas recordações de
historiador militar — se é que alguma
vez tive dessas recordações.

«V... porem, fica com autorização,
desde já, para lançar o original no cesto
dos papeis velhos se assim entender.

---

(1) O artigo intitulava-se «A Campanha de 1801 (Ligeiras considerações a propósito duns documentos)», e destinava-se ao vol. XIX do Boletim da Bibliot.ª da Universid. de Coimbra.

«E com esta não enfado mais. Creia V... que me assino, etc.»

É claro que isto é mera amabilidade. O Lopes de Almeida disse-me que tinha alguma pressa no artigo para o meter em primeiro lugar no volume que se está organizando. Assim mo deu a entender; mas o Cesar Pegado disse-mo claramente, ainda ha pouco.

Estão cada vez mais atentos, veneradores e obrigados... O que haverá por detraz de tanta cortesia?

E agora, outro assunto.

Chegou hoje aqui o nº 3171 de O Despertar de Coimbra. Entre outras noticias dá esta, curiosa, que deixo aqui arquivada. Por ela se vê que a Escola Livre não tem direitos, mas a Socied.e de Defesa e Propaganda póde ir ocupar o seu lugar.

Não haverá nisto uma ma

Câmara Municipal

Reunião de 5 de Agosto de 1948:

— Deliberou também, oficiar à mesma Ex.ma Direcção Geral para que autorize a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra a instalar-se, embora provisòriamente, na Torre de Almedina, conforme foi solicitado pelo sr Presidente da mesma Sociedade, em consequência de ter de desocupar o edificio onde se encontra, por motivo das obras do futuro edificio da Filial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência:

nobra discreta que, surrateiramente, es-
lenthe a Escola da sua séde com um pre-
texto razoavel como é o das obras para
a Caixa Geral dos Depositos?

Vamos ver. E andamos nós a can-
çarmos-nos na efectivação do centená-
rio de Ant.º Augusto Gonçalves.

O que virá mais?

Paz: Mafra.

Agosto: 8.

Escrevi hoje ao João Couto e ao Alva-
ro Viana de Lemos informando-os do que
se passa a respeito do centenario do Gon-
çalves. Da carta para este ultimo sem-
pre aqui deixo um pequeno extracto:

«.... Meu caro: as coisas são o que
são. A nossa boa vontade esbarro com
os tais imponderaveis que, neste caso,
afinal, teem muito peso. Que lhe fazer?

«Parece-me que deverêmos ir até
onde podérmos ir. O mais ficará para a
Historia á qual teremos de dar elementos
para julgar com a devida justiça.

«E como tens passado? Eu, feliz-
mente, longe dos problemas que me pre-
ocupam e por consequencia não lhes
sentindo a garra, passo os dias estendi-

do a ler. Ando ás voltas com Zola que me deixa sempre atordido; com alguns dos tratados de Cicero que me deixam encantados pela leveza com que trata assuntos profundos; com Ortega y Gasset que é transcendente de mais para ambiente saloio; e com outros varios, desde Voltaire ao Antonio Sergio, desde Barrés ao nosso Alves Redol. E é o que me vale neste deserto. »

Paz: Mafra.
Agosto: 9.

Escreri ao P.e Nogueira Gonçalves pedindo o mesmo assunto das cartas anteriores. Desculpas.

Paz: Mafra.
Agosto: 11.

O P.e Nogueira Gonçalves respondeu-me logo, incomodado com as novas que lhe dei e também com o que leu nos jornais a respeito do pedido da Sociedade de Defesa e Propaganda para ocupar a séde da Escola Livre na Torre de Almedina.

Deixei aqui, no dia 7, um comentario a este respeito; mas hoje, lendo a carta do Padre soltou-me a ideia uma suspeita: o Madail é o vice-presidente

da Sociedade e empurraria o Fernandes Martins, como presidente. O que haverá por debaixo de isto tudo?

O Madail é creatura que vê longe e estuda bem as coisas. Vamos a ver — mas aqui fica a minha suspeita.

Para o que dér e viér...

Paz: Mafra.

Agosto: 17

Carta ao Antonio Mesquita Figueiredo:

«... Recebi aqui, com m.to prazer, o seu recente opusculo com a correspondencia trocada com o sabio Hübner ha cerca de meio seculo. Muito e muito obrigado. Li-o com o maior interesse como sempre leio os seus serios e bem documentados trabalhos; da leitura alguma coisa aprendi e certas notas bibliograficas me despertaram a atenção para um dia, se ainda me encontrar com forças e disposições, rever certos assuntos que em tempos me prenderam. Muito e m.to obrigado, pois.

«Uma coisa, porem, me sobresaltou: na sua nota a pag. 36 vejo com surpresa o meu nome como autor de cartas que lhe mereceram a atenção de juntar com outras de pessoas de nome ilustre. Eu quasi

levantei os braços para o ar, evocando os Deuses Imortais: o que teria eu escrito que valesse tão honroso acolhimento? O meu ilustre Am.º obriga-me, daqui em deante, a ter cuidado com os devaneios epistolares, a fazer rascunhos, a escrever vagarosamente e cautelosamente, pondo de vez em quando os olhos em alvo, e com a pena suspensa, como a cotejar vocabulos e a coordenar ideias — não queira o Demonio que sáia qualquer coisa que não cheire aos caldos de Bernardes e e não saiba aos fortes guisados do Vieira...

«Ora pois, meu caro Am.º: creio que será levar a exagero de coleccionador a conservação das m.as modestas cartas; no entanto fico-lhe a dever mais essa atenção e creia-me, afectuosam.te, etc.»

Paz: Mafra.

Agosto: 18.

Tive de escrever ao Vieira Braga, de Guimarães, a proposito de mais um pedido de colaboração na sua Revista. Disse-lhe que o rendimento do meu trabalho é pequeno, mas que tenho aqui notas antigas que poderiam servir se eu fosse capaz de as fazer chegar á craveira: sobre o en-

contra dos Atoleiros, considerações ~~[illegible]~~ acerca de historia militar; sobre o ambiente de Barca de Alva, feitas quando lá fui observar a possivel influencia em Guerra Junqueiro; acerca da paisagem de Penafiel, etc. etc. Apenas pruridos literarios...

Isto, afinal, foi sugestão; mas é natural que aceitem embora não sejam assuntos propriamente vimaranenses.

Paz: Mafra.

Agosto: 19.

Recebi carta do Lourenço de Almeida, tambem aflito, como o P.e Nogueira, por causa da Escola Livre.

Para que servem as aflições?

As coisas hão de correr pelo seu pé. Como diz o Povo: o que tem de ser, tem muita força.

Paz: Mafra.

Agosto: 20

Disse-me hoje pessoa categorizada da vila de Mafra que ha pouco, a um individuo preso por suspeito de comunista, o chefe da policia que o interrogou perante a negação do interrogado quanto a ideias de comunismo e perante a afir

ruação de que era jura e simplesmente contrario á situação politica actual, lhe observára:

— Bem, isso não importa. Lá que toda a gente é contraria a situação saberemos nós. O que nos interesse é o comunismo.

Curioso.

Paz: Mafra:

Agosto: 21.

Por curiosidade, simplesmente, e não porque a carta tenha qualquer valor, deixo aqui uma que hoje recebi p.r o publicista José Frederico Ferreira Martins a quem já me referi nestas notas mas sei a que respeito. Cá vai ela:

«.... Recebi, ainda em Coimbra, uma atenciosa carta de V... e há poucos dias, aqui me veiu ter um outro trabalho literario com q.e me honrou. Propositadamente reservei p.a este retiro quasi escondido a leitura das obras oferecidas; e por isso, só agora é que chegou a ocasião de agradecer a generosid.e de V... que sinceramente apreciei.

«O nosso comum amigo Pinar Falgado de certo encareceu, por tal forma, os

meus mais que modestos méritos, que V... foi levado a crer que se trata de qualquer foliprafo de valor que as circunstancias e as injustiças do mundo vem trazido ignorado. O caso, porem, não é esse: trata-se, apenas, dum curioso que, com persistente trabalho, desde muito moço, procurou instruir-se e cultivar o espirito, principalmente nos ramos historico-literarios; e que, motivos derivados da profissão levaram-no a estudos de historia militar com fraco exito.

«E aqui vem V... o quasi ignorado publicista a quem generosamente trata por confrade.

«Mas, revertendo ás obras de V...: li com interesse e cuidado especialmente o que trata de Fernão de Albuquerque que é, na verd.ª, um trabalho bem documentado e, como tal, fruto de largas pesquizas que eu avalio bem bem. Tambem, noutros tempos de melhor vista e mais paciencia, enterrei nos arquivos alguns anos de vida. Deliciei-me com o poema de Kalidaça que eu só conhecia de nome e que é formosa peça literaria; ha m.to já, li algumas traduções de outros poemas indianos feitas por Monsenhor Dalgado do qual me lembro muito bem porque frequentou a

a Biblioteca da Universidade de Coimbra certa temporada de há trinta e tantos anos. Muito e muito obrigado pois a V... por me dar a conhecer os seus trabalhos com os quais ganhei de várias formas.

« E peço licença para lembrar um artigo sobre os ossos do grande Albuquerque que por me parecer que da Leitura de pag. 62 e seg.tes do Fernão de Albuquerque, V.. não o conhecerá. Trata-se dum seguro estudo do falecido antropologista e profes.or Ant.º Aurélio da Costa Ferreira, publicado na revista Terra Portuguesa, há muitos anos; como não tenho aqui elementos seguros de informação, não posso senão dizer que a revista se publicou aí por 1913 e anos seguintes, pouco mais ou menos, e que eram seus directores o dr. Virgílio Correia e D. Sebastião Pessanha. A m.ª memoria não dá para mais.

« Renovo os meus agradecim.tos, etc. »

Paz: Mafra.

Agosto: 25.

Veio hoje carta do Reinaldo dos Santos, em resposta á minha de 7 deste mês.

Muito amavelmente, escusa-se á arguição principal para o que o convidámos. Apenas, em nome da Academia

das Belas-Artes, irá dizer duas palavras. Duas palavras, simplesmente...

Ora ele, em Janeiro último, aceitou o convite para a oração principal e pareceu-me lisonjeado. Porque se escusa, agora? Diz que andou pelo norte e por isso só há dias recebeu a m.ª carta; teria ele ido a Coimbra e falado com os seus pares universitários?

Velho impressão vaga de que há muito mistério em tudo isto — e lutar com fantasmas é difícil.

-x-

Vem hoje nos jornais o decreto que reforma o ensino técnico.

Há vinte e tantos anos, o Pires Monteiro, então ministro do Comércio, creou ou ampliou uma escola industrial de modelação e cerâmica, em Lisboa, a que poz o nome de António Augusto Gonçalves e dela foi seu primeiro director o escultor Ant.º da Costa Mota Sobrinho. Veio o 28 de Maio e, em qualquer reforma, passaram a Escola para Estremoz, isto é, deram á escola de Lisboa o nome de António Arroio e á de Estremoz o do Gonçalves — maneira de um dia este nome desaparecer, amavelmente, sem ninguem dar por isso.

Pois veiu agora a ocasião. O Decreto-Lei que reformou, naturalmente de cima a baixo, o ensino Técnico, fez desaparecer o nome de Ant.º Augusto Gonçalves da escola de Lestremôz...

E f.ª acentuar, o mesmo Decreto-Lei creou em Coimbra uma Escola Técnica Elementar, além da de Brotero que continúa a ser Industrial e Commercial. E que la outra nova ficou com o nome de Escola Técnica Elementar de Marcos Pires.

O nome de Antonio Aug.to Gonçalves desappareceu de vez...

- x -

E ainda outro assunto:

Escrevi ao S.r Nogueira Gonçalves dando-lhe parte da recusa do dr. Reinaldo dos Santos. E perguntava-lhe: o que é que haveria de substituir este cavalheiro na vereação politica da Camara? E com certos comentarios acerca da Escola Livre e acerca da reforma do ensino Técnico a que acima me refiro, terminava a epistola: «... e cá vou, neste retiro, pensando "a imaginação e a paciencia com as contrariedades e, por acaso, lendo e meditando, neste momento, o tratado de Fausticidade de Cicero, como infeliz consolação. "Que se ha-de fazer?...» Etc.

As coisas começam a complicar-se. E a m.ª desconfiança relativamente a certas influencias misteriosas vai crescendo.

Ver-se-ha.

Paz. Mafra.

Agosto: 26.

Escrevi tambem ao Costa Rodrigues, de Coimbra acerca do mesmo assunto da carta dirigida ao P.e Nogueira Gonçalves.

Com ~~[illegible]~~ o Costa Rodrigues fui mais franco e peço que me dê ideias. Vamos, porem, a ver se ele as tem...

Agora, o problema é organizar a sessão da Camara.

E' claro que tive que responder ao dr. Reinaldo dos Santos. Agradecia a resposta dele e congratulava-me com a promessa da sua assistencia á sessão... Estas coisas teem de ser assim, bem contra o meu feitio e a m.ª vontade.

Mas, enfim: o Felix Pereira assim recomenda.

Paz: Mafra.

Agosto: 28.

Nos jornais de hoje vem a noticia da morte do professor José Julio Rodrigues, no Brasil, para onde voluntariamente se exi-

lára pela segunda ou terceira vêz. Esta notícia impressionou-me, não pelas relações pessoais que eram muitas mas sim pelas evocações que provocou.

Este José Julio, conheci-o em Coimbra por 1905 anos; morava numa casa ha muito demolida, em frente á farmacia do Castelo. Estudava na Faculd.e de Filosofia em que se formou e era, então, grande apostolo da musica de Wagner da qual tocava trechos em violino com certa compreensão e vibração.

Alto, magro, nervoso, grande falador, tinha sempre largos gestos, mesmo certa exuberancia de vida que o impunham a todos com simpatia.

E' claro que a Briosa, a parte academica das graxes e das patuscadas, troçára-o e muitas vezes o disfrutava, dada a sua natural bondade e alguma ingenuidade. Mas entre os rapazes com tendencias intelectuais era muito estimado, apreciado e até procurado.

Eu frequentei o seu quarto algumas vezes em companhia do Ant.º Aurelio da Costa Ferreira, ouvi-lhe os discursos inflamados contra o atraso da mentalidade portuguesa e ouvi-lhe, tocados com entusiasmo, bastantes trechos wagneria-

nos que ia acompanhando com a respectiva interpretação.

Dr. José Julio Bettencourt Rodrigues

Eu gostava, rapazola como era, avido de conhecer e compreender, desses serões no quarto modesto do largo do Castelo, á luz dum fraco cadeeiro de petroleo; as suas viagens, e certa cultura literaria e musical, dávam relevo ás conversas em que ele dominava sempre e que para mim constituiam regosijo enorme que a m.ª imaginação inquieta aumentava quanto podia.

Depois de formado, o José Julio desapareceu da m.ª vista. Creio que entrou no professorado liceal. Mas não o tornei a ver por m.to tempo.

Proclamada a Republica, houve qualquer mal-entendido que o levou a expatriar-se e foi para o Brasil. Lembro-me de que ele não era, em Coimbra, um conservador, quando estudante; mas fiquei fazendo dele a ideia dum insatisfeito, dum inquieto, dum eterno inconformista. O seu desempoado criterio poderia ter desgosta-

1591

do certos fanáticos e daí o exílio voluntário. Não sei bem o que ~~ocorreu~~ houve; o certo é que, pelo Brasil andou, entre o Rio e Pernambuco, assim como em Portugal percorreu vários e variados liceus.

Parece que tinha doenças deambulatória, constante insatisfação.

Há três ou quatro anos, apareceu em Coimbra, convidado para fazer umas conferências no Instituto. Era, então, professor num liceu do Porto e dedicava-se, com o musicógrafo Armando Leça á recolha da música e danças musicais portuguesas.

Gostei de o ver e fui ouvir as duas conferências. Não lhe falei, segundo o costume; e ele ou me não conheceu já ou me não ligou importância.

As conferências foram m.to interessantes: uma acerca do Brasil, outra sobre a música popular portuguesa, com a colaboração, ao piano, do Armando Leça.

Como tivesse dito ao Dr. Guimarães da Costa Lobo (que o hospedou em sua casa) que ele fôra, noutros tempos, um propagandista da música Wagneriana, que no creio que aquele lhe dissesse, em conversa, qualquer coisa, porque na segunda conferência, ele, como coisa natural, fez

vaga referencia ao facto, e alegou o entusiasmo da mocidade e a turbulencia das primeiras impressões, e disse isto como quem repudiava esse periodo de apreciação musical um pouco exaltada.

Achei graça á allusão, que parecia uma rectificação a qualquer juizo que qualquer dos presentes tivesse a seu respeito.

O que é certo é que morreu. E este aranzel que agui deixo veio a proposito das recordações que me causou a morte do velho entusiasta, com todo o cortejo de considerandos acerca do que é a vida e de como se passáram uns 50 annos (meio seculo!) mais mês menos mês sem que eu veja motivo p.ª me alegrar.

Seriam bons tempos, esses, em q. eu ouvia desvanecido a ~~[illegible]~~ romanza do Tannhäuser tocada no violino pelo José Julio ou a marcha nupcial do Lohengrin? Este habito de dizer «bons tempos» aos tempos da mocidade, terá, no meu caso, fundamento? Duvido muito. Realmente, tempos de menos encargos, de despreocupações — mas não sei se de mais alguma coisa.

Pobre José Julio! Insatisfeito, espirito requintado, temperamento de artista que nunca se fixou em qualquer forma de ar-

te, viveu sempre em busca de qualquer coisa melhor — que creio nunca encontrou. Isto é: encontrou agora.

A Morte encarregou-se de lhe sossegar o espirito e de lhe encontrar o perfeito equilibrio.

Paz: Mafra.

Setembro: 1.

Recebi hoje cartas do P.e Nogueira Gonçalves e do Costa Rodrigues, respostas ás m.as ultimas.

Este faz considerações literarias e deixa certos conceitos curiosos, mas não passa disto. O outro, o Padre, tambem faz alguns considerandos mas é mais positivo pois entende que não devemos desanimar e que, para substituir o Reinaldo dos Santos, temos o Costa Rodrigues que pela sua categoria social e pela sua forma correcta de escrever, poderia, de certo modo, preencher a falta.

Eu já tinha pensado nisso e quero crer que os colegas da comissão aceitarão de bom grado o remendo. Por muito que se considere o Costa Rodrigues pessoa capaz de fazer uma conferencia em termos, a verdade é que não tem o nome ou o prestigio do Reinaldo dos Santos.

Enfim, adeante. Teremos que nos contentar com a prata da casa.

Paz: Mafra.

Setembro: 3.

No ult.º numero de O Despertar hoje chegado aqui (n.º 3178 de 1 do corrente) vem uma pequena cronica assinada por Jota Elle que creio ser um José Lemos do bairro de S.ta Clara. Nessa cronica ataca a necessid.e de Coimbra ter uma sala para exposições e lembra a Torre de Almedina onde esteve a Escola Livre, actualmente em obras e entregue á direcção dos Monumentos.

O autor põe a questão de maneira amavel, sem parecer levar segundo sentido. Mas eu ando tão desconfiado...

O recorte fica no final do volume, a pag. 404, para lembrança e... para a historia da Escola.

Paz: Mafra.

Setembro: 4

O n.º 8 da Revista Militar chegado hoje aqui, traz uma novidade curiosa que eu não sei como explicar.

O fasciculo é dedicado ao centenario da restauração de Angola e traz varios

artigos relativos aos sucessos do tempo. O da abertura é do Norton de Matos e segue-se outro do almirante Botelho de Sousa que termina a meio da pagina 449; mais para preenchimento do resto da pagina, veio uma frase de «El-Rei D. Carlos» pronunciada em 1907 na recepção do Alves Roçadas, frase banal, sem intenção sarcástica.

Porque veio esta inovação?

Segue-se outro artigo muito pequeno que termina no prim.º terço da pagina 451, da autoria dum capitão hoje governador de Timor; mais uma vez para preencher os outros dois terços da pagina, novas tiradas do mesmo «El-Rei D. Carlos» sem qualquer valor ou conceito.

Que diabo de mosca morderia o Pires Monteiro? Porque é que se inaugurou o sistema de ir procurar frases que nada valem e apenas teem, para chamar a atenção, o serem dum rei?

A Revista Militar infileira agora ao lado dos que afregôam que D. Carlos foi, de facto, «um grande rei?»

Será apenas amabilidade para com o Estado Novo?

Mal vamos por tal caminho

Paz: Mafra:

Setembro: 12

Escrevi ao P.e Nogueira Gonçalves em resposta á ultima dele. Dizia-lhe que concordava com o alvitre e, nesse sentido, ia escrever ao Costa Rodrigues.

Paz: Mafra:

Setembro: 13

Os jornais de Coimbra deram-me a noticia da morte do meu antigo sargento José Simões de Oliveira mais conhecido na guarnição pelo «Sargento Simões.» A Gazeta de Coimbra trouxe, até, a noticia que deixo em recorte [1], noticia de certo relevo que parece caso raro por se tratar de um simples e obscuro sargento.

E contudo, quem deu e escreveu a noticia praticou um belo acto de pura justiça.

Bom sargento Simões!

Conheci-o em 1903 quando fui, como aspirante, para o regimento de Inf.a n.º 23. Era ele 2.º sargento muito recente e já nessa altura, como sargento do pelotão de sapadores, se distinguia pela sua correcção, lealdade e honradez.

---

[1] No final do vol.º, a pag. 404.

Quando rentou praça era um pobre pedreiro analfabeto; e pela sua tenacidade conseguiu um pouco aprender a ler e escrever; concorreu a cabo e de tal forma se impoz, que se lhe facilitou a promoção a 2º sargento, querido por todos, respeitado e apreciado por todos, sempre preferido p.º casos de confiança e apontado, como diz a noticia, como exemplo de probidade e lealdade.

Honrado e bom Simões!

Não era intelipente; a sua rudeza rural não o deixava ser mundano nem pessoeiro; mas talvez isso mesmo o fizesse o correcto sargento que se não misturava com os maus, o mantinha afastado de igrejinhas e questiuncolas e o impunham como o verdad.º modelo de honestidade e correcção.

Na sua modestia de iletrado, possuia um bom senso fóra do vulgar que o tornava admiravel companheiro no serviço e seguro auxiliar em tudo de que se encarregava.

Isto não é exagero! é simples justiça que me foi provocada pela noticia que hoje li e me impressionou. Eu muito q.º andava com vontade de o ir ver a Cintas onde morava ha cerca de uns 30 anos,

desde que foi nomeado sargento da Carreira de Tiro; mas o adiamento do meu desejo deu isto: lastimar agora o não o tornar a ver, ao Polire Simões que era meu amigo a valer.

Quando fui nomeado director da Carreira, em 1923, já ele lá estava. Estava então casado e dedicava á Carreira o mesmo cuidado e interesse que dedicava á sua casa. A administração desse estabelecimento era um modelo, especialmente no rancho dos soldados feito com escrupulo inexcedivel.

Depositava-se no Simões a maior confiança e com razão. Quando recebeu a medalha de oiro de comportamento exemplar e na ordem regimental foi dado conhecimento, eu e o José M.ª Carrêa Cardoso que era o sub-director, resolvêmos dar-lhe a medalha em oiro e entregar-lha com solemidade. Com ausiosia na solemidade que era a melhor maneira de se homenagear o homem; e fizemos o programa que verdadeiramente me aqueceu já. Com as economias particulares da Carreira compramos a medalha de oiro maciso que, se me não engano, orçou por mil seiscentos escudos (600$00) — quantia que para o tempo era importante.

1597

Porem, a m.ª saída da Carreira, susteve a festança; o Correia Cardoso guardou a medalha, á espera; o general Gomes de Sousa que depois comandou a Região não concordou com a solenidade que iria rebaixar as suas estrelas prestando homenagem a um sargento. Até que o Correia Cardoso, um dia, foi ter comigo para resolver o problema e se a memoria me não falha, resolveu-se entregar, particularm.te, a medalha e dizer-lhe o motivo por que se fazia assim.

O Simões ficou sensibilisado. Apareceu-me em casa, modestamente, a agradecer a m.ª parte e, exactamente por essa altura, qualquer reforma que tocou com os sargentos, fez com que ele, pela sua edade, tivesse de sair da Carreira e fosse reformado.

Meteu-se, definitivamente, em Eiras, passou a andar á paisana, fez-se lavrador. Viu aparecer os netos e na sua obscuridade foi vivendo e morreu, de certo, tranquilamente.

Bom e honrado Simões! Acontecente o que acontece muito neste alegre País: eras bom, honrado, dedicado e leal; apreciavam-te, é certo, mais pela tua utilidade do que por imposição de consciencia

ou por justiça; mas enfim apreciávam-te enquanto servias p.ª alguma coisa; meteste-te em Eiras, desapareceste — ninguem mais se lembrou...

Eu mesmo, se meter a mão na consciencia, devo sentir-me culpado. Ha já anos que o não via e sempre com vontade de o ir ver.

Enfim, acabou-se. Já não servia para nada. O enterro seria concorrido pela gente de Eiras. Quem é que se incomodaria a ir de Coimbra até á aldeia?

Bom Simões, coitado.

Paz: Mafra

Setembro: 19

O meu cartão para a familia do sarg.º Simões de Oliveira, unica manifestação que daqui poderia ter, mereceu resposta rapida que, pela forma inpénua merece ser registada.

O cartão de resposta diz assim:

«Afonso Simões de Oliveira / (Filho mais novo) /» — E no verso: — «Eiras, 16 — Set.º — 48 / A Familia do 1.º sargento / Simões agradece e deseja / muito / Saúde e Felicidades / (Nunca esquecido).»

Aqui fica para lembrança. Esta frase final «nunca esquecido» entre parêntesis, não sei bem a quem se refére: se a mim, na lembrança da familia, se ao morto que, p.ª os filhos deve ser sempre lembrado.

Este bilhete, verdadeiram.te, comovem-me. Aqui fica p.ª lembrança minha; para os outros... que importancia terá o cartão e a memoria do sarg.to Simões?

Paz: Mafra.

Setembro: 25.

Carta ao Pires Monteiro. Estive, depois de escrita, p.ª a não mandar. Melindrar-se-a com o final?

Aqui fica o final que vai escrito com certo bom humôr:

«... Recebi o n.º 8 da Revista; de maneira geral, poderei classifica-lo de modesto em relação aos sucessos cujo centenario quiz celebrar. Mas, enfim, não envergonha. Pena foi que o Norton não fizesse coisa maior, com considerandos de mais ampleitude.

«O que estranhei (e com franqueza lho digo) foi a inclusão de frases do rei D. Carlos como padrão de conceitos ou de

elevação de ideias, quando, afinal, as frases transcritas são mais do que banais e ditas e reditas como lugares comuns; e ainda o autor, a meu ver, não é criatura de especial autoridade p.ª modelo do que quer que seja.

«Não seja visto qualquer tolice de velho republicano; mas é que eu não considero D. Carlos com categoria p.ª ser citado nesses quadrinhos onde só devem figurar nomes de gente que deu provas de saber, de caracter e de bom senso. E demais, que Diabo!...

— Viva a Republica!

E com esta não estufo mais. Creia-me sempre, etc.»

1598 v°

O Pires Monteiro não vai gostar do requerimento. Mas tenha paciencia. Também eu não gosto de muita coisa.

Eu já, atraz, me referi a este caso. A importancia não é de maior, mas sempre é bom ir lembrando.

E vamos a ver como ele explica este «grande e horrivel crime.» de ha vinte. Foi ele quem teve a ideia bem infeliz da citação de tais frases.

E mais nada.

Paz: Mafra.

Fevereiro: 26.

Recebi hoje o nº. 3185 de O Despertar, de Coimbra, que na secção semanal "Esquina de Saudade", do Octaviano de Sá, traz um parágrafo alusivo à Escola Livre. Guardo-o p.ª a história, no final do volume.(1) Fala-se num protesto do Alberino Marques serralheiro artista contra o abandono da dita Escola e o autor da secção pergunta-se em saúde e não trata muito bem o protestante.

Esperêmos pela Gazeta onde naturalmente virá o protesto; mas o mais interessante é ver a solicitude com que o ilustre Octaviano, presidente (!!!...) da Escola Livre vem em auxílio da mesma, mas de maneira dúbia, incerta. Fica-se sem saber se realmente a Câmara dá ou não dá a Sotta de Almedina para a Sociedade de Defesa e Propaganda.

O Tempo dirá e ficarêmos então a saber qual o estôfo destes cavalheiros. E eu continuo a dizer que aqui anda mancolina do Madaíl.

Pode ser que não, mas pode ser q. sim. O Madaíl é capaz de nos comer a todos...

---

(1) A pag. 405.

Paz: Mafra.

Fevereiro: 30.

O Pires Monteiro escreveu... Acerca das frases do D. Carlos a que me referi já umas duas veres, dou-me a impressão de que se doeu. Fala-me em tolerancia, no facto de as frazes serem dirijidas a pol dados de Africa e... confessa que foi ele quem as escolheu.

Fiquei arrependido e com pena de o molestar mas, enfim, a minha piada lá ficou e as razões não me convenceram. E' natural que o caso se não repita.

O Pires Monteiro tem ás veres certos criterios que me parecem infantis, duma simplicidade que me surpreende.

Bondade? Pouca visão? Fraca clareza de intelijencia?

Agora tenho que dar a m.ª opinião sobre o In Memoriam do Sebastião para a nota bibliografica da Revista. (1). Ainda não pensei nisso mas oxalá não vá eu ter qualquer aborrecimento. Não tenho, porem, coragem para recusar a solicitação que me foi feita tão amavelmente.

---

(1) In memoriam. 1º. centenario do nascimento do Gal Sebastião C. de Sousa Teles.

Suplemento:

De pag. 327

— Tenho para mim como certo que a eficiência e prestígio do Exército condenam a intromissão da força armada na vida política da Nação. Mas se elementos, quer internos, quer vindos do exterior, procurassem anular o prosseguimento de uma obra que só cegos de espírito não querem ver e tentassem deter o prosseguimento dessa obra, ninguém poderia estranhar que o Exército agisse novamente para que não se perdesse o trabalho efectuado e não se voltasse à balbúrdia administrativa que há cerca de quase um século imperava à data do 28 de Maio.

E dessa forma procederia sem delongas, porque o Exército é a Nação e esta, que existe há oito séculos, quer viver altiva e independente enquanto o mundo for mundo.

— x —

De pag. 327

Recorde-se ainda que, quando Hitler invadiu e ocupou a Austria, governada por um regime-demo-cristão, dirigido por Dolfuss e, depois do assassinato deste, por Suschnigg, ergueu-se a voz do cardeal Inztner, arcebispo de Viena, para dizer aos austríacos: «Recebei os alemães como vossos irmãos de sangue».

Para proceder ao desmembramento da Checoslováquia, teve Hitler dois auxiliares valiosos: Monsenhor Hacha e Monsenhor Valosin. Mas Adolfo Hitler, que fora levado ao poder pela mão amiga de von Papen, um membro dos mais categorizados do partido católico alemão, não soube reconhecer a generosidade e perseguiu a Igreja e o mundo católico.

Se a Igreja, pelo seu carácter universal, que lhe impõe o reconhecimento das situações de facto, teve que usar de tão larga generosidade para com o nazismo, no mundo católico leigo erguia-se o pendão da revolta contra o despotismo nazi.

O Centro Católico de Paris, sob a direcção de Monsenhor Suhard, transformara-se num centro de combate às novas ideologias bárbaras.

O Partido Popular (católico) da França, chefiado pelo sr. Champetier de Ribes, enfileirou na primeira linha de combate contra o nazismo, em que se distinguiu um dos seus membros mais categorizados, o sr. Bidault, pelos seus editoriais em «L'Aube».

— x —

402

De pag. 341.

...SPORTOS

Bancada Central

Sector C

PAR

C. M. L

Pavilhão dos Desportos

-1. JUN. 1948

BANCADA CENTRAL 20$00

Entrada-Porta 6 (PAR)

Sector C **Fila G** **N.º** 30

Da pag. 364

A PROPOSITO DOS VOTOS DO CONGRESSO BEIRÃO

O PRIMEIRO *LIVRO* IMPRESSO EM VERNÁCULO

Do nosso prezado amigo e ilustre historiador prof. dr. Queirós Veloso, presidente da Comissão de Bibliografia Geral Portuguesa, recebemos a seguinte carta:

«Acabo de ler, no «Diario de Noticias» de hoje, que o VIII Congresso Beirão resolveu colocar uma lápida no paço do bispo da Guarda, «D. João Manuel, filho de El-Rei D. Duarte, onde, pela primeira vez, se imprimiu em vernáculo, em 13 de Outubro de 1461».

A Academia das Ciencias de Lisboa publicou, em 1941, o 1.º volume da *Bibliografia Geral Portuguesa (Seculo XV)*, obra recebida em Portugal e no estrangeiro com os maiores louvores, da qual consta o seguinte:

a) O primeiro livro impresso em vernáculo foi a célebre *Vita Christi*, impressa em Lisboa, de 14 de Maio a 20 de Novembro de 1495, pela parceria Nicolau da Saxónia — Valentim de Morávia.

b) Durante o século XV não houve na Guarda nenhuma oficina de impressão. Houve-as apenas em Faro, Lisboa, Leiria, Braga e Porto.

c) O mais antigo incunábulo português é o *Pentateuco* hebraico, acabado de imprimir em Faro, a 30 de Junho de 1487. O mais antigo incunábulo espanhol parece ser de 1474. Em toda a Peninsula, a data de 1461 é pura fantasia.

A proposito, direi ainda que não há nenhuma prova decisiva de que D. João Manuel, bispo da Guarda, fosse filho bastardo do austero rei D. Duarte».

Do Diario de Noticias de 1 de Agosto de 1948

×

De pag. 370.

O PRIMEIRO LIVRO

impresso em vernaculo

Do sr. dr. Alberto Dinis da Fonseca, presidente da Camara Municipal da Guarda, recebemos uma carta, em resposta á que o sr. dr. Queirós Veloso aqui publicou em 1 do corrente, contestando que na Guarda, pela primeira vez, se imprimisse em vernaculo. Mostrámos esta carta ao sr. dr. Queirós Veloso, que nos declarou o seguinte:

«O sr. dr Alberto Dinis da Fonseca diz que «ninguem falou em livro impresso», mas numa Carta Executoria de D. João Manuel, bispo da Guarda, citada pelo dr. Ribeiro dos Santos. O proprio dr. Ribeiro dos Santos considera, porém, que a palavra «impresso» se refere ao selo e não á carta. O que posso afirmar ao sr. presidente da camara da Guarda é que em 1461, não havia, tanto em Portugal como em Espanha, nenhuma oficina tipografica para livros ou para cartas».

E o «Diario de Noticias» põe desta forma ponto final no assunto.

De pag. 389.

Os meus postais

Coimbra — sacrário de Arte

. . . . . .

Fundou-se há muitos anos em Coimbra a Escola Livre das Artes de Desenho, onde aprenderam os seus primeiros ensinamentos de Arte tantos dos artistas que não residem nesta cidade, abalando para outras terras, onde tiveram, talvez, mais sorte, e sejam auxiliados, o que não seriam na sua terra natal, tão ingrata para os naturais

Mas este instituto de educação artistica, passados anos após a sua fundação, tem passado uma vida, pode dizer se, quase abandonada. Poder-se-ia, pois, aproveitar essa casa, para nela se instalar uma exposição permanente de tantos trabalhos aqui executados, e cujos idealizadores se vêem na contingência de os expôr nos diversos estabelecimentos e muitas vezes para o reclamo que o assun o merece Mas não. Prefere se ter fechada a Escola Livre do que aproveita-la, quanto mais não seja, para tornar conhecidas do público as obras dos nossos artistas

. . . . . .

— × —

De pag. 391.

José Simões de Oliveira

EIRAS, 2 — Com 73 anos de idade, faleceu ontem nesta antiga vila, José Simões de Oliveira, 1.º sargento do exército (reformado), natural da freguesia de Ventosa, (Mealhada).

O extinto, que foi um bondoso chefe de família, era muito considerado nesta localidade, onde residia há dezenas de anos, pelo seu trato afável, delicado e digno.

Militar disciplinado, leal, correcto e trabalhador, elevou-se pela sua força de vontade e pelo seu esforço, pois que, quando em 1894 foi alistado no 1.º batalhão do Regimento de Infantaria n.º 23, não possuia nenhumas habilitações literárias.

Era condecorado com as medalhas de cobre e de ouro da classe de comportamento exemplar e teve vários louvores, um dos quais bastante elogioso, no dia em que completou 30 anos de serviço militar, pois que nele se declara nunca ter tido nota alguma disciplinar, é classificado de auxiliar valioso e de confiança, é declarado como digno de ser apresentado ao exemplo e consideração dos seus camaradas, se lhe afirma elevado apreço, consideração e estima de todos os oficiais com quem serviu.

Prestou serviço bastante tempo na Carreira da Guarnição, o que lhe mereceu louvor, onde consta que serviu com inexcedível zelo, dedicação e honradez.

A sua morte foi muito sentida por todos os que com ele privaram, sentimento que a larga concorrência ao seu funeral, hoje realizado para o cemitério desta freguesia, bem patenteou.

A' família enlutada as nossas condolências. — C.

405

De pag. 398.

Um protesto

O distinto artista do ferro, sr. Albertino Marques, com os seus méritos, sem dúvida, que alcançou certa categoria, honrando muito a classe a que pertence Muito embora não seja associado da Escola Livre das Artes do Desenho, impressionou o vivamente o facto duma resolução camarária que poderia prejudicar aquela colectividade, e veio à Imprensa local manifestar o seu protesto.

Com absoluta razão?

Talvez no caso exista um simples equivoco

O edificio da Torre de Almedina tem dois pavimentos No primeiro funcionou durante algum tempo a Universidade Livre. Esse já não pertence, há muito, à Escola Livre das Artes do Desenho. Está sem destino próprio.

No pavimento superior funciona e funcionará aquela Escola de honrosas tradições. Aguarda sòmente que as obras de conservação entregues à repartição dos edificios e monumentos nacionais, se concluam

Isto já foi motivo de troca de ofícios entre a direcção daquela Escola e aquela repartição, documentos publicados no periodico local «Gazeta de Coimbra».

Por consequencia, em caso algum, a Camara poderia fazer cedencia, ainda que provisória, à Sociedade de Defesa e Propaganda, dum pavimento em obras, e além desta razão, ocupado por uma agremiação com existencia legal

Os receios do sr. Albertino Marques, são simpaticos, mas não passam de falso alarme, por que não é de querer que o presidente da Câmara Municipal, sr. dr. Sá de Oliveira, nem o presidente da S. D. e Propaganda, sr. dr. Fernandes Martins, tivessem o propósito de inutilizar uma agremisção que honra Coimbra e os seus Artistas, como é a Escola Livre das Artes do Desenho.

E nem a sua direcção, aguardando que lhe seja restituido pela repartição dos Edificios e Monumentos Nacionais, o pavimento desocupado unicamente para obras, deixaria passar em claro qualquer manifesto atentado à continuidade duma obra com raízes profundas nos artistas desta terra.

Indices

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

I

Anos:

1944: Janeiro a Dez.bro 1 a 38
1945: " " " 39 a 110
1946: " " " 111 a 183
1947: " " " 184 a 274
1948: " a Set.bro 275 a 399.

———— <> ————

II

Nomes proprios

Abreu {José Antunes Marques de}: 360
Acácio {Carneiro}: 94, 95 e 105
Albuquerque {Afonso de}: 380
" {Fernão de}: 379-380
" {Matias de}: 7-9, 10-13, 76 a 142-143.
Almeida {Alvares de}: Vide Montemór
" {Lourenço Chaves}: 17, 28-30, 39-40, 66-69, 77-81, 117-122, 128-132, 150-152, 157, 160-162, 173, 189-190,

192, 194, 198-199, 200, 207, 223-26, 232-236, 237, 238-239, 273, 294, 302-303, 305, 316-318, 346-350, 357-358, 369 e 377.

Almeida (Dr. Lucio de): 325
" (Dr. M.el Lopes de): 209, 291 e 371-72
" (Raul Agostinho de): 259-261
" (Dr. Vieira de): 135.
Alves (P.e Franc.o Manuel): vide Baçal
" (Professor Lima): 96
Amaral (Diamantino Antunes do): 221-222
Amaro (Ernesto Gonçalves): 307-309
Amélia (D.), rainha: 72
Andrade (Dr. Manuel de): 325.
Antunes (D. Antonio), bispo: 362-363
Aprá (Comand.te): 37
Araujo (M.el Gomes de): 352 e 355.
Arnoso (Conde de): 340
Aurélio (Marco): 135.
Austria (D. João de): 253, 254-255
Baçal (Abade do): 264 e 270-272
Barata (José), canteiro: 130
Barradas (Liborio): 266-270
Barreiros (Velez): 170
Barrés (Maurice): 374
Barreto (Dr. Fernando Bissaia): 309-310
Barros (Dr. João de): 336-338
" (Leitão de): 163-164
Basto (Artur de Magalhães): 42

Basto {Dr. Claudio}: 211
" {D. Herminia}: 211
Batalhão {Dr. Carlos}: 23
Beethoveen: 341
Beja {Bispo de): ver Dias {D. José}
Belo {Comandante}: 283
Berin, ministro inglês: 99 e 125
Bonnard {Sylvestre}: 65 e 79
Borges {Gal Fernando}: 31
Borodine, musico russo: 341
Botelho {Gal José Justino Teixeira}: 27, 158, 159, 284, 312 e 344.
Bourget {Paul}: 141.
Bourmont, marechal: 169-170
Braga {Alberto Vieira}: 202-203, 345-346 e 376.
Braga {Arcebispo de} em 1946: 125-126
Braudão {Dr. Mario}: 291
Braz {Henrique}: 138-139.
Brotero {Felix do Avelar}: 35.
Cabral {Paiva de Miranda}: 216.
Câmara {Leal da}: 363.
Camões {D. Dionisia}: 210-211.
Campos {Mal Baeta de}: 92 e 103-105
Cardoso {Joaquim}, livreiro: 166-167, 187-188, 191 e 221.
" {José Maria}: 53-54
" {" " Correia}: 393-394.
" {Mario}: 154-155 e 250-252.

Carlos I (Dom): 320, 396-397 e 398
Carmona {Ant.º Oscar Figueiredo}: 96, 185-187, 231-232, 331, 343-345 e 353-354.
Carvalho {Dr. Alberto Martins de}: 92-93 e 103-105.
" {Dr. Alfredo de), Prof.ª: 42-43.
" {Dr. Anselmo Ferraz de}: 76-77, 79, 92, 109, 116-118 e 325.
" {g.al Francº. Aug.º Martins de}: 217 e 219.
" {Dr. Joaquim de}: 127, 135, 159-160, 165-166, 217 e 325.
" {Dr. Joaquim Martins Teixeira de): 16, 64 e 221.
Casimiro {Augusto}: 163-164 e 255-257
Castro {Alvaro de): 329.
" {Baltazar de}: 235
" {Domingos João de}: 7-9, 14, 43-44, 48-49 e 75-76
" {Augusto de): 32-33
Cerejeira {Manuel Gonçalves}, Cardeal: 71, 101, 102, 145-146 e 155.
Churchil {Wiston}: 125.
Cicero: 374 e 382
Cidade {Herculano): 286
Coelho {Dr. Posidonio Laranjo): 113-115 e 264
Correia {Dr. Maximino}: 225-227, 235-236, 295, 296-297, 300-302, 316-317, 348, 365-366
Correia {Dr. Vergilio}: 15-19, 25-26, 52-53,

63-66, 180 e 380.
Costa (Cel Eduardo), de E. M.: 228-229
" (Fernando dos Santos): 30-31, 56, 112, 124, 187, 204, 240, 292-293, 330, 333-334, 343-344, 345, 352 e 355.
" (Dr. Ferreira da Costa): 90-91 e 98.
Couto (Dr. João Rodrigues do S.): 117-118, 121, 130, 132, 273-274, 294, 381, 318, 347-350 e 373.
Coureur (Engenh.º Raul da Costa): 300, 317
Coutinho (Gal Fernando Per.ª): 186-187 e 273.
Cruz (António), Lic.do Letras: 297.
Cunha (Ant.º Luis da): oficial Inf.: 216.
Curto (Amilcar Ramada): 324.
Dalgado (Monsenhor Rodolfo): 379-380.
Daudet (Alphonse): 291.
Dantas (Julio): 337.
Descartes: 165.
Dias (Henrique de Carv.º): 188-189.
" (Dr. Jaime Lopes): 368
" (Dr. João Pereira): 227, 236, 295-297, 318, 348-349, 361 e 367
" (D. José do Patrocinio): 69, 137.
Dionisio (Dr. Santana): 75.
Donato (José Ernesto Marques): 291.
Duque (Dr. Mario Soares): 50
Eduardo VII, rei de Inglaterra: 340.
Estalina: 73 a 75.
Esteves (Gal Raul): 263 e 356-357.

Feio, alfaiate, de Coimbra : 59
Felipe (Guilherme), pintor : 100.
Fernando (Dom), II, rei : 336 e 340
Ferreira (Ant.º Aurelio da Costa) : 380 e 384.
Ferro (Antonio) : 34.
Figueiredo (Dr. Ant.º Marques de) : 375-376.
" (Dr. " Moreira de) : 265-266
" (Cristovão Moreira de) : 266 e 268.
" (Fidelino de) : 63.
" (Dr. José' de) : 16.
Fonseca (Alvaro da) : arquitecto : 52.
" (Nicolau da) : 295
" (Tomás da) : 86 e 177.
Fontes (Ant.ª Maria) Pereira de Melo : 290.
França (Salvador Pinto da) : 205-207, 208, 231-232, 319-321 e 333.
France (Anatole) : 65 e 79.
Frazão (Mario de Mendonça) : 82-86.
Freire (Luciano) : 17.
Freitas (Adolfo de) : 24-26, 28-30, 174 e 358.
Garrett (Almeida) : 217.
Garrett (Ortega y) : 374.
Girão (Dr. Aristides de Amorim) : 23-24 e 212.
Godinho (G.al José Garcia Marques) : 292-293.
Gonçalves (Antonio), Lisboeiro : 41 e 342.
" (Dr. Ant.º Anastacio) : 183.
" (Ant.º Augusto) : 6, 16-18, 24-26, 29-30, 70, 76-77, 77, 192-194, 221, e 277-280.

Gonçalves (Ant.º Augusto): Homenagem de "O Instituto": 76-77, 77, 78-81, 115-121 e 177.
" (Ant.º Augusto): Centenario: 120-122, 122-123, 128-132, 138, 171-182, 182, 187-191, 194-196, 200-201, 213-214, 218, 223-227, 232-241, 272-273, 273-274, 276-280, 294-297, 299-303, 305-307, 310, 315-318, 328, 346-350, 357-362, 364-371, 373-374, 380, 382, 383 e 388.
" (P.e Antonio Nogueira): 52-53, 117, 128-132, 177, 179-181, 189, 190, 194, 198-200, 207, 213-214, 223-226, 235-236, 241, 272-273, 295, 300, 346-350, 357-358, [illegible], 358-362, 374 bis, 382, 388 e 391.
" (Dr. Caetano): 338
" (Fausto), Pintor: 116, 117, 118 e 120
" (Dr. Franc.º Rebelo): 204, 209, 212, 214-215, 219, 275-276, 282, 286 e 325.
" (Dona Libania): 178.
Gouveia (Dr.) Advogado em Lisboa: 267.
Guerreiro (Ant.º Monteira): 23.
Haydn: 329.
Heitorsinho: 150-151.
Herculano (Alexandre): 68.
Horacio: 254.
Hübner: 250-251 e 375.
Inens (Duarte): carl: 207.

Jacinto [Dr. Diniz]: 93, 103-105
Jangueiro [Guerra]: 377
Kalidaça, poeta indiano: 379.
Kock [Paulo de]: 256
Lacerda [Adrião de]: 63-66, 79, 117, 118 e 130.
Lamauche [André]: 135.
Leal [dr. Apolinario José]: 197-198.
" [Augusto de Azevedo Pinto]: 200
Lega [Armando] musicografo: 386.
Leibnitz: 159, 166-166.
Leirão [Joaquim]: 338.
Lemos [Alvaro Viana de]: 128-132, 174, 189, 190-191, 200, 223-226, 235, 294-296, 300-301, 316-318, 346-350, 358-362, 368 e 373-374.
" [Dr. Lamberto de]: 295, 300.
" [José]: operario: 389
Lima [Dna Mª de Sousa]: 313-315.
" [Henrique Ferreira]: 50-51, 171, 183, 195, 216-218 e 219-220.
" [Mª Heleno de Sousa]: 321-323 e 331.
" [Dr. Pires de]: ministro: 209.
" [Dr. Silvio]: 325.
" [Dona Vera de]: 130, 239, 301 e 347-348.
Lobato [Gervasio]: 256.
Lobo [Dr. Fausto Ferreira]: 23
" [Dr. Franc.º Miranda da Costa]: 3-5 e 49.
" [Dr. Gumersindo da Costa]: 1-3, 107, 118, 128-132, 190-193, 225, 226, 235-236,

294-296, 300, 301-302, 316-318, 346-350
358-362, 364-367 e 386.
Lopes (Fernão): 55-56 (nota); 77 e 229.
" (João), capitão: 72 e 144-146.
" (Joaquim), Professor: 349-350 e 359.
" (Joviano): oficial do ex.ro: 112
Loureiro (Dr. José Pinto): 174, 223-224 e 235.
" (Dr. Fernando Pinto): 243.
Macedo (Armando): 93-95.
" (D. Luís de Sousa de): 73 e 330.
Machado (Bernardino): 31.
" (Fernando Paio Pelas de Vera): 153
" (João), Pai: 130, 191 e 221.
" (João), Filho: 81, 128-132, 190-191,
223-226, 235-236, 238-239, 294, 300-
301, 316-318, 328, 346-350 e 358-362.
Madail (Ant.º Garcia da Rocha): 7, 19, 130,
138, 172-182, 182, 189-196, 198-199,
200-201, 207, 213-214, 218, 224-225,
232-234, 237-238, 238, 261-262, 272-
273, 291, 302-303, 317-318, 357-358,
358, 361, 369, 374-375 e 398.
Madureira (Joaquim de): 130 e 171.
Maia (Fernando da Costa), major: 200.
Mauss (Dr. Joaquim): 337-338.
Mantã (Abel): 329.
Manteiro (Henrique): 347 e 366-367.
Manuel (D. Sancho): 255.
Marques (Alberino): ferreiro: 166-167 e 398.

Martins {Alfredo Fernandes}, Pai : 19, 20, 116, 117, 118, 120, 173, 174, 177, 181, 182, 190-192, 194, 195-196, 200-201 e 375.
" {Franc.° José da Rocha} : 100, 334-336, 338-340 e 340
" {Joaq.m Pedro de Oliveira} : 229.
" {José Frederico Ferreira} : 342 e 378-380.
Matos {Franc.° da Cunha} : 328.
" {General Norton de} : 229 e 320.
Maurais {André} : 323.
Mayer {D. Genoveva de Lima} : Vide Vava de Lima.
Meira {Alberto} : 130, 301, 349.
Melo {D. Franc.° Manuel de} : 56 e 220
" {Guilherme de} : medico : 263.
Mendes {Fradique} : 267 e 268.
Merêa {Dr. Manuel Paulo} : 368.
Miranda {Franc.° de Sá de} : 66
" {Raul de} : 29.
Mithridates : 299.
Molder & C.ª : 317, 346-347, 360 e 365-367.
Moniz {Coronel Botelho} : 96.
Mousinho {Alberto} : 65.
Montaigne : 256
Monteiro {Henrique Pires} : 10-14, 24, 26-27, 33-35, 36, 37-38, 47-49, 50-52, 124-127, 132-137, 140-150, 153-154, 158-160, 162-163, 164-166, 185, 186, 195, 207, 216-217, 220,

228-230, 242, 244-247, 262-263, 282,
289-290, 297-299, 311-313, 318-321, 333,
351-352, 381, 390, 390, 396-397 e 398.
Monteiro {Dr. Manuel}: 44-45, 118, 130, 132, 303,
305-307, 310 e 317.
Montemór {Nuno de}: 137 e 149-150.
Moreira {Francº de Almeida}: 232-233.
" {João Baptª de Matos}: 200
Morna {Alvaro}, oficial de marinha: 70
Mota {Genº Anibal}: 186.
" {Antº da Costa}, Bolinho: 79, 116, 117,
118, 121, 122-123, 130, 131, 132, 329, 347,
360, 368-369 e 381.
" {Dr. José Gomes}, Profor: 268.
Moura {Dr. Eliseu de}: 249-250.
Namorado {Abílio de Moura}: 55-62
" {dr. Joaquim}: 224.
Nazaré {Candido}: 130.
Oliveira {Dr. Alberto Sá}: 296, 300, 302-303
e 316-317.
" {Eduardo da Cunha}: 196-197, 253-
254, 352-355.
" {Sargº José Simões de}: Vide Simões
Ortigão {J. D. Ramalho}: 178-179 e 224.
Pacheco {Dr. Carneiro}: 114-115.
Pagnol {Marcel}: 323 e 324.
Pais {Armando da Sª}: 9.
Passos {Alvº da Silva}: 330-331 e 353-354.

Pedro {Manuel} de Jesus : 130.
Pegado {Cesar de Sousa} : 272.
Pereira {Nun'alvares} : 55-56, 163-164 e 228-29.
Peres {Dr. Damião} : 297, 367 e 368.
Pessanha {D. Sebastião} : 380
Pimenta {José Augusto} : 9.
" {Rafael} : 9 e 217.
" {D. Mª Susana} : 216.
Pina {Dr. Luis de} : 71.
Pinheiro {Dr. Fernando} : 183-184.
Pinto {Alvaro}, editor : 152 e 286-288.
" {Augusto Carn.º da Silva} : 221.
Pires {Enrico Sampaio Saturio} : 167-171.
" {Dr. José Cupertino de Oliv.ª} : 232-234.
Ponte {Dr. José Nunes da} : 200.
Portela {Cor.el Lelo} : 100 e 327.
Queiroz {J. Mª de Eça de} : 260, 267 e 268.
" {Franc.º Teixeira de} : 336-338.
Quental {Antero do} : 12.
Quintela {Dr. Paulo} : 325.
Rafoso {Hipolito} : 64-65.
Rebocho {Brigad. ...} : 170-171.
Redol {Alves} : 374.
Reis {Luis da Camara} : 6, 32, 155-157 e 198.
Ribeiro {Aquilino} : 266-270
" {Holder} : 141-143.
" {Luis da Silva} : 139-140 e 313.
" {Dr. Teixeira} : 325.
Rocha {Emp.º Viana da} : 328 e 349.

Rodrigues {Agapito Pedroso}: 40-41
" {Ant.º das Neves}: 92, 98 e 103-105.
" { " Luis da Costa}: 79, 117-119, 128-132, 171, 174, 190, 223-226, 235-236, 238-239, 294-295, 346-350, 383, 388.
" {José Julio}: 383-388.
Romains {Jules}: 321-323.
Rogue {Gil}: encadernador: 92, 103-105.
Sá {Octaviano do Carmo e}: 29, 116-119, 177, 258-59 e 398.
" {Pedro de Moura e}: 192 e 224.
Sacadura {Capitão}, de Artelh.ª: 107 e 108.
Saint-Pardoux: 170.
Salazar {Ant.º de Oliveira}: 56, 86-90, 91-92, 99, 100, 157-158, 184, 187, 196-197, 231, 242, 243-244, 319, 324-325, 326-327.
Salgado {Augusto Binau X.er de Azevedo}: 45-47, 342 e 378-379.
Sampaio {Luis}, general: 252-255.
Santos {Calisto Mendes dos}: 50
" {Carlos M.ª Pereira dos}: 30-31.
" {Luciano Marques dos}: 92
" {Luis dos Reis}: 180-181.
" {dr. Reinaldo dos}: 130, 273, 277-280, 294, 317, 361, 370-371, 380-381, 383, 388.
São Boaventura {Fr. Fortunato de}: 125.
Saraiva {dr. Alberto da Rocha}: 196-197.
Sardinha {Antonio), escritor: 48.
" { "), editor: 42, 106, 199-200

Sarmento (Franc.º Martins): 250-251
Saúde (Ant.º), pintor: 329.
Séco (Silvio), contabilista: 92, 103-105.
Séneca: 256
Sergio (António): 374.
Silva (Albino Caetano da): 45, 138 e 178.
" (Alfredo Keil Carv.ª da): 292-293.
" (Ant.º Henriques da): 108-110.
" (Armando): Prof.or: 102
" (Ernesto da): 335-336.
" (Fernando da): 340, 340.
" (Licinio da): (335-336 e 340 e 256).
" (João da), escultor: 276-277, 288-289 e 294-295.
" (Joap.m Possidonio Narciso da): 173.
Simões (Alberto da Veiga): 64-65.
" (João Gaspar): 130, 179 e 224.
" de Oliveira (José): 391-396.
Soares (Ernesto): 197.
" (Gen.l Freitas): 69.
" (" Nogueira): 81, 108-110, 214-215 e 219.
Sombrio (Carlos): 106-107.
Soriano (Simão José da Luz): 170
Sousa (Aníbal Passos e): 40 e 327
" (António de), tipógrafo: 21.
" (" Gomes de), gen.l: 394.
" (Almirante Botelho de): 333, 354 e 370
Suarez (Dr. Francisco): 291.

Teixeira {António José}, cor.el : 270-272.
Teles {Casimiro de Sousa} : 158-159, 162-163.
" {Sebastião} : 123-124, 136, 149, 158-160, 162-166, 195, 204, 216-217, 229-230, 244-247 e 399.
Terceira {Duque da} : 170.
Torga {Miguel} : 252.
Trigoso {Falcão}, jornalista : 329.
Truman, Presid.te dos E.U.A. : 75.
Urbano {Abel Dias} : 233-234.
Valente {dr. Vasco} : 130 e 349.
Vasconcelos {dr. José Leite de} : 16
Vaz J.or {Julio}, escultor : 249 e 280-282.
Veiga {Alberto Botelho da Costa} : 35-36, 164 e 351.
" {Antero da} : 52.
" {M.a Helena Baeta da} : 265-266.
Veloso {dr. José M.a de Queiroz} : 364 e 370.
Ventura {Benjamim} : 130.
" {dr. Carlos Simões} : 325.
Viana {António} : 193, 232-234 e 367.
Vicente {Baltasar} : 6
" {Gil} : 6
Vieira {Aff.o Lopes} : 68
" {João Fernandes} : 75-76
Vitorino {dr. Pedro} : 42.
Voltaire : 374.
Xavier {Alberto} : 248
Zola {Emilio} : 374.

III

Varia

Academia das Belas-Artes : 201.
" " Ciencias de Lis. : 201
" Portuguesa de Historia : 113-115
Açores {Cedencia dos} em 1942 : 196-197.
Adido militar do Brasil : 204
Aerinium, de L. Chaves Almeida : 152.
Ala dos Namorados : 164.
Alcobaça {Os Tumulos de} : 79-80.
Almirante Reis {Centro} : 94, 95 e 96.
Amarante : 251
Ampola {Restauração de}, em 1648 : 389-390.
Anorexia mental do dr. Eliseo de Moura :
249-250.
Apostolado da Oração : Congresso no Porto
em 1945 : 71.
Armada portuguesa : os oficiais : 332 e 354.
" " garante Salazar : 326-27.
Arqueiro Coimbrão : 174 e 223.
" do Distrito de Aveiro : 7
" Historico Militar : 183
Arte, generalidades : 260.
" {Historia da} : 68.
Arte e Arqueologia, revista : 201.
Associação de Socorros mutuos dos Artistas

de Coimbra : 115-121, 221, 239, 294, 299 e 316.
Aloeiros (Encontro dos) : 377.
Banco da "Divina Providencia" : 188-189.
Barca de Alva : 377.
Barreiro (O), jornal : 9.
Beirolas (Fabrica de munições em) : 343.
Biblioteca Municipal do Porto : 297.
Boletim da Biblioteca da Universid.e de Coimbra : 8 e 371-372.
" do Arquivo Hist.o Militar : 171.
" do Instituto Historico da Ilha Terceira : 139-140
Brasil : Lutas c/ Hollandezes (1630-1636) : 8.
Brasilia : 8.
Bugio (Torre do) : 78.
Cacadores (Os) Portuguezes no Exercito de D. Miguel : 167-171.
Caldelas : 251.
Camara Municipal de Coimbra : 201.
Camões e as "artes belicas" : 6, 342-343.
Campanha (A) de 1801 : 371
Cantanhede : 79 e 81.
Capitaridade (Fenomeno da) : 59.
Casa de Ant.o Augusto Gonçalves : 129 e 226.
" " Coimbra em Ex.a : 131, 166, 174, 187-188, 191 e 201.
" " Coimbra no Porto : 359.
" do Porto em Mafra : 259-261.

Castelo [O] de Coimbra e os imperativos militares da Baixa Litoral, conferencia: 20-22 e 27.
Cataratas (As minhas): 163 e 183-184.
Ceramica popular, Soureiro: 260-261.
Coimbra: aula de ferro forjado: 166-167.
" : a "Brisa": 384.
" [O castelo de]: conferencia: 7, 19-20, 20-22 e 27.
" : Jardim botânico: 238.
" : Museu Machado de Castro: 16-18, 52, 117, 128-132, 180, 223 e 361.
" : Portugal dos Pequenitos: 309-310.
" : S. Clara-a-Velha: 157-158, 160-162
" : Torre de Almedina: 226, 374, 389 e 398.
" : Travessa do Rego de Agua: 59 e 60
" : Trolley-bus: 309.
" : Universidade: seu espirito: 140, 227, 311, 324-325.
" : Idem...: cumprimentos ao Salazar: 324-325, 325-326 e 326.
" : Idem...: Faculdade de Ciencias: 365-366
" : Idem...: o Juncal: 227 e 316.
Comarca de Arganil: jornal: 23.
Companhia de Jesus: 87, 91, 95 e 242.
Comunismo: 377-378.
Congresso Beirão (1948): 348, 359, 364 e 370.

Congresso da História da Actividade científica dos portugueses : 217.
" da História Medieval : 163-164.
" Mariano na vida de Mafra, em 1946: 144-146, 147-148.
Conhecimentos (Os) militares como ciência social : 282-286.
Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª Circunscrição : 232-234.
Crítica Literária : 248.
Curiosidades de Guimarães, de A. Vieira Braga : 202-203.
Dama (A) das Camélias, de A. Dumas : 67.
De Castromoz a Aljubarrota, de A. da Costa Veiga : 164
Democracia : 100, 101-102
Despertar (O) : jornal : 19-21, 24, 210, 212-213, 218, 258, 291, 324, 372, 389 e 398.
Diário de Coimbra : 20
" " Notícias : 32, 210, 252 e 335.
Ditaduras : 99.
Eça de Queiroz : Alguns aspectos militares na sua obra : 41, 44, 46, 47, 70, 80, 107-110 e 111.
Eleições de 1945 : 87-97, 98, 100 e 101-105.
Emissora Nacional : 192, 224, 301 e 321.
Enciclopédia (Grande) Portuguesa e Brasileira : 112-113 e 192
Ensino Técnico : 381-382.

Escola Central de Oficiais, em 1914 : 344
" das Belas-Artes, Porto : 359.
" do Exercito : 69.
" Industrial Brotero, Coimbra : 300-301, 328, 349 e 382.
" Industrial de Antonio Arraio : em Lisboa : 381-382.
" Industrial de Antonio Augusto Gonçalves, em Lisboa e Estremoz : 301 e 381-382.
" Livre das Artes do Desenho : 116-119, 129-130, 177, 198-199, 226, 235, 258-259, 372, 374-375, 377, 382, 389 e 398.
" Pratica de Infantaria, Mafra : 216.
" Tecnica Elementar de Marcos Pires, em Coimbra : 382
Espada [A Cruz e a] : 69-70.
Espanha [Amisade á] : 252-253.
Estado-maior [Corpo do] : 30-31, 82-86, 229.
Estatuaria Lapidar : 278-280
Exame [O meu] p.ª o Generalato : 6 e 222.
Exercito [O] em 1848 : 289-290, 297-299.
" " " 1849 : 262-263.
" " português perante o ministro Salazar : 326-327.
Fátima [A Senhora de] : 230.
Feitoria do Colegio Militar : 73 e 77-78.
Ferros [Os] forjados de Coimb.ª e seu valor artistico : 221.

Filosofia positiva: 245
Fim de semana: 184
Franciscana (Ordem) em Portugal: 188-189.
Fronteira, vila: 58.
Gazeta de Coimbra: 20, 27, 212, 247, 285, 391 e 398.
Generalato Portuguêsa: 81-82.
Gloria em sangue, romance de Alvares de Almeida: 149-150
Goes: 265-270.
Grupo Recreativo Miranduense: 23.
Guararapes (Batalha dos), conferencia: 204, 209-213, 214-215 e 219.
Guarda Nacional Republicana: 164.
" Real dos Archeiros: 226 e 228.
Guerra Peninsular: 7.
Guia de Portugal, vol.º III: 75.
Guimarães: 251.
Historia da Filosofia em Portugal: 153.
" militar: 48, 54, 142-143, 151, 215 e 377.
Ideias (As) militares do marechal Saldanha: vide Saldanha.
Igreja catolica: 327.
" do S.to Condestavel, Lx.ª: 345.
Imaculada Conceição [3.º centenario da]: 144-146 e 155.
Imprensa, generalid.s: 19-20, 20, 38 e 240-41.
In memoriam do dr. Claudio Basto: 211.
" " de Sebastião Teles: 399.

Infantaria nº 6 (Regimento de) : 216.
Insolitas atitudes criticas, de Alberto Xavier : 248.
Institut (L') de France : 65.
Instituto (O) de Coimbra : 1-5, 8, 34-35, 48, 70-71, 76-77, 77, 78-79, 107, 111, 223, 229-230, 235 e 386.
" (O) de Coimbra e a sua direcção na Biblioteca : 35 e 36.
" de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras : 204, 210, 211-213 e 214-215.
" Historico da Ilha Terceira : 139-140.
" para a Alta Cultura : 201 e 349.
Introdução ao estudo dos conhecimentos militares : 136, 149, 159, 229 e 245.
Jardim das Tormentas, de Aquilino : 269.
João de Ruão, de Chaves Alemão : 67.
Junta de Educação Nacional : 318.
Lelo (Livraria) em Lx.ª : 342-343.
Libertação da Europa, de Lires Monteiro e cornandante Afrá : 37-38.
Lições de Estratagia, de Tasso Galeral : 216.
Linhas de Lisboa em 1833 : 169.
Lisboa : aspectos : 182-183 e 241.
" Mouriscas, de Augusto Casimiro : 255-256.
Lojas (Acção de) em 1833 : 170
Lusiadas (Os) : edição p.ª soldados : 286-288.
Lusitania, revista : 278.
Mafra : 72.

Mafra: as eleições de 1945: 96-97.
Memorial de Matias de Albuquerque: 8
Memorias: 80.
Miranda do Corvo: 23, 102 e 133.
" " " : as eleições de 1945: 102
" " " : a sua monografia: 202-204.
Monarquicos: 185.
Monfijo: centenario da batalha: 1-3, 7-9, 10-13, 13-14, 27 e 47-48.
Movimento de Unidade Democratica (M.U.D.) 103-105, 152-153 e 243.
Museu da Casa do Povo, em Mafra: 259-260
" de Arte Antiga: 273, 301 e 347.
Museologia: 192-193.
Nazismo: 327.
Noticia de alguns sucessos... — 170-171
Notulas Militares, no Trigueiro: 199-200.
Olarias de Miranda do Corvo: 203.
Ordem militar de Santiago: 343-344.
Organização das Nações Unidas: 152.
" do Estado-maior, de Salvaterra de Teles: 216.
Orquestra sinfonica de Madrid: 341.
Papinas guardadas: 6 e 29.
Paisagens, impressões: 66-67.
Papeis [Os] de meu Pai: 170.
Paralisação da digestão, em 1947: 206.
Parodia [A]: 217.

Paz (Lupanda): 146, 241, 253 e 363.
Penafiel: 377.
Pereira (O Tumulo de D. Gonçalo): 44.
Pernes (Combate de): 1834: 170.
Pontos nos ii — 217.
Porto: cidade liberal: 71.
Prémio Alexandre Augusto Osorio: 282-286, 307-309, 311-313, 329, 330-331, 332, 333 e 352-355.
Primeiro (O) de Janeiro: 7, 49, 69, 75-76, 112 e 327.
Proclamação da Republica: 257.
Quartel Hungaro: 323 e 329.
Queiroz (Centenario de Eça de): 33-35, 41, 70, 107-110 e 111-112.
Quem é alguem em Portugal: 143-144.
Questão academica de 1907: 137 a 139.
Reacção ultramontana: 71, 73, 125-126, 144-146, 147-148, 155, 188-189, 230 e 362-365.
Republica Italiana: 126.
" Portuguesa: 32-33, 153-154, 154 a 257.
Restauração (Campanhas da): 142-143.
Revista de Guimarães: 345 a 376.
" do Exercito e da Armada: 228.
" Militar: 2-5, 11-13, 27, 34-35, 36, 48, 49, 123, 127, 149-150, 158-160, 184, 195, 216-217, 220, 282-283, 297-299, 311-313, 333-334, 344-345, 355-357, 389-390, 396-397 e 399.

Revista Militar: o centenario: 262-263, 289-290, 297-299, 334, 351-352 e 356-357
" Militar: denuncia do acôrdo de 1905: 204-206, 207, 208, 220, 240, 330, 333-334, 352 e 355.
" Militar: o distrinho: 319-321.
Revolta dos Marechais em 1837: 183.
Revolução de 1848: 263 e 298.
Revue [La] d'Infanterie: 216.
Sala Brasil da Faculd.e de Letras: 209 e 211-213.
Saldanha [O Marechal]: monografia: 126, 127, 167-171, 183, 199-200, 218, 253-254, 303-305.
São Julião da Barra: 78.
Seára Nova: 6, 29, 32, 35, 156-157 e 201.
Século XIX: 168-169.
Senado Universitario: 296-297, 300, 348, e 365-366.
Sistema (O) de Sanatorios: 163-164.
Situação politica desde 28 de Maio: 111, 112, 125-126, 134, 197-198, 231-232, 241-242, 243-244, 292-293 e 377-378.
Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra: 27, 64, 116, 172, 173, 174, 177, 372, 374-375 e 398.
" de Geografia: 245-246 e 351.
" Nacional das Belas-Artes: 201 e 329.
Subsidios p.a a Historia dos regimentos e ... batalhões: 219.

Supremo Tribunal Administrativo : 101.
Terra Portuguesa : revista : 380
Timôr : ocupação japonesa : 86
Torres Vedras : combate de 1846 : 127.
Torturadas, de Carlos Sombrio : 106-107.
Torim : 120 e 121.
Trabalhismo : vitória em 1945, na Inglaterra : 72-73, 73 e 74.
Trifeiro (O), revista : 42, 53, 106 e 199-200.
Um século de literatura militar : 262.
Valverde : combate, 1385 : 228-229.
Vértice, revista : 224.
Via Sinuosa, de Aquilino Rib.º : 266 e 268.
Wagner (música de) : 384-387.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Supremo Tribunal Administrativo : 101.
Terra Portuguesa : revista : 380
Timôr : ocupação japonesa : 86
Torres Vedras : combate de 1846 : 127
Torturadas, de Carlos Sombrio : 106-107.
Torim : 120 e 121.
Trabalhismo : vitoria em 1945, na Inglaterra : 71-73, 73 e 74.
Tripeiro (O), revista : 42, 53, 106 e 199-200.
Um seculo de literatura militar : 262.
Valverde : combate, 1385 : 228-227.
Vertice, revista : 224.
Via Sinuosa, de Aquilino Rib.º : 286 e 288.
Wagner (musica de) : 384-387.

UNIVERSIDADE DE LAVRADIA DA